RECUPERANDO O

EVANGELHO

O PODER DO EVANGELHO E SUA MENSAGEM

PAUL WASHER

FIEL Editora

RECUPERANDO O EVANGELHO

O PODER DO EVANGELHO E SUA MENSAGEM

PAUL WASHER

O Poder do Evangelho e sua Mensagem

Traduzido do original em inglês *The Gospel's Power and Message*
Copyright 2012© by Paul Washer •
Publicado por Reformation Heritage Books, 2965 Leonard St., NE
Grand Rapids, MI, 49525

•

Copyright©2012 Editora FIEL.
1ª Edição em Português: 2013

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Vinícius Musselman Pimentel Revisão: Gustavo Nagel
Diagramação: Rubner Durais Capa: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-248-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

W315p Washer, Paul, 1961-

O Poder do Evangelho e sua Mensagem/ Paul Washer ; [tradução
Elizabeth Gomes]. -- São José dos Campos, SP : Editora Fiel, 2015.

2Mb ; ePUB – (Recuperando o Evangelho)

Título original: The Gospel's power and message.
ISBN 978-85-8132-248-3

1. Evangelização 2. Salvação - Ensinamento bíblico
3. Vida cristã I. Título.

CDD: 230

Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Prefácio da Série

PARTE 1: UMA INTRODUÇÃO APOSTÓLICA

1. Um evangelho para conhecer e tornar conhecido
2. Um evangelho para ser recebido
3. Um evangelho pelo qual somos salvos
4. Um evangelho de primeira Importância
5. Um evangelho proferido e entregue

PARTE 2: O PODER DE DEUS PARA A SALVAÇÃO

6. O evangelho
7. Um evangelho escandaloso
8. Um evangelho poderoso

9. Um evangelho para todo aquele que crê

PARTE 3: A ACRÓPOLE DA FÉ CRISTÃ

10. Enfatizando o pecado

11. Enfatizando a Deus

12. Pecadores: todos e cada um

13. Pecadores destituídos

14. Completamente pecadores

15. Justa indignação

16. Guerra Santa

17. Um presente dos mais caros

18. O dilema divino

19. Um Redentor qualificado

20. A cruz de Jesus Cristo

21. A vindicação de Deus

22. A ressurreição de Jesus Cristo

23. O fundamento da fé na ressurreição

24. A ascensão de Cristo como sumo sacerdote de seu povo

25. A ascensão de Cristo como o Senhor de tudo

26. A ascensão de Cristo como Juiz de todos

P R E F Á C I O D A S É R I E

Recuperando o Evangelho

O evangelho de Jesus Cristo é o maior tesouro já dado à igreja em geral e ao cristão individualmente. Não é *uma* mensagem entre muitas, mas *a* mensagem acima de todas. É o poder de Deus para a salvação e a maior revelação da multiforme sabedoria de Deus aos homens e aos anjos[1]. É por essa razão que o apóstolo Paulo priorizou o evangelho em sua pregação, esforçou-se com todo o seu poder para proclamá-lo claramente e até pronunciou uma maldição sobre todos que pervertessem sua verdade[2].

Cada geração de cristãos é um mordomo da mensagem do evangelho. Por meio do poder do Santo Espírito, Deus nos convoca a guardar esse tesouro que nos foi confiado[3]. Para que sejamos bons mordomos, devemos estar absortos no estudo do evangelho, esforçando-nos para entender as suas verdades e nos comprometendo a proteger o seu conteúdo[4]. Fazendo assim, salvaremos tanto a nós mesmos como aos nossos ouvintes[5].

Essa mordomia me impulsiona a escrever este livro. Tenho pouco desejo pelo árduo trabalho da escrita, e certamente livros cristãos é o que não falta, mas coloquei esta seleção de sermões em forma escrita pelo mesmo motivo que os preguei: livrar-me do fardo. Como Jeremias, se eu não falar desta mensagem, isso me será "no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais"[6]. Como o apóstolo exclamou: "Ai de mim se não pregar o evangelho!"[7]

Como se sabe, a palavra *evangelho* vem da palavra grega *euangélion*, que é apropriadamente traduzida por "boas novas". Em certo sentido, toda página da Escritura contém o evangelho, mas, em outro sentido, o evangelho se refere a uma mensagem muito específica – a salvação conquistada para um povo caído por meio da vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

De acordo com o beneplácito do Pai, o Filho eterno, que é igual ao Pai e é a exata representação de sua natureza, voluntariamente deixou a glória do céu, foi concebido pelo Espírito Santo no ventre de uma virgem e nasceu como o homem-Deus: Jesus de Nazaré[8]. Como homem, ele andou nesta terra em perfeita obediência à lei de Deus[9]. Na plenitude dos tempos, os homens o rejeitaram e crucificaram. Na cruz, ele carregou o pecado da humanidade e morreu em seu lugar[10]. No terceiro dia, Deus o ressuscitou dos mortos. Tal ressurreição é a

declaração divina de que o Pai aceitou a morte de seu Filho como sacrifício pelo pecado. Jesus pagou a penalidade pela desobediência do homem, satisfez as exigências da justiça e aplacou a ira de Deus[11]. Quarenta dias após a ressurreição, o Filho de Deus ascendeu aos céus, assentou-se à destra do Pai, e recebeu glória, honra e domínio sobre tudo[12]. Lá, na presença de Deus, ele representa seu povo e faz pedidos a Deus Pai em nome deles[13]. Todos aqueles que reconhecem o próprio estado impotente de pecado e depositam sua confiança em Cristo, Deus perdoará plenamente, declara-los-á justos e os reconciliará consigo mesmo[14]. Esse é o evangelho de Deus e de Jesus Cristo, seu Filho.

Um dos maiores crimes cometidos pela presente geração cristã é sua negligência para com o evangelho, e uma negligência tal, que todas as nossas mazelas surgem. O mundo perdido não é tão endurecido para com o evangelho quanto é ignorante dele porque muitos daqueles que o

proclamam também são ignorantes quanto às suas verdades mais básicas. Os temas essenciais que compõem o núcleo do evangelho – a justiça de Deus, a depravação radical do homem, a expiação pelo sangue, a natureza da verdadeira conversão e a base bíblica para a certeza — estão ausentes de muitos púlpitos. As igrejas reduzem a mensagem do evangelho a algumas afirmações de credo, ensinam que a conversão é uma mera decisão humana e pronunciam a certeza da salvação a qualquer um que faça a oração do pecador.

O resultado desse reducionismo do evangelho é abrangente. Primeiro, ele endurece ainda mais o coração do não convertido. Poucos dos "convertidos" modernos sequer chegam a fazer parte da comunhão da igreja, e aqueles que o fazem frequentemente se desviam ou têm uma vida marcada pela carnalidade. Incontáveis milhões andam por nossas ruas e se sentam nos bancos das nossas igrejas inalterados pelo verdadeiro evangelho

de Jesus Cristo, convencidos ainda de sua salvação porque uma vez em suas vidas levantaram a mão em uma cruzada evangelística ou repetiram uma oração. Essa falsa sensação de segurança cria uma grande barreira que os impede de jamais ouvirem o verdadeiro evangelho.

Segundo, tal evangelho deforma a igreja, que vai de um corpo espiritual de crentes regenerados a um ajuntamento de homens carnais que professam conhecer a Deus, mas que por suas obras o negam[15]. Com a pregação do verdadeiro evangelho, homens vêm à igreja sem precisar de entretenimento evangelístico, atividades especiais ou promessas de benefícios além dos oferecidos pelo evangelho. Aqueles que vêm o fazem porque desejam a Cristo e estão famintos por verdade bíblica, adoração sincera e oportunidade para servir. Quando a igreja proclama um evangelho inferior, ela se enche de homens carnais que têm pouco interesse nas coisas de Deus, sendo a manutenção de tais homens um

fardo pesado sobre a igreja[16]. A igreja então atenua as demandas radicais do evangelho em um moralismo conveniente, e a verdadeira devoção a Cristo dá lugar a atividades projetadas para suprir as necessidades de seus membros. A igreja se torna uma igreja baseada em eventos, em vez de centrar-se em Cristo, e cuidadosamente filtra ou repagina a verdade para que não ofenda a maioria carnal. A igreja deixa de lado as grandes verdades da Escritura e o cristianismo ortodoxo, tornando o pragmatismo (i.e., qualquer coisa que mantenha a igreja avançando e crescendo) a norma do dia.

Terceiro, tal evangelho minimiza evangelismo e missões a nada mais do que empreendimentos humanistas dirigidos por engenhosas estratégias de marketing, que são baseadas em um estudo cuidadoso da última moda. Após testemunharem por anos a impotência do evangelho antibíblico, muitos evangélicos parecem estar convencidos de que o evangelho não funcionará e que o homem de

alguma forma se tornou um ser muito complexo para ser salvo ou transformado por uma mensagem tão simples e escandalosa. Há agora mais ênfase em entender nossa cultura decaída e seus modismos do que em entender e proclamar a única mensagem que tem poder de salvá-la. Como resultado, o evangelho é constantemente repaginado para corresponder às demandas que a cultura contemporânea considera mais relevantes. Esquecemo-nos que o verdadeiro evangelho sempre é relevante a todas as culturas porque é a palavra eterna de Deus para todo homem.

Em quarto lugar, tal evangelho traz descrédito ao nome de Deus. Pela proclamação de um evangelho inferior, os carnais e os não convertidos se achegam à comunhão da igreja e, graças à quase total negligência à disciplina bíblica da igreja, lhes é permitido que permaneçam sem correção ou reprovação. Isso suja a pureza e a reputação da igreja e faz com que o nome de Deus seja

blasfemado entre os incrédulos[17]. No fim, Deus não é glorificado, a igreja não é edificada, o membro de igreja não convertido não é salvo e a igreja tem pouco ou nenhum testemunho para o mundo incrédulo.

Não convém a nós, como ministros ou leigos, estar tão perto e não fazer nada quando vemos "o glorioso evangelho de nosso bendito Deus" substituído por um evangelho de glória inferior[18]. Como despenseiros de tal bem, temos o dever de recuperar o único evangelho verdadeiro e proclamá-lo clara e audaciosamente a todos. Fazemos bem se prestamos atenção às palavras de Charles Haddon Spurgeon:

> Nesses dias, me sinto compelido a passar pelas verdades elementares do evangelho repetidamente. Em tempos de paz, podemos nos sentir livres para fazer excursões a distritos interessantes da verdade que se encontram muito longe; mas agora devemos permanecer em casa e guardar os corações e

> lares da igreja defendendo os primeiros princípios da fé. Nesta era, levantaram-se homens na própria igreja que falam coisas perversas. Há muitos que nos perturbam com suas filosofias e interpretações romanceadas pelas quais negam as doutrinas que professam ensinar e diminuem a fé que são chamados a manter. É bom que alguns de nós, que conhecemos aquilo em que cremos e não temos nenhum significado secreto para nossas palavras, coloquemos nossos pés no chão e permaneçamos de pé, pregando a palavra da vida e declarando manifestamente as verdades fundamentais do evangelho de Jesus Cristo[19].

Embora a série Redescobrindo o Evangelho não represente uma apresentação inteiramente sistemática do evangelho, ela aborda a maioria dos seus elementos mais essenciais, especialmente os mais negligenciados pelo cristianismo contemporâneo. É minha esperança que essas palavras possam ser um guia para ajudá-lo a redescobrir o evangelho em toda a sua beleza, escândalo e poder salvador. É minha oração que tal

redescoberta possa transformar a sua vida, fortalecer a sua proclamação e trazer a mais alta glória a Deus.

Seu irmão,

Paul David Washer

---

1. Romanos 1.16, Efésios 3.10
2. 1 Coríntios 15.3, Colossenses 4.4, Gálatas 1.8-9
3. 2 Timóteo 1.14
4. 1 Timóteo 4.15
5. 1 Timóteo 4.16
6. Jeremias 20.9
7. 1 Coríntios 9.16
8. Atos 2.23; Hebreus 1.3; Filipenses 2.6-7; Lucas 1.35
9. Hebreus 4.15
10. 1 Pedro 2.24; 3.18; Isaías 53.10
11. Lucas 24.6; Romanos 1.4; Romanos 4.25
12. Hebreus 1.3; Mateus 28.18; Daniel 7.13-14
13. Lucas 24.51; Filipenses 2.9-11; Hebreus 1.3; Hebreus 7.25
14. Marcos 1.15; Romanos 10.9; Filipenses 3.3
15. Tito 1.16
16. 1 Coríntios 2.14
17. Romanos 2.24

18. 1 Timóteo 1.11

19. Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit* (repr. Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications), 32:385.

PARTE 1

----------◆----------

Uma introdução Apostólica *Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois*

salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro

dia, segundo as Escrituras.

— 1 Coríntios 15.1

CAPÍTULO 1

Um Evangelho para Conhecer e Tornar Conhecido

Irmãos, quero lembrar-lhes o evangelho que lhes preguei, o qual vocês receberam e no qual estão firmes.

— 1 Coríntios 15.1

Um escritor ou pregador teria dificuldade para fazer uma introdução melhor ao evangelho de Jesus Cristo que a do apóstolo Paulo à igreja de Corinto[20]. Nessas poucas linhas, ele fornece verdade suficiente para vivermos toda nossa vida e nos levar ao lar, na glória. Somente o Espírito Santo poderia capacitar

um homem para falar tanto, tão claramente e em tão poucas palavras.

CONHECENDO O EVANGELHO

Nessa pequena porção da Escritura, encontramos a verdade que todos precisamos redescobrir. O evangelho não é apenas uma mensagem introdutória ao Cristianismo – ele é *a* mensagem do Cristianismo e o crente faria bem em dar a sua vida na busca de conhecer a sua glória e torná-la conhecida. Há muitas coisas a serem conhecidas neste mundo, e incontáveis verdades a serem investigadas dentro da esfera do próprio Cristianismo; no entanto, o glorioso evangelho de nosso bendito Deus e Seu Filho Jesus Cristo está bem acima de todas elas[21]. Ele é a mensagem de nossa salvação, o meio do nosso progresso rumo à santificação e a limpa fonte de onde flui toda pura e correta motivação para a vida cristã. Ao crente que compreendeu algo do seu conteúdo e caráter jamais faltará zelo ou ficará de tal

forma empobrecido que busque suas forças em cisternas rotas, sem água e lavradas pela mão do homem[22].

1 Coríntios 15.1 explica que o apóstolo já havia pregado o evangelho para a igreja de Corinto. Na verdade, ele era o pai na fé deles[23]! Mesmo assim, ele vê a necessidade máxima de continuar a lhes ensinar o evangelho – não apenas para relembrá-los de seus ingredientes essenciais, mas também para expandir o seu conhecimento sobre o evangelho. Em suas conversões, eles apenas começaram uma jornada de descoberta que abrangeria suas vidas inteiras e continuaria por eras intermináveis na eternidade, descobrindo as glórias de Deus reveladas no evangelho de Jesus Cristo.

Como pregadores e fiéis, seríamos sábios se víssemos, pelos olhos deste antigo apóstolo, o evangelho com um novo frescor e o estimássemos digno de uma vida de cuidadosa investigação. Porque, mesmo que já tenhamos vivido muitos anos

na fé, mesmo que tenhamos memorizado cada texto bíblico com respeito ao evangelho, e mesmo que tenhamos digerido toda publicação dos Pais da Igreja, dos Reformadores, dos Puritanos e até dos estudiosos desta presente era, podemos estar certos de que não alcançamos nem o sopé deste Everest que chamamos de evangelho. Mesmo após uma eternidade de eternidades, o mesmo poderá ser dito sobre nós!

Vivemos em um mundo que nos oferece quase um número infinito de possibilidades e incontáveis opções que disputam a nossa atenção. O mesmo pode ser dito do Cristianismo e a ampla gama de temas teológicos que um homem pode gastar sua vida inteira examinando. Contudo, um tema se eleva acima de todos e é fundamental para o entendimento de toda outra verdade bíblica: o evangelho de Jesus Cristo. Através desta mensagem singular, o poder de Deus se manifesta mais expressivamente na igreja e na vida individual do crente.

Ao olharmos a história cristã, vemos homens e mulheres com uma paixão excepcional para com Deus e Seu reino. Ansiamos ser como eles e nos perguntamos como conseguiram ter um fogo tão duradouro. Depois de uma avaliação cuidadosa de suas vidas, doutrinas e ministérios, encontramos que eles diferem em muitas coisas, mas que há um denominador comum: eles capturaram um vislumbre da glória do evangelho e a beleza deste acendeu suas paixões e os conduziu. Sua vida e o seu legado provam que uma paixão genuína e duradoura vem de uma compreensão cada vez maior e mais profunda daquilo que Deus fez pelo Seu povo pela pessoa e pela obra de Jesus Cristo. Não há substitutos para tal conhecimento!

Em tempos idos, o evangelho cristão era frequentemente referido como *evangel*, da palavra latina *evangelium*, que significa evangelho ou boas novas[24]. É por essa razão que os crentes são frequentemente referidos como evangélicos. Somos

cristãos porque encontramos nossa identidade, vida e propósito em Cristo. Somos evangélicos porque cremos no evangelho e o estimamos como a verdade central da revelação de Deus ao homem. Ele não é apenas um prefácio, uma nota de rodapé, um adendo; ele não é uma mera classe introdutória ao Cristianismo; ele é um curso inteiro de estudo. É a história de nossas vidas, as riquezas insondáveis que buscamos explorar e a mensagem que vivemos para proclamar. Por essa razão, somos mais cristãos e evangélicos quando o evangelho de Jesus Cristo é a nossa única esperança, nossa única glória e nossa única e magnífica obsessão.

Hoje, os evangélicos realizam tantas conferências, especialmente para os nossos jovens, com a intenção de instigar a paixão do crente por meio da comunhão, da música, de oradores eloquentes, histórias emotivas e apelos comoventes. No entanto, qualquer que seja a empolgação criada, ela muitas vezes desaparece rapidamente. No fim das contas,

essas experiências fomentam pequenos fogos em pequenos corações que se consomem em poucos dias.

Nós nos esquecemos de que uma paixão genuína e duradoura nasce do conhecimento da verdade, e especificamente da verdade do evangelho. Quanto mais você conhecer ou compreender sua beleza, mais será tomado pelo seu poder. Um vislumbre do evangelho moverá o coração verdadeiramente regenerado a prosseguir. Cada maior vislumbre acelerará o ritmo até que a pessoa esteja correndo incansavelmente em direção ao prêmio[25]. O coração verdadeiramente cristão não pode resistir a tal beleza. Essa é a grande necessidade do dia! É o que perdemos e precisamos recuperar – uma paixão por conhecer o evangelho e uma igual paixão por torná-lo conhecido.

TORNANDO O EVANGELHO CONHECIDO

O apóstolo Paulo foi um dos maiores instrumentos humanos para o reino de Deus na história da humanidade e na história da redenção. Ele foi responsável pela propagação do evangelho por todo Império Romano durante um período de perseguição quase inigualável, sendo um excelente exemplo do que significa ser um ministro cristão. No entanto, ele realizou tudo isso por meio da simples proclamação da mensagem mais escandalosa que já alcançou os ouvidos dos homens. Paulo era um homem excepcionalmente capacitado, especialmente com respeito a seu intelecto e zelo. Contudo, ele mesmo nos ensinou que o poder do seu ministério não repousava em seus dons, mas na fidelidade da proclamação do evangelho. Em sua primeira carta aos coríntios, Paulo escreve este grande aviso: "Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo... Porque tanto os judeus pedem sinais, como os

gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus."[26]

O apóstolo Paulo era, acima de tudo, um pregador. Como Jeremias antes dele, ele foi obrigado a pregar. O evangelho era como um fogo ardente, encerrado nos seus ossos, que ele não conseguia conter[27]. Aos coríntios, ele declarou: "Cri, por isso falei"[28], e também: "Ai de mim se não pregar o evangelho!"[29] Essa grande estima pelo evangelho e pela sua pregação não pode ser dissimulada quando não existe no coração do pregador e não pode ser escondida quando existe.

Deus chama todo tipo de homens para carregar o fardo da mensagem do evangelho. Alguns são mais solenes e graves, já outros mais alegres e joviais. No entanto, quando a conversa é sobre o evangelho, uma mudança vem sobre o semblante de um

pregador e é como se estivesse diante de nós uma pessoa completamente diferente. A eternidade está estampada em seu rosto, o véu fora removido e a glória do evangelho brilha com uma paixão genuína. Tal homem tem pouco tempo para histórias fantásticas, antídotos morais ou pensamentos de seu coração. Ele veio para pregar, e pregar ele deve! Ele não pode descansar até que o povo tenha ouvido de Deus. Se o servo de Abraão não podia comer até que entregasse a mensagem do seu mestre Abraão[30], quão menos o pregador do evangelho pode se desleixar até que tenha entregado o tesouro do evangelho a ele confiado[31]!

Embora poucos discordem com o que temos dito até agora, parece que, para a maioria, tal pregação apaixonada está fora de moda. Muitos diriam que ela não tem o requinte e a sofisticação que são necessários para sermos eficazes na modernidade. O homem pós-moderno, que prefere um pouco mais de "humildade" e de abertura com outros pontos de

vista, considera um pregador apaixonado que proclama a verdade com coragem e sem ser evasivo como um entrave. O argumento da maioria é que devemos simplesmente mudar nossa maneira de pregar, pois ela *parece tola* para o mundo.

Tal atitude com relação à pregação é a prova de que perdemos nosso rumo na comunidade evangélica. Foi Deus quem designou a "loucura da pregação" para ser o instrumento que leva a mensagem de salvação do evangelho ao mundo[32]. Isso não quer dizer que a pregação deva ser tola, ilógica, ou estranha. No entanto, a Escritura é o padrão para toda a pregação, e não as opiniões contemporâneas de uma cultura decaída e corrupta que é sábia aos seus próprios olhos e que prefere ter suas orelhas agradadas e seu coração entretido em vez de ouvir a Palavra do Senhor[33].

O apóstolo Paulo pregou o evangelho em todos os lugares por onde ele viajou, e faríamos bem em seguir o seu exemplo. Embora o evangelho possa ser

compartilhado por muitos meios, não há um que seja tão ordenado por Deus como a pregação. Portanto, àqueles que estão constantemente buscando formas inovadoras de comunicar o evangelho para uma nova plateia[34], faria bem começar e terminar uma pesquisa nas Escrituras. Os que enviam milhares de questionários perguntando aos não convertidos o que mais desejam em um culto devem perceber que dez mil opiniões unânimes de homens carnais não carregam a autoridade de um "i" ou "til" da Palavra de Deus[35]. Devemos entender que há um grande abismo de diferenças irreconciliáveis entre o que Deus ordenou nas Escrituras e o que a atual cultura carnal deseja.

Não devemos nos surpreender que homens carnais, tanto dentro como fora da igreja, desejem teatro, música e mídia no lugar da pregação do evangelho e da exposição bíblica. Até que Deus regenere o coração de um homem, esse responderá ao evangelho da mesma forma que os demônios do

gadareno se dirigiram ao Senhor Jesus Cristo: “Que temos nós contigo, Filho de Deus?”[36] O homem carnal não pode ter nenhum verdadeiro interesse ou apreço pelo evangelho à parte da obra regeneradora do Espírito Santo. E, no entanto, esse milagre acontece no coração humano por meio da pregação do evangelho que, a princípio, ele desdenha. Portanto, devemos pregar a homens carnais a própria mensagem que não desejam ouvir, esperando que o Espírito aja! Se isso, os pecadores podem ver beleza no evangelho tanto quanto um porco pode achar valor em pérolas, ou um cão pode mostrar reverência ante uma carne santificada, ou um cego pode apreciar um quadro de Rembrandt[37]. Pregadores fazem um desserviço a homens carnais dando-lhes aquilo que seus corações caídos desejam, mas lhes servem de fato quando colocam verdadeiro alimento diante deles, até que, pela obra milagrosa do Espírito Santo, eles reconheçam tal alimento pelo

que realmente é e o provem, reconhecendo que o Senhor é bom[38].

Antes de concluirmos esta breve discussão sobre a pregação do evangelho, devemos abordar uma última questão. Alguns teorizam que nossa atual cultura não consegue tolerar o tipo de pregação que foi tão efetiva durante os grandes despertamentos e avivamentos do passado. A pregação de Jonathan Edwards, George Whitefield, Charles Spurgeon e outros pregadores similares seria ridicularizada, satirizada e zombada com desprezo pelo homem moderno. No entanto, essa teoria falha em considerar que, mesmo naqueles dias, homens ridicularizavam e satirizavam esses pregadores! A verdadeira pregação do evangelho sempre será loucura para qualquer cultura. Qualquer tentativa de remover a ofensa e tornar a pregação "apropriada" diminui o poder do evangelho. Isso também defrauda o propósito pelo qual Deus escolheu a pregação para ser o meio de salvar os homens – que

a esperança do homem não repousasse sobre o refinamento, a eloquência ou a sabedoria humana, mas sobre o poder de Deus.

Vivemos em uma cultura presa pelo pecado como que por barras de ferro. Histórias morais, máximas fantásticas e lições de vida compartilhadas do fundo do coração de um amado animador de auditório ou treinador de vida espiritual não têm poder real contra tal escuridão. Precisamos de pregadores do evangelho de Jesus Cristo que conheçam as Escrituras e, pela graça de Deus, enfrentem qualquer cultura clamando: "Assim diz o Senhor!"

---

20. 1 Coríntios 15.1-4

21. 1 Timóteo 1.11

22. Jeremias 2.13; 4.3

23. 1 Coríntios 4.15

24. N.T.: Essa explicação decorre do fato de que, em inglês, o termo comumente traduzido como evangelho é "gospel".

25. Filipenses 3.13-14

26. 1 Coríntios 1.17-24

27. Jeremias 20.9

28. 2 Coríntios 4.13 Almeida Atualiza

29. 1 Coríntios 9.16

30. Gênesis 24.33

31. Gálatas 2.7; 1 Tessalonicenses 2.4; 1 Timóteo 1.11; 6.20; 2 Timóteo 1.14; Tito 1.3

32. 1 Coríntios 1.21

33. Romanos 1.22; 2 Timóteo 4.3

34. N.T.: O termo utilizado em inglês, “seeker”, se refere a igrejas nos EUA conhecidas como “seeker-sensitive”, igrejas onde o culto é organizado para agradar os participantes, seguindo suas opiniões.

35. Mateus 5.18

36. Mateus 8.29

37. Mateus 7.6

38. Isaías 55.1-2; Salmos 34.8

CAPÍTULO 2

Um Evangelho para Ser Recebido

O qual vocês receberam e no qual estão firmes.
— 1 Coríntios 15.1

Uma vez que o evangelho é *a* mensagem de Deus ao homem, nós poderíamos supor que ele deve evocar algum tipo de reação ou demandar algum tipo de resposta. Do nosso texto aprendemos que, ao ouvirem o evangelho, a igreja em Corinto tanto o recebeu de forma apropriada ao seu grande valor, quanto fez dele o fundamento sobre o qual estavam firmes diante de Deus. Para estarmos corretos diante de Deus, devemos fazer o mesmo.

RECEBENDO O EVANGELHO

Para que homens sejam salvos, eles devem, pela graça de Deus, receber o evangelho. Mas o que isso significa? Não há nada extraordinário na palavra *receber* em português ou no grego bíblico, mas, no contexto do evangelho, ela se torna extraordinária – uma das palavras mais radicais nas Escrituras.

Primeiro, quando duas coisas são contrárias ou diametralmente opostas uma à outra, receber uma delas é rejeitar a outra. Já que não há afinidade ou amizade entre o evangelho e o mundo, receber o evangelho é rejeitar o mundo. Isso demonstra o quão radical o ato de receber o evangelho é. Receber e seguir a chamada do evangelho é rejeitar tudo o que pode ser visto com os olhos e, em troca, segurar em suas mãos tudo o que não pode ser visto[39]. É rejeitar a autonomia pessoal e o direito de se autogovernar para se escravizar a um Messias que morreu dois mil anos atrás como um inimigo do Estado e um blasfemador. É rejeitar a maioria de

seus pontos de vista a fim de juntar-se a uma minoria censurada e aparentemente insignificante conhecida como igreja. É arriscar tudo nesta singular e única vida na crença que esse profeta crucificado é o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Receber o evangelho não é meramente orar convidando Jesus para entrar em seu coração, mas é deixar o mundo de lado e abraçar plenamente as reivindicações de Cristo.

Segundo, o indivíduo que recebe o evangelho confia exclusivamente na pessoa e na obra de Jesus Cristo como a única forma de estar correto diante de Deus. É uma máxima comum que confiar em qualquer coisa de forma exclusiva é perigoso, ou, na melhor das condições, algo muito imprudente de ser feito. Nossa sociedade considera como descuidada uma pessoa que não tem um plano reserva ou uma rota de fuga, que não diversificou seus investimentos, que colocou todos os seus ovos em uma mesma cesta e que joga fora as chaves das

portas que fecha atrás de si. Contudo, essa é exatamente a atitude que a pessoa que recebe Jesus Cristo deve ter. A fé cristã é exclusiva. Receber verdadeiramente a Cristo é jogar fora toda e qualquer esperança que não seja em Cristo somente. É por essa razão que o apóstolo Paulo declara que o cristão é de todos os homens o mais digno de pena, se Cristo for uma farsa[40]. Se ele não é o Salvador, então o cristão está perdido, pois não tem nenhum outro plano ou confiança. Pela fé, ele declarou: "Meu Senhor, em Ti confio. Se Tu és incapaz ou não desejas salvar-me, então encontrarei meu lugar no inferno. Não tomarei para mim nenhum outro recurso!"

Um recebimento genuíno do evangelho não só envolve um desdém e abandono do pecado, mas também um desdém e abandono de qualquer confiança que não seja Cristo, especialmente a confiança em si mesmo. É por essa razão que uma pessoa realmente convertida ficará praticamente

nauseada com a menor sugestão de que seu correto posicionamento diante de Deus possa ser produto de seu próprio mérito e virtude. Embora sua nova vida em Cristo produza boas obras, ela se desvencilhou de qualquer esperança em achar nas boas obras um meio de salvação, confiando exclusivamente na pessoa e na perfeita obra de Cristo.

Terceiro, receber o evangelho é abrir ou expor a vida de uma pessoa ao senhorio de Jesus Cristo. O evangelismo moderno frequentemente ensina que os homens devem fazer de Jesus o Senhor de suas vidas. Seria melhor dizer-lhes que Jesus *é* o Senhor de suas vidas, quer elas hoje se prostrem diante dele em amor ou cerrem os punhos em ódio. As Escrituras declaram que Deus fez este Jesus que elas crucificaram tanto Senhor como Cristo[41]. Ele constituiu o seu Rei sobre o seu santo monte e ri daqueles que se rebelam contra ele[42]. Deus não convida os homens para fazerem de Jesus o Senhor (como se elas tivessem tal poder), mas para viverem

em absoluta submissão ao Senhor que ele constituiu. Portanto, a pessoa que deseja receber os benefícios do evangelho deve primeiro decidir se está disposta a entregar toda autonomia e todo governo próprio ao Senhor do evangelho.

Como pregadores do evangelho, devemos ser bem cuidadosos em explicar claramente os termos dessa transação e não os minimizar ou encobrir de tal forma que sejam virtualmente indiscerníveis. Devemos reconhecer que não fomos honestos até que tenhamos explicado aos interessados que receber a Cristo é a coisa mais sensata porém perigosa que ele poderiam fazer. Afinal, como Aslam no conto de C. S. Lewis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, ele não é um leão domesticado, e certamente não é seguro. Ele tem o direito de pedir qualquer coisa daqueles que confessam seu senhorio. O mesmo Jesus que convida os cansados a si, também pode pedir qualquer coisa deles, até mesmo enviá-los para

perderem suas vidas pela sua causa neste mundo caído e tenebroso[43]. Aqueles que não entendem o perigo da chamada do evangelho é porque o ouviram apenas debilmente. Contudo, aqueles que ouvem e, pela graça, respondem positivamente, apesar dos perigos, fizeram algo muito sensato. O que poderia ser mais sensato do que seguir o onipotente Criador e Sustentador do universo, que amou seu povo com um amor eterno, redimi-o com seu próprio sangue e demonstrou um compromisso inflexível com cada promessa que lhe fez[44]? Mas, mesmo que ele não fosse dessa forma, e toda essa bondade não residisse nele, ainda assim seria sensato segui-lo, pois quem pode resistir à sua vontade[45]? É por essa razão, entre incontáveis outras, que o apóstolo nos roga a "apresentar nossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" e chama isso de nosso culto espiritual ou "racional"[46].

Quarto, receber o evangelho é receber uma visão de realidade completamente diferente, onde Cristo é

o epicentro de todas as coisas. Ele se torna o centro de nosso universo, a fonte, o propósito, o alvo e a motivação para tudo o que somos e fazemos. Quando uma pessoa recebe o evangelho, sua vida inteira começa a ser vivida em um contexto diferente, e esse contexto é Cristo. Embora os sinais externos da verdadeira conversão possam não parecer fantásticos, o efeito gradual será monumental. Como a pedra lançada no centro de um lago, os efeitos ondulatórios do evangelho eventualmente alcançarão a plena circunferência da vida do crente e tocarão em cada margem. O verdadeiro convertido não recebe o evangelho como uma adição a sua vida anterior, mas como uma substituição a ela. Receber um é perder o outro. Esse é o claro ensino de Jesus: "Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa acha-la-á."[47]

Finalmente, receber o evangelho é ter Cristo como a própria fonte e sustentação de sua vida. Cristo não

pode ser recebido como parte da vida de alguém ou como uma adição a todas as outras coisas boas que alguém já possui sem ele. Ele não é qualquer acessório menor que veste nossas vidas e a torna melhor. Ao receber o evangelho, ele se torna a nossa vida[48].

Há poucas coisas que podem ser mais blasfemas do que um pregador elogiar um incrédulo pela maravilhosa vida que ele construiu para si, exaltando tudo o que ele conquistou, e depois lhe falar que lhe falta só mais uma coisa: ele precisa de Jesus para completá-la. Essa não foi a atitude do apóstolo Paulo, que considerava como perda as coisas mais esplêndidas em sua vida anterior ao compará-las com Cristo[49]. Jamais devemos apresentar Cristo ao incrédulo como uma cereja no topo de sua já maravilhosa vida. O incrédulo precisa ver que ele não possui vida, e que todas as suas conquistas pessoais antes de Cristo eram monumentos de sua própria vaidade: passageiros, porque feitos de areia.

Jesus ensinou: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.”[50] O significado do “duro discurso” é que Cristo deve se tornar o próprio alimento de nossas vidas e não meramente um condimento ou complemento[51].

Para o crente, Jesus é o Maná que desceu dos céus, a Rocha que jorra água viva no meio do deserto e a Videira que dá sustento, da qual ele recebe vida e capacidade para frutificar[52]. O crente que realmente tem participado de Cristo, deixa de gastar sua vida naquilo que não é pão e não pode satisfazer, e continua a buscar o pão que desceu dos céus, para que ele possa comer dele e não morrer[53].

Este deve ser o clamor do pregador do evangelho, não só que os homens devem se arrepender, mas que também devem receber. O pregador não deve somente expor e denunciar a insatisfatória forragem desta presente era, mas também apontar para o

único lugar onde a verdadeira comida pode ser encontrada. Ele deve se juntar a Davi em sua admoestação a todos os homens: "Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom."[54] Além do mais, ele deve a todos alertar que a evidência de que alguém verdadeira e salvificamente provou a Cristo é que ele continuará provando, continuará encontrando sua satisfação em Cristo e não poderá suportar a ideia de estar separado dele.

FIRMES NO EVANGELHO

Do nosso texto, aprendemos não somente que devemos receber o evangelho, mas que também devemos estar firmes nele. Paulo escreve: "Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais." Essa simples declaração comunica duas verdades distintas porém relacionadas. A primeira é sobre a posição do crente diante de Deus por causa do evangelho, e a segunda sobre a convicção ou resolução do crente

sobre o evangelho. Ambas as verdades têm implicações profundas para a vida do crente. A primeira é uma grande rocha fundamental sobre a qual a fé cristã repousa: ele é capaz de estar diante de Deus *por meio* de Cristo e do evangelho. A última é um poderoso agente na transformação da vida cristã: ele se firmou *sobre* o evangelho e não será abalado.

A verdade fundamental do cristianismo bíblico é que o crente é justo diante de Deus por causa do evangelho – em Cristo somente. Os salmos de Davi nos confrontam com o grande dilema da humanidade: "Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente."[55] Qualquer pessoa que nutra mesmo a mais remota possibilidade de existir um Deus moral e pessoal deve tremer diante da pergunta de Davi. A menos que ela seja uma demente ou tenha sua consciência

cauterizada para além de qualquer uso, ela deve reconhecer que não possui as qualificações necessárias para estar aprovada diante do Juiz de toda a terra[56]. As Escrituras nos dizem que, se essa pessoa olhar para dentro, achará que seu coração é enganoso, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, além da compreensão[57]. Se ela se voltar para considerar sua própria mente, achará que há maus pensamentos hospedados consigo[58]. Se ouvir intencionalmente o seu discurso, ficará consciente de que está cheio de engano, maldição e amargura[59]. Se contemplar suas mãos, verá que estão manchadas de resíduos de incontáveis transgressões. Se, desesperada, tentar cobrir sua vergonha vestindo-se com seus melhores atos de justiça, encontrará que ele está vestido com trapo da imundícia de um leproso[60]. Mesmo se tentar lavar a si mesmo com sabão ou usando muito sabonete, as manchas de sua iniquidade permanecerão[61]. Para qualquer lugar que se volte,

essa pessoa se encontrará acusada, condenada e sem esperanças.

É nesse momento de desamparo absoluto e resignação última que pecadores iluminados e regenerados olham para Cristo e encontram sua esperança nele. Abandonando a justiça própria, ele crê e é justificado pela graça somente por meio da fé[62]. Daquele momento em diante, ele carrega as marcas gêmeas de um cristão: ele se gloria em Cristo Jesus e não confiança na carne.[63]. Ele entra na excelente companhia dos santos que creram em Deus e que foram contados como justos[64]. Ele se lança sobre Cristo e a Ele se apega com forças multiplicadas pelo terror do que lhe sobreviria se fosse abandonado a si mesmo. Ele está firme em Cristo somente e não se afastará dele. Parafraseando um antigo escritor de hinos: “Sua esperança está edificada sobre nada menos que o sangue e a justiça de Jesus. Ele não ousa confiar na mais doce estrutura, mas totalmente depender do nome de

Jesus. Em Cristo, a firme Rocha, ele está; todos os outros solos são areia movediça; todos os outros solos são areia movediça."

A fé cristã promete um reto parecer diante de Deus por meio de Cristo somente. Sendo isso verdade, devemos ser resolutos em nos apegar ao evangelho e nos firmarmos sobre ele. É de grande ajuda notar que a palavra *firme* deriva no grego do verbo *hístemi*, um termo comumente utilizado para indicar o ato físico de permanecer de pé. Contudo, no Novo Testamento, é usado frequentemente para indicar convicção, resolução, constância, firmeza e a qualidade de ser decidido e imóvel. Em sua discussão sobre a guerra espiritual, Paulo usa o termo três vezes a fim de exortar os crentes a "ficarem firmes contra as ciladas do diabo"[65]. De um verbo relacionado, entendemos que os cristãos devem "ficar firmes" no Senhor, na fé, na graça de Deus e nas tradições apostólicas.[66]

Acima de tudo, o crente deve estar firme no evangelho e dele não ser afastado. Se esta pedra fundamental é removida, todo o prédio cai com ela. É por essa causa que o apóstolo Paulo dá uma das mais fortes repreensões à igreja da Galácia: "Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema."[67]

Toda palavra e doutrina das Escrituras são importantes; contudo, algumas doutrinas possuem um peso maior do que as outras. Nossa eterna salvação não depende de algumas nuanças eclesiológicas ou escatológicas, mas depende

inteiramente do evangelho[68]. Em toda a peregrinação terrena, o cristão mais pensativo e maduro pode mudar sua opinião sobre muitos princípios menores da fé; entretanto, ele não deve, ele não irá se afastar do conteúdo essencial que é o evangelho[69]. O homem, a mulher, o jovem ou a criança que verdadeiramente receberam o evangelho estarão firmes sobre ele, e, ao permanecerem firmes, eles provam que verdadeiramente o receberam.

Vivemos em um mundo hostil ao evangelho de Jesus Cristo, que o considera com desprezo. Além disso, este mundo está debaixo do poder do maligno, que se opõe ao evangelho mais que a qualquer outra doutrina e o erradicaria do universo se pudesse. De fato, o diabo alegremente colocaria uma Bíblia na mão de cada pessoa e promoveria obediência a cada mandamento se em troca lhe déssemos o evangelho, uma vez que, sem o evangelho, o sistema inteiro da fé cristão se reduz a nada.

Como crentes, devemos não somente receber o evangelho, mas também permanecer firmes nele. Não devemos ignorar os desígnios do diabo para que ele não nos pegue despercebidos. Quando pretensos salvadores tentam roubar a nossa confiança em Cristo, não devemos permitir que nos seduzam. Quando legalistas tentam suplementar nossa confiança em Cristo, não devemos ceder. Quando autointitulados profetas tentam reembalar o evangelho para torná-lo mais relevante ou atrativo à cultura, não devemos segui-los. Quando o acusador apontar para os nossos pecados e debochar da nossa esperança da glória, devemos apontar para o evangelho e nos firmarmos nele. Quando as acusações mudarem para a lisonja e ele apontar para a nossa piedade como digna de recompensa, devemos denunciá-lo com o compromisso: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo."

39. Hebreus 11.1, 7, 27; 1 Pedro 1.8

40. 1 Coríntios 15.19

41. Atos 2.36

42. Salmos 24-6

43. Mateus 11.28; 10.16, 39

44. Colossenses 1.15-17; Hebreus 1.3; 13.5; Jeremias 31.3; Apocalipse 5.9; 2 Timóteo 2.13; 2 Coríntios 1.20; Mateus 28.20

45. Romanos 9.19; 2 Crônicas 20.6; Jó 9.12; Daniel 4.35

46. Romanos 12.1

47. Mateus 16.25

48. Colossenses 3.4

49. Filipenses 37-8

50. João 6.53

51. João 6.50

52. João 6.31-35, 41, 47-51, 58; 1 Coríntios 10.4; João 15.5-6

53. Isaías 55.2; João 6.50

54. Salmos 34.8

55. Salmos 24.3-4

56. Salmos 14.1; 53.1

57. Jeremias 17.9

58. Jeremias 4.14

59. Romanos 3.13-14

60. Isaías 64.6

61. Jeremias 2.22

62. Efésios 2.8-9

63. Filipenses 3.3

64. Gênesis 15.6; Gálatas 3.6

65. Efésios 6.11, 13, 14

66. O verbo relacionado é *stéko*, tempo presente, a partir do presente perfeito *estéka*, de *hístemi*. Filipenses 4.0, 1 Tessalonicenses 3.8, 1 Coríntios 16.13, 1 Pedro 5.12, 2 Tessalonicenses 2.15.

67. Gálatas 1.6-9

68. *Eclesiologia* se refere ao estudo da igreja e *Escatologia* se refere ao estudo da consumação dos tempos, ou das últimas coisas.

69. Colossenses 1.22-23

C A P Í T U L O 3

Um Evangelho pelo qual somos Salvos

Por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão.

— 1 Coríntios 15.2

Cada doutrina dentro da fé cristã deve ser sustentada com equilíbrio. Toda vez que enfatizamos demais a importância de uma verdade ao ponto de obscurecer ou negligenciar as outras estamos nos colocando em uma situação perigosa. Contudo, é impossível exagerar ou enfatizar demais a preeminência do evangelho. Não há como ser muito extremado com o evangelho. Pode-se ver essa

verdade no fato de que o evangelho é a maior revelação de Deus para a humanidade e é a única mensagem pela qual alguém pode ser salvo. Consequentemente, o evangelho é a única mensagem a que devemos nos apegar tenazmente. Embora qualquer pequeno desvio da verdade bíblica seja perigoso, podemos nos equivocar em várias coisas sem colocar o nosso destino eterno em perigo. No entanto, estar errado quanto ao evangelho é estar errado em tudo. Não dar preeminência ao evangelho é não compreendê-lo por completo!

UM EVANGELHO QUE SALVA

Em nosso texto, a frase "sois salvos" é traduzida de um verbo no tempo presente, que descreve tanto "um processo como uma realidade futura"[70]. Pode ser traduzido como: "por ele vocês estão sendo salvos". É importante ter em mente que as Escrituras descrevem a salvação em três tempos – passado,

presente e futuro. Ignorar qualquer um desses tempos ou aspectos da salvação nos levará a ter uma visão distorcida ou enferma da salvação como um todo. No passado, Deus salvou o crente da condenação do pecado. Isso ocorreu no momento da conversão, quando o cristão creu no testemunho de Deus a respeito do evangelho e foi considerado como justo[71]. As Escrituras normalmente se referem a isso como justificação[72].

No presente, o crente está sendo salvo do poder do pecado. Esse é um processo gradual conhecido no Novo Testamento como santificação progressiva. O crente é feitura de Deus, e Deus está trabalhando nele tanto o querer como o realizar, segundo a divina boa vontade [73]. Por meio da Palavra e do Espírito, de provações e tribulações, de bênçãos e disciplina, Deus está transformando o crente e conformando sua vida à imagem de Jesus Cristo[74].

No futuro, o crente será salvo completa e eternamente do poder e da presença do pecado.

Esse estágio final é conhecido normalmente como glorificação e é tão certo como os outros, porque aquele que começou a boa obra há de completá-la[75]. Como o apóstolo Paulo declara, no que ficou conhecido como a corrente de ouro da salvação: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou."[76]

Vivemos dias em que o temporal e o trivial são exaltados a tal proeminência que não deveria ser dada entre o povo de Deus. Desejamos esses prazeres momentâneos, como se eles realmente merecessem tais afeições. Entretanto, devemos nos agarrar a uma única verdade: a grande promessa do

evangelho é a salvação. Todas as outras promessas e todos os outros benefícios empalidecem em comparação com esta única coisa: o evangelho é o poder de Deus para a salvação e todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo[77].

De acordo com o apóstolo Pedro, a salvação é o próprio fim ou alvo da fé do crente[78]. É o propósito por detrás de tudo o que Cristo fez por seu povo, e deve ser o grande anseio e o grande alvo rumo ao qual o crente se esforça. Deus não pode dar nenhuma outra dádiva maior e o crente não pode ter nenhuma outra esperança ou motivação maior que a salvação final pelo evangelho de Jesus Cristo.

Quando percebemos o que éramos antes de Cristo e o que merecíamos naquele estado, isso magnifica ainda mais a grandeza do evangelho para nós. Éramos pecadores por natureza e pelas obras, e corruptos a ponto de depravação. Éramos transgressores da lei e criminosos sem nenhum apelo ou desculpa perante o tribunal da justiça de Deus[79].

Merecíamos nada menos que a morte e condenação eternas, mas agora o sangue do próprio Filho de Deus nos salva. Enquanto éramos pecadores impotentes e inimigos de Deus, Cristo morreu pelos ímpios[80]. Por meio dele, nós, que antes estávamos longe, fomos aproximados[81]. Nele, temos a redenção pelo seu sangue e a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça[82]. Fomos salvos do nosso pecado, reconciliados com Deus e trazidos para a sua comunhão, como filhos! O que mais poderíamos desejar, ou do que mais precisamos? Não é a dádiva da salvação, por meio do sangue do próprio Filho de Deus, suficiente para fazer nossos corações transbordarem por uma eternidade de eternidades? Não é suficiente para nos motivar a viver por aquele que morreu? Que necessidade temos de outras promessas? Viveremos zelosamente para ele porque nos promete não apenas a salvação, mas também a cura, a vida fácil, a prosperidade e a honra? O que são tais coisas comparadas à dádiva

da salvação e do conhecimento de Deus? Fora com aqueles que procuram nos levar à devoção prometendo qualquer outra coisa que não seja Jesus Cristo. Se todos que você já amou fossem tirados de você e seu corpo estivesse agonizando em um monte de esterco, e seu nome fosse difamado por amigos e inimigos, você ainda deveria achar toda devoção que você precisa para amar, louvar e servir a Cristo nesta única verdade: ele derramou o próprio sangue por sua alma. Essa única santa paixão inflama a pura e imaculada religião.

Por que, então, a promessa de salvação eterna não parece ter sozinha tanto poder para atrair os homens a Cristo? Por que o homem moderno está mais interessado em como o evangelho pode ajudá-lo nesta presente vida? Primeiro, porque pregadores não mais pregam sobre a certeza do julgamento e os perigos do inferno. Quando pregadores ensinam essas coisas de forma bíblica e clara, os homens começam a ver que sua maior necessidade é serem

salvos da condenação eterna, o que torna comparativamente triviais as necessidades mais "práticas" desta presente era . Segundo, precisamos entender que a grande maioria dos homens na rua e nos bancos das igrejas são carnais e que a mente voltada para a carne estima este mundo em detrimento do próximo. Elas têm pouco interesse nas coisas de Deus e na eternidade[83]. A maioria preferiria ir a uma conferência sobre autoestima e autorrealização do que ouvir um único sermão sobre santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor[84]. Muitos cruzariam terra e mar para encontrarem sua melhor vida agora, mas não atravessariam a rua para frequentar uma série de reuniões sobre o infinito valor de Cristo ou sobre o sofrimento do Calvário.

Embora seja verdade que o evangelho pode e normalmente melhore de fato a condição de vida de um homem, como despenseiros do evangelho, devemos evitar a tentação de atrair os ouvintes ou a congregação com qualquer outra promessa ou apoio

que não seja Jesus Cristo e a vida eterna. Embora possa parecer um extremismo para os de nosso tempo, faríamos bem em clamar para as massas: "Jesus Cristo lhe promete duas coisas: uma salvação eterna na qual esperar e uma cruz na qual morrer[85]. O Espírito e a noiva dizem: 'Vem!'"[86]

APEGANDO-SE FIRMEMENTE AO EVANGELHO

A doutrina da perseverança dos santos é uma das mais preciosas verdades para o crente que a compreende[87]. É um grande conforto e encorajamento saber que aquele que começou a boa obra em nós há de completá-la[88]. Contudo, essa doutrina tem sido grosseiramente deturpada, tornando-se o principal instrumento de falsa segurança de incontáveis indivíduos que ainda não são convertidos e permanecem em seus pecados. Isso é um "duro discurso", embora verdadeiro.

No texto no início deste capítulo, o apóstolo Paulo escreve: “sois salvos, *se* retiverdes a palavra”. A palavra *se* introduz uma cláusula condicional que não devemos ignorar e não podemos remover. A lógica é clara: um homem é salvo *se* retiver o evangelho, e *se* não o retiver, não será salvo. Isso não é uma negação da doutrina da perseverança, mas, ao contrário, é uma explicação. Nenhum daqueles que verdadeiramente creem para a salvação se perderão na eterna destruição. A graça e o poder de Deus, que os salvou, também os manterão até o dia final. Contudo, a evidência de que eles realmente creram é que continuarão nas coisas de Deus e não se afastarão dele. Mesmo que eles ainda lutem contra a carne e estejam sujeitos a muitas falhas, o curso de suas vidas revelará um progresso definitivo e notável tanto em fé como em piedade. A perseverança não os salva ou os torna alvos da graça, mas revela que eles são alvos da graça, que são de fato salvos pela fé. Para deixar mais claro, a

prova ou validação de uma conversão genuína é que aquele que professa a fé em Cristo perseverará na fé e crescerá em santidade durante o curso sua vida. Se um homem professa fé em Cristo e se desvia, ou não progride na piedade, isso não significa que perdeu a sua salvação. Isso revela que nunca foi verdadeiramente convertido.

Essa verdade está presente em todo o percurso do ensino da Escritura sobre a salvação. Jesus ensinou que aquele que perseverasse em sua fé até o final seria salvo[89]. Na parábola do semeador, ele explica que, embora muitos pareçam aceitar o evangelho do reino, a maioria se desviaria por causa das aflições, perseguições, preocupações deste mundo e os enganos das riquezas[90]. O apóstolo João, se referindo àqueles que deixaram a igreja em Éfeso, escreve: “Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles

se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos."[91]

É importante notar novamente que essas passagens não são uma negação da segurança do crente em Cristo. O filho de Deus, realmente regenerado, continuará na fé até o fim por causa da fidelidade e do poder daquele que começou a boa obra em sua vida[92]. Porém, esses avisos têm uma importante função na fé cristã e não devem ser ignorados. Eles nos ajudam a discernir entre a verdadeira e a falsa conversão, e funcionam como alertas para os crentes procurarem, com diligência cada vez maior, confirmar sua vocação e eleição[93].

Esses avisos são especialmente relevantes à luz do presente estado do evangelicalismo ocidental, tendo implicações tremendas e abrangentes para muitos que professam fé em Cristo. Há muitos que creem que são salvos e plenamente cristãos, pois uma vez fizeram uma oração e convidaram Jesus para entrar em seus corações. Contudo, eles não continuaram

na fé. Eles nunca saíram do mundo, ou, se saíram, rapidamente voltaram. Eles não possuem nenhuma realidade prática do temor do Senhor. Não há fragrância da divina graça em suas vidas. Eles não mostram evidências externas de transformação interna. Não há nenhuma alusão à disciplina divina que Deus dá a todos os seus filhos[94]. Mesmo assim, eles permanecem seguros de sua salvação por causa de uma decisão no passado e da crença que sua oração foi realmente sincera. Não importando quão popular tal crença possa ser, ela não tem nenhuma base bíblica.

É verdade que a conversão acontece em um momento específico, no tempo quando a pessoa passa da morte para a vida por meio da fé em Jesus Cristo[95]. Porém, a segurança bíblica de que um homem passou da morte para a vida tem suas bases não só no exame do momento da conversão, mas também no exame da vida de tal homem a partir daquele momento. No meio de grande carnalidade,

o apóstolo Paulo não pediu para os coríntios reavaliarem sua experiência de conversão no passado, mas os admoesta a examinarem suas vidas no presente[96].

Faríamos bem em seguir a conduta de Paulo ao aconselharmos supostos convertidos. Eles devem saber – e nós devemos ensiná-los – que a evidência de uma verdadeira obra salvífica de Deus no passado é a continuidade dessa obra no presente e até o último dia. Somos salvos *se* nos apegarmos firmemente à palavra que nos foi pregada. Se esse não for o caso, só podemos ter pouca ou nenhuma confiança de salvação. Essa única verdade bíblica, se apropriadamente pregada com convicção e paixão, demoliria a falsa segurança de incontáveis multidões nos bancos das igrejas e resultaria na salvação de muitos deles.

Ó, que Deus levante homens que entendam que a falsa segurança é um dos grandes males de nossa era e a praga que arruína o testemunho da igreja.

Quando perceberemos que um dos grandes campos missionários no Ocidente são os bancos das igrejas aos domingos? Quando reconheceremos que nosso tratamento superficial do evangelho, nossa ignorância da verdadeira natureza da conversão e nossa recusa em praticar a disciplina eclesiástica de forma amorosa levou a este grande e mortal engano?

---

70. David E. Garland, *1 Corinthians*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), 682.

71. Romanos 4.20-22

72. Romanos 5.1

73. Efésios 2.10; Filipenses 2.13

74. Romanos 8.29

75. Filipenses 1.6

76. Romanos 8.28-30

77. Romanos 1.16; 10.13

78. 1 Pedro 1.9

79. Efésios 2.1-3; Romanos 3.10-19

80. Romanos 5.6-10

81. Efésios 2.13

82. Efésios 1.7

83. Romanos 8.5

84. Hebreus 12.14

85. Esse clamor não começou com o autor, que ouviu essas palavras em uma série de reuniões realizadas anos atrás por Leonard Ravenhill.

86. Apocalipse 22.17

87. O Resumo de Princípios, a primeira confissão batista oficialmente endossada pelos batistas norte-americanos,, descreve a doutrina da perseverança como: “Aqueles a quem Deus aceitou no Amado, e santificou por seu Espírito, nunca cairão total ou finalmente do estado de graça, mas certamente perseverarão até o fim.”

88. Filipenses 1.6

89. Mateus 24.13

90. Mateus 13.21-22

91. 1 João 2.19

92. Filipenses 1.6

93. 1 Pedro 1.5-10

94. Hebreus 12.8

95. João 5.24

96. 2 Coríntios 13.5

CAPÍTULO 4

Um Evangelho de Primeira Importância

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.

— 1 Coríntios 15.3

Não há palavra ou verdade de maior importância que o evangelho de Jesus Cristo. As Escrituras estão cheias de mensagens, sendo a menor delas mais valiosa que o montante de todas as riquezas do mundo e mais importante que os maiores pensamentos jamais concebidos pela mente humana. Se o próprio pó da Escritura é mais precioso que o ouro, como calcularemos quão digno e importante é

o evangelho[97]? Até mesmo dentro das próprias Escrituras a mensagem do evangelho é sem igual. A história da criação, embora delineada com esplendor, se prostra diante da mensagem da cruz. A lei de Moisés e as palavras dos profetas apontam além de si mesmos para esta mensagem singular de redenção. Até mesmo a segunda vinda de Cristo, apesar de toda a sua maravilha, permanece nas sombras do evangelho. Não é exagero dizer que o evangelho de Jesus Cristo é a maior mensagem e a mais essencial, a acrópole da fé cristã, a fundação da esperança do crente.

Não há nada mais importante, mais útil e mais necessário para a promoção da glória e do reino de Deus. Tomando emprestada a linguagem de Provérbios, nós corretamente podemos dizer do evangelho: "Pois a sabedoria é mais proveitosa do que a prata e rende mais do que o ouro. É mais preciosa do que rubis; nada do que você possa desejar se compara a ela."[98]

Sendo isso verdade, compreender o evangelho deve ser a nossa magnífica obsessão. É uma tarefa impossível, mas é digna de cada ínfimo esforço gasto – pois lá encontraremos todas as riquezas de Deus e toda a alegria verdadeira para o crente. O evangelho é digno de nos separarmos de qualquer empreendimento menor e prazer inferior a fim de que sondemos as profundezas da graça de Deus revelada nessa mensagem singular. Jó 28.1-9 contém uma bela ilustração de tal paixão:

> Existem minas de prata e locais onde se refina ouro. O ferro é extraído da terra, e do minério se funde o cobre. O homem dá fim à escuridão; e vasculha os recônditos mais remotos em busca de minério, nas mais escuras trevas. Longe das moradias ele cava um poço, em local esquecido pelos pés dos homens; longe de todos, ele se pendura e balança. A terra, da qual vem o alimento, é revolvida embaixo como que pelo fogo; das suas rochas saem safiras, e seu pó contém pepitas de ouro. Nenhuma ave de rapina conhece aquele caminho oculto, e os olhos de nenhum falcão o viram. Os animais altivos não põem os pés nele, e nenhum leão ronda por ali. As mãos dos homens atacam a pederneira e transtornam as raízes das montanhas.

Mesmo no mundo antigo de Jó, havia homens dispostos a irem aos limites mais distantes, a se privarem da vida na superfície, a cavarem através da rocha sólida em meio a escuridão de trevas profundas, a arriscarem suas vidas e corpos e a não deixarem nenhuma pedra sem ser examinada em sua busca pelos tesouros desta terra. Quanto mais nós, que fomos iluminados pelo Santo Espírito e que experimentamos a bondade da palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, devemos estar dispostos a abandonar as coisas de menor glória na busca das glórias de Deus no evangelho de Jesus Cristo[99]? Por que, então, a paixão pelo evangelho é tão rara entre o povo de Deus?

UM EVANGELHO DILUÍDO

Primeiro, devemos entender que o evangelho que foi, "de uma vez por todas, confiado aos santos"

passou por diversas revisões e reduções nas últimas gerações[100]. Quando consideramos as Escrituras, rapidamente notamos uma diferença de qualidade entre o evangelho apostólico e o da nossa versão mais contemporânea. Até mesmo quando ouvimos o evangelho pregado pelos reformadores, pelos puritanos, por Edwards, Whitefield, Spurgeon e mesmo mais recentemente por Martyn Lloyd-Jones, rapidamente percebemos que hoje mal temos os ossos da proclamação do belo evangelho que eles expunham, e que o reduzimos a algumas leis espirituais, a uma "Estrada de Romanos"[101]. Nós o transformamos em uma declaração de fé simples e fácil de entender que amputa muito da beleza original e deixa pouco da glória a ser admirada ou investigada.

É verdade que Deus tem um plano, que somos pecadores, que Cristo morreu e ressuscitou para que fôssemos salvos pela fé, mas memorizar essas declarações não significa que conhecemos ou

compreendemos o evangelho. Não devemos deixar de examinar tais pedras preciosas! Animais inferiores podem aprender a copiar e repetir, mas nós devemos esquadrinhar as Escrituras e descobrir o significado dessas coisas. Como mineradores, devemos estar dispostos a ir aos limites mais distantes, privar-nos dos prazeres temporais e cavar por incontáveis horas de estudo e oração a fim de que ganhemos o prêmio do conhecimento do evangelho. Caso contrário, sempre seremos um povo endurecido por causa da ignorância em que estaremos[102]. Precisamos olhar para a rocha da qual fomos cortados[103]. Devemos buscar redescobrir o antigo evangelho, ser fascinados novamente por ele e pregá-lo com paixão como um povo que conhece o seu Deus e entende o que ele fez em seu favor[104]!

UMA VISÃO POBRE DO EVANGELHO

Uma segunda razão pela qual o povo de Deus não possui hoje uma paixão pelo evangelho é que muitos

o veem como nada além do que um "Cristianismo para Iniciantes", ou alguns passos de bebê tomados para entrar na fé cristã que são rapidamente dominados e deixados para trás em troca de coisas mais profundas. No entanto, nada poderia estar mais longe da verdade. O evangelho são "as coisas mais profundas" do cristianismo. A Escatologia e o Livro do Apocalipse se tornarão claros na segunda vinda, mas nunca dominaremos ou compreenderemos plenamente a glória de Deus no evangelho de Jesus Cristo. Qualquer um que pensa que conhece o evangelho o bastante para deixá-lo para trás e partir para coisas mais profundas faria bem em seguir a admoestação do apóstolo Paulo: "Quem pensa conhecer alguma coisa, ainda não conhece como deveria."[105] Se tivéssemos o poder de invocar os maiores teólogos e pregadores da história, eles iriam todos testemunhar que foram bebês no evangelho durante a peregrinação terrena. Eles se juntariam ao homem sábio de Provérbios que exclama: "Sou o

mais tolo dos homens; não tenho o entendimento de um ser humano. Não aprendi sabedoria, nem tenho conhecimento do Santo."[106]

Devemos entender que a nossa jornada explorando o evangelho durará toda a nossa vida e por milhares de eternidades. Com cada nova descoberta, a glória do evangelho nos capturará mais e mais até que consuma nossos pensamentos e governe nossa vontade. Você deve se perguntar se há algo digno de ser perseguido, algo grande o suficiente para prender a nossa atenção. Tenha bom ânimo! O evangelho é muito mais do que já lhe falaram e contém uma glória que não pode ser exaurida. Na verdade, gastaremos a eternidade tentando rastrear toda a glória contida nessa única mensagem e ainda haverá, depois de uma eternidade de eternidades, glórias infinitas a serem descobertas. O evangelho sempre será aquilo que os anjos e os redimidos anelam perscrutar[107]. Lembre-se disto: você deve sempre estar crescendo no evangelho e

em seu conhecimento dele. Não é um "Cristianismo para Iniciantes", mas o "Cristianismo de A a Z". Você não dominou ou irá dominar o evangelho, mas ele irá dominar você!

UMA FALTA DE INSTRUÇÃO NO EVANGELHO

Uma terceira razão pela falta de paixão pelo evangelho entre o povo de Deus nasce de uma suposição falha e mortal: assumimos que o povo de Deus, e até mesmo os ministros de Deus, entendem o evangelho, motivo pelo qual deixamos de instruí-los no evangelho e mesmo de priorizar tal instrução. Quando um novo convertido vem à frente fazer sua profissão pública de fé, quanto tempo, depois disso, é investido em sua instrução do evangelho? Frequentemente, alguém o evangeliza por alguns poucos minutos usando um folheto passo a passo e então ele é colocado em uma classe de discipulado para aprender a como fazer as coisas da vida cristã.

Quanta instrução com relação ao evangelho ele ouve do púlpito? É possível que ele se sente no banco da igreja por toda sua vida sem nunca ouvir um sermão dedicado a uma explicação apropriada e específica daquilo que foi conquistado com o Calvário e com o túmulo vazio. Se sentir vocação para o ministério, quantas classes dedicadas exclusivamente ao conteúdo e a aplicação do evangelho ele terá no seminário? Uma pessoa teria de procurar por currículos de muitas instituições religiosas antes de achar uma classe sequer que fosse especificamente dedicada a tal propósito. Antes do reinado piedoso de Josias, a lei de Deus estava há muitos anos perdida dentro do templo[108]. Será que o mesmo aconteceu entre nós? O evangelho está perdido entre os evangélicos?

UMA NEGLIGÊNCIA DO EVANGELHO NA PREGAÇÃO

Uma quarta e última razão para a falta de paixão pelo evangelho nos bancos da igreja é a falta de paixão por ele no púlpito. O ministro de Cristo é, acima de tudo, um ministro do evangelho de Cristo. É o nosso grande privilégio, mordomia e fardo[109]. Embora sejamos vasos terrenos, frágeis e quebrados, carregamos o mais precioso tesouro que o céu e a terra podem conhecer[110]. Deus nos separou para habitar em sua presença. Ele nos chama para usar a maior parte dos nossos dias procurando seus mistérios e revelando isso a outros através da palavra pregada. Contudo, muitos pregadores hoje em dia têm sido seduzidos para longe de seu chamado primário de conhecer a Deus e torná-lo conhecido. O estudo é escasso, a oração é pouca. O ministro não é mais o homem de Deus, mas o homem do povo. A mensagem do ministro não é mais "assim diz o Senhor!", mas uma mensagem que nasceu das pesquisas e do seu suposto conhecimento daquilo que a congregação acha que precisa. Ele não pode

dizer com o profeta Elias: “Tão certo como vive o SENHOR dos Exércitos, perante cuja face estou”, nem pode estar diante do povo como alguém enviado por Deus[111].

Nós, que ministramos em nome de Cristo, não somos chamados a sermos treinadores de vida espiritual, facilitadores ou palestrantes motivacionais – somos pregadores! Só porque o mundo zomba de tal título, e só porque há incontáveis charlatães que dão motivo para isso, não significa que nós devemos desprezar o manto que Cristo colocou sobre nós. Somos pregadores e, acima de tudo, pregadores do evangelho. Não devemos ser seduzidos por propósitos inferiores só porque eles têm a aprovação do mundo. Não devemos ser persuadidos para longe do quarto de estudo e oração, mas devemos nos disciplinar visando à piedade[112]. Devemos ser diligentes em procurar nos apresentar a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da

verdade[113]. Devemos nos empenhar com essas coisas; devemos estar imersos nelas, para que o nosso progresso a todos seja manifesto[114]. Jamais devemos negligenciar o dom espiritual que há em nós, mas dedicar-nos à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino[115].

Sejamos como o antigo apóstolo que, diante de várias outras necessidades legítimas, declarou: "Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas... nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra."[116] Como os antigos mineradores dos dias de Jó, devemos nos forçar a ir aos limites mais distantes e até nos privar dos prazeres temporais, para cavar através de rocha sólida, por entre a escuridão e as trevas profundas; para que possamos descobrir os infinitos tesouros do evangelho de Jesus Cristo e colocá-los diante do povo de Deus. Esse é o único meio de incendiar tanto o púlpito como os bancos da igreja.

97. Jó 28.6

98. Provérbios 3.14-15

99. Hebreus 6.4-5

100. Judas v. 3

101. 1 Timóteo 1.11

102. Efésios 4.18

103. Isaías 51.1

104. Daniel 11.32

105. 1 Coríntios 8.2

106. Provérbios 30.2-3

107. 1 Pedro 1.12

108. 2 Crônicas 34.14-21

109. 1 Coríntios 4.1; 1 Timóteo 1.12; 1 Pedro 1.12; 1 Coríntios 9.16

110. 2 Coríntios 4.7

111. 1 Reis 18.15; João 1.6

112. 1 Timóteo 4.7-8

113. 2 Timóteo 2.15

114. 1 Timóteo 4.15

115. 1 Timóteo 4.13-14

116. Atos 6.2, 4

CAPÍTULO 5

Um evangelho proferido e entregue

> *Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.*
>
> — 1 Coríntios 15.3-4

No texto acima, aprendemos duas importantes verdades sobre o evangelho. Primeiro, não foi o resultado de uma invenção humana, mas de homens movidos pelo Espírito Santo[117]. Logo, ele carrega a plena autoridade da Escritura como uma mensagem soprada por Deus[118]. Segundo, foi uma mensagem entregue de uma vez por todas aos santos, e cada

geração de cristãos é responsável por transmiti-lo inalterado para a geração seguinte[119].

UM EVANGELHO ENTREGUE

Quando o apóstolo Paulo escreve que ele "recebeu" o evangelho, ele está reivindicando uma revelação especial. Ele não fabricou a mensagem, nem a tomou emprestada de outros. Ao contrário, veio até ele por uma revelação extraordinária de Jesus Cristo. Em Gálatas 1.11-12, Paulo descreve sua experiência em mais detalhes: "Faço -vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo."

O propósito de Paulo ao relatar essa experiência singular é demonstrar que seu evangelho tem origem divina. Ele não estava escrevendo para exaltar a si mesmo ou sugerir que seu evangelho fosse de alguma forma diferente daquele dado aos demais

apóstolos ou à igreja como um todo. Com efeito, mais adiante na mesma carta ele diz que entregou seu evangelho àqueles que tinham grande reputação na igreja de Jerusalém e que eles nem o corrigiram nem acrescentaram nada a seu entendimento[120]. Paulo intende mostrar com tudo isso que há só um único evangelho verdadeiro. Este nasceu no coração de Deus e foi entregue para igreja pelos apóstolos. É uma palavra eterna e imutável que transcende tanto o tempo como a cultura. Não deve ser modificado ou adaptado para agradar os paladares de diferentes culturas ou épocas, mas deve ser considerado com a mais alta estima como uma verdade absoluta e imutável.

Por essa razão, nós, que nos tornamos recipientes e despenseiros do evangelho, devemos aprender a lidar com ele com grande cuidado e até mesmo temor. Judas, o meio-irmão do Senhor, exorta-nos a batalhar diligentemente por essa fé evangélica que uma vez por todas foi entregue aos santos, e o

apóstolo Paulo nos admoesta a guardá-lo como um tesouro a nós confiado[121]. Ele chegou até a pronunciar uma maldição sobre qualquer homem ou anjo que, por qualquer motivo, alterasse seu conteúdo: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema.”[122]

Cada geração de cristãos deve compreender que um evangelho eterno lhes foi entregue[123]. Como despenseiros, é a nossa incumbência preservar o evangelho sem adições, subtrações ou qualquer tipo de modificação. Alterar de qualquer forma o evangelho é trazer uma maldição sobre si e transmitir um evangelho corrupto para a próxima geração. Por essa razão, o apóstolo Paulo alerta o jovem Timóteo a tomar cuidado com as verdades que lhe foram confiadas, prometendo-lhe que, assim

fazendo, ele garantiria tanto a própria salvação como a dos que o ouvissem[124].

Nós que recebemos o evangelho temos a temível obrigação de entregá-lo com toda a sua plenitude e pureza apostólicas. Essa obrigação não é somente para com Deus, mas também para com nossa própria geração e a que virá. O apóstolo Paulo declara à igreja em Roma que ele era um "devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes"[125]. De forma similar, nós também somos devedores a todos os homens viventes e às incontáveis gerações que virão. A ponto de, se assim não procedermos, sermos inimigos da cruz de Cristo, pedras de tropeço no meio do reino e culpados pelo naufrágio da fé de muitos[126]. Como ministros do evangelho, uma confiança foi depositada sobre nós que é tão terrível quanto maravilhosa. Quem, porém, é suficiente para estas coisas? Quem é competente para tal tarefa[127]?

Conhecer a seriedade da nossa incumbência nos permite ser diligentes em nos apresentarmos aprovados como obreiros que não têm de que se envergonhar, que manejam bem a palavra da verdade[128]. Imitemos Esdras, o escriba, que "tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos"[129]. Sigamos o exemplo dos sacerdotes piedosos que Deus honrou por meio do profeta Malaquias: "Ele me temeu e tremeu por causa do meu nome. A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos."[130]

Há algo pior que permanecer em silêncio enquanto os perdidos deste mundo correm impetuosamente para o inferno: o crime de pregar um evangelho

diferente do que aquele passado aos santos. Por essa razão, devemos evitar o evangelho do evangelicalismo moderno, pois é um evangelho aguado, entalhado pela cultura e truncado, um evangelho que permite aos homens agarrar-se a uma forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder; a professar conhecerem a Deus, negando-o, entretanto, por suas obras; e a chamar a Jesus de "Senhor, Senhor", enquanto não fazem a vontade do Pai[131]. Ai de nós se não pregarmos o evangelho, mas pior desgraça nos virá se o pregarmos incorretamente[132]!

UM EVANGELHO DEVIDAMENTE ENTREGUE

A lei do Antigo Testamento contém muitas proibições com relação a misturas de toda sorte[133]. Quando dois tipos de coisas são misturadas, suas distinções se embaçam e ambas se perdem. O mesmo pode ser dito do evangelho. O evangelho é

tudo no cristianismo e nas Escrituras, mas nem tudo no cristianismo ou nas Escrituras é o evangelho[134]. Cura física, um casamento saudável e o cuidado providencial de Deus, mesmo fundamentados e fluindo do evangelho, não são o evangelho.

É algo muito perigoso para o ministro pensar que tudo o que ele pregar é o evangelho de Jesus Cristo, ou que tudo em seu ministério possa ser chamado de ministério do evangelho. O evangelho é uma mensagem bem específica nas Escrituras e este texto o define de forma clara e concisa: "Vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras."[135]

Nas palavras de Paulo, aprendemos que o evangelho de Jesus Cristo repousa em dois grandes pilares: sua morte e ressurreição. A referência a seu sepultamento é importante por duas razões. A primeira é que a Escritura profetizara sua morte e

que ela tinha que ser cumprida[136]. A segunda é que valida e prova a morte de Cristo, lançando a base de sua ressurreição e ascensão. Ele foi enterrado porque realmente morreu, e, assim como sua morte foi real, assim foi sua ressurreição.

Enquanto avançamos nesta obra, consideraremos essas grandes verdades do evangelho; mas por ora temos somente um objetivo: demonstrar que nos é requerido não somente proclamar tais verdades, mas também explicá-las. Quando pregamos ou comunicamos por qualquer forma o evangelho, faríamos bem em nos perguntar quanto de seu conteúdo essencial estamos atualmente transmitindo. Muitos poderiam citar de memória os três fatos do evangelho listados em nosso texto: Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou. Contudo, quantos entendem o significado desses fatos? E por que eles raramente são explicados do púlpito? Ou temos uma visão tão superficial do evangelho que acreditamos que eles não requerem nenhuma explicação? Talvez

presumamos que todos entendem o evangelho e que nenhuma explicação é necessária.

COMPONENTES DE UMA PREGAÇÃO CENTRADA NO EVANGELHO

O poder das palavras está em seu significado. Não é suficiente citar algumas proposições do evangelho de memória, mas devemos trabalhar diligentemente para explicá-las. Por essa razão, o evangelista também deve ser um escriba e um pregador, um professor. Nossa proclamação ousada da morte e ressurreição de Cristo deve incluir uma explicação bíblica, atenciosa e clara do que esses termos significam exatamente! As próximas quatro aplicações oferecem provas para tal necessidade.

Primeiro, a pregação do evangelho requer que proclamemos ousadamente às pessoas que Cristo morreu por seus pecados. Embora o Espírito Santo possa, sem sombra de dúvida, usar essas 5 palavras para salvar o mais vil dos homens, não há base

bíblica para assumirmos que devemos deixar essa verdade extremamente importante sem explicação[137]. As pessoas não podem entender adequadamente o significado da morte de Cristo a menos que eles também entendam algo sobre seu pecado. Portanto, devemos nos esforçar para lhes mostrar não somente a natureza do pecado e como elas são pecaminosos, mas também devemos nos esforçar para ensiná-las sobre o justo caráter de Deus e sua resposta a pecados de qualquer tipo ou magnitude. Devemos fazer isso com um equilíbrio entre franqueza e compaixão, muito parecido com um médico que explica a gravidade da natureza da doença do paciente para que este possa despertar e buscar ajuda sem demora[138]. Este trabalho de lançar as fundações ou de "arar o coração humano" é uma necessidade absoluta na verdadeira pregação do evangelho. Devemos lembrar que foi somente após o Senhor proclamar seus atributos a Moisés que ele, "imediatamente, curvando-se para a terra, o

adorou”[139]. E foi somente após Deus revelar para Paulo suas justas exigências na lei que este teve seu pecado exposto, sua autojustificação destruída e sua vida convertida[140].

Segundo, a pregação do evangelho requer que digamos aos homens que Cristo morreu de acordo com as Escrituras. Embora essa seja uma das mais poderosas declarações nas Escrituras, seu impacto sobre o coração humano cresce exponencialmente quando a pregação do evangelho desdobra apropriadamente suas verdades e torna conhecidas suas implicações. Logo, devemos laborar com as Escrituras para explicar aos homens a exata natureza e as implicações da morte de Cristo. Cristo morreu não somente por causa dos nossos pecados, mas por causa do caráter de Deus – ele é justo e não pode justificar ou perdoar o ímpio sem antes satisfazer as demandas de sua justiça contra eles[141]. Cristo não somente morreu, mas tomou o lugar de seu povo, carregou sua culpa, sofreu a ira de Deus e derramou

seu sangue[142]. Por meio de seu sofrimento, a justiça divina foi satisfeita e a ira de Deus aplacada, a fim de que Deus pudesse ser agora tanto justo como justificador daquele que deposita sua fé nele[143].

Quase todos os trabalhos teológicos clássicos sobre a cruz de Cristo identificam e explicam essas verdades na forma de doutrinas como redenção, substituição penal, imputação, propiciação e expiação. Essas doutrinas não são extravagantes, dispensáveis ou inacessíveis, mas são as verdades essenciais do evangelho. Elas podem e devem ser pregadas para todos os homens, tanto crentes como incrédulos. Aqueles que argumentam que elas são muito profundas para uma pessoa comum entender estão empregando a linguagem de antigos papas que queimavam Bíblias, declarando que o povo de Deus era muito ignorante para lê-las.

Terceiro, a pregação do evangelho requer que falemos aos homens que Cristo foi ressuscitado dos mortos ao terceiro dia. Contudo, para esta

proclamação influenciar o homem do século XXI, precisamos expor também o significado e as implicações da ressurreição. Devemos proclamar aos homens que a ressurreição de Cristo foi a vindicação pública de Deus da filiação divina de Jesus e um sinal de que ele aceitou a obra redentora de Cristo em favor do seu povo[144]! Devemos explicar como a ressurreição coloca o fundamento para a ascensão de Cristo e é a evidência de que a este mesmo Jesus, que eles crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo[145]. Devemos compartilhar que Deus exaltou sobremaneira a Jesus e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor[146]. Devemos alertar os homens que a ressurreição de Cristo prova não somente que o mundo tem um Salvador, mas também que o universo tem um Rei que reinará até que seu povo seja reunido e seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés[147]. Ele está voltando e julgará o

mundo com justiça[148]. Portanto, todos os homens, independentemente de suas posições – tanto mendigos como reis – devem ser prudentes e prestar homenagem ao Filho, para que não se irrite e não pereçam no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira, mas bem-aventurados todos os que nele se refugiam[149].

Finalmente, a pregação do evangelho requer um apelo às pessoas para que venham a Cristo. Contudo, nosso apelo deve ser tão bíblico como nossa mensagem. Não devemos reduzir os grandes mandamentos de arrependimento e fé a nada além do que a repetição de uma oração do pecador. Nossos ouvintes devem entender o arrependimento como uma mudança de mente que engloba não somente o intelecto, mas também a vontade e as emoções. Eles devem entender que a natureza da fé salvífica como "a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem", estando plenamente convictos de que o que Deus prometeu

em Jesus Cristo ele também é poderoso para cumprir[150]. Além disso, devemos instruir nossos ouvintes a respeito da evidência da conversão. Devemos alertá-los de que o verdadeiro arrependimento traz à tona o fruto do arrependimento e que a fé sem obras está morta[151]. Devemos admoestá-los a examinarem e testarem a si mesmos para confirmar sua vocação e eleição[152]. Não basta pregarmos o evangelho bíblico aos homens: o apelo e as instruções posteriores também ser feitos biblicamente. Não devemos lançá-los na eternidade se agarrando em nada mais que a "oração do pecador", com apenas nossas débeis palavras de segurança da salvação vibrando em seus ouvidos!

A breve explicação dada acima são meros fragmentos do inescrutável evangelho de Jesus Cristo, o qual somos responsáveis por proclamar às nações. Devemos falar a toda criatura o que Cristo fez, mas devemos também explicar seu significado e a resposta apropriada que devem dar. As

proclamações e as palavras que as formam são importantes, mas à medida que são apropriadamente definidas e aplicadas. Esse é o caso com o evangelho.

A grande tarefa do evangelista cristão é proclamar como um arauto e expor como um escriba[153]. As Escrituras estão cheias de tais exemplos. Filipe guiou o Eunuco para Cristo por intermédio de sua explicação das profecias de Isaías[154]. Priscila e Áquila tomaram consigo a Apolo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus[155]. O apóstolo Paulo se reuniu com os judeus de Tessalônica por três sábados consecutivos para arrazoar com eles acerca das Escrituras, "expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos"[156]. Finalmente, há sobre todos um grande expositor, nosso Senhor Jesus Cristo, que revelou Deus para o homem em sua encarnação e expôs o evangelho para seus discípulos perplexos no caminho para

Emaús: “E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras.”[157]

---

117. 2 Pedro 1.21
118. 2 Timóteo 3.16
119. Judas v. 3
120. Gálatas 2.1-10
121. Judas v.3; 2 Timóteo 1.14
122. Gálatas 1.8-9
123. Apocalipse 1.6
124. 1 Timóteo 4.15-16
125. Romanos 1.14
126. Filipenses 3.18; Mateus 13.41; 1 Timóteo 1.19
127. 2 Coríntios 2.16
128. 2 Timóteo 2.15
129. Esdras 7.10
130. Malaquias 2.5-7
131. 2 Timóteo 3.5; Tito 1.16; Mateus 7.21
132. 1 Coríntios 9.16
133. Levítico 19.19

134. No sentido de que o evangelho é a grande verdade essencial do cristianismo e das Escrituras.

135. 1 Coríntios 15.3-4

136. Isaías 53.9; Mateus 27.57-60

137. Romanos 1.16; 1 Coríntios 2.2; 2 Timóteo 2.15

138. 2 Timóteo 2.25: "Disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade."

139. Êxodo 34.8

140. Romanos 7.9-11

141. Provérbios 17.15; Êxodo 34.6-7; Romanos 3.23-26

142. Hebreus 9.22

143. Isaías 53.4-6, 10

144. Romanos 1.4; 4.25

145. Atos 2.36

146. Filipenses 2.6-9

147. Lucas 20.41-44; Atos 2.34-35; Hebreus 10.12-13

148. Atos 17.31

149. Salmos 2.10-12

150. Hebreus 11.1; Romanos 4.21

151. Mateus 3.8; Tiago 2.14-26

152. 2 Coríntios 13.5; 2 Pedro 1.10

153. Nesta discussão, "evangelista cristão" se refere de forma libre a qualquer cristão que pregue ou compartilhe o evangelho.

154. Atos 8.26-35

155. Atos 18.26

156. Atos 17.3

157. João 1.18. A palavra *revelou* deriva do termo grego *exegéomai*, que significa extrair ou revelar um ensinamento ou uma verdade. Lucas 24.27 NVI. Aqui a palavra explicou deriva do termo grego *diermeneúo*, que significa desdobrar o significado de algo, explicar ou expor.

PARTE 2

O Poder de Deus para a Salvação

Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego.

— Romanos 1.16

CAPÍTULO 6

O Evangelho

Não me envergonho do evangelho
— Romanos 1.16

Antes de considerar a ousadia de Paulo ao pregar o evangelho, precisamos entender algo do evangelho que ele pregava. É um bom princípio de comunicação definir os termos antes de qualquer debate ou discussão adequados. Isso limpa o campo e permite que as pessoas envolvidas saibam a posição do outro e o que querem dizer quando falam. Os evangélicos, hoje em dia, definem termos teológicos de forma tão vasta que já não podemos garantir que estão falando a mesma coisa que nós,

embora usem os mesmos termos. Isso é especialmente verdade com relação ao evangelho.

A primeira coisa a considerar em nosso texto é o artigo definido de *do*. Paulo não tinha *um* evangelho que lhe era particular. Seu evangelho não era um evangelho paulino em oposição a um evangelho petrino ou joanino[158]. Apesar de algo da personalidade desses apóstolos brilhar através de suas apresentações, o evangelho que compartilharam era o mesmo. Eles nada sabiam do linguajar frequente de nossos dias que fala de diferentes variações, versão ou sabores do evangelho como se pudesse existir mais de um.[159]

Segundo, Paulo não tinha *um* evangelho que era peculiar para certa cultura. Ele não pregou uma variedade aos judeus e outra aos gentios. Embora estivesse ciente das diferenças culturais e utilizasse vias de acessos próprias de cada cultura, seu evangelho não era adaptado para se ajustar a uma cultura ou ser menos ofensiva a ela. De fato, a

própria ofensividade do evangelho tanto para judeus como para gregos era precisamente o que colocava sua vida em constante perigo. É de se duvidar que o apóstolo Paulo aceitasse a enorme preocupação do evangelicalismo contemporâneo em compreender minuciosamente uma cultura específica e adaptar sua mensagem e metodologia a ela. Paulo entendia que, em última instância, todas as pessoas de todas as culturas sofrem do mesmo mal e só uma mensagem tem poder para salvá-las.

Finalmente, Paulo não tinha *um* evangelho que fosse particular a uma única época da história do mundo. É certo que, durante a vida de Paulo, houve mudanças significativas no Império Romano, o que não o impediu de pregar na velhice o mesmo evangelho que havia pregado décadas atrás, no começo do seu ministério apostólico. Sem dúvida, ele ficaria surpreso com a convicção do cristianismo contemporâneo de que cada década que passa traz

uma nova geração que requer uma nova apresentação ou adaptação do evangelho.

PARALELOS ENTRE O ENSINO DE JESUS E DE PAULO

É claro nas Escrituras que há um contínuo ininterrupto entre o que Jesus fez e comunicou aos seus seguidores e aquilo que Paulo cria e pregava. Essa verdade permanece mesmo sob o maior escrutínio. No evangelho de Jesus, Deus é amor. Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos[160]. Na plenitude dos tempos, ele deu sua maior demonstração de amor ao enviar seu amado Filho para que as pessoas não perecessem, mas tivessem vida eterna através dele[161].

No evangelho de Paulo, Deus é amor. Ele não se deixou ficar sem testemunho de sua misericórdia, mas ele faz o bem a todos os homens e dá do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o coração

deles de fartura e de alegria[162]. Na plenitude dos tempos, seu amor alcançou seu *crescendo* ao dar seu Filho para morrer pela nossa raça decaída enquanto ainda éramos pecadores desamparados e inimigos de Deus[163].

No evangelho de Jesus, os homens são maus e escravos do pecado[164]. São árvores más dando maus frutos[165]. Eles aborrecem a luz e não se chegam para a luz por medo de suas más obras serem expostas[166]. Seus corações estão cheios de maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. Mesmo os mais excelsos e nobres moralistas não são nada além de sepulcros caiados cheios de ossos de mortos[167].

Paulo apresenta a mesma acusação contra nossa raça humana: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus."[168] Não há justo, nem um sequer. Não há quem entenda ou busque a Deus. Todos se extraviaram e se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, e não há temor de Deus diante de seus

olhos[169]. Por essa razão, a lei serve somente para convencer os homens de seu pecado, esmagar suas esperanças de autojustificação e deixá-los sem desculpas e totalmente dependentes da misericórdia de Deus[170].

No evangelho de Jesus, todo incrédulo está condenado diante de Deus e a ira de Deus permanece sobre ele[171]. Os galileus que morreram nas mãos de Pilatos e aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé não sofreram tais coisas por serem mais pecadores que outras pessoas, ao contrário, todos merecem o mesmo destino e é somente a misericórdia divina que os livra disso. Todos merecem a morte debaixo da ira de Deus e a perecerão no devido tempo, se não se arrependerem[172]. No evangelho de Paulo, "a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça"[173]. Aqueles que continuam com um

coração duro e impenitente estão acumulando contra si mesmos ira que se revelará no dia do juízo[174].

No evangelho de Jesus, a cruz é o ponto essencial e a obra culminante da redenção. Era necessário que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória[175]. Assim, ele ensinou seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém, sofrer muitas coisas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia[176]. No Getsêmani e no Gólgota, ele revelou que seu sofrimento não está restrito aos maus tratos de homens e demônios. Na cruz, ele bebeu por inteiro o cálice da ira de Deus e morreu como um homem desamparado[177].

No evangelho de Paulo, esse mesmo grande tema está presente em cada página. Paulo pregou, antes de tudo, o que também recebeu: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras[178]. Paulo demonstrou com grandes e irrefutáveis provas que Cristo era aquele que

carregaria os pecados, tornar-se-ia uma maldição e morreria sob a ira de Deus como propiciação por seu povo[179]. Ele proclamou Cristo crucificado mesmo isso sendo uma pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gentios[180]. A cruz não era um tema menor para Paulo. Era tudo. Ela o mantinha cativo e constantemente o constrangia[181].

O evangelho de Jesus chama todos para arrependerem-se de seus pecados e crerem[182]. Ele promete vida eterna àqueles que obedecem ao chamado[183]. Ele alerta aos restantes que irão perecer sob a ira de Deus se continuarem em seu estado impenitente e incrédulo[184]. O evangelho de Paulo fornece as mesmas promessas e os mesmos avisos. O apóstolo solenemente testificou tanto a judeus como a gregos sobre o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Ele proclamou que Deus ordenou aos homens que todos, em toda parte, se arrependam, alertando as pessoas que ninguém as enganasse com palavras

vãs, porque, por essas coisas, vinha a ira de Deus sobre os desobedientes[185].

No evangelho de Jesus, o discipulado sincero e custoso acompanha a genuína conversão. Jesus frequentemente peneirava as grandes multidões que o seguiam fazendo um chamado radical para elas: "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo."[186] Ele até alertou seus próprios discípulos: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á."[187]

O evangelho de Paulo contém as mesmas exigências radicais do discipulado. Com relação à santificação, Paulo admoesta os crentes a se retirarem deste mundo e se separarem[188]. Com relação à justiça, ele comanda os crentes a se considerarem mortos para o pecado, mas vivos para

Deus como instrumentos de justiça[189]. Com respeito à fidelidade, eles eram encorajados a permanecerem firmes apesar das muitas tribulações e perseguições que certamente virão sobre todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus[190].

O evangelho de Jesus ensina aos homens que uma mera profissão de fé não é, sozinha, uma evidência sólida da salvação. Jesus avisou que nem todo o que diz "Senhor, Senhor" entrará no reino dos céus, mas somente aquele que fizer a vontade de seu Pai, que está nos céus[191]. Ele era inflexível ao afirmar que o fruto da vida de uma pessoa é a prova da salvação, e que todo aquele que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo[192].

O evangelho de Paulo contém os mesmos solenes avisos. Ele admoesta aqueles que professam fé em Cristo a examinarem-se a si mesmos para ver se realmente estão na fé[193]. Ele alertou as pessoas sobre ter uma forma de piedade cujo poder

negassem, e professar conhecer a Deus negando-o com suas obras[194].

Finalmente, o evangelho de Jesus está repleto de avisos sobre o julgamento futuro e os terrores do inferno. Na verdade, Jesus falou mais sobre este terrível assunto do que os profetas e apóstolos juntos. De acordo com Jesus, um grande dia de juízo está vindo onde os homens serão separados como ovelhas de bodes e uma grande multidão ouvirá: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos."[195] O assunto era tão crucial para Jesus que, até mesmo para aqueles que considerava seus amigos, ele deu o seguinte aviso: "Digo-vos, pois, amigos meus: não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer."[196]

O evangelho de Paulo concorda com Cristo sobre o tema do julgamento e do inferno. Ele escreve que os ímpios estão acumulando contra si mesmos ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus[197]. Ele alerta tanto crentes como incrédulos que eles não devem se enganar com as palavras vãs daqueles que negam a realidade vindoura da ira e retribuição divinas. Deus não será zombado. Aquilo que o homem semear, isso também ceifará[198]. Como Cristo, Paulo fala de forma explícita e sem reservas em seus avisos: "Quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus, estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder."[199]

Dos textos que consideramos, é óbvio que não há contradição ou divergências entre o evangelho de

Jesus Cristo e aquele que o apóstolo Paulo pregou e definiu em suas epístolas. De forma semelhante, Moisés e os profetas, os escritores dos quatro evangelhos e os outros escritores do Novo Testamento permanecem em perfeito acordo com Cristo com relação a essa "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos"[200].

Há somente um evangelho, que está acima do editor e do censor, e que não deve ser mudado, adaptado ou reembalado. Qualquer tentativa de assim fazer, independentemente da razão ou motivação, resultará em um outro evangelho que não é de forma nenhuma o evangelho[201]. Devemos pôr de lado toda noção tola e perigosa de que podemos melhorar o evangelho pelo bem do evangelho e devemos nos juntar à grande nuvem de testemunhas ao longo da história da igreja que pregou a Cristo crucificado e ressurreto conforme as Escrituras.

158. As palavras *petrino* e *joanino* se referem ao evangelho pregado por Pedro e João respectivamente.

159. As diferentes opiniões sobre o evangelho são normalmente categorizadas como variações da mesma verdade, ou como a observação da mesma verdade sob diferentes ângulos, ou mesmo como a ênfase em diferentes aspectos da mesma verdade. Isso falha em reconhecer que as meras "variações" são muitas vezes evangelhos completamente diferentes. O evangelho reformado é completamente diferente do evangelho católico romano, um evangelho baseado na fé está em direta contradições a um evangelho baseado nas obras; um evangelho verdadeiramente evangélico está em contradição com o evangelho ultracaristmático.

160. Mateus 5.45

161. Marcos 1.15; João 3.16

162. Atos 14.17

163. Gálatas 4.4; Romanos 5.6-10

164. Mateus 7.11; João 8.34

165. Mateus 7.17

166. João 3.20

167. Mateus15.19; 23.27

168. Romanos 3.23

169. Romanos 3.10-18

170. Romanos 3.19

171. João 3.18, 36

172. Lucas 13.1-5
173. Romanos 1.18
174. Romanos 2.5
175. Lucas 24.26
176. Mateus 16.21
177. Lucas 22.42; Mateus 27.46
178. 1 Coríntios 15.3-4
179. 2 Coríntios 5.21; Gálatas 3.10-13; Romanos 3.23-26
180. 1 Coríntios 1.23
181. Romanos 1.1; 2 Coríntios 5.14
182. Marcos 1.15
183. João 5.24
184. Lucas 13.1-5; João 3.18-36
185. Atos 20.21; Efésios 5.6
186. Lucas 14.26
187. Mateus 16.24-25
188. 2 Coríntios 6.14-18
189. Romanos 6.11-14
190. Atos 14.22; 2 Timóteo 3.12
191. Mateus 7.21
192. Mateus 7.16, 19-20
193. 2 Coríntios 13.5
194. 2 Timóteo 3.5; Tito 1.16

195. Mateus 25.41

196. Lucas 12.4-5

197. Romanos 2.5

198. Gálatas 6.7; Efésios 5.6

199. 2 Tessalonicenses 1.7-9

200. Judas v. 3

201. Gálatas 1.6-7

C A P Í T U L O 7

Um evangelho escandaloso

Não me envergonho do evangelho
— Romanos 1.16

Agora que temos um entendimento geral do evangelho do apóstolo Paulo, podemos começar a compreender por que gerou tanto desdém e hostilidade entre aqueles que o ouviram. Embora o evangelho seja o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, ainda assim ele é uma mensagem escandalosa e inacreditável para um mundo caído.

RADICALMENTE EXCLUSIVISTA

A carne de Paulo tinha todos os motivos para estar envergonhada do evangelho que ele pregava, porque o evangelho contradiz absolutamente tudo que era considerado como verdadeiro e sagrado entre seus contemporâneos. Para o judeu, o evangelho era o pior tipo de blasfêmia uma vez que reivindicava que esse Messias judeu era Deus encarnado. Então, Paulo sabia que toda vez que abrisse sua boca para falar o evangelho ele seria completamente rejeitado e ridicularizado com escárnio, a menos que o Santo Espírito interviesse e movesse o coração e a mente de seus ouvintes. Em nossos dias, o evangelho primitivo não é menos ofensivo, pois contradiz cada dogma, ou "ismo", da cultura contemporânea: relativismo, pluralismo e humanismo[202].

Vivemos em uma era de relativismo – um sistema de crença baseado na absoluta certeza de que não há absolutos. Aplaudimos hipocritamente as pessoas que buscam a verdade, mas ordenamos a execução

pública de qualquer um arrogante o suficiente para acreditar que a encontrou. Vivemos em uma Idade das Trevas autoimposta, sendo clara a razão. O homem natural é uma criatura caída, moralmente corrupta e obstinada quanto a sua autonomia (i.e., governo autônomo). Ele odeia a Deus porque Deus é justo e odeia a lei de Deus porque esta censura e restringe seu mau. Ele odeia a verdade porque ela o expõe pelo que ele é e perturba o que ainda resta de sua consciência. Portanto, o homem caído busca empurrar para longe a verdade, especialmente a verdade sobre Deus, o mais possível. Ele irá suprimir a verdade a todo custo, até o ponto de pretender que ela não existe, ou que, se existe, não pode ser conhecida ou ter qualquer influência em nossas vidas. Nunca é o caso de um Deus que se esconde, mas de um homem que se esconde. O problema não é o intelecto, mas a vontade. Como um homem que esconde a cabeça na areia para evitar um rinoceronte se preparando para atacar,

assim o homem moderno nega a verdade de um Deus justo e de uma moralidade absoluta na esperança de aquietar sua consciência e tirar da cabeça o julgamento que ele sabe que é inevitável. O evangelho cristão é escandaloso para o homem e sua cultura porque faz justamente aquilo que ele quer evitar: despertá-lo de seu autoimposto sono quanto à realidade de seu estado caído e rebelde, chamando-o a rejeitar sua autonomia e se submeter a Deus por meio do arrependimento e da fé em Jesus Cristo.

Vivemos em uma era de pluralismo – um sistema de crença que põe fim à verdade declarando tudo como sendo verdade, especialmente com respeito à religião. Pode ser difícil para o cristão contemporâneo compreender, mas os cristãos vivendo no primeiro século eram na verdade marcados e perseguidos como ateus. Imagens de deidades enchiam o mundo e a religião era um negócio em expansão[203]. As pessoas não só toleravam a deidade um dos outros, mas também

trocavam e compartilhavam. O mundo religioso inteiro estava indo muito bem até que o cristianismo apareceu e declarou "não serem deuses os que são feitos por mãos humanas"[204]. Eles negavam aos Césares a homenagem que demandavam, recusavam dobrar os joelhos a todos os outros assim chamados de deuses e confessavam somente a Jesus como Senhor de todos[205]. O mundo inteiro olhou para essa assombrosa arrogância e reagiu com fúria contra a intolerante intolerância à tolerância dos cristãos.

O mesmo cenário sobeja hoje em nosso mundo. Contra toda lógica, ouvimos que todas as visões com relação à religião e à moralidade são verdadeiras, não importa quão radicalmente diferentes ou contraditórias elas sejam. O aspecto mais impressionante de tudo isso é que, por meio do incansável esforço dos meios de comunicação e do mundo acadêmico, essa se tornou rapidamente a visão da maioria. Contudo, o pluralismo não resolve

o problema ou cura a mazela. Ele somente anestesia o paciente para que ele não mais sinta ou pense. O evangelho é escandaloso porque desperta o homem do seu sono e se recusa a deixá-lo descansar em tal posição ilógica. Força-o a chegar a alguma conclusão: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o."[206]

O verdadeiro evangelho é radicalmente exclusivista. Jesus não é *um* caminho. Ele é *o* caminho e todos os outros não são caminhos de forma nenhuma. Se o cristianismo movesse sequer um pequeno passo em direção a um ecumenismo mais tolerante e trocasse o artigo definido *o* pelo artigo indefinido *um*, o escândalo acabaria e o mundo e o cristianismo poderiam se tornar amigos. Contudo, sempre que isso acontece, o cristianismo deixa de ser cristianismo, Cristo é negado e o mundo está sem um Salvador.

Vivemos em uma era de humanismo – nas últimas décadas, o homem lutou para purgar Deus de sua consciência e cultura. Ele derrubou todo altar visível ao único Deus verdadeiro e erigiu monumentos a si mesmo com o zelo de uma fanático religioso. Ele conseguiu fazer de si mesmo o centro, a medida e o fim de todas as coisas. Ele louva sua dignidade inerente, demanda homenagem à sua autoestima e promove sua própria satisfação e realização como o bem maior. Ele justifica sua consciência aflita com a explicação de que é um remanescente da antiquada religião da culpa, e se desculpa de qualquer responsabilidade do caos moral que lhe rodeia culpando a sociedade, ou pelo menos parte da sociedade que não alcançou ainda a iluminação. Qualquer sugestão de que sua consciência possa estar certa em seu testemunho contra ele ou que ele seja responsável pelas quase infinitas variações de moléstias do mundo é impensável. Por essa razão, o evangelho é um escândalo ao homem caído pois

expõe sua desilusão sobre si mesmo e o convence de seu estado caído e de sua culpa. Essa é a primeira obra essencial do evangelho e é por isso que o mundo abomina a verdadeira pregação do evangelho. Esta, arruína a festa do homem, faz chover sobre seu desfile, expõe seu faz de conta e relembra que o imperador está nu.

As Escrituras reconhecem que o evangelho de Jesus Cristo é uma "pedra de tropeço" e "loucura" para todos os homens de todas as eras e culturas[207]. Contudo, buscar remover o escândalo da mensagem é tornar nula a cruz e seu poder salvador[208]. Precisamos entender que o evangelho não é só escandaloso, mas é projetado para ser escandaloso! Por meio da loucura do evangelho, Deus ordenou destruir a sabedoria dos sábios, frustrar a inteligência das grandes mentes e humilhar o orgulho de todos os homens até que nenhuma carne se vanglorie diante da sua presença[209]. Como está escrito: "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor."[210]

O evangelho de Paulo não só contradiz a religião, filosofia e cultura de nossos dias, mas declara guerra contra elas. Ele se recusa a estabelecer trégua ou acordo com o mundo e não aceita nada menos que a absoluta rendição da cultura ao senhorio de Jesus Cristo. Faríamos bem em seguir o exemplo de Paulo. Devemos ser cuidadosos para evitar qualquer tentação de conformar o nosso evangelho às tendências da hora ou aos desejos de homens carnais. Não temos nenhum direito de diluir sua ofensa ou civilizar suas demandas radicais para torná-lo mais atraente para um mundo caído ou para os membros carnais das igrejas.

Nossas igrejas possuem muitas estratégias para se tornarem mais simpáticas aos interessados, reembalando o evangelho, removendo sua pedra de tropeço e cegando sua lâmina para que seja mais aceitável ao homem carnal. Devemos ser simpáticos aos interessados, mas devemos perceber isto: há somente um interessado e este é Deus. Se estamos

nos esforçando para tornar nossa igreja e mensagem acomodada, tornemo-la acomodada a Deus. Se estamos nos esforçando para edificar uma igreja ou um ministério, edifiquemos com uma paixão de glorificar a Deus e um desejo de não ofender sua majestade. Quem se importa com o que o mundo pensa de nós? Não buscamos as honras da terra, mas as honras dos céus devem ser nosso desejo.

UM EVANGELHO INACREDITÁVEL

Conforme temos argumentado, a carne de Paulo tinha todos os motivos para estar envergonhada do evangelho que ele pregava pois contradizia absolutamente tudo que era considerado como verdadeiro e sagrado entre seus contemporâneos. Todavia, há ainda outra razão para a vergonha carnal: o evangelho é uma mensagem absolutamente inacreditável, uma palavra aparentemente ridícula para os sábios do mundo.

Como cristãos, algumas vezes falhamos em perceber quão completamente surpreendente é quando alguém crê verdadeiramente em nossa mensagem. Em certo sentido, o evangelho é tão absurdo que a sua disseminação em todo o Império Romano é prova da sua natureza sobrenatural. O que poderia trazer os gentios, completamente ignorantes do Antigo Testamento e enraizados em suas filosofias gregas ou superstições pagãs, à fé em tal mensagem sobre um homem chamado Jesus?

- Ele nasceu sob situações questionáveis em uma família pobre em um dos lugares mais desprezados do Império Romano e, *mesmo assim*, o evangelho reivindica que ele era o eterno Filho de Deus, concebido pelo Espírito Santo no ventre de uma virgem judia.
- Ele era um carpinteiro por profissão e um mestre religioso itinerante sem qualquer treinamento oficial e, *mesmo assim*, o evangelho reivindica

que ele ultrapassava a sabedoria de todos os filósofos gregos e dos antigos sábios romanos juntos.

- Ele era pobre e não tinha onde reclinar a cabeça e, *mesmo assim*, o evangelho reivindica que por três anos ele alimentou milhares com uma palavra, curou toda sorte de doença entre os homens e até ressuscitou os mortos.
- Ele foi crucificado fora de Jerusalém como blasfemador e inimigo do Estado e, *mesmo assim*, o evangelho reivindica que sua morte foi o evento central de toda a história da humanidade e a única forma de salvação dos pecados e de reconciliação com Deus.
- Ele foi colocado em uma tumba emprestada e, *mesmo assim*, o evangelho reivindica que no terceiro dia ele ressuscitou dos mortos e apareceu a muitos seguidores. Quarenta dias depois, ele ascendeu aos céus e se sentou à destra de Deus.

- Portanto, o evangelho reivindica que um pobre judeu carpinteiro, que foi rejeitado como lunático e blasfemo por seu próprio povo e crucificado pelo Estado, é agora o Salvador do mundo, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Ao nome de Jesus, todo joelho, incluindo o de César, se dobrará.

Quem jamais creria em tal mensagem a não ser pelo poder de Deus? Não há outra explicação. O evangelho nunca teria saído de Jerusalém, quanto mais ido além do Império Romano e expandido para todas as nações do mundo, a menos que Deus se comprometesse a trabalhar por meio dele. A mensagem teria morrido em sua concepção, se dependesse das habilidades organizacionais, eloquência ou poderes apologéticos de seus pregadores. Toda a estratégia missionária do mundo e todos os espertos esquemas de marketing emprestados de Wall Street jamais poderiam

espalhar essa mensagem, considerada como loucura e pedra de tropeço.

Essa verdade traz tanto encorajamento como alertas aos comprometidos em fazer avançar a fé na qual cremos. Primeiro, é encorajador saber que a simples e fiel proclamação do evangelho assegurará seu contínuo avanço no mundo. Segundo, é um alerta para nós a fim de que não sucumbamos à mentira de que podemos fazer avançar o evangelho por meio do nosso brilhantismo, eloquência ou estratégias. Tais coisas não têm poder para causar a "impossível" conversão do homem[211]. Devemos nos lançar com urgência esperançosa sobre os meios bíblicos de fazer avançar o evangelho – a corajosa e clara proclamação da mensagem da qual não nos envergonhamos porque ela "é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê"[212].

Vivemos em uma era incrédula e cética. A cultura ridiculariza nossa fé como conjunto de mitos sem esperança, vendo-nos ou como fanáticos intolerantes

ou como vítimas de mente fraca de uma artimanha religiosa. Tais ataques normalmente nos colocam na defensiva e nos tenta a contra-atacar, comprovando nossa posição e relevância pela apologética. Embora algumas formas dessa disciplina sejam úteis e necessárias, devemos perceber que o poder se encontra na proclamação do evangelho. Não podemos convencer as pessoas a crerem assim como não podemos ressuscitar os mortos. Tais coisas são obras do Espírito de Deus. Uma pessoa vem à fé somente por meio da obra sobrenatural de Deus, que prometeu trabalhar – não por meio da sabedoria humana e da competência intelectual, mas da pregação de Cristo crucificado e ressurreto dos mortos[213].

Devemos aceitar o fato de que nosso evangelho é uma mensagem inacreditável. Não devemos esperar que ninguém nos ouça, quanto menos creia, à parte de uma obra graciosa e poderosa do Espírito de Deus. Quão sem esperança são todas as nossas

pregações sem o poder de Deus! Quão dependente de Deus é o pregador! Todo nosso evangelicalismo é nada além de uma empreitada de tolos a menos que Deus mova os corações das pessoas. Contudo, ele prometeu fazer isso se formos fiéis em pregar esta mensagem singular que tem o poder para salvar: o evangelho!

---

202. A expressão *evangelho primitivo* se refere ao evangelho do primeiro século pregado por Jesus e seus apóstolos.

203. Atos 19.27

204. Atos 19.26

205. Romanos 10.9

206. 1 Reis 18.21

207. 1 Coríntios 1.23

208. 1 Coríntios 1.17, 23

209. 1 Coríntios 1.19-20, 29

210. 1 Coríntios 1.31

211. 1 Coríntios 1.17-25

212. Romanos 1.16

213. 1 Coríntios 1.22-24

CAPÍTULO 8

Um evangelho poderoso

Porque é o poder de Deus para a salvação.
— Romanos 1.16

A absoluta inabilidade do homem de salvar a si mesmo de seu pecado e de sua condenação é um tema constante por toda a Escritura. Jó declarou: "Ainda que me lave com água de neve e purifique as mãos com cáustico, mesmo assim me submergirás no lodo, e as minhas próprias vestes me abominarão." O salmista lamentou que seu pecado estava sempre diante dele e o apóstolo Paulo clamou em desespero: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"[214]

O total desamparo e inabilidade do homem de salvar a si mesmo é uma das verdades mais sombrias da Escritura. Contudo, serve ela justamente ao elevado propósito de humilhar os homens e magnificar o poder do evangelho para salvar. Em sua carta à igreja de Roma, Paulo declarou que era por causa da impotência e total inabilidade do homem de salvar a si mesmo que Cristo morreu pelos ímpios[215]. Abandonado a si mesmo, o homem não pode ser salvo. No entanto, Deus não abandonou o homem a si mesmo, mas providenciou um meio de salvação através do evangelho de seu Filho! Aquilo que para os homens é impossível, é possível para Deus[216]. Ele é poderoso para salvar e pode salvar perfeitamente[217].

O PODER DE DEUS NO EVANGELHO

As Escrituras estão repletas de demonstrações do poder de Deus. Ele cria o mundo com uma palavra[218]. Ele faz o exército estelar segundo o seu

número. Ele as chama todas pelo nome; por ser grande em força e forte em poder, nenhuma faltará[219]. Ele separa o mar com um sopro de suas narinas[220]. Os montes se derretem debaixo dele como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam por um declive[221]. Ele brinca com o Leviatã como se fosse um pássaro[222]. Ele opera segundo a sua vontade no exército do céu e entre os moradores da terra. Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: "Que fazes?"[223] Tal é o poder do nosso Deus e, mesmo assim, nenhuma dessas demonstrações de força divina podem se comparar com aquele poder revelado através do evangelho de Jesus Cristo.

Em nosso texto, Paulo se refere ao evangelho como o *poder* de Deus. A palavra é uma tradução do termo grego *dúnamis*. Embora a palavra em si mesmo não seja excepcional, ela adquire um significado extraordinário no contexto da Escritura. Aqui, Paulo indubitavelmente está baseando-se nas

incontáveis referências do Antigo Testamento sobre o poder de Deus manifesto no salvamento de seu povo. Deus tirou Israel da terra do Egito com grande força e com forte mão[224]. Ele levantou o Faraó para mostrar o seu poder e para anunciar seu nome em toda a terra[225]. Ele salvou seu povo por amor do seu nome e para fazer conhecido o seu poder[226]. Finalmente, ele relembrou a Israel repetidas vezes que sua salvação não tinha nada a ver com o poder deles, mas tudo a ver com seu[227].

Aqui, no primeiro capítulo de Romanos, a palavra *dúnamis* ocorre em dois outros lugares além do verso 16. No começo do capítulo, ela se refere ao poder que ressuscitou Jesus dos mortos e vindicou sua filiação[228]. Na sequência do nosso texto, ela se refere ao poder como um atributo de Deus que se manifesta na criação e sustentação do universo[229]. Ambas são duas das maiores demonstrações da onipotência de Deus nas Escrituras. Contudo, o evangelho permanece em pé de igualdade com elas,

pois é o poder de Deus para a salvação dos homens, salvação a qual não inclui somente a libertação da condenação do pecado, mas também a ressurreição espiritual como novas criaturas e a contínua perseverança ou santificação.

Com respeito ao poder do evangelho, é útil nos perguntarmos duas questões. A primeira é: "Reconhecemos o grande poder requerido para salvar homens pecadores?" A salvação não é uma tarefa fácil; é impossível para todos, a não ser para Deus[230]. Isso por causa do estado caído e da corrupção moral do homem. As Escrituras ensinam que a imagem de Deus no homem foi seriamente desfigurada e a corrupção moral poluiu seu ser por completo[231]. Como tal, o homem declarou guerra contra Deus e faz tudo em seu poder para restringir ou abafar sua verdade[232]. As Escrituras ensinam que o homem *não pode* vir a Deus porque ele *não deseja* vir a Deus e ele não deseja vir a Deus porque seu coração é mau. Jesus ensinou essa verdade em

João 3.19-20: “E o julgamento é este: A luz veio ao mundo, e os homens amaram antes as trevas que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas.”

As paredes de depravação que cercam o coração de um homem são muito mais fortes e feitas de um material mais duro do que aquelas ao redor de Jericó. Se homens não podem derrubar as muralhas daquela grande cidade com sua própria força, eles não podem conquistar a depravação de seus próprios corações. Tem que ser o poder de Deus. Por essa razão, frequentemente ouvimos que o poder de Deus na salvação de um homem excede em muito o poder de Deus manifestado na criação do universo. Deus criou o mundo *ex nihilo*, do nada. Contudo, quando Deus salva um homem, ele faz algo muito mais difícil. É muito mais fácil criar algo bom do nada do que recriar algo bom de uma humanidade caída e corrupta.

Arriscando ser redundante, devemos reiterar que não podemos apreciar verdadeiramente o poder do evangelho na salvação de um homem até compreendermos algo de seu estado caído e da sua corrupção moral. Quanto mais sondamos as profundezas da depravação do homem, mais voaremos em nosso entendimento e apreciação do poder do evangelho. Também nos tornaremos cautelosamente alertas de que as metodologias e estratégias de marketing e os acessórios e truques presentes em muito do evangelicalismo contemporâneo são vaidades inúteis. Se pessoas serão salvas, elas serão salvas pelo poder sobrenatural de Deus manifestado por meio da pregação do evangelho!

A segunda pergunta que nos devemos fazer é: "Reconhecemos que o poder para nos salvar se encontra unicamente no evangelho?" O evangelho de Jesus Cristo *é* o poder de Deus para a salvação. Não é somente o cerne ou uma parte do que é

necessário, mas o todo. Para que ele tenha grande efeito sobre os homens, basta somente proclamá-lo. Ele não precisa de uma revisão para torná-lo relevante, uma adaptação para torná-lo compreensível ou uma defesa para validá-lo. Se nos levantarmos e o proclamarmos, ele fará a obra por si mesmo. Um único pregador que se livrou de toda a sua artilharia carnal e luta somente com a proclamação do evangelho, a obra da interseção e o labor do amor sacrificial fará mais pelo mundo que todas as estratégias e as inovações combinadas.

Embora tanto a Escritura como a história da igreja confirmem essa verdade, um estudo do evangelicalismo contemporâneo mostra que os evangélicos não mais creem nesta grande verdade. Soa bem em hinos antigos, mas, de fato, crer e aplicá-la pareceria um tanto ingênuo, para dizer o mínimo. Assim, muitos "modelos de igreja" de nossos dias parecem mais um parque de diversão sobre Jesus do que uma embarcação para Sião. Eles

não só oferecem um evangelho reduzido ou modificado, mas também promovem tantas outras atrações que o evangelho bíblico se torna difícil, senão impossível, de ser achado. O poder não mais reside em uma simples mensagem, mas na liderança arrojada, nas estratégias de ponta, na sensibilidade, na cultura e na habilidade de transformar a igreja em qualquer coisa que a cultura exigir.

Conforme nosso mundo se torna cada vez mais irreligioso e anticristão, o evangelicalismo corre sem rumo procurando por um remédio. Cuidadosamente estudamos os modismos da cultura e então fazemos as modificações necessárias no evangelho a fim de torná-lo relevante. Quando nossa cultura não mais deseja o que temos, damos o que eles desejam. Quando um certo modelo de ministério atrai uma multidão de homens carnais, escrevemos um guia explicando a estratégia para os outros seguirem. Contudo, em tudo isso, falhamos em ver que não estamos tornando o evangelho relevante. Estamos

apenas atendendo a uma cultura sem Deus, a fim de mantê-la dentro de nossas paredes. No fim das contas, o evangelho se foi, Deus não é honrado e a cultura vai para o inferno.

A igreja precisa de homens que irão se colocar diante das massas adversárias sem nada para ajudá-los ou defendê-los, exceto o evangelho e o Deus que prometeu trabalhar por meio dele. Quão pesada foi a armadura de Saul para Davi e quão ridículo Davi parecia nela? O grande peso dela minou sua agilidade e força. No entanto, ele tomou a decisão crucial de tirá-la e enfrentar o gigante com nada mais do que o nome do Senhor. Da mesma forma, devemos recusar as armaduras e as armas de Saul e ir para a batalha com nada mais do que as pedras lisas do evangelho. Devemos tomar essa decisão crucial de jogar fora os adereços, as estratégias e as técnicas astutas do evangelismo moderno, enfrentando os gigantes gêmeos da incredulidade e do ceticismo com Bíblias abertas e a mensagem

clara e sem comprometimentos de Cristo crucificado e ressurreto dos mortos. Então, veremos o poder de Deus manifesto na conversão genuína até mesmo dos piores pecadores. Há alguma coisa difícil demais para o Senhor[233]?

Agora que reconhecemos a depravação do homem e a impossibilidade de sua salvação por quaisquer meios mesmo remotamente associados com o braço da carne, podemos começar a apreciar a exultação de Paulo no poder do evangelho. Foi por essa razão que ele era capaz de adentrar o Areópago e declarar que um judeu crucificado era Deus do universo e Salvador do mundo[234]! Ele não precisava de argumentos persuasivos ou de uma fala eloquente. Ele sabia que as pessoas seriam convertidas se ele perseverasse em pregar esta mensagem singular de forma corajosa e clara[235]. Essa é a mesma confiança que sustentou William Carey e incontáveis outros missionários ao longo de muitos anos de aridez antes da colheita. O evangelho é o poder de Deus para a

salvação. As pessoas serão convertidas se ele for pregado!

UM EVANGELHO SALVADOR

Nas Escrituras, lemos que a salvação é o fim, ou alvo da fé[236]. O mesmo é verdade com respeito ao evangelho. Na avaliação de Paulo, o maior dom que o evangelho proporciona a um homem é a salvação de sua alma. Deus enviou seu Filho ao mundo para que o mundo fosse salvo por meio dele[237]. Ao longo das eras, a salvação foi o glorioso tema da igreja e o assunto de seus maiores hinos. Santos do passado viam a salvação não como um dos inúmeros benefícios do evangelho a serem considerados, mas como o grande benefício, o qual, quando recebido, tomava a vida de um crente de tal forma que ele não queria nada além disso. Salvação de si mesmo e do pecado, libertação da condenação e da ira, reconciliação com Deus e o conhecimento de Cristo são o suficiente!

Lamentavelmente, em décadas recentes, parece que a salvação perdeu algo de seu valor. Na opinião de muitos, a promessa da salvação não é uma motivação forte o suficiente para levar o pecador ao arrependimento ou o santo à verdadeira devoção, então precisamos adicionar muitas outras promessas para tornar o chamado do evangelho atrativo. Saúde e prosperidade, propósito e poder e o máximo dessa presente vida são as verdadeiras cartas do jogo do cristianismo contemporâneo. Na verdade, as próprias coisas que o púlpito promete e as pessoas nos bancos buscam são normalmente as próprias coisas que Jesus alertou que poderiam ser perdidas no decurso do verdadeiro discipulado[238]. De acordo com ele, um homem poderia ter que perder o mundo inteiro para ser salvo e, ainda assim, ele considerava uma barganha conseguir a salvação a um custo tão pequeno[239].

À luz do alto valor que a Escritura dá a salvação, por que sua promessa não mais impressiona por si

só a alma moderna? Por que outras promessas mais terrenas precisam ser adicionadas para tornar o evangelho mais atraente para o homem contemporâneo? Primeiro, é porque os homens não compreendem sua condição deplorável. Assim como um homem rico não vê razão para se regozijar ao lhe ser dado um mero pedaço de pão até que uma reviravolta na vida lhe deixe pobre, assim o pecador não acha alegria na salvação até que seja revelada a horrível natureza de seu pecado e ele se veja como um desgraçado, miserável, pobre, cego e nu[240]. Segundo, é porque os homens não entendem a perigosa situação em que se encontram. Um homem só estimará a salvação na proporção em que ele compreender algo dos terrores dos quais ele está sendo salvo. Uma clara visão do inferno e da ira de Deus dará ao homem uma apreciação mais apropriada da salvação oferecida pelo evangelho. Terceiro, é porque os homens não entendem o custo infinito que foi pago para lhes assegurar a salvação.

A redenção de uma alma é caríssima e muito além do que um homem possa pagar[241]. Somente Deus possui o valor a ser pago, e ele o pagou por completo com o precioso sangue do seu próprio Filho[242]. Pecadores que permanecem desinformados sobre a dignidade de Cristo têm pouca esperança de apreciar o que ele fez por eles no evangelho. Quarto, é porque os homens não regenerados são sempre assim. Cegos não encontram nenhuma beleza em um pôr do sol, surdos não são tocados nem pela mais bela sonata e bestas selvagens não apreciam a arte. De forma similar, homens carnais não regenerados e não convertidos são espiritualmente cegos e surdos à Palavra de Deus e servos de um coração bestial que prefere se alimentar de seu desejo animal a provar e ver que o Senhor é bom[243]. Por essa razão, Jesus exclamou que a menos que um homem nasça de novo ele não pode "ver" o reino dos céus, quanto mais estimar seu valor[244]. Por essa razão, pessoas carnais enchem

o rol de membros de nossas igrejas – pessoas que frequentam por toda sorte de motivos, menos Cristo e uma fome por justiça[245]. As promessas mais práticas e momentâneas que foram adicionadas ao evangelho tornam-no mais atraente para eles, que continuam na igreja enquanto recebem o que querem. Isso alimenta suas carnes de uma forma religiosa, mas suas almas continuam mortas para Deus e para a esperança de verdadeira salvação.

DEFINIDO SALVAÇÃO

O apóstolo Paulo escreve que o evangelho é poder de Deus para a salvação. Parece bem simples, mas, mais uma vez, há uma grande necessidade de definirmos nossos termos. O que Paulo queria dizer por *salvação*? Há um excesso de ideias conflitantes sobre esse assunto e seria errado presumir que temos todos a mesma opinião. A salvação conferida pelo evangelho é multifacetada, mas iremos nos preocupar com seus três temas primários: salvação

da condenação do pecado, do poder do pecado e, finalmente, da presença do pecado. Esses mesmos temas podem ser rearranjados em uma ordem temporal ou cronológica – passado, presente e futuro. Aquele que crê no evangelho foi salvo da condenação do pecado, está sendo salvo do poder do pecado e irá, finalmente, ser salvo da presença do pecado.

No tempo passado, o cristão foi salvo da condenação do pecado. As Escrituras ensinam que todos os homens estão condenados em Adão e por suas próprias obras pecaminosas[246]. Essa condenação toma lugar, em última instância, diante do trono de julgamento de Deus, onde o pecador será exposto, avaliado e exilado ao inferno[247]. Porém, para o cristão, o cenário é bem diferente. No momento em que um cristão se arrepende e crê no evangelho, sua posição diante de Deus mudou por inteiro e para sempre[248]. Ele foi justificado pela fé e obteve paz com Deus[249]. As Escrituras declaram:

“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”[250]

No tempo presente, o cristão está sendo salvo do poder do pecado. O Deus que começou a boa obra nele prometeu completá-la até o último dia, e limpá-lo de sua imundícia e de seus ídolos[251]. Nas Escrituras, Deus é o Deus que não só justifica, mas também santifica[252]. Cada cristão, sem exceção, é feitura de Deus[253]. Ele trabalha poderosa e efetivamente na vida de todo verdadeiro crente, dirigindo sua vontade e o capacitando para agir em conformidade com o que lhe agrada[254]. Essa obra de santificação é um elemento essencial da salvação e todo verdadeiro cristão entrou neste inescapável processo que é projetado, dirigido e capacitado por Deus. É uma verdade de longa data do evangelho que a maior evidência de termos sido justificados é que estamos sendo atualmente santificados. Temos segurança que Deus nos salvou da condenação do pecado porque ele está no presente momento nos

salvando de seu poder. Por causa da nossa fragilidade humana, esse processo é uma luta real e nosso avanço na santificação pode ser marcado por três passos para frente e um para trás. No entanto, durante o curso da vida de cada cristão haverá um avanço notável. Só um evangelho fraco e pervertido expõe a possibilidade de salvação sem santificação. Como as Escrituras declaram: "Segui... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor", e: "Se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos."[255]

No tempo futuro, o cristão será um dia salvo da presença do pecado e de sua influência corruptora. Nessa obra, duas coisas são requeridas. Primeiro, o cristão precisa ser transformado, sua carne corruptível precisa ser tirada e seu corpo redimido[256]. Isso acontecerá num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta, quando o corpo será ressurreto incorruptível e o mortal será

revestido pela imortalidade[257]. Segundo, um novo céu e uma nova terra devem ser preparados – a criação deve ser libertada da maldição e corrupção sob a qual geme para a liberdade da glória dos filhos de Deus[258]. Embora ainda no futuro, a fase final da salvação é tão certa quanto as outras duas. As Escrituras colocam desta forma: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou."[259]

O incomensurável poder de Deus se manifesta no evangelho. Nada menos do que o evangelho pode trazer um homem ao arrependimento e à fé. Nada menos do que o evangelho pode transformar um homem pecador em santo. Nada além do evangelho pode conduzir muitos filhos à glória[260]!

---

214. Salmos 51.3; Romanos 7.24

215. Romanos 5.6. A palavra *fracos* (ARA, NVI e outras traduções) vem da palavra em grego *asthenés*, que significa impotente, fraco, débil, sem forças, enfermo.

216. Marcos 10.24-27

217. Isaías 63.1: “Quem é este, que vem de Edom, de Bozra, com vestiduras tintas de escarlate? este que é glorioso no seu traje, que marcha na plenitude da sua força? Sou eu, que falo em justiça, poderoso para salvar.” Hebreus 7.25: “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, porquanto vive sempre para interceder por eles.”

218. Gênesis 1.3; Hebreus 11.3

219. Isaías 40.26

220. Êxodo 15.8

221. Miqueias 1.4

222. Jó 41.5

223. Daniel 4.35

224. Êxodo 32.11; Deuteronômio 9.29; 2 Reis 17.36; Neemias 1.10; Salmos 77.14-15

225. Êxodo 9.16

226. Salmos 106.8

227. Deuteronômio 8.16-17

228. Romanos 1.4

229. Romanos 1.20

230. Mateus 19.26

231. A corrupção moral permeia o corpo (Romanos 6.6, 12; 7.24; 8.10, 13), a razão (Romanos 1.21; 2 Coríntios 3.14-15; 4.4; Efésios

4.17-19), as emoções (Romanos 1.26-27; Gálatas 5.24; 2 Timóteo 3.2-4) e a vontade (Romanos 6.17; 7.14-15)

232. Romanos 1.18, 30; 5.10

233. Gênesis 18.14

234. Atos 17.22

235. Atos 17.34

236. 1 Pedro 1.9

237. João 3.17

238. Mateus 16.24-26

239. Marcos 8.36-37

240. Apocalipse 3.17

241. Salmos 49.8

242. 1 Pedro 1.18-19

243. Salmos 34.8

244. João 3.3

245. Mateus 5.6

246. Romanos 5.12-19; 3.23

247. Apocalipse 20.11-15

248. Marcos 1.15

249. Romanos 5.1. A palavra *justificado* é um termo legal ou forense. Ser justificado significa que alguém foi legalmente declarado justo diante de Deus não por seu próprio mérito ou virtude, mas pelo mérito e virtude de Jesus Cristo e de sua morte no Calvário.

250. Romanos 8.1

251. Filipenses 1.6; Ezequiel 36.25

252. 1 Tessalonicenses 5.23

253. Efésios 2.10

254. Filipenses 2.13

255. Hebreus 12.14, 8. A palavra *correção* se refere a intervenção de Deus na vida do crente para treiná-lo em santidade.

256. 1 Coríntios 15:50; Romanos 8.23

257. 1 Coríntios 15.52-53

258. Apocalipse 22.3; Romanos 8.21-22

259. Romanos 8.30

260. Hebreus 2.10

C A P Í T U L O 9

Um evangelho para todo aquele que crê

[...] ...de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.

— Romanos 1.16

A chamada do evangelho é universal. A obra redentora de Cristo não aconteceu em um canto remoto do planeta, mas no próprio centro religioso do mundo[261]. A notícia de sua morte e ressurreição se espalhou rapidamente por todo mundo conhecido[262]. Ademais, Cristo não veio para salvar somente certo grupo populacional, mas ele derramou seu sangue para redimir pessoas de todas

as tribos, línguas, povos e nações[263]. As profecias do Antigo Testamento declaravam que o Messias receberia as nações como herança e a Grande Comissão é o desenvolvimento dessa promessa[264]. Cristo convocou sua igreja para ir por todo mundo e pregar o evangelho a toda criatura. Aqueles que crerem e mostrarem sua fé por sua pública identificação com Cristo no batismo serão salvos, mas aqueles que não crerem serão condenados[265].

SALVAÇÃO PARA TODO AQUELE QUE CRÊ

Tanto o Antigo como o Novo Testamento dão um testemunho completo de que os homens só podem receber os benefícios do evangelho por meio da fé. O credo de Habacuque é a fundação de toda religião verdadeira: "O justo viverá pela sua fé."[266] Essas palavras são a chave para a salvação e a centelha de qualquer verdadeiro avivamento da religião. Sem essas palavras, a porta da salvação está

hermeticamente fechada. A única senha para a glória é “eu creio”. Paulo evidencia isso em uma passagem que é notória por sua redundância: “Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.”

A salvação não é pelas obras por duas razões fundamentais. Primeiro, o homem não tem nenhuma obra para mostrar. Não há nada em sua vida que mereça salvação, mas tudo que exige a condenação de um Deus santo. É o testemunho da Escritura de que não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que faça o bem[267]. Na verdade, o melhor do labor humano e suas maiores obras de altruísmo não são nada mais que trapo da imundícia diante de Deus[268]. Essas verdades devastam o orgulho do homem, mas devem ser pressionadas contra sua consciência, a fim de extinguir qualquer esperança

de autopromoção diante de Deus e esmagar qualquer expectativa de obtenção de alguma conquista ou favor divino mediante a força de seu próprio braço. Um homem vem a Deus pela fé somente, após ter percebido sua desamparada condição e clamado com o antigo compositor de hinos: "Nada em minhas mãos eu trago, somente à tua cruz me agarro".[269]

Segundo, a salvação não é pelas obras, pois isso não glorificaria a Deus; isso lhe faria um devedor obrigado a recompensar a suposta virtude da criatura. Salvação pelas obras não é nada além de humanismo vestido de religião. É o homem mitológico erguendo-se do pó pela própria força de sua vontade de superar todas as adversidades e adquirir o prêmio. Por outro lado, a fé é a verdadeira religião. É o homem como ele é, "perdido e arruinado pela queda", esvaziado de qualquer confiança própria e esperando na fiel promessa de um Deus salvador[270]. No épico drama

da salvação pela fé, Deus é o herói, e só a ele louvamos grandemente. Assim como está escrito: “Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória”, e: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”[271].

Dado que a salvação é pela fé somente, faz-se imperativo que entendamos algo sobre o que é a fé. Afinal, todos os demônios creem e até tremem, e em seu tremor mostram mais piedade que alguns homens que professam ter fé salvadora[272]. De acordo com as Escrituras, a fé é estar plenamente convicto de que o que Deus prometeu, ele é poderoso para cumprir[273]. Com respeito ao evangelho, significa que o pecador arrependido se voltou de toda vã esperança na carne e lançou a si mesmo em Cristo somente. Ao fazer isso, ele se torna plenamente assegurado de que a morte de Cristo fez expiação pelo seu pecado e o reconciliou com Deus. É isso que é a fé, mas como podemos saber que é essa fé que temos? Quais são as

evidências da verdadeira fé salvífica? Como ela é validada? Felizmente, as Escrituras não nos abandonam a nós mesmos nesse assunto. O apóstolo Tiago responde nossas perguntas com simplicidade e clareza marcantes: “Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.”[274] É uma grosseira má interpretação do texto sequer sugerir que Tiago possa estar promovendo a salvação pelas obras. Seu argumento não é que as obras resultem na salvação, mas ao contrário, que toda verdadeira salvação resulta em obras. Em outras palavras, a obra, ou o fruto da vida de uma pessoa, é a evidência de ela ter sido realmente salva pela fé.

Esse ensino não é exclusivo de Tiago. João Batista exortou as pessoas dizendo: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento.” Jesus alertou: “Pelos seus frutos os conhecereis... Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas

aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus."[275] Paulo ensinou aqueles que professavam fé em Cristo a "examinarem" e "testarem" suas vidas a procura de evidências ou provas de sua fé[276]. Ademais, ele alertou sobre homens que professavam conhecer a Deus, apesar de o negarem com suas obras[277]. Finalmente, Pedro admoesta seus leitores a serem diligentes em confirmar a sua "vocação e eleição" examinando suas vidas atrás de evidências de crescimento em virtude cristã ou em conformidade com o caráter de Cristo[278]. Desses e outros textos, podemos corretamente concluir que a salvação vem a todo aquele que crê. Contudo, a vida de um homem prova a validade de sua confissão de fé.

Antes de deixarmos esta breve discussão a respeito do evangelho de Cristo e da salvação pela fé somente, devemos tratar de um assunto muito importante. As Escrituras não só ensinam que o evangelho é *para* todo aquele que crê, mas também

avisa que o evangelho é *contra* todo aquele que não crê. Jesus explicou desta forma: "Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus... quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus."[279] Quão importante é ver o quadro completo! O evangelho é uma moeda com perdão e vida de um lado e condenação e morte no outro. Não é "salvação para todos", mas somente para "todo aquele que crê". Para os demais, o evangelho é uma sentença de morte, um constante lembrete de que eles estão condenados diante de Deus e que a ira de Deus permanece sobre eles. Por essa razão, o mundo incrédulo odeia o evangelho e faz tudo em seu poder para suprimir ou restringir suas verdades[280]. Por essa razão, o incrédulo detesta os mensageiros do evangelho e busca silenciá-los. Os mensageiros do evangelho são como farpas em seus olhos e espinhos

em suas costas[281]. Eles são os "perturbador[es] de Israel" e aqueles que "têm transtornado o mundo"[282]. Embora sejam fragrância de vida para os crentes, são cheiro de morte para todos os outros[283].

UM EVANGELHO PARA TODOS

Ao longo da história do Antigo Testamento, dois grupos distintos compunham o mundo: os descendentes de Abraão e todos os outros. Aqueles eram israelitas, os quais receberam a adoção como filhos, as alianças, a lei, o templo e as promessas[284]. Estes eram os gentios, que experimentaram a vaidade de pensamento, a dureza de coração e a exclusão da vida de Deus[285]. Eles eram polos opostos, com quase nada em comum a não ser sua humanidade. Contudo, em uma terrível tarde de sexta-feira tudo mudou, pois o Salvador de ambos os povos inclinou sua cabeça e entregou sua vida. Por meio dele, multidões de judeus e gentios foram

unidos como um homem e reconciliados com Deus[286]. Como está escrito: “E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe [gentios] e paz também aos que estavam perto [judeus].”[287]

Na morte de Cristo, a porta da salvação foi aberta a todos os povos. O fato de que Deus não estava constrangido de forma nenhuma a providenciar salvação para ninguém, engrandece essa incrível demonstração de sua graça. Se ele tivesse abandonado o homem em seu apuro e deixado todo filho de Adão correr impetuosamente para o inferno, ele teria sido justo e sua reputação teria se mantido imaculada. Se ele tivesse enviado um Salvador somente para Israel e deixado os gentios em seu exílio autoimposto, nenhuma acusação teria sido feita contra seu trono. Os anjos foram feitos de matéria melhor do que os homens, mas Deus os preteriu e os abandonou a sua própria destruição[288]. Ele poderia ter feito o mesmo conosco! Ele não devia um Salvador ao mundo!

Alguém poderia questionar a utilidade de se discutir um assunto tão sombrio e perturbador. Todavia, é somente à luz de tais verdades que somos capazes de apreciar a graça que nos foi dada no evangelho. Somos uma raça caída e pecadora. Tomamos nossa decisão, declaramos a nossa independência e traçamos o nosso próprio percurso rumo à destruição. Não havia virtude em nós para que ele nos buscasse, nem havia nada de valor em nós para que ele nos redimisse. Sua glória não seria diminuída e a criação não sofreria nenhuma perda se ele tivesse simplesmente nos deixado correr nosso caminho direto para o inferno, sem a mínima intervenção. Todavia, ele abriu as portas da salvação a toda tribo, língua, povo e nação por um preço muito alto: o precioso sangue de seu único Filho[289]!

Embora o evangelho seja para todos, é digno de nota que ele seja primeiro para os judeus e depois para os gentios. Essa é uma das muitas demonstrações da soberania de Deus que percorre

toda a extensão da história bíblica. Isso demonstra que Deus lida com o homem de acordo com seu caráter e escolha, e não de acordo com o mérito do recipiente[290]. Deus escolheu Israel e o colocou em primeiro lugar, acima de todas as nações da terra – não por causa de qualquer mérito encontrado neles, mas de acordo com seu bom propósito e amor soberano.

Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava[291].

A única explicação para o amor especial de Deus por Israel deve repousar no próprio Deus: ele os amou porque ele os amou[292]. Nenhum mérito impeliu seu amor. Ele não achou algo nos judeus que faltava nos gentios. Um não era melhor que o

outro. O apóstolo Paulo comprova isso quando pergunta: “Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado.”[293] Deus escolher manifestar sua salvação para Israel pela mesma razão que ele escolheu abrir as portas da salvação para os gentios – porque foi agradável aos seus olhos. Ele nos amou porque nos amou – não por causa do mérito ou da dignidade humana, mas apesar de nossa total falta de ambos. Ele poderia ter nos abandonado a nós mesmos. Ele poderia ter nos entregado à concupiscência de nossos próprios corações e à prática de toda sorte de impurezas[294]. Ele poderia ter estendido a proibição: “Não se dirijam aos gentios”[295]. Porém, de acordo com seu bom prazer, e para demonstração de grande misericórdia, o chamado do evangelho se estende às extremidades da terra. As Escrituras dão testemunho abundante dessa grande e gloriosa verdade: “O povo

que vivia nas trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz."[296] "Eis o meu servo, a quem escolhi, o meu amado, em quem tenho prazer... ele anunciará justiça às nações... Em seu nome as nações porão sua esperança."[297] "Eu fiz de você luz para os gentios, para que você leve a salvação até aos confins da terra." E também diz: "Cantem de alegria, ó gentios, com o povo dele."[298]

O chamado universal do evangelho é uma grande parte de sua beleza. Deus se preocupou em tomar um povo entre os judeus e entre os gentios, abrindo uma grande porta de fé para todo aquele que quiser – grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre[299]. Por meio do evangelho, a esperança dos gentios pode ir muito além à daquela mãe siro-fenícia, que implorou para se alimentar das migalhas que caiam da mesa de Israel[300]. Pela fé, o maior dos pecadores do povo mais indisposto e vil

pode agora se sentar à Mesa do Senhor e comer como um filho.

Deus oferece o evangelho livremente tanto a judeus como a gentios e isso recorda mais uma verdade que precisamos expor antes de deixarmos este assunto: o evangelho que salva o judeu é o mesmo que salva os gentios. Embora devamos estar cientes das diferenças entre as culturas, não devemos permitir que a cultura molde nosso evangelho ou dite a forma de comunicá-lo. Nosso ponto de partida deve sempre ser as Escrituras. A Bíblia somente nos fala o que é o evangelho e como ensiná-lo aos homens. Consequentemente, devem ser o exegeta (alguém que se dedica à interpretação das Escrituras) e o teólogo entre nós os responsáveis por moldar nossa mensagem, não o antropólogo, o sociólogo, o missiólogo ou o especialista em crescimento de igreja.

Os últimos anos mostraram uma crescente preocupação com a sensitividade cultural e a

necessidade de adaptar a mensagem do evangelho a circunstâncias culturais específicas. A grande maioria dos evangélicos parece estar convencida de que o evangelho bruto e primitivo não funcionará e que o homem se tornou, de alguma forma, muito complexo ou muito simples para ser salvo e transformado por tal mensagem. Há agora mais ênfase em compreender e atender à cultura do que em compreender e proclamar essa única mensagem que tem poder de salvá-la.

Precisamos recuperar a nossa posição nas Escrituras até que novamente nasça em nós a convicção de que somente o evangelho é o poder de Deus para a salvação. Embora seja verdade que é uma mensagem escandalosa e incompreensível, também é verdade que é a única mensagem por intermédio da qual Deus prometeu salvar o homem caído. Revisar ou reembalar o evangelho na esperança de fazer um impacto maior sobre cada cultura específica é perverter a verdade do

evangelho, diminuir seu poder e deixar o mundo sem a única mensagem que tem o poder para salvá-lo!

---

261. Atos 26.26

262. Colossense 1.5-6

263. Apocalipse 5.9

264. Salmos 2.8

265. Marcos 16.15; Mateus 28.18-20

266. Habacuque 2.4; Romanos 1.17

267. Romanos 3.10-12

268. Isaías 64.6

269. Augustus M. Toplady, "Rock of Ages" [Rocha Eterna, tradução livre], 1775.

270. Joseph Hart, "I Will Arise and Go to Jesus" [Levantar-me-ei e irei a Jesus, tradução livre], 1759.

271. Salmos 115.1; 1 Coríntios 1.31; Romanos 3.27

272. Tiago 2.19

273. Romanos 4.21

274. Tiago 2.18

275. Mateus 3.8; 7.16, 21

276. 2 Coríntios 13.5

277. Tito 1.16

278. 2 Pedro 1.5-10
279. João 3.18, 36
280. Romanos 1.18
281. Números 33.55
282. 1 Reis 18.17; Atos 17.6
283. 2 Coríntios 2.15-16
284. Romanos 9.4-5
285. Efésios 4.17-19
286. Efésios 2.13-16
287. Efésios 2.17
288. Hebreus 2.7
289. Apocalipse 5.9; 1 Pedro 1.18-19
290. Romanos 9.15-16
291. Deuteronômio 7.6-8
292. Deuteronômio 7.8
293. Romanos 3.9
294. Atos 14.16; Romanos 1.24, 26; Efésios 4.17-19
295. Mateus 10.5
296. Mateus 4.16
297. Mateus 12.18, 21
298. Romanos 15.10
299. Atos 15.14; 14.27; Colossenses 3.11
300. Marcos 7.28

PARTE 3

----------◆----------

A acrópole da Fé Cristã *Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em*

Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação

da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé.

— Romanos 3.23-27

C A P Í T U L O 1 0

Enfatizando o Pecado

Pois todos pecaram.
— Romanos 3.23

O centro do evangelho é a morte de Cristo, e Cristo morreu pelo pecado. Portanto, não pode haver uma proclamação do evangelho sem um tratamento bíblico do pecado. Isso inclui explicar sua natureza hedionda e expor os homens como pecadores. Embora o tema do pecado esteja de certa forma fora de moda, mesmo em alguns círculos evangélicos, qualquer consideração honesta da Escritura no que se refere à cultura contemporânea demonstrará que ainda há uma necessidade de enfatizá-lo.

É crítica a necessidade de uma clara comunicação sobre o pecado, já que vivemos em uma geração nascida e cultivada por ele[301]. Somos pessoas que bebem iniquidade como água e não podemos discernir nossa condição caída, como um peixe que não sabe que está molhado[302]. Por isso, devemos nos empenhar em redescobrir a visão bíblica do pecado e da pecaminosidade do homem. Nosso entendimento de Deus e do evangelho depende disso.

Como despenseiros do evangelho de Jesus Cristo, fazemos um desserviço aos homens quando tratamos levianamente o pecado, contornando-o ou evitando-o completamente. Os homens possuem só um problema: eles estão sob a ira de Deus por causa de seus pecados[303]. Negar isso é negar uma das doutrinas mais fundamentais do cristianismo. Não é falta de amor dizer aos homens que eles são pecadores, mas é a forma mais grosseira de imoralidade *não* lhes contar. Na verdade, Deus

declara que o sangue deles estará em nossas mãos se não os alertarmos de seus pecados e do juízo vindouro[304]. Tentar pregar o evangelho sem fazer do pecado um problema é como tentar curar superficialmente a ferida do povo, dizendo: “Paz, paz”, quando não há paz[305].

O livro de Romanos é o mais próximo de uma teologia sistemática que temos nas Escrituras. Nessa carta, o apóstolo Paulo demonstra sua teologia à igreja de Roma. Ele procurou prepará-los para sua vinda e esperava que eles se juntassem a ele em sua expedição missionária até a Espanha[306]. É extremamente importante notar que os primeiros três capítulos dessa carta, com a exceção de uma breve introdução, são dedicados a *hamartiologia*, ou a doutrina do pecado[307]. Por três capítulos, o apóstolo labuta com todo seu intelecto e sob a inspiração do Espírito para alcançar um único e sublime propósito: provar a pecaminosidade do homem e condenar o mundo inteiro!

É comum que cristãos insistam que Deus não nos deu um ministério de condenação e morte, mas de justiça, reconciliação e vida[308]. Isso é muito verdadeiro, mas não significa que não devamos falar bastante sobre o pecado ou usar as Escrituras para trazer os homens sob a convicção do Espírito com respeito a seu pecado. É verdade que não há condenação "em Cristo Jesus", mas também não há nada a não ser condenação fora dele[309].

As Escrituras nos dizem que a lei não foi dada como um meio de salvação, mas como um instrumento para expor tanto a vileza do pecado (i.e., "a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno") como a pecaminosidade do homem (i.e., "todo o mundo seja culpável perante Deus")[310]. Embora, hoje, raramente usemos a lei para tal propósito, não há nenhuma evidência no Novo Testamento de que o ministério da lei não deva continuar a ser uma parte essencial de nossa proclamação do evangelho. Os antigos pregadores

chamavam-no de lavrar o terreno não lavrado, revirando rochas e abrindo cortinas[311]. Eles viram a necessidade de colocar o homem diante do espelho da lei de Deus para que vissem sua condição e clamassem por misericórdia. É claro, isso não deve ser feito com um espírito de orgulho ou arrogância e não devemos lidar com as pessoas de forma áspera. Deus não nos chamou para sermos pessoas agressivas ou ofensivas, mesmo que a verdade que pregamos com toda humildade possa ser uma grande ofensa para muitos.

O ministério do apóstolo Paulo não tinha como alvo a condenação, mas há um sentido bem real em que devemos laborar para condenar os homens na esperança de que eles possam reconhecer sua completa ruína moral e se voltarem para Cristo em arrependimento e fé. No livro de Romanos, Paulo se propõe primeiro a provar a corrupção moral de todo o mundo, a hostilidade para com Deus e a absoluta recusa em se submeterem à verdade que

conhecem[312]. Então, ele volta sua atenção para o judeu, para provar que, embora abençoado de uma forma única pela dádiva da revelação especial, ele é tão culpado diante de Deus quanto o gentio[313]. Finalmente, ele conclui sua argumentação apresentando algumas das acusações mais diretas e ofensivas contra o homem que se encontram na Escritura[314]. Qual é seu propósito? Ele nos relata em seu argumento final: "Para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus."[315]

Assim como Jeremias antes dele, Paulo não havia sido chamado somente para "edificar ou plantar", mas também para "arrancar e derribar, destruir e arruinar"[316]. Ele estava, em suas próprias palavras, destruindo "argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus"[317]. Sob o ministério do Espírito Santo e por meio das Escrituras, Paulo se esforçou para acabar com a esperança do moralista pagão, do judeu religioso e de todos os outros. Ele escreveu e pregou para calar

a boca dos homens, para que eles nunca mais se vangloriassem da própria justiça ou se desculpassem pelo pecado. Ele lhes tirava qualquer outra esperança, a fim de que eles se voltassem para Cristo.

Era o apóstolo Paulo meramente um homem irado e amargurado com uma arma apontada contra a humanidade? Não! Ele amava a humanidade, a ponto de derramar sua vida como oferta de bebida, e até desejou ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de seus irmãos judeus[318]. Paulo pregou contra o pecado pela mesma razão que um médico trabalha para diagnosticar a doença de um paciente, estando disposto a relatar mesmo a pior notícia. É um trabalho de amor pela salvação do ouvinte. Qualquer outra reação de um médico ou de um pregador seria imoral e desamorosa.

Pode ser apropriado neste momento perguntarmo-nos se nossa pregação do evangelho possui tal propósito. Amamos o suficiente a fim de pregar a

verdade, expormos o pecado e confrontarmos os nossos ouvintes? Possuímos uma compaixão bíblica que fala aos homens a verdade, na esperança de que seus corações sejam quebrantados debaixo do peso de seu pecado e de que olhem para Cristo somente? Estamos dispostos a ser mal compreendidos e difamados para que a verdade seja dita e os homens salvos? Parece haver uma crescente convicção, mesmo entre os evangélicos, que o homem ocidental contemporâneo já carrega tantos problemas psicológicos e fardos de culpa que não devamos ousar pressioná-los mais, sob o risco de esmagá-los. Tal visão falha em reconhecer que há uma tremenda diferença entre problemas psicológicos e o arrependimento bíblico que leva à vida. O caráter do homem moderno se tornou frágil porque ele é egocêntrico e vive em rebelião contra Deus. Ele está sobrecarregado pela culpa porque ele *é* culpado. Ele precisa da Palavra de Deus para expor seu pecado e

levá-lo ao arrependimento. Somente assim haverá um quebrantamento bíblico que leva à vida.

A forma como Deus lidou com a nação de Israel provê um maravilhoso exemplo dessa verdade. Pelo profeta Isaías, Deus descreveu a condição de Israel nas seguintes palavras: "Por que haveis de ainda ser feridos, visto que continuais em rebeldia? Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo."[319] A nação de Israel estava tão fraturada e debilitada quanto alguém pode imaginar, mesmo assim Deus tratou com eles, para o bem deles, apontando seus pecados e os chamando ao arrependimento. Ele usou muitas palavras duras contra eles, mas cada uma delas era necessária para expor seus pecados e tirá-los dessa condição. "Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade, raça de malignos, filhos corruptores;

abandonaram o SENHOR, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás."[320] E também: "Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã. Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra."[321]

Identificar a mazela e explicar sua seriedade são sempre os primeiros passos para achar a cura. Um homem que não sabe que está com câncer não buscará a ajuda da medicina, e um homem não fugirá de uma casa em chamas a menos que saiba do fogo. Na mesma medida, um homem não buscará a salvação até que ele saiba que está completamente perdido, e não buscará correr para Cristo até que ele saiba que não há outro meio de salvação. Os homens precisam que lhes seja dito sobre seu pecado antes de reconhecerem-no; eles devem ser informados do perigo antes de fugirem; e devem ser

convencidos de que a salvação se encontra somente em Cristo antes de abandonarem toda esperança de justiça própria e correrem para ele.

À luz das verdades mencionadas, é chocante que muitos dentro da comunidade evangélica não estejam ressaltando o pecado. Parece, inclusive, haver um esforço consciente para desencorajar tal pregação taxando-a como negativa e destruidora, mesmo sendo este o ministério primário do Espírito Santo: "Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado."

De acordo com o Senhor Jesus Cristo, Deus enviou o Espírito Santo ao mundo para convencer os homens do pecado, da justiça e do juízo. Expor o pecado à luz e convencer o pecador a arrepender-se é um dos seus principais ministérios. Não devemos nós, como ministros do evangelho, ter o mesmo

objetivo? Não deve nossa pregação refletir o mesmo trabalho? É possível evangelizar no poder do Espírito Santo enquanto negamos trabalhar com o Espírito nesse ministério essencial? Embora o Espírito Santo não dependa de instrumentos humanos, Deus ordenou que os homens chegassem à convicção do pecado, ao arrependimento e à fé salvadora pela pregação[322]. Porém, como pode o Espírito usar nossa pregação se não estamos dispostos a expor o pecado e convocar os homens ao arrependimento? As Escrituras nos ensinam que a espada do Espírito é a Palavra de Deus, mas se o ministro de Deus usa com relutância a espada para convencer os homens do pecado, isso não irá extinguir tanto o ministério como a pessoa do Espírito Santo[323]? Não devemos temer em seguir o exemplo do Espírito de lidar com o pecador. Se ele considera necessário convencer os homens do pecado, devemos nos juntar a ele nessa obra. Os pregadores e as igrejas que encontraram um

caminho “melhor” não possuem nenhum fundamento para acharem que o Espírito de Deus está trabalhando entre eles para levar as pessoas a Cristo.

Antes de concluirmos este capítulo, é importante fazer uma nota final. A grande razão de ressaltar o pecado é porque isso exalta o evangelho. Você não pode ver a beleza das estrelas no céu do meio-dia porque a luz do sol as ofusca. Entretanto, após o pôr do sol, quando o céu se torna escuro como breu, você pode ver as estrelas no pleno vigor do seu esplendor. Assim é com o evangelho de Jesus Cristo. Só podemos ver sua verdadeira beleza tendo o pano de fundo do nosso pecado. Quanto mais sombrio parece o homem, mais forte o evangelho brilha.

Parece que os homens nunca notam a beleza de Cristo ou consideram sua dignidade até que vejam a hedionda natureza de seus pecados e a si mesmos como absolutamente destituídos e carentes de qualquer mérito. Há incontáveis testemunhos de

cristãos ao longo das eras que nunca tinham estimado a Cristo até o dia em que o Espírito Santo veio e os convenceu do pecado, da justiça e do juízo. Depois que a escuridão implacável de seus próprios pecados os envolveu, Cristo apareceu como a estrela da manhã e se tornou precioso para eles[324].

É impressionante como verdadeiros crentes em Jesus Cristo saem cheios de alegria e de um novo zelo para seguir a Cristo quando ouvem um sermão sobre a depravação do homem. Não é porque eles consideram levianamente o pecado ou encontram alguma satisfação em seu antigo estado pecaminoso. Antes, a verdade os enche de alegria indizível porque nas maiores trevas eles conseguem ver Cristo melhor! Roubamos dos homens uma grande visão de Deus porque não lhes damos uma visão humilhada de si mesmos.

---

301. Salmos 51.5; 58.3

302. Jó 15.16

303. João 3.36

304. Ezequiel 33.8

305. Jeremias 6.14

306. Romanos 15.23-24

307. *Hamartiologia* deriva da palavra grega *hamartía,* que significa pecado, e *logos*, que significa "palavra" ou "discurso". Hamartiologia é literalmente um discurso sobre o pecado.

308. Romanos 8.1; 5.18

309. Esta afirmação está baseada em 2 Coríntios 3.7-9 e 2 Coríntios 5.17-18

310. Romanos 7.13; 3.19

311. Jeremias 4.3; Oséias 10.12

312. Romanos 1.18-32

313. Romanos 2.1-29

314. Romanos 3.1-18

315. Romanos 3.19

316. Jeremias 1.10

317. 2 Coríntios 10.5 NVI

318. Filipenses 2.17; Romanos 9.3

319. Isaías 1.5-6

320. Isaías 1.4

321. Isaías 1.18-19

322. 1 Coríntios 1.21

323. Efésios 6.17

324. 2 Pedro 1.19; Apocalipse 22.16

C A P Í T U L O 1 1

Enfatizando a Deus

Pois todos pecaram.
— Romanos 3.23

Pequei contra ti, contra ti somente.
— Salmos 51.4

O veredito divino contra o homem nos textos acima terá pouco significado para uma cultura que ri do pecado e o abraça como se fosse uma virtude. Nossa cultura chama o mal de bem e obem, mal; substituímos trevas por luz e luz por trevas[325]. Para conter a maré, devemos pregar de uma forma que demonstre aos homens a gravidade do seu pecado. O melhor método para alcançar este objetivo é o ensino não só da visão bíblica do homem, mas

também da visão bíblica de Deus. Para compreender a natureza hedionda do pecado que cometem, os homens precisam entender a visão exaltada que as Escrituras têm sobre Aquele contra quem estão pecando. Se o infiel mais valente e endurecido entendesse sequer a menor parte de quem Deus é, ele entraria em colapso imediatamente sob o peso do seu pecado.

Quando o pecado é mencionado em nosso contexto contemporâneo, é sempre o pecado contra o homem, o pecado contra a sociedade ou até mesmo o pecado contra a natureza, mas raramente nossa cultura cogita o pecado contra Deus. Em contraste, as Escrituras veem todo pecado, em última instância e supremamente, contra Deus. O rei Davi traiu a confiança de seu povo, adulterou e até mesmo orquestrou o assassinato de um homem inocente, mas quando a repreensão de Natã, o profeta, finalmente o levou ao arrependimento, ele clamou em confissão a Deus: “Pequei contra ti,

contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos.”[326]

Desse texto, aprendemos duas verdades importantes. Em primeiro lugar, embora o pecado possa ser cometido contra nossos semelhantes e até mesmo contra a própria criação, todo o pecado é antes de tudo contra Deus. Em segundo lugar, o pecado é abominável não apenas por causa da devastação que pode recair sobre outros homens ou sobre a criação como um todo, mas principal e especialmente porque é um crime cometido contra um Deus infinitamente glorioso, que é digno do mais perfeito amor, devoção e obediência. Portanto, quanto mais um homem compreende algo da glória e da supremacia do Deus contra quem pecou, mais compreenderá a natureza atroz de seu pecado. Um verdadeiro conhecimento de Deus levará os homens a tratar até mesmo a menor infração da lei de Deus como um crime abominável, mas uma ignorância de

Deus os levará a tratar o pecado como uma pequena questão de pouca importância.

É um ponto fundamental da fé cristã que o verdadeiro conhecimento de Deus é essencial, se desejamos ter uma visão correta da realidade. Uma visão errada sobre Deus levará a uma visão errada de todo o resto. Isto é particularmente verdadeiro no que diz respeito ao pecado. No Salmo 50, Deus despreza o povo de Israel por ter esquecido ou rejeitado as verdades mais essenciais sobre seu caráter. Eles chegaram a acreditar que Deus era como eles – apático e indiferente à injustiça[327]. A visão errada de Deus que eles possuíam os levou a uma visão errada sobre o pecado. Eles jogaram fora toda restrição moral e perverteram seu andar, sem medo ou vergonha. Sua rebelião os levou à destruição. Eles morreram por falta de conhecimento[328]. É por essa razão que o profeta Jeremias declarou que o verdadeiro conhecimento de Deus era mais valioso do que todos os outros

méritos, virtudes ou bênçãos: “Assim diz o SENHOR: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR.”[329]

Não é exagero dizer que há repleta ignorância dos atributos de Deus nas ruas e nos bancos das igrejas. As pessoas podem ter algumas opiniões quase bíblicas sobre Deus em certos pontos, mas a grande maioria foi totalmente enganada com relação ao pecado e à disposição de Deus contra ele. Os homens podem dizer coisas grandiosas sobre o amor, a compaixão e a misericórdia de Deus, mas eles suspeitosamente fazem silêncio sobre sua santidade, justiça e soberania. Por causa disso, a maioria das pessoas sustenta uma visão pobre sobre Deus e está cega para a verdadeira natureza de seu pecado.

Na pregação do evangelho, devemos expor a malignidade do pecado disseminando o verdadeiro conhecimento de Deus. Devemos proclamar todo o conselho da Escritura a respeito de todos os seus atributos, especialmente aqueles que são menos populares e palatáveis para o homem carnal: a supremacia, a soberania, a santidade, a justiça e o amor de Deus.

A SUPREMACIA DE DEUS

Temos de encarar a era deturpada em que vivemos, na qual o homem se fez a medida de todas as coisas. O humanista secular olha para baixo e vê que ele é o ponto mais alto na escala evolutiva. Ele olha para cima e não encontra nada. Assim, ele é o rei por definição, o determinador de seu próprio destino, o criador das regras e o zelador do planeta. Uma vez que ele não tem alguém maior com quem se comparar, ele vive uma ilusão, sem saber que, em seu melhor estado, ele é um nariz com fôlego e

vaidade e um vapor que aparece por um momento[330].

O humanista religioso não é muito melhor do que sua contraparte secular, mesmo que vista trajes evangélicos[331]. Seu senso elevado de sua própria importância, junto com as influências da psicologia moderna de autorrealização e autossatifação, têm sido devastador. Para piorar a situação, os próprios pregadores, chamados para expor tal erro na igreja, estão agora o promovendo. Embora grande parte de seu ensino sobre Deus seja ortodoxo, eles tornaram a glória de Deus serva das necessidades do homem, de tal forma que agora Deus existe para o homem e não o contrário. Além disso, os propósitos e o eterno prazer de Deus são agora vistos como tão dependentes e entrelaçados com o bem do homem que já não podem ser cumpridos ou satisfeitos sem nós. Embora essas declarações possam parecer exageradas, uma consideração honesta do que a

comunidade evangélica está comunicando de fato para o mundo demonstrará que não são.

Essa tendência humanista no cristianismo contemporâneo tem tido um efeito desastroso sobre o Evangelho que pregamos para o mundo. Nossa visão pobre sobre Deus, que impreterivelmente se manifesta em nossas pregações, tem permitido que nossos ouvintes continuem em sua alta visão herética de si mesmos, impedindo-os de temer ao Senhor, desejar a sua pessoa ou encontrar seu bem maior e sua satisfação na exaltação de glória divina. Caímos tão longe em nosso pensamento e em nossa proclamação, que a resposta para a primeira e maior questão em nossos catecismos mais ortodoxos e respeitados é tudo, menos conhecida pela grande maioria dos evangélicos: "Qual é o fim supremo e principal do homem? O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre."

À luz de todo o barulho e confusão, o que pode ser feito? O percurso que devemos trilhar é tão

simples quanto será difícil. Devemos nos empenhar em proclamar os atributos de Deus da forma como são encontrados nas Escrituras – o original, sem cortes, sem edição e sem os filtros das filosofias humanistas de nossa época. Deus não precisa de nós para defender seu nome. Se o proclamarmos como ele se revela nas Escrituras, ele se defenderá[332]! Devemos nos colocar diante de homens egocêntricos, desafiar suas crenças e direcionar seus olhos para cima por meio da proclamação da verdade. Devemos lhes dizer que o Senhor é o único Deus, eterno, imortal e invisível, "o Altíssimo sobre toda a terra"[333]. Devemos adverti-los de que as nações são como um pingo que cai de um balde diante dele e ele as considera como um grão de pó na balança[334]. Devemos levá-los à conclusão de que a Ele pertencem a grandeza, o poder, a glória e a majestade, de fato tudo o que está em cima nos céus e embaixo na terra[335]. Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas[336]. Devemos anunciar

com a maior clareza e precisão que este é o Deus contra quem pecamos, e é porque Ele é tão grande que o nosso pecado é tão maligno.

A SOBERANIA DE DEUS

Sem dúvida, o homem carnal vê a soberania de Deus como seu atributo menos palatável. Isso é especialmente verdadeiro no ocidente moderno, onde o individualismo, a autonomia e a democracia são temas sagrados, direitos inerentes e verdades autoevidentes. Embora esses sejam temas nobres, que devem definir e limitar o governo do homem sobre o homem, devemos estar constantemente vigilantes contra presumir que Deus é tão limitado no exercício do seu governo. As Escrituras manifestamente declaram que o Senhor estabeleceu o seu trono nos céus e a sua soberania governa sobre tudo[337]. Não há limites ao seu governo, nem há qualquer criatura ou atividade além dos limites de seu cetro. Cada ser vivo, cada coisa criada e todos

os eventos da história são seus. Ele faz o que lhe agrada em todos os domínios da criação[338]. Ele faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade e ninguém pode dissuadi-lo[339]. Ele mata e faz viver[340]. Ele faz a paz e cria a calamidade[341]. Não há ninguém que possa deter sua mão, nem lhe dizer: "O que você fez?"[342] Seu conselho permanece para sempre e os desígnios do seu coração de geração em geração[343]. Não há sabedoria, compreensão ou conselho que pode prevalecer contra ele[344]. Seu domínio é um domínio sempiterno e o seu reino permanece sem fim[345]. Nunca haverá uma mudança de turno e seu ofício nunca será realizado por outro. Ele sempre será o Senhor, com quem temos de lidar.

Os homens devem entender que, quando eles pecam, eles não se rebelam contra alguma divindade pequena ou contra o superintendente de alguma pequena província, mas contra o grande Rei acima de todos os deuses, o Senhor do céu e da terra, o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e o Senhor

dos senhores[346]! Eles devem ver cada pecado como uma declaração de guerra contra Aquele que criou o universo com uma palavra e também o governa livre e facilmente. Ele mandou as estrelas presidirem o céu da meia-noite, e elas tomaram seu devido lugar. Ele deu uma palavra aos planetas para encontrarem suas órbitas, e eles seguiram seu curso. Ele ordenou que os vales descessem e as montanhas se levantassem, e eles obedeceram com temor. Ele desenhou uma linha na areia e disse ao mar bravio que não a ultrapassasse, e ele se curvou em reverência. No entanto, apesar da obediência inalterada dos maiores poderes da criação, o homem continua a levantar seu punho franzino frente a face de Deus. O homem é tão patético quanto um ácaro batendo sua cabeça contra uma montanha de granito e tão autodestrutivo como aquele que busca arrancar o cabo de seu aparelho de respiração.

Como pregadores do evangelho, devemos enfatizar bastante a soberania de Deus e, assim,

provar aos homens que seu pecado é um crime atroz que revela a natureza insana e autodestrutiva do coração caído. No entanto, se nos recusarmos a tornar conhecida a plenitude de Deus e a falar dessas duras verdades aos nossos ouvintes, estaremos cometendo uma grande injustiça, condenando-os a uma vida de ignorância e idolatria. As Escrituras nos dizem que Deus se revelou a Israel para que eles pudessem temê-lo[347]. Em contrapartida, devemos pregar todo o conselho da revelação de Deus a seu respeito para que todas as nações possam temer e ser salvas. À medida que conhecerem a Deus, elas compreenderão algo da natureza hedionda de seu pecado e, possivelmente, buscarão um remédio para ele no evangelho de Jesus Cristo.

A SANTIDADE DE DEUS

Ambos os testamentos da Bíblia descrevem a Deus como santo, santo, santo[348]. Esta fórmula

tripartite é muitas vezes referida como o *trisagion* e é a forma mais forte de superlativo na língua hebraica[349]. Os escritores da Bíblia não exaltam nenhum outro atributo de Deus dessa forma. Sua santidade não é meramente um atributo entre muitos, mas é o próprio contexto em que todos os outros atributos divinos devem ser definidos e compreendidos. Portanto, acima de tudo, os homens devem saber que Deus é santo! O que eles entendem sobre esse atributo vai determinar o que eles entendem sobre Deus, sobre si mesmo, sobre o pecado, sobre a salvação e sobre toda a realidade. O sábio de Provérbios nos ensina que o conhecimento do Santo é entendimento[350]. Ser ignorante desse atributo de singular importância é ser ignorante sobre Deus e tornar-se vulnerável à má interpretação de todos os outros atributos e feitos divinos. Não só isso, mas a falta de conhecimento do Santo levará os homens a uma visão enviesada ou distorcida sobre si mesmos. Assim, para que os homens algum dia

compreendam a natureza horrível de seu pecado, eles devem primeiro compreender algo da natureza santa de Deus!

A palavra *santo* vem da palavra hebraica *qadosh*, que significa separado, marcado, afastado ou retirado do uso comum. No que diz respeito a Deus, a palavra denota duas verdades importantes. Em primeiro lugar, a santidade de Deus se refere a sua transcendência[351]. Como Criador, ele está acima de toda a sua criação e é totalmente diferente de tudo o que fez e sustenta. Essa distinção ou separação entre Deus e todo o resto não é meramente quantitativa (ou seja, Deus é maior), mas qualitativa (ou seja, Deus é um ser completamente diferente). Independentemente de seu esplendor, todos os outros seres na terra e no céu são meras criaturas. Só Deus é Deus, separado, transcendente e inacessível[352]. O anjo mais esplêndido que está na presença de Deus não é mais parecido com Deus do que o menor verme que rasteja sobre a terra.

Ninguém é santo como o Senhor[353]. Ele é incomparável!

É essa alteridade de Deus que leva os homens a ficarem cheios de admiração e temor. As criaturas mais impressionantes e terríveis nos céus e na terra ainda são criaturas como nós. Embora eles nos rebaixem em tamanho, sobrepujem em força e envergonhem com sua sabedoria e beleza, ainda são apenas criaturas e sua diferença é meramente quantitativa. Mas Deus é santo, único e separado, não apenas maior, mas total e completamente outro. Por essa razão, Moisés e o povo de Israel cantaram: "Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade?"[354]

Em segundo lugar, a santidade de Deus se refere a sua transcendência sobre a corrupção moral de sua criação. Ele é separado de tudo o que é profano e pecaminoso. Ele é impecável e puro[355]! Ele é luz e nele não há treva alguma[356]. Ele é o Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de

mudança[357]. Ele não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta com o mal[358]. Seus olhos são puros demais para aprová-lo e Ele não pode olhar para ele com favor[359]. Todo pecado lhe é uma abominação – algo repugnante que evoca seu ódio e nojo. Todo aquele que age injustamente é uma abominação diante de seu trono e seu semblante é contrário a todos os que praticam a iniquidade[360]. Por essa razão, os homens mais santos e devotos da Escritura, aos quais foi concedido ver algo da pessoa de Deus, caíram diante dele como mortos e clamaram: "Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!"[361]

Há algo como uma progressão lógica na salvação dos homens. Eles devem saber que estão perdidos antes que possam ser salvos. No entanto, eles devem saber que são pecadores antes que possam perceber que estão realmente perdidos. E finalmente, eles

devem entender que Deus é santo antes que possam compreender totalmente a natureza atroz de seus pecados! À luz dessas verdades, deve ficar claro para nós que não fazemos bem algum aos homens quando lhes escondemos a verdade de seu pecado e não lhes concedemos nenhum amparo quando deixamos de instruí-los no conhecimento do Santo. O Senhor Jesus Cristo foi inflexível ao afirmar que o evangelho e o reino avançam apenas à medida que os homens aprendem a "santificar" o nome de Deus, ou estimá-lo como santo[362]. Portanto, a pregação do evangelho não terá sido realizada em nenhum grau de fidelidade a menos que a santidade de Deus tenha sido enfatizada.

A JUSTIÇA DE DEUS

A palavra justiça é a tradução para a palavra em hebraico *tsaddik* e seu correspondente em grego, *dikaíos*. Ambos os termos denotam a justiça, a retidão ou a excelência moral de Deus. De acordo

com as Escrituras, a justiça de Deus não é algo que ele meramente decide ser ou fazer, mas é algo essencial a sua própria natureza. Ele *é* um Deus justo; sua justiça é eterna e ele não muda[363]. Ele é um Deus de fidelidade que não perverterá o que é certo[364]. Ele sempre agirá de forma consistente com quem ele é. Assim, todas as suas obras são perfeitas e seus caminhos são justos[365].

A forma justa como Deus lida com sua criação revela especialmente seu caráter reto. Sua Palavra nos garante que o direito e a justiça são a base do seu trono e Ele governa sobre tudo, sem capricho, parcialidade ou injustiça[366]. Sendo um Deus justo, ele ama a justiça com todo o seu ser e odeia o contrário com um ódio perfeito[367]. Assim, ele não pode ser moralmente neutro ou apático com relação ao caráter e às obras dos homens ou dos anjos, mas ele os julgará com justiça e equidade sem quaisquer comprometimentos ou mistura. Como o salmista declara: “Mas o SENHOR permanece no seu trono

eternamente, trono que erigiu para julgar. Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão.”

Baseado em tais verdades, temos a garantia de que no dia em que Deus julgar os feitos de todos os homens, mesmo os condenados abaixarão suas cabeças e declararão que Ele está certo! Porque o Senhor dos Exércitos será exaltado em juízo e se mostrará santo em justiça[368]. Nunca haverá uma acusação de delito contra ele, porque ele é um Deus justo, cujas obras, decretos e julgamentos são nada menos do que perfeitos[369].

Essa notícia sobre a retidão ou a justiça de Deus é boa e ruim. É uma boa notícia no sentido de que nós queremos que um Deus infinitamente soberano e todo-poderoso seja justo e reto. Seria difícil imaginar algo mais aterrorizante do que um ser que é onipotente e maligno. Uma divindade imoral com um poder desenfreado faria os Hitlers deste mundo parecem criminosos insignificantes, culpados de um

pequeno mau comportamento. Se há um Deus, queremos que ele seja justo!

Por outro lado, um Deus justo significa de fato um grande problema para o homem. Na verdade, pode-se dizer que o maior problema do homem é a justiça de Deus. A lógica simples leva a tal conclusão:

> *Primeira premissa*: O Criador e Soberano do universo é ao mesmo tempo justo e bom.
>
> *Segunda premissa*: Um Deus justo e bom irá se opor e levar a juízo tudo o que é injusto e mal.
>
> *Terceira premissa*: Todos os homens são maus e culpados de injustiça.
>
> *Conclusão*: Portanto, Deus vai se opor e levar a juízo todos os homens.

A justiça de Deus é uma boa notícia para as criaturas justas, mas é uma comunicação terrível para os injustos. O escritor de Provérbios confirma esta verdade: "Praticar a justiça é alegria para o justo, mas espanto para os que praticam a iniquidade."[370]

Se fôssemos justos como Deus o é, então as notícias de julgamento certo seria motivo de comemoração. No entanto, não somos justos; na verdade, não há nenhum justo, nem um sequer[371]. Portanto, a expectativa do justo juízo de Deus deve produzir um grande terror em todos os homens e deve levá-los a procurar um advogado. O fato de que a maioria dos homens não se deixa abalar com a notícia do julgamento vindouro só pode nos levar a uma das seguintes conclusões. Em primeiro lugar, a sua consciência está cauterizada, e eles acreditam que tudo não passa de um mito. Em segundo lugar, eles se acham mais justos do que são. Em terceiro lugar, eles acham que Deus seja menos justo do que de fato é. Em quarto lugar, eles são simplesmente ignorantes de tais assuntos, porque o púlpito evangélico raramente os proclama com clareza.

Em muitas culturas em todo o mundo, a justiça é muitas vezes retratada como uma dama com uma balança em suas mãos e um véu cobrindo os olhos.

A imagem pretende mostrar que a justiça é infensa à parcialidade e ao suborno, mas para o homem caído a imagem mostra algo bem menos nobre: somos cegos à justiça, retidão e equidade. Somos um povo de balanças enganosas e pesos injustos[372]. Apontamos para o cisco no olho do vizinho e aparentemente ainda estamos inconscientes da saliente trave no nosso[373]. Revoltamo-nos contra déspotas corruptos que saqueiam seu próprio povo, e protestamos contra a ganância desenfreada das megaempresas, mas falhamos em ver que há semelhanças notáveis entre eles e nós. A diferença é apenas de grau. Nós também comemos pão roubado, limpamos a boca e dizemos que não fizemos nada de errado. Não conseguimos entender que quando chamamos pelo julgamento divino contra os grandes pecadores deste mundo, trazemos juízo sobre as nossas próprias cabeças. Parecemos ignorar a acusação universal das Escrituras contra todos nós: "Não há justo, nem um sequer."[374]

Como pregadores do evangelho, devemos proclamar a justiça de Deus e, assim, expor a injustiça dos homens. Devemos mostrar o rigor da justiça de Deus e provar que o menor desvio do seu perfeito padrão tanto desqualifica como condena. Os homens devem saber que foi necessário apenas um ato de injustiça por parte de nossos primeiros pais para trazer condenação a todos os homens e lançar este mundo em um caos aparentemente irrecuperável[375]. Só então perceberão que seus incontáveis atos de injustiça os desqualificam para qualquer relacionamento favorável com Deus. Quando o mundo descrente nos perguntar o que os homens devem fazer para viver na presença de Deus, a nossa resposta deve ser rigorosa e pontual. Se um homem procura um relacionamento com Deus, então Deus exige apenas uma coisa dele: que viva uma vida de perfeição moral absoluta, sem falha ou fracasso, cada momento de cada dia de sua vida[376]. Quando os nossos ouvintes admitirem a

impossibilidade de tal coisa, nós então apontamos para Cristo.

O AMOR DE DEUS

Nada expõe mais a depravação e o pecado do homem do que a pregação clara e consistente sobre o amor de Deus. Quando um pregador contrasta esse atributo exaltado do Altíssimo com a apatia e a hostilidade de suas criaturas para com ele, isso expõe a vileza do homem e mostra o pecado como completamente maligno[377].

O pregador do evangelho deve inundar os homens com o amor de Deus. Os homens devem saber que não é o mérito ou a virtude deles, mas o amor de Deus que o leva a se mover e a se dar de forma livre e abnegada aos outros, visando ao benefício ou ao bem deles[378]. Eles devem saber que o amor de Deus é muito mais do que uma atitude, emoção ou obra. É um *atributo*, uma parte do seu próprio ser ou natureza. Deus não só ama, Ele *é* amor[379]. Ele é o

Deus de amor[380]. Ele é a própria essência do que é o amor verdadeiro, e todo verdadeiro amor flui dele como de sua fonte última. Os homens devem saber que seria mais fácil contar todas as estrelas no céu ou cada grão de areia sobre a terra do que medir, ou mesmo procurar descrever, o amor de Deus. Sua altura, profundidade e largura estão além da compreensão até mesmo das maiores e mais perspicazes criaturas.

O pregador do evangelho deve mostrar o amor de Deus para com os pecadores apresentando a sua benevolência, sua disposição de buscar o bem dos outros, de abençoá-los e de promover o bem-estar deles. É o testemunho da Escritura que ele é o Criador amoroso que procura a bênção e o benefício de anjos, homens e animais[381]. Ele é o extremo oposto de qualquer opinião que o retrata como uma divindade caprichosa ou vingativa que busca a ruína e a miséria de sua criação. Ele é bom para com todos e suas misericórdias permeiam todas as suas

obras[382]. Ele faz com que o seu sol se levante sobre maus e bons e que as chuvas venham sobre justos e injustos[383]. Ele é bondoso para com os ingratos e maus[384]. Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm dele[385].

O pregador do evangelho deve mostrar o amor de Deus para com os pecadores definindo e ilustrando a sua misericórdia e graça. Os homens devem conhecer a misericórdia de Deus como uma referência à sua bondade, ternura e compaixão até mesmo para com a mais miserável e deplorável de suas criaturas. As Escrituras o chamam de Senhor de misericórdia e o descrevem tanto como "cheio" quanto "rico" em misericórdia[386]. Os homens devem conhecer a graça de Deus como uma referência à sua disposição de tratar suas criaturas não de acordo com o seu próprio mérito ou valor, mas conforme a sua própria bondade e generosidade. Ele é o Deus de toda graça[387]. Ele anseia ter misericórdia dos homens e se detém para ter compaixão deles[388].

Pela graça, Ele salva os homens quando eles são incapazes de se salvar, para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade com quem não merece[389].

O pregador do evangelho deve mostrar as excelências do amor de Deus enfatizando sua paciência e longanimidade. Os homens devem saber que Deus sempre demonstrou uma vontade de "suportar" e "aguentar" as fraquezas e os erros de suas criaturas. Ele contém a sua raiva e não desperta todo o seu furor, porque se lembra de que os homens são carne, um vento que passa e já não volta[390]. Ele é tardio em irar-se, não querendo que ninguém pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento[391]. Ele deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade[392]. Ele não tem prazer na morte do ímpio, mas sim em que se converta dos seus caminhos e viva[393].

Finalmente, e mais importante, o pregador do evangelho deve constantemente trabalhar para exaltar o amor de Deus por meio da proclamação da forma graciosa como o Pai deu seu Filho. O amor de Deus está além da compreensão e se manifesta a todas as suas criaturas, em um número quase infinito de maneiras. No entanto, as Escrituras nos ensinam que há uma manifestação do amor de Deus que se eleva acima de todas: a entrega de seu único Filho para a salvação de seu povo. As Escrituras ensinam que Deus é amor, e que Ele manifestou seu amor para conosco em que ele enviou seu Filho unigênito para morrer a fim de que os homens pudessem viver por meio dele. Nossa disposição e nossos atos não definem ou medem o amor; o verdadeiro amor é o amor de Deus por nós demonstrado ao enviar seu Filho como propiciação pelos nossos pecados[394]. É senso comum que quase ninguém morreria por um justo, se bem que por um homem bom alguém, talvez, ouse morrer. No entanto, Deus prova o seu

amor para conosco em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por homens ímpios e desamparados[395]. É ao pagar o grande preço da redenção que o amor de Deus se prova mais amável e o nosso pecado mais hediondo.

Essas são apenas algumas das verdades que devemos apresentar diante dos homens para que possam ter uma visão bíblica de Deus e compreender a verdadeira natureza do pecado que cometeram contra ele. Todo pecado é, final e principalmente, mau porque é cometido contra um Deus infinitamente bom, que é digno de todo amor, devoção e obediência. Quanto mais enfatizamos esse Deus em nossa pregação, mais os homens verão a extensão do seu pecado e sua grande necessidade de salvação.

---

325. Isaías 5.20

326. Salmos 51.4

327. Salmos 50.21

328. Oseias 4.6

329. Jeremias 9.23-24

330. Isaías 2.22; Salmos 103.15; Tiago 4.14

331. O *traje* se refere à roupa ou ao vestido, descrevendo metaforicamente uma aparência externa que camufla uma realidade interior.

332. O autor baseou esse pensamento em C. H. Spurgeon, que faz uma afirmação semelhante sobre as Escrituras: "A Escritura é como um leão. Quem já ouviu falar em defender um leão? Basta soltá-lo e ele se defenderá."

333. Salmos 97.9; Isaías 57.15; 1 Timóteo 1.17

334. Isaías 40.15-18

335. 1 Crônicas 29.11

336. Romanos 11.36

337. Salmos 103.19

338. Salmos 115.3; 135.6

339. Efésios 1.11; Jó 23.13

340. 1 Samuel 2.6

341. Isaías 45.7

342. Daniel 4.34-35

343. Salmos 33.11

344. Provérbios 21.30

345. Daniel 4.34-35

346. Salmos 95.3; Atos 17.24; 1 Timóteo 6.15

347. Êxodo 20.20

348. Isaías 6.3; Apocalipse 4.8

349. Do grego, *tris*: três; *agion*: santo. John N. Oswalt, *Isaías, Volume 1 capítulos 1 a 39*, Comentário do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristão, 2011.

350. Provérbios 9.10

351. A palavra transcendência vem do verbo latim *transcendere* (*trans*: sobre; *scandere*: escalar), significando ir além, superar, ultrapassar.

352. Deuteronômio 4.35; 1 Timóteo 6.16

353. 1 Samuel 2.2

354. Êxodo 15.11

355. A palavra *impecável* vem da palavra latina *impeccabilis* (*im*: não; *peccare*: pecar; a*bilis*: poder), ou seja, não é capaz de pecar, ou livre de falta ou culpa.

356. 1 João 1.5

357. Tiago 1.17

358. Tiago 1.13

359. Habacuque 1.13

360. Deuteronômio 23.4; Jó 8.3

361. Deuteronômio 32.4

362. Mateus 6.9

363. Salmos 7.9; 119.142

364. Deuteronômio 32.4; Jó 8.3

365. Deuteronômio 32.4

366. Salmos 89.14

367. Salmos 11.7; 5.5

368. Isaías 5.16

369. Jó 36.23

370. Provérbios 21.15

371. Romanos 3.10

372. Provérbios 11.1

373. Mateus 7.3-4

374. Romanos 3.10

375. Romanos 5.12-19

376. Devo este pensamento ao pastor Michael Durham da Oak Grove Baptist Church, em Paducah, Kentucky.

377. Romanos 7.13

378. Deuteronômio 7.7-8

379. 1 João 4.8, 16

380. 2 Coríntios 13.11

381. Jonas 4.11; Provérbios 12.10

382. Salmos 145.9

383. Mateus 5.45

384. Lucas 6.35

385. Tiago 1.17

386. Salmos 145.8, 2 Coríntios 1.3, Efésios 2.4

387. 1 Pedro 5.10

388. Isaías 30.18

389. Efésios 2.7-8

390. Salmos 78.38-39

391. Êxodo 34.6, 2 Pedro 3.9

392. 1 Timóteo 2.4

393. Ezequiel 18.23, 32

394. 1 João 4.8-10

395. Romanos 5.6-8

C A P Í T U L O 1 2

Pecadores: todos e cada um

Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.
— Romanos 3.23

Pequei contra ti, contra ti somente.
— Salmos 51.4

Além de uma visão bíblica de Deus, a maior necessidade do homem é uma visão bíblica de si mesmo. Aqui descobrimos um grande contraste entre o pensamento secular e a verdade bíblica. A visão contemporânea é de que o homem é basicamente bom e seus maiores problemas decorrem de nocivas influências externas – fatores

sociais, políticos, econômicos e educacionais, para citar alguns. Em contraste, as Escrituras ensinam que o homem é uma criatura caída e que a corrupção moral de seu coração é a fonte de todos os seus males.

Ao pregar o evangelho de Jesus Cristo, devemos nos esforçar para comunicar aos nossos ouvintes uma visão bíblica do pecado e do pecador. A exposição das Escrituras no poder do Espírito Santo é a única maneira de realizar tal esforço. O trabalho é difícil e muitas vezes mal compreendido, mas é tão necessário como arar o campo antes da semeadura. É nossa tarefa falar sobre o assunto que a maioria dos homens prefere esquecer. Nosso trabalho é incomum, porque o grau de convicção, quebrantamento e arrependimento criado no coração dos nossos ouvintes é a nossa medida de sucesso. É um caminho difícil, mas é o único caminho para a salvação.

Em Romanos 3.23, o termo *pecaram* é traduzido da palavra grega mais comum para o pecado, *hamartáno*, que significa errar o alvo, falhar ou desviar-se do caminho. A palavra hebraica mais comum para pecado é *chata*, e carrega o mesmo significado. O escritor de juízes comunica a ideia por trás de ambas as palavras quando nos diz que os homens de Benjamin "atiravam com a funda uma pedra num cabelo e *não erravam*"[396]. O sábio de Provérbios também adverte que "*peca* [ou *desvia-se do caminho*] quem é precipitado"[397]. Do ponto de vista bíblico, o alvo que o homem deve mirar e o caminho no qual deve andar é a vontade de Deus. Qualquer pensamento, palavra ou ação que não está em perfeita conformidade com essa norma é pecado. Mesmo o menor desvio traz culpa. Por essa razão, o Catecismo Maior de Westminster define o pecado como "qualquer falta de conformidade com a lei de Deus" (p. 24). É importante notar que a Escritura nunca apresenta "errar o alvo" como um

erro inocente ou não intencional. É sempre um ato

de desobediência intencional resultante da corrupção moral do homem e da inimizade para com Deus.

Em nosso texto, a acusação de haver pecado foi colocada diante de todos os homens, sem exceção, "pois todos pecaram". Esse mesmo sentimento ecoa por toda a Escritura. No Antigo Testamento, lemos: "Não há homem que não peque", e: "Não há justo nenhum vivente"[398]. O sábio e soturno rei Salomão viu através da fina camada da moralidade do homem e declarou: "Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque."[399] Finalmente, o profeta Isaías vasculhou toda a humanidade e exclamou: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho."[400]

Os escritores do Antigo Testamento foram implacáveis em sua condenação do homem, mas não devemos pensar que os escritores do Novo Testamento possuíam qualquer opinião diferente ou que sua censura foi menos intensa. Em Romanos 3,

o apóstolo Paulo amarra uma coleção de citações do Antigo Testamento para demonstrar a universalidade do pecado e as profundezas da depravação humana. É uma das denúncias mais longas e diretas contra a humanidade em toda a Escritura: "Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer."[401]

Das Escrituras, vemos que o pecado não é um fenômeno raro ou incomum confinado a uma pequena minoria da humanidade, mas seu escopo é universal. Cada membro da raça de Adão se juntou à rebelião que ele começou. Aqueles que negam essa verdade devem negar o testemunho da Escritura, da história humana e de suas próprias reflexões, palavras e ações pecaminosas. O apóstolo

João vai mais longe ao ponto de dizer que aqueles que negam a realidade do pecado estão fazendo de Deus um mentiroso e provando que não possuem qualquer relacionamento com ele: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós... Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.”[402]

O menor vislumbre da Escritura mostrará que o pecado é o maior mal do homem. No entanto, não pode ser negado por nenhum esforço da imaginação que o pecado é tratado de forma leviana por nossa cultura contemporânea e pelo suposto cristianismo que ela produziu. Por essa razão, devemos ser ainda mais cuidadosos em seguir o exemplo dos escritores da Bíblia, que trabalharam com intenso esforço para expor o pecado e mostrá-lo totalmente maligno. Não devemos falar do pecado de forma genérica e inofensiva, de forma que não perturbe nem converta a alma, mas devemos empregar uma linguagem

precisa, que define o verdadeiro caráter do pecado e expõe todas as suas manifestações. Nosso objetivo é pintar um quadro do pecado tão horrível nos corações e nas mentes de nossos ouvintes que ele não poderá ser removido exceto pelo sangue do Cordeiro. Para atingir esse objetivo, devemos examinar algumas de suas características mais comuns e frequentes.

O PECADO É TRANSGRESSÃO

"Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão."[403]

Neste texto, Deus ordena seu porta-voz Isaías a expor de forma clara e apaixonada as transgressões de seu povo. Deus dirige o profeta a chorar em voz alta, a erguer a sua voz como uma trombeta, para declarar, publicar e expor os pecados que em breve resultariam na destruição de Israel. Deus também acrescenta uma advertência divina para o profeta:

não se deter. Ele não deve se conter em sua pregação contra o pecado por causa de algum falso senso de compaixão. Ele deve deixar de lado o medo de ferir. Israel tinha que ser cortado com a espada do Espírito. Uma cirurgia profunda e dolorosa era necessária para ele ser salvo. Isso é tanto uma repreensão como uma exortação para o evangelista contemporâneo que frequentemente é negligente nesse necessário elemento da verdadeira pregação do evangelho.

No Antigo Testamento, a palavra transgressão é traduzida da palavra hebraica *abar*, que significa cruzar, ultrapassar ou passar. No Novo Testamento, o termo é traduzido da palavra grega *parabaíno*, que significa ir ao lado, passar ou ultrapassar. Pecar é passar por cima ou desviar da lei de Deus com um total desprezo pela sua pessoa e autoridade. É ir além do que os seus mandamentos permitem e ignorar as restrições que sua lei nos impõe. É ultrapassar a cerca e alcançar lugares que não nos

pertencem, como ovelhas que se desviaram e foram pelo seu próprio caminho[404]. Ao contrário dos grandes oceanos que obedecem a voz de Deus e ficam dentro das linhas que ele desenhou, os homens constantemente procuram romper e transgredir seus limites.

Pregar o pecado como transgressão tem muitos benefícios. Primeiro, ele revela a arrogância que habita no coração humano. Quem é essa criatura insignificante que corre audaciosamente para além dos limites em que Deus o colocou? Ele é um escândalo e uma vergonha para o resto da criação! O boi e o jumento têm maior conhecimento[405]. Em segundo lugar, expõe nossa insensatez. Nascemos ontem e o que sabemos pode ser colocado, com espaço de sobra, em um dedal[406]. No entanto, escolhemos nos rebelar contra o conselho do Deus eterno, cujo conhecimento não tem limites e cuja sabedoria é sem igual. Em terceiro lugar, informa a verdadeira razão de todos os nossos males:

desprezamos o Santo e nos afastamos dele[407]. Por causa das nossas transgressões, nossas cabeças estão doentes e nossos corações enfermos, não havendo em nós, da planta do pé até o último fio de cabelo, nenhuma coisa sã. Estamos cobertos de feridas, contusões e chagas inflamadas; todas elas autoinfligidas[408].

O PECADO É REBELIÃO E INSUBORDINAÇÃO

"Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria."[409] Vivemos em uma cultura que redefine e classifica o pecado conforme lhe convém. Embora a maioria admita alguma falha moral em suas vidas, não consideram que são maus ou que seus pecados sejam tão ruins quanto o dos outros. O grande benefício de 1 Samuel 15.23 é que ele demonstra que não há pecados pequenos. Na perspectiva de Deus, a menor rebelião é tão má como participar de algum ritual

demoníaco, e até mesmo uma sugestão de insubordinação é igual à iniquidade mais grotesca ou à adoração de falsos deuses. Embora certos atos pecaminosos tenham consequências mais devastadoras que outros, no cerne de todo pecado está a mesma rebelião e insubordinação. A criança que estraga o tapete jogando de propósito o prato no chão e a criança que simplesmente se recusa a pegar seus brinquedos estão ambas unidas na mesma rebelião contra a autoridade de seus pais. Embora as consequências de seus atos pecaminosos possam variar em grau, a rebelião que deu origem a eles é a mesma.

O texto de 1 Samuel 15.23 descreve o pecado em termos de rebelião e insubordinação. A palavra *rebelião* refere-se a um levante, revolta, insurreição ou motim. A palavra *insubordinação* ou *obstinação* é traduzido da palavra hebraica *pâtsar*, que significa, literalmente, "pressionar ou empurrar". Ela denota aquele que é obstinado, insistente, insolente,

presunçoso e arrogante. Essas definições nos ajudam a ver a natureza horrível da desobediência do homem. O pecador é um traidor rebelde contra Deus. Ele está em oposição ao reino dos céus e busca expandir seu próprio reino. Ele está fazendo o trabalho de seu pai, o diabo, que planejou usurpar o trono de Deus e o matar em seu próprio templo[410]. O pecador é uma besta teimosa e insolente que, além de recusar a vontade de seu Criador, procura também impor-lhe a sua própria.

À luz do que as Escrituras nos ensinam sobre a supremacia, a soberania e o poder de Deus, nosso pecado deve ser visto como a forma mais grosseira de arrogância e o cúmulo da insanidade. Devem os homens que não passam de vapor e são menos que nada se revoltarem contra o Deus eterno[411]? Devem cacos de cerâmica recusar teimosamente a mão de seu Mestre? No entanto, os homens negam a soberania de Deus e buscam impor a sua própria autonomia. Eles não só recusam a vontade de Deus,

mas também buscam submetê-lo às suas. O homem moderno raramente se vê por esse ângulo e dificilmente categorizaria seu pecado como rebelião e insubordinação. Portanto, é trabalho do pregador do evangelho ajuda-lo a ver o que, embora difícil de aceitar, é necessário para sua salvação.

O PECADO É VIOLAÇÃO DA LEI

"Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei."[412] Não há dúvida de que este texto demonstra a gravidade de cada espécie ou tipo de pecado. Todo ato pecaminoso, desde o maior até o menor segundo a opinião humana, é transgressão, e a prática de qualquer tipo de pecado é uma prática que viola a lei. A palavra *transgressão* é traduzida da palavra grega *anomia*, que significa literalmente "nenhuma lei" ou "sem lei." Transgredir é viver como se Deus fosse moralmente neutro ou apático, ou viver como se Deus nunca tivesse revelado sua vontade à

humanidade. Ambas as opiniões contradizem diretamente as Escrituras. De acordo com as Escrituras, Deus é um ser justo. Ele revelou sua lei e sua vontade a todos os homens por meio da lei escrita em seus corações e a alguns homens em particular pela revelação maior das Escrituras[413]. Em ambos os casos, as Escrituras testificam que todos os homens foram suficientemente iluminados com respeito à vontade de Deus de tal forma que serão indesculpáveis no dia do juízo[414]. O que o profeta Miqueias disse aos judeus pode ser dito em graus variados a cada homem: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus."[415]

É importante compreender que um homem pode transgredir desafiando abertamente a lei de Deus ou estando simplesmente despreocupado e voluntariamente ignorante dela. Em ambos os casos, ele mostra desprezo por Deus e por sua autoridade.

Também é imperativo que compreendamos que a gravidade da rebelião de alguém não depende de se a lei que está sendo quebrada é supostamente pequena ou grande. Todo pecado é transgressão, e "qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos"[416]. Além disso, o fato de que o Anticristo é referido como o "filho da perdição" mostra a natureza abominável da transgressão, ordenando Jesus que, no dia do julgamento, aqueles que praticam a iniquidade se afastem dele[417]. Todo pecado é uma transgressão concebida no inferno e merecedora de toda condenação[418].

Como pregadores do evangelho, Deus nos chama para expor tal violação e conter a maré do seu avanço entre os homens. Apenas podemos fazer isso com a proclamação de todo o conselho de Deus. O escritor de Provérbios nos adverte: "Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é feliz." Os homens e as suas sociedades

correm impetuosamente em anarquia desenfreada quando não há visão ou revelação da vontade de Deus. No entanto, Deus restringe a transgressão quando confronta os homens com sua lei e o Espírito Santo lhes convence e os leva a um conhecimento salvífico de Jesus Cristo. A pregação do evangelho não é uma obra delicada para homens de corações fracos. Deus nos chama a permanecer no meio da maré e contra a correnteza a fim de expor o pecado como transgressão e os homens como criminosos, apontando para Cristo, o único mediador entre Deus e os homens[419].

O PECADO É HOSTILIDADE

"Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar." Uma das verdades mais perturbadoras sobre o pecado do homem é que ele é uma expressão ou manifestação de sua hostilidade, inimizade e até ódio contra Deus. Para entender essa

verdade, precisamos primeiro explorar a razão por detrás dela. Por que o homem, como uma criatura dependente, nutriria tal rivalidade contra um Deus infinitamente bom? De acordo com as Escrituras, é porque o homem caído é um ser moralmente corrupto que ama a injustiça e demanda autonomia (um estado de liberdade e governo próprio) para fazer o que é correto aos seus próprios olhos[420]. Consequentemente, ele também odeia a Deus, que é justo, e odeia a lei de Deus, que é uma expressão dessa justiça[421]. Assim como nosso texto nos ensina, o homem *não pode* obedecer ou sujeitar-se a lei de Deus porque ele *não deseja*, e ele *não deseja* porque ele odeia a Deus. O problema não é o livre-arbítrio, mas o arbítrio enfermo. O homem caído odeia a Deus de tal forma que ele não se submeterá a ele, mesmo que isso o conduza a sua destruição eterna.

O Senhor Jesus Cristo ensinou: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos."[422] Isso é uma

evidência adicional de que existe uma relação direta entre nossa disposição com relação a Deus e nosso relacionamento com sua vontade. Obediência genuína à vontade de Deus revela um amor genuíno para com ele. O pecado demonstra exatamente o oposto – uma aversão ou inimizade. Essa atitude desprezível e indesculpável para com Deus está no cerne de todo o tipo de pecado cometido. Assim, todo o pecado, seja grande ou pequeno aos olhos da sociedade, é um mal incalculável porque procede de um coração que está em guerra contra o próprio Deus, que é infinitamente digno de todo amor, gratidão e adoração.

O pregador do evangelho deve asseverar essas verdades aos homens. O pecado é apenas um sintoma de uma doença interna muito mais sombria: um coração depravado que ama o mal e é hostil contra os soberanos imperativos de um Deus justo. Todas as regras e reformas religiosas de cada instituição eclesiástica combinadas não podem

mudar um homem em seu interior ou remover a hostilidade de seu coração. A situação do homem não possui esperança a não ser por uma obra genuína do evangelho, fielmente pregado e acompanhado pelo poder regenerador do Espírito Santo.

O PECADO É TRAIÇÃO

"Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim."[423] Todo pecado, de qualquer tipo, é uma forma de traição. A palavra traição é traduzida a partir de dois termos hebraicos: *maal* e *bagad*, ambos significando "agir traiçoeira, enganosa ou infielmente". O *Dicionário Webster* define o termo como uma violação da lealdade, a traição da confiança ou um ato de infidelidade. Oseias 6.7 descreve o primeiro pecado de nosso pai Adão como "traição" contra o Senhor e, por toda a Escritura, a traição é um elemento comum em todos os pecados[424].

Encontramos o pecado no ato de rebelião, na troca do verdadeiro Deus por ídolos e em qualquer forma de apostasia ou afastamento de Deus[425].

Quando consideramos a natureza e as obras do Deus que o homem trai, vemos mais claramente como o pecado é uma traição. Ele é o Deus fiel, cuja fidelidade alcança o céu e se estende a todas as gerações[426]. Ele cumpre todos os seus planos e trabalha com fidelidade perfeita[427]. Ele é fiel para sempre e não muda[428]. Ele guarda a sua aliança e a sua misericórdia até mil gerações e nem uma de suas palavras ou promessas jamais falhou[429]. Portanto, quando o homem peca contra Deus, ele trai aquele que é digno de seu maior compromisso, fidelidade, lealdade e dever. Por essa razão, o pecado é a pior das traições – a mais alta forma de perfídia – e merece a pena de morte[430]. Todo o pecado que o homem comete comprova seu parentesco ou irmandade com Judas, o guia daqueles que prenderam Jesus[431]. Como pregadores do

evangelho, devemos proclamar essas palavras duras sobre a deslealdade do homem, a fim de que não traiamos o Deus que fomos chamados a servir, o evangelho que fomos chamados a pregar e os homens que tão desesperadamente precisam ouvir a verdade.

O PECADO É UMA ABOMINAÇÃO

"Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina."[432] "Porque é abominação ao SENHOR, teu Deus, todo aquele que pratica tal injustiça."[433] De todas as palavras empregadas para descrever a natureza hedionda do pecado, a palavra *abominação* pode ser a mais adequada. Essa palavra vem da palavra hebraica *tow'ebah* e da palavra grega *bdélugma*. Em ambas as línguas, é uma das palavras mais fortes para expressar algo que é imundo, vil ou repugnante. O dicionário Webster define abominação como algo digno de aversão ou ódio, algo repugnante, revoltante ou que causa

extrema repulsa. De forma simples, toda e qualquer forma de pecado é abominável diante do Senhor, resultando em sua extrema repugnância, aversão e ódio. São palavras duras, mas não devemos esperar nada menos de um Deus santo e justo, cujos olhos são muito puros para aprovar o mal e que não pode olhar com favor para a perversidade[434].

De acordo com as Escrituras, todos que agem injustamente são uma abominação para o Senhor[435], e pecar é agir abominavelmente[436]. Na verdade, os ímpios desagradam de tal forma a Deus que até mesmo seus rituais religiosos são uma abominação para ele[437]. O escritor de Provérbios nos informa que o pecado não é apenas uma abominação para Deus, mas também um alvo de sua indignação e de seu ódio[438]. Ele também nos adverte que aqueles que fazem de si mesmos uma abominação por causa de sua desobediência certamente não ficarão impunes[439]. O livro de Apocalipse termina com o aviso de que o contaminado e aqueles que praticam

abominações sofrerão a punição eterna de serem cortados da presença favorável de Deus[440].

Como podemos nós, que conhecemos e acreditamos nessas verdades sobre o pecado, não torná-las conhecidas para os outros? Devemos reter essas informações dos homens em nome da educação e da etiqueta? É errado usar as mesmas palavras que Deus usou para expor os pecados de nossos semelhantes, que definham em ignorância e morrem sem Cristo? O pecado é uma abominação e leva à destruição de inúmeras vidas. Como pregadores do evangelho, devemos abandonar a autopreservação e o desejo de ser estimado pelos homens. De forma corajosa e amorosa, devemos empregar as palavras duras que melhor expõem a vileza do pecado, para que os homens possam se desviar dele como se fosse uma praga e correr para a salvação em Cristo.

CONCLUSÃO E ADVERTÊNCIA

Chegando ao final deste capítulo, o leitor pode pensar: "Duro é este discurso; quem o pode ouvir?"[441] A verdade sobre o pecado é perturbadora e a linguagem é dura. No entanto, devemos entender que o ensino franco sobre o pecado é uma parte essencial do evangelho de Jesus Cristo. Os homens devem entender o que eles são e o que têm feito. Embora tais verdades sejam escandalosas e até mesmo penosas, elas são bíblicas e necessárias.

Raramente usamos a palavra pecado em nossa cultura contemporânea. Não é por causa de ter sido substituída por outra que seja mais apropriada, mas porque a própria ideia foi perdida. Vivemos entre pessoas que são ou incapazes ou indispostas de praticarem discernimento moral ou de pronunciarem juízo sobre qualquer coisa. O pecado não é mais completamente maligno e os homens já não são mais totalmente depravados. Mesmo a sugestão de que algo possa estar errado é intolerável, proclamar que algo é pecado é impensável e ensinar que os

homens são pecadores é um crime. No entanto, a nossa cultura precisa saber que um Deus santo, justo e imutável um dia irá julgá-las. O que era pecado em eras passadas ainda é pecado hoje, e aquilo que levou uma incontável multidão à ruína eterna continuará a engolir inúmeros outros.

Como pregadores do evangelho, devemos reforçar essas verdades para os homens. Embora eles possam considerar a nossa linguagem escandalosa e questionar os nossos motivos, não devemos recuar no uso da linguagem de Deus e dar às coisas seu verdadeiro nome, a fim de que os homens possam vê-las como elas realmente são.

---

396. Juízes 20.16; ênfase adicionada.

397. Provérbios 19.2; ênfase adicionada.

398. 1 Reis 8.46; Salmos 143.2

399. Eclesiastes 7.20

400. Isaías 53.6

401. Romanos 3.9-12

402. 1 João 1.8, 10

403. Isaías 58.1

404. Isaías 53.6

405. Isaías 1.3

406. Jó 8.9

407. Isaías 1.4

408. Isaías 1.5-6

409. 1 Samuel 15.23

410. João 8.44

411. Tiago 4.14

412. 1 João 3.4

413. Romanos 2.14-16; 2 Timóteo 3.15-17

414. Romanos 1.20

415. Miqueias 6.8

416. 1 João 3.4; Tiago 2.10

417. 2 Tessalonicenses 2.3; Mateus 7.23

418. Todo pecado é do diabo (João 8.44). Veja Tiago 3.6, que contém uma frase semelhante com relação à língua: "É posta ela mesma em chamas pelo inferno."

419. 1 Timóteo 2.5

420. Romanos 3.12; Isaías 64.6; Jó 15.16; Juízes 17.6; Provérbios 14.12

421. Romanos 1.30

422. João 14.15

423. Oseias 6.7
424. Ezequiel 18.24
425. Isaías 48.8, 1 Crônicas 5.25, Salmos 78.57
426. Deuteronômio 7.9, Salmos 36.5; 100.5
427. Salmos 33.4, Isaías 25.1, 1 Tessalonicenses 5.24
428. Salmos 146.6; Malaquias 3.6
429. Deuteronômio 7.9, Josué 23.14, 1 Reis 8.56
430. Ezequiel 18.24
431. Atos 1.16
432. Provérbios 6.16
433. Deuteronômio 25.16
434. Habacuque 1.13
435. Deuteronômio 25.16
436. Ezequiel 16.52
437. Provérbios 15.08
438. Provérbios 6.16
439. Provérbios 16.5
440. Apocalipse 21.27
441. João 6.60

CAPÍTULO 13

Pecadores destituídos

Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.
— Romanos 3.23

A expressão carecem vem da palavra grega husteréo, que significa não conseguir atingir a meta ou não chegar ao fim. De acordo com o texto acima, o objetivo ou o fim do qual o homem carece é a glória de Deus. Ao longo da história da igreja, houve muitas opiniões sobre o significado exato dessa expressão; no entanto, a interpretação mais comum e aprovada é a seguinte: o homem carecer da glória de Deus significa que ele não foi capaz de glorificar a Deus como deveria e perdeu seu privilégio exclusivo de carregar ou refletir a glória de Deus.

GLORIFICANDO A DEUS

As Escrituras ensinam que Deus criou o homem para sua própria honra, louvor e beneplácito. Respiramos somente para que lhe seja devolvido louvor e adoração. Nossos corações batem ritmados para que ele fique completamente satisfeito. Nossas mentes têm sua grande complexidade a fim de pensar grandes pensamentos sobre ele e permanecer em admiração. Nossa força física nos torna capazes de servi-lo e de realizar a sua vontade. Em suma, somos dele, por ele e para ele[442]. Encontramos nosso *summum bonum* em amá-lo com todo o nosso coração, alma, mente e força, e em fazer tudo o que fazemos para a sua glória[443].

O homem deve estar obcecado – completamente fascinado – com Deus. Qualquer satisfação que não encontra nele a sua origem é um ídolo, e até mesmo coisas simples como comer e beber devem ser feitas para a sua glória ou mesmo nem serem feitas[444].

O Breve Catecismo de Westminster está correto em declarar que “o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre” (P.1). É privilégio e dever do homem estimar a Deus acima de todas as coisas, estar completamente satisfeito nele e viver diante dele com reverência, gratidão, obediência e adoração. O homem era assim em seu estado original antes da queda, e ele nunca estará completo até que volte ao que era e ao propósito para o qual foi feito.

É o claro testemunho da Escritura que Deus fez o homem para sua própria glória, mas o homem voluntariamente se colocou aquém desse propósito. A carta de Paulo à igreja de Roma ilustra melhor essa terrível realidade: “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do

Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.” De acordo com esse texto, todos os homens sabem o suficiente sobre o único Deus verdadeiro de modo a não terem desculpas diante dele no juízo. Porém, o homem suprime o que ele sabe ser verdadeiro e se rebela contra o propósito para o qual foi feito, a glória e a honra de Deus. Afastando-se da verdade, ele fica envolto em trevas e vaidade. Em vez de se arrepender, ele luta contra o que sabe ser verdade e continua a sua espiral descendente rumo à escuridão moral, degradação e futilidade cada vez maiores.

O pecado que marca a vida de todos os homens é a própria antítese da glorificação a Deus, e isso demonstra quão inapropriado e inadequado o homem se tornou[445]. Ele se arrancou do propósito para o qual Deus o fez e se desligou da única razão de sua existência. Ele deixou a glória do Deus incorruptível e fez para si um objeto de adoração[446].

Ele rejeitou a vontade de Deus e submeteu-se a si mesmo. É de se admirar que ele tateie sem sucesso buscando sentido para sua vida e que suas maiores tentativas de busca por significado são absolutamente ridículas?

É importante notar que a falha do homem de glorificar a Deus não só conduz a uma existência sem sentido, mas também é a mãe de todos os outros pecados. A longa lista de devassidão e vícios listados no discurso de abertura de Paulo aos Romanos é apenas o resultado de um grande pecado acima de todos eles: a recusa de todo o homem de reconhecer e honrar a Deus como tal[447]. É a caixa de Pandora da Escritura, que enche o mundo inteiro de caos e destruição[448].

Esta breve discussão sobre a glória de Deus é especialmente importante quando abordamos o mitológico ateu "bonzinho". Muitas vezes as pessoas tentam dissipar as reivindicações do cristianismo aludindo ao ateu que não acredita em Deus, nem

presta louvor a Deus, mas é um homem de boa conduta moral que busca o bem da humanidade. O argumento é que é injusto levar tal homem a julgamento e condená-lo simplesmente porque ele não vê provas suficientes para sustentar a crença na existência de Deus.

Este argumento, apesar de popular, não resiste ao teste das Escrituras. Em primeiro lugar, as Escrituras afirmam que não há ateus de verdade. Todos os homens têm um conhecimento do único Deus verdadeiro, porque o que se sabe sobre Deus é evidente dentro deles; pois Deus se tornou evidente por meio da criação para que eles sejam inescusáveis[449].

Em segundo lugar, as Escrituras afirmam que o problema do ateu não é intelectual, mas moral. De acordo com o salmista, é o tolo que diz em seu coração que não há Deus, fazendo isso não por razões intelectuais, mas por causa da própria corrupção e do seu desejo de fazer o mal. Ele não

quer a Deus ou a sua moralidade, por isso nega a ambos[450]. Não é o refinamento intelectual do ateu que o impede de acreditar em Deus, mas a sua impiedade e injustiça que o leva a suprimir a verdade[451].

Em terceiro lugar, as Escrituras argumentam contra a possibilidade de um ateu de boa conduta moral, porque, sem a graça de Deus, "não há justo, nem sequer um"[452]. O fato de um homem se orgulhar de sua moralidade não o torna alguém de boa conduta moral. Não são os ouvintes ou os defensores da moralidade que são verdadeiramente justos, mas aqueles que realmente fazem o que defendem[453].

Em quarto lugar, o argumento de que é injusto condenar o ateu com bom comportamento moral representa uma visão da realidade distintamente humanista e antropocêntrica. Em um universo centrado no homem, o homem presta contas ao homem, mas em um universo centrado em Deus, o

homem presta contas principalmente a Deus e apenas secundariamente ao homem. Mesmo que a vanglória do ateu em sua justiça para com o seu semelhante se justificasse, ele falhou em sua relação e responsabilidade primária para com o Deus que lhe dá vida, respiração e tudo mais[454]. Esse pecado contra Deus é infinitamente maior do que qualquer imoralidade que ele poderia cometer contra seu semelhante.

Finalmente, o ateu aparentemente moral é culpado não só em sua recusa de glorificar a Deus, mas também de tentar roubar a glória dele. Todos os homens nascem moralmente corruptos e radicalmente depravados. A única coisa que restringe o mal dos homens e faz com que eles tenham uma aparência de bondade é a graça comum de Deus. Se Deus retirasse essa graça e os homens fossem abandonados a serem regidos pela depravação de seus próprios corações, a raça humana rapidamente se aniquilaria; seria literalmente

um inferno na terra, pelo menos enquanto esta durasse. A graça divina mantém a sociedade unida, a fim de que Deus possa realizar uma obra de redenção no meio da depravação e do desamparo da humanidade. Não é o ateu humanista ou alguma moralidade evoluída que o impede de ser um assassino em série e permite que ele faça aquilo que parece ser bom, mas a providência graciosa de Deus, que trabalha todas as coisas segundo o conselho de sua vontade[455]. Portanto, o crime do ateu é que ele nega veementemente o Deus que em graça o restringe em seu mal e lhe dá uma aparência de bondade. O ateu, em seguida, afirma que a obra é sua e recebe a glória que é devida a Deus. Ele é um ladrão da pior espécie, um charlatão desprezível. Sua condenação é justa[456].

CARREGANDO A GLÓRIA DE DEUS

Deus criou o homem para portar algo de sua gloriosa imagem[457]. Não compreendemos a

plenitude dessa terminologia, mas sabemos que, por decreto divino, Deus fez o homem para ser mais do que argila – um recipiente e refletor de glória. Ele recebeu o privilégio incompreensível e indescritível de caminhar em comunhão com Deus e ser transformado "de glória em glória", enquanto o contemplava com o "rosto descoberto"[458]. No entanto, o homem perdeu tudo no dia em que Adão exaltou o ego acima da divindade e escolheu a autonomia de uma criatura finita no lugar do senhorio de um Deus infinitamente sábio e benevolente. Em troca, Adão ficou destituído e despido da glória que tinha sido abundantemente sua. O pecado desfigurou a imagem de Deus e *Ichabod* foi escrito na testa do homem, pois foi-se a glória do Senhor[459]. Assim, Adão se tornou exatamente o oposto daquilo que fora criado para ser; ele se tornou um espelho desfigurado, quebrado e inútil[460]. Seu coração se tornou oco e vazio por dentro e envolto por um cofre tão duro como

granito. Seu homem exterior se tornou a imagem de sua condição interior. Ele se tornou uma criatura deformada e desarranjada que perdera seu lugar e pervertera a própria razão de sua existência.

Essa é a herança que Adão deixou aos seus filhos e filhas. Apesar de vários milênios terem se passado, o homem não foi capaz de recuperar a fortuna da família. Todos nascem segundo a imagem daquele que caiu da imagem em que foi feito[461]. A humanidade agora pena a sua existência sob a maldição, restando, porém, o suficiente da imagem de Deus no homem para que ele não se satisfaça por nada nem ninguém a não ser por aquele de quem ele foge[462]. Ele pode se vestir da fama e da fortuna deste mundo e ainda assim estará nu. Ele pode se lavar na autoestima e cercar-se de grupos de apoio que afirmam cada pensamento e ação sua, mas não escapará das acusações implacáveis de sua consciência. Ele pode ganhar o mundo, e milhares de outros, mas a sua verdadeira pobreza continuará

a corroer suas entranhas. Deus fez o coração do homem para ser seu lugar de habitação, o qual não pode ser preenchido com nada menos do que ele. Como Agostinho escreveu: "Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti."[463]

Embora a realidade do homem seja extremamente tenebrosa, esse desastre feito pelo homem tem um lado positivo. Ele fornece à igreja uma excelente oportunidade para a pregação do evangelho, mas somente se a igreja e sua mensagem são verdadeiramente cristãs. Primeiro, temos que encontrar liberdade das armadilhas da presente era e de suas tentativas frustradas de encontrar um substituto para Deus. Para sermos testemunhas a um mundo vazio, Deus deve nos encher e nos satisfazer na obediência a sua vontade. É um marco contra nós que, apesar dos cristãos do Ocidente serem os mais ricos e protegidos na história da igreja, eles são

também os mais vazios. Nossas livrarias cristãs são um testemunho contra nós. Quantos volumes são escritos para curar o nosso vazio, corrigir a nossa falta de propósito e reforçar a nossa autoestima? No entanto, estamos vazios por todas as razões que Jesus nunca esteve. Ele muitas vezes esteve cansado, com fome, foi mal compreendido, perseguido e abandonado, mas nunca estava vazio. A razão que Jesus deu de sua plenitude também é a explicação para a nossa carência dela: "Mas ele lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis... A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra."[464] O cristão ocidental é vazio porque ele está cheio do mundo, absorto em si mesmo e focado em fazer a sua própria vontade. Mover-se do vazio à verdadeira plenitude exigirá uma mudança drástica do ego para Deus e da vontade própria à vontade divina.

Em segundo lugar, a igreja deve procurar ser bíblica em vez de relevante. Nós não deixaremos

uma marca em nossa cultura porque estudamos os seus modos e nos adaptamos a ela. Deixaremos uma marca e seremos luz apenas na medida em que estudamos os caminhos de Deus e lhes somos fiéis no meio do impetuoso e mutável rio da cultura. Não somos relevantes ao mundo porque somos como ele. Somos relevantes quando rejeitamos completamente o mundo e estamos no outro polo!

A presente escuridão oferece uma grande oportunidade para a igreja ser o sal da terra, mas se nos misturarmos com as próprias impurezas que devemos expor, já não seremos bons para nada senão para sermos lançados fora e pisados pelos próprios homens que somos chamados a influenciar[465]. Temos a grande oportunidade de ser uma cidade edificada sobre o monte, mas se a luz que exibimos não é nada mais que um reflexo cristianizado das ideias e dos desejos da nossa cultura, então somos tão inúteis quanto a nossa cultura já acha que somos[466]. Temos de confrontar

o vazio da nossa era com as verdades implacáveis e intransigentes do evangelho bíblico. Devemos estar satisfeitos em Deus somente, dedicados à sua vontade somente e conformados somente à sua imagem. Então seremos inculpáveis e sinceros filhos de Deus. Seremos irrepreensíveis no meio desta geração pervertida e corrupta. Permaneceremos em meio à sua escuridão como luzeiros no mundo, enquanto nos apegamos firmemente à palavra da vida até o Dia de Cristo[467].

Esse estilo de vida exigirá muita coragem. Devemos estar dispostos a nos levantar e dizer aos homens que eles estão radical e fundamentalmente errados em sua busca por significado, autoestima e autorrealização. Devemos desmascarar as falsas esperanças do humanismo e do materialismo e devemos expor qualquer tipo de suposto cristianismo que busca curar os homens conduzindo-os a uma versão batizada do mesmo mundanismo. Devemos desafiar todas as tentativas

de conseguir o máximo de Jesus, de encontrar propósito no propósito ou de alcançar a nossa melhor vida agora. Não devemos adotar a visão do mundo e, depois, adaptá-la ao cristianismo. Devemos cruzar uma linha divisória na areia e nos mantermos firmes aos ensinamentos radicais de Cristo e do seu evangelho. Devemos pregar a verdade e sermos exemplos da verdade que pregamos. Devemos considerar todas as coisas como perda por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, nosso Senhor, e como lixo, para ganharmos a Cristo e sermos achado nele[468].

---

442. Romanos 11.36

443. *Summum bonum* é uma expressão latina que significa "bem maior". O homem encontra o seu maior propósito ou fim em Deus. Mateus 22.37; 1 Coríntios 10.31.

444. 1 Coríntios 10.31

445. O pecado é a antítese ou o oposto da glorificação a Deus.

446. Romanos 1.23

447. Romanos 1.21-32

448. Na mitologia, a caixa de Pandora continha todos os males da humanidade. Zeus a deu a Pandora, que a abriu contra o seu comando.

449. Romanos 1.19-20

450. Salmos 14.1-3; 53.1-3. A palavra *tolo* é traduzida da palavra hebraica *nabal*, que denota uma pessoa tola ou néscia. Deve-se notar que *nabal* é um termo moral e não se refere a uma vítima da ignorância que deseja sabedoria, mas a alguém que despreza a sabedoria e é voluntariamente ignorante.

451. Romanos 1.18

452. Romanos 3.10-12

453. Romanos 2.13; Tiago 1.22

454. Atos 17.25

455. Efésios 1.11

456. Romanos 3.8

457. Gênesis 1.26

458. 2 Coríntios 3.18

459. 1 Samuel 4.21

460. Romanos 3.12. Uma das características do homem caído é a sua total inutilidade: “À uma se fizeram inúteis.”

461. Gênesis 5.3

462. Gênesis 3.16-24, Tiago 3.9

463. Santo Agostinho. *Confissões*. 1. ed. (São Paulo: Paulus, 1984), 15.

464. João 4.32, 34

465. Mateus 5.13

466. Mateus 5.14-16

467. Filipenses 2.15-16

468. Filipenses 3.7-9

C A P Í T U L O 1 4

Completamente Pecadores

Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.
— Romanos 3.23

Neste capítulo, confrontaremos a verdade crucial: os homens pecam porque nasceram moralmente corrompidos[469]. Um dos termos mais importantes que os teólogos usam para descrever as profundezas da corrupção moral herdada pelo homem é a palavra *depravação*. A palavra deriva do prefixo *de-*, que comunica intensidade, e da palavra em latim *pravus*, que significa torcido ou entortado. Dizer que algo é depravado é dizer que seu estado ou forma original

foi completamente pervertido. Dizer que a raça humana é depravada significa dizer que ela caiu de seu estado original de retidão e que todos os homens nascem pecadores moralmente corruptos por natureza. Para descrever a extensão dessa corrupção moral, os teólogos frequentemente empregam vários termos que comunicam a mesma verdade. Os mais comuns são: *depravação total*, *morte espiritual* e *inabilidade moral*.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

A expressão *depravação total* foi empregada há muito tempo pelos teólogos reformadores e por outros a fim de descrever a condição decaída do homem. Embora o termo esteja correto quando adequadamente definido, as expressões *depravação generalizada* ou *depravação radical* podem ser mais apropriadas[470]. Dizer que todo homem é totalmente depravado não significa que eles sejam tão maus quanto podem ser ou que toda obra que

façam seja inteira e perfeitamente má. Antes, significa que a depravação, ou a corrupção moral, afetou seu ser por inteiro – corpo, intelecto e vontade. A seguir, consideraremos o que a depravação total significa e o que não significa.

Primeiro, depravação total não significa que a imagem de Deus no homem foi totalmente perdida na queda. Em vários textos, a Escritura ainda se refere ao homem como sendo feito "à imagem de Deus"[471]. Depravação total significa, sim, que a imagem de Deus no homem foi seriamente deformada e desfigurada e que a corrupção moral polui a pessoa por inteiro – corpo, razão, emoções e vontade[472].

Segundo, depravação total não significa que o homem não tem conhecimento da pessoa ou da vontade de Deus. As Escrituras nos ensinam que todos os homens sabem o suficiente sobre o verdadeiro Deus e sua vontade e que são indesculpáveis diante dele no dia do julgamento[473].

O que significa, de fato, é que, sem uma obra especial da graça, todos os homens rejeitam a verdade de Deus e buscam suprimi-la para que não perturbe o que restou de suas consciências[474]. Os homens conhecem suficientemente a verdade sobre Deus a ponto de odiá-lo e sobre a vontade dele a ponto de resisti-la.

Terceiro, depravação total não significa que o homem não possui consciência ou que seja totalmente insensível ao bem e ao mal. As Escrituras ensinam que todos os homens possuem uma consciência, a qual, se não estiver cauterizada, é capaz de levá-los a admirar ações e caracteres virtuosos[475]. O que, de fato, significa é que os homens não são obedientes de todo coração às diretrizes de sua consciência. Um homem não é justo porque conhece o que é bom ou denuncia o que é mal, mas porque faz o bem que conhece[476].

Quarto, depravação total não significa que o homem é incapaz de demonstrar virtude. Há

homens que amam suas famílias, sacrificam suas próprias vidas por outros, realizam seus deveres civis e fazem boas obras em nome da religião. Mas significa, de fato, que tal virtude não é motivada por um amor genuíno a Deus ou por um desejo verdadeiro de obedecer seus mandamentos. As Escrituras testificam que nenhum homem ama a Deus de maneira digna ou da forma que a lei comanda, nem há um homem que glorifique a Deus em cada pensamento, palavra ou ação[477]. Todos os homens preferem a si mesmos em vez de Deus e é o amor-próprio ou aos outros – e não o amor a Deus – que os move a praticarem atos de altruísmo, heroísmo, dever civil e boa obra religiosa[478].

Quinto, depravação total não significa que todos os homens são tão imorais quanto poderiam ser, ou que todos os homens são igualmente imorais, ou que todos os homens praticam todas as formas existentes de maldade. Nem todos os homens são delinquentes, fornicadores ou assassinos. Mas

significa que todos os homens nascem com uma grande propensão ou inclinação para o mal e que todos os homens são capazes de praticar mesmo os crimes mais horrendos e as perversões mais vergonhosas. Como um todo, toda a humanidade está inclinada a uma corrupção moral cada vez maior, e essa deterioração moral seria incalculavelmente mais rápida se a graça comum de Deus não a restringisse[479]. O homem, em si mesmo, não pode se libertar ou se recuperar dessa espiral descendente[480].

Finalmente, depravação total não significa que todos os homens não possuem as faculdades necessárias para obedecer a Deus. O homem não é uma vítima que deseja obedecer a Deus, mas é incapaz por causa de fatores além do seu controle. Deus dotou o homem com intelecto, vontade e liberdade para escolher. O homem, como um ser moral, é, portanto, responsável diante de Deus. Depravação total significa, de fato, que o homem

não pode se submeter a Deus porque ele *não o deseja* e ele não deseja por causa da sua própria hostilidade contra Deus[481].

MORTE ESPIRITUAL

Outra importante expressão usada pelos teólogos para descrever as profundezas da corrupção moral do homem é *morte espiritual*. No jardim, Deus alertou Adão de que ele certamente morreria se comesse da árvore proibida[482]. Embora Adão só tenha morrido fisicamente muitos anos depois, há um sentido muito real em que ele morreu espiritualmente no exato momento em que escolheu a autodeterminação em vez da submissão e pecou contra Deus[483]. Por essa escolha fatal, Adão alienou-se de Deus e a morte encobriu a parte do seu ser que o capacitava a conhecer e ter comunhão com seu Criador. Resumindo, ele se tornou um cadáver espiritual. Ele estava fisicamente vivo, mas espiritualmente morto. Ele se tornou sensível a todos

os estímulos pervertidos, tanto humanos quanto demoníacos, mas insensível à pessoa e à vontade de Deus.

As Escrituras nos ensinam que essa consequência devastadora da desobediência de Adão não se limitou a sua pessoa, mas que todos os membros da raça adâmica nascem espiritualmente mortos. Esse é o significado da declaração fundamental de Paulo aos efésios: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais."[484] Nesse texto, encontramos que todos os homens nascem neste mundo como natimortos espirituais, vazios de verdadeira vida espiritual e insensíveis à pessoa e à

vontade de Deus. Eles estão “alheios à vida de Deus” e vivem como se estivessem mortos para Deus e Deus para eles[485]. É por essa razão que o salmista nos diz que os homens caídos não buscam a Deus e que não há espaço para ele em todos os seus pensamentos[486]. O homem caído não considera a realidade de Deus ou a necessidade de andar conforme os seus mandamentos. Ele vive em sua prática como um ateu. Embora ele possa reconhecer a existência de Deus ou de algum tipo de divindade, ela não tem qualquer efeito prático ou real em sua vida. Ele está morto, mesmo enquanto vive e se vangloria da vida[487]. Ele tem um coração de pedra para com Deus e é como uma árvore em plena estação dos frutos, desprovida destes, duplamente morta e desarraigada[488]. É um cadáver vivo cuja justiça é como trapos imundos e cujos feitos religiosos são obras mortas[489].

INABILIDADE MORAL

Outra expressão que é intimamente relacionada com a doutrina da morte espiritual é *inabilidade moral.* Esta expressão é comumente empregada para descrever a extensão da corrupção moral do homem, segundo a qual o homem caído é incapaz de amar, obedecer ou agradar a Deus.

Ao ouvir tal doutrina, alguém pode perguntar: "Como o homem pode ser responsável diante de Deus, se é incapaz de fazer qualquer coisa que Deus comanda?" A resposta é muito importante. Se o homem não obedecesse a Deus por causa de uma debilidade em suas capacidades mentais ou fosse, de alguma forma, fisicamente restringido, então seria injusto Deus responsabilizá-lo – ele seria uma vítima. Contudo, esse não é o caso do homem. Sua inabilidade é moral e decorre de sua hostilidade para com Deus[490]. O homem é incapaz de amar a Deus porque odeia a Deus[491]. Ele é incapaz de obedecer a Deus porque desdenha de seus mandamentos. É incapaz de agradar a Deus porque não considera que

a glória e o beneplácito deste sejam metas dignas[492]. O homem não é uma vítima, mas um culpado. Ele *não pode* porque *não quer*. Sua corrupção e inimizade contra Deus são tão grandes que prefere sofrer as punições eternas do inferno a reconhecer a Deus como Deus e se submeter a sua soberania.

Por essa razão, a inabilidade moral também pode ser chamada de hostilidade voluntária. O relacionamento entre José e seus irmãos ilustra melhor essa verdade: "Quando os seus [de José] irmãos viram que o pai gostava mais dele do que de qualquer outro filho, odiaram-no e não conseguiam falar com ele amigavelmente." O texto declara que os irmãos de José não conseguiam falar com ele amigavelmente. O motivo não era porque lhes faltava a habilidade física de falar, mas porque seu ódio contra ele era tão grande que não estavam dispostos a serem amigáveis. Da mesma forma, a hostilidade do homem caído contra Deus é tão

grande que ele não pode se forçar a amar ou se submeter ao mandamentos de Deus.

Imagine um prisioneiro político preso justamente em uma masmorra por sua traição contra o rei e a nação. Um dia, o justo e misericordioso rei visita a cela e abre a porta. Ele então promete dar completo perdão ao prisioneiro e restaurar a sua liberdade sob a única condição de que ele renuncie à sua rebelião, honre o rei e se submeta à sua lei. Ao ouvir as palavras do rei, o prisioneiro corre para a porta e a fecha com violência, novamente confinando a si mesmo no horrível calabouço. Então, em um acesso de ira, ele cospe no rei e grita: “Prefiro morrer do que me prostrar diante de você!” Esse é o caso do coração não regenerado. A inimizade do homem contra Deus é tão grande que ele prefere se perder no inferno a render a devida estima, glória e obediência.

É uma verdade bíblica que todos os homens estão sujeitos à sua própria natureza. Se um homem

possuísse uma natureza moralmente pura, então sua vontade estaria inclinada para atos moralmente puros: ele amaria um Deus santo e justo e estimaria e obedeceria seus mandamentos. Contudo, o homem caído possui uma natureza moralmente corrupta; assim, sua vontade está inclinada para atos moralmente corruptos. Logo, ele odeia um Deus santo e justo, afasta-se de sua verdade e se rebela contra seus mandamentos.

É nesse inseparável relacionamento entre a natureza e a vontade do homem caído que encontramos a resposta para a pergunta frequentemente debatida: "O homem possui livre-arbítrio?" A resposta bíblica é que o homem é livre para escolher aquilo que lhe agrada, mas, por ser depravado, agrada-lhe escolher o mal. Em outras palavras, o homem caído possui, sim, livre-arbítrio, mas não possui um bom arbítrio. Sua vontade está escravizada à sua própria natureza depravada, razão pela qual sempre escolherá livremente o oposto à

pessoa e à vontade de Deus. A repreensão contundente de Jesus aos fariseus revela isso claramente: "Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus?"[493]

A verdade bíblica da inabilidade moral levou Martinho Lutero a escrever seu famoso tratado "The Bondage of the Will" [A Escravidão da Vontade][494]. O título transmite a ideia de que o homem não pode escapar daquilo que ele é. Ele é mau por natureza e pratica voluntária e livremente obras más. O homem caído produz frutos ruins porque é uma "árvore ruim"[495]. Sua vontade está sujeita, ou escravizada, à sua natureza corrupta. Nas páginas seguintes, consideraremos algumas das terríveis consequências dessa verdade.

O HOMEM CAÍDO NÃO PODE CONHECER A DEUS

Pela providência graciosa de Deus, a raça humana alcançou grandes realizações intelectuais, como a

ciência, a tecnologia e a medicina. Ainda assim, o conhecimento de Deus que o homem caído possui não passa de um labirinto tortuoso de heresias e pensamentos fúteis[496]. Essa ignorância não resulta de um Deus escondido, mas de um homem escondido. Deus se revelou claramente aos homens através da criação, de suas obras soberanas na história, das Escrituras e, finalmente, através de seu filho encarnado[497]. Ainda assim, o homem respondeu a essa revelação fechando os seus olhos e tapando os seus ouvidos. Ele não pode conhecer a verdade porque odeia a verdade e busca reprimi-la. Ele é contrário à verdade, porque ela é a verdade de Deus. Ela fala contra ele, que, portanto, não pode suportá-la.

O HOMEM CAÍDO NÃO PODE AMAR A DEUS

A maioria dos homens, mesmos os irreligiosos, afirma ter, em algum grau, amor ou afeição por

Deus. No entanto, as Escrituras testificam que o homem caído não pode amar a Deus. De fato, as Escrituras ensinam que, antes da conversão, a raça de Adão odeia a Deus e vive em guerra contra ele[498]. Essa hostilidade existe porque uma criatura moralmente corrupta simplesmente não consegue tolerar um Deus santo e justo, ou suportar se submeter a sua vontade.

É importante notar que a maioria que afirma amar a Deus conhece bem pouco sobre seus atributos e obras, como as Escrituras os descrevem. Portanto, o deus que eles amam não é nada além de sua própria imagem, amando eles o que conceberam. Como Deus declara através do salmista: "Pensavas que eu era teu igual; mas eu te arguirei."[499]

Se a maioria dos homens, mesmo aqueles que se consideram religiosos, investigassem as Escrituras, certamente encontrariam um Deus bem diferente do deus que afirmam ser o alvo de suas afeições. Se considerassem o real ensino das Escrituras sobre os

atributos divinos como santidade, justiça, soberania e ira, provavelmente responderiam com desgosto e declarariam: “Meu Deus não é assim!”, ou: “Eu jamais poderia amar um Deus assim!” Desse modo, veríamos rapidamente que, quando o homem caído se encontra com o Deus das Escrituras, sua única reação é repulsa e rejeição. Qual é a razão para essa reação adversa? Novamente, tem a ver com quem o homem é no próprio cerne de sua natureza. Se o homem fosse santo e justo por natureza, então poderia facilmente amar um Deus santo e justo. Contudo, o homem é, em sua natureza, depravado e, portanto, não o pode.

O HOMEM CAÍDO NÃO PODE BUSCAR A DEUS

Vivemos em um mundo repleto de pessoas que proclamam buscar a Deus; contudo, as Escrituras destroem tal vanglória em uma simples declaração: “Não há quem busque a Deus.”[500] Muitas vezes,

ouvimos novos convertidos ao cristianismo começarem seus testemunhos com as seguintes palavras: “Por anos, eu estava buscando a Deus”[501], mas as Escrituras novamente respondem: “Não há quem busque a Deus.” O homem é uma criatura caída. Ele odeia a Deus porque este é santo e se rebela contra a verdade de Deus porque ela expõe sua depravação e rebelião[502]. Portanto, ele não virá a Deus, mas fará de tudo a seu alcance para evitá-lo e para remover cada fragmento da lei divina de sua consciência. O antigo pregador muitas vezes sumarizava essa verdade com a seguinte declaração: “O homem é tão inclinado a buscar a Deus quanto um criminoso foragido é inclinado a buscar um oficial da lei.”[503] Jesus concorda: “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.”[504]

O HOMEM CAÍDO NÃO PODE OBEDECER OU AGRADAR A DEUS

Há um denominador comum que une todas as outras religiões, excluindo o cristianismo: a crença de que o ser aprovado diante de Deus se baseia na obediência, no mérito pessoal ou em alguma capacidade de agradar a Deus. O cristianismo é o único que declara que, sem uma obra especial da graça de Deus, o homem não pode obedecer a Deus ou agradá-lo[505]. Como o homem é realmente impuro, ele está destituído de mérito. Até suas obras mais exemplares não passam de trapos imundos diante de um Deus santo e justo[506]. Essa é uma das verdades mais humilhantes das Escrituras – e uma das mais detestadas e adversas à raça de Adão. Mesmo assim, é uma parte essencial do evangelho e devemos enfatizá-la ao homem até que ele sinta todo o seu peso. Ele está sem esperança e desesperadamente perdido. Se ele vai ser salvo, se-lo-á por Deus somente.

O HOMEM CAÍDO NÃO PODE REFORMAR A SI MESMO

O século XX começou com um grande otimismo quanto à habilidade do homem em tornar-se uma criatura mais nobre e grandiosa. Supunha-se ser aquela a era da reforma, mas acabou sendo um estupor de desespero e confusão. As Escrituras claramente ensinam que o homem nasce espiritualmente morto e totalmente depravado. Qualquer tentativa de autorreforma é vazia de esperança e resultará em completo fracasso[507]. O patriarca Jó clamou: "Serei condenado; por que, pois, trabalho eu em vão? Ainda que me lave com água de neve e purifique as mãos com cáustico, mesmo assim me submergirás no lodo, e as minhas próprias vestes me abominarão." Através do profeta Jeremias, Deus declarou: "Pelo que ainda que te laves com salitre e amontoes potassa, continua a mácula da tua iniquidade perante mim, diz o SENHOR Deus."[508] E, novamente: "Pode, acaso, o

etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal."[509] Há só uma esperança para o homem, mas antes que possa vê-la, ele precisa estar convencido de sua total inabilidade e ser conduzido ao esgotamento de si mesmo. Essa é uma das tarefas essenciais da pregação do evangelho.

O HOMEM CAÍDO É UM ESCRAVO DE SATANÁS

No princípio, Adão era livre para obedecer a Deus e exercer domínio sobre toda a terra[510]. Mas, por causa de sua rebelião contra Deus, tanto ele como sua raça sucumbiram em corrupção e escravidão. Desde a queda, todo homem nasce escravo de sua natureza corrupta e escravo de Satanás. Embora poucos homens se considerem seguidores de Satanás, as Escrituras testificam que todos os homens vivem "segundo o príncipe da potestade do

ar" (o diabo), e que este trabalha poderosamente através de todos que vivem em desobediência a Deus[511]. Além disso, as Escrituras testificam que o mundo inteiro encontra-se sob o poder do maligno, que todos os homens nascem debaixo de seu domínio e que ele mantém todos os homens cativos à sua vontade[512].

Embora seja correto usar o termo *escravidão* para descrever o relacionamento do homem com o diabo, precisamos entender que o homem não é uma vítima, preso contra a sua vontade. O homem rejeitou o governo de Deus e foi "entregue" ao governo de Satanás. Tanto o cativo como o capturador são criaturas caídas e há uma grande afinidade entre eles[513]. Eles são semelhantes em sua corrupção moral e inimizade contra Deus. Embora isso seja repulsivo para a maioria, não obstante é verdade: há uma similaridade moral tão grande entre o homem caído e Satanás que, antes da conversão,

todos os homens podem ser corretamente chamados de filhos do diabo[514].

SOMOS REALMENTE TÃO MAUS?

Vivemos em uma era decididamente otimista mas ilusória, que coloca o homem no centro do universo e o louva como sendo a medida de todas as coisas. Contra o testemunho de sua própria história manchada, de sua própria consciência e do ensino da Escritura, ele faz grandes reivindicações de virtude e mérito e se ufana de um futuro melhor. Ele cobre suas incontáveis imoralidades e contínuas degenerações mudando as regras da moralidade, chamando de bom o que antes era considerado mau[515]. Por causa dessa poderosa ilusão, não é surpreendente que respondam às acusações das Escrituras com a seguinte pergunta: “Nós somos realmente tão maus?” A resposta da Bíblia é: “Sim! Vocês são realmente tão maus!”

As Escrituras claramente testificam que Deus trouxe um grande dilúvio sobre o mundo inteiro durante os dias de Noé[516]. A razão para esse ato divino de julgamento era a impiedade e a imoralidade grotesca do homem. As Escrituras nos dão a seguinte explicação: “Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.” A ideia que salta desse texto não é somente a iniquidade do homem, mas sua extensão – “era continuamente mau todo desígnio do seu coração”. Essa é uma das declarações mais poderosas nas Escrituras sobre aquilo que nos referimos como a total, radical ou generalizada depravação do homem. A princípio, a acusação pode parecer extrema e aplicável somente a algumas poucas pessoas na história, cujas consciências estavam completamente cauterizadas. Contudo, após

uma investigação minuciosa, torna-se notório que ela se aplica a todos e a cada um de nós.

Imagine se possuíssemos um aparelho que conseguisse transformar cada pensamento que já entrou em nossas mentes em uma imagem visual e então exibisse tais imagens em um filme para todos verem. Imagine que toda a nossa família, amigos e colegas fossem ver o filme. Não faríamos tudo em nosso poder para impedi-los de vê-lo? Se o vissem, não achariam difícil, se não impossível, nos olharem nos olhos novamente? Se, contudo, contra toda razão, mantivéssemos um semblante firme e alegássemos que não nos envergonhamos de nada, não seria evidente que estaríamos mentindo, delirando ou que nossa consciência se cauterizara completamente? A verdade é que mesmo o melhor de nós já pensou coisas tão torpes que jamais as compartilharíamos nem com os nossos melhores amigos! Tudo isso demonstra que há algo em nós que simplesmente não está certo. Possuímos uma

propensão para o mal e estamos inclinados para coisas que a nossa própria consciência se opõe e censura. Esse tem sido o grande predicamento dos filósofos, moralistas e teólogos mais iluminados ao longo da história do pensamento. O apóstolo Paulo resume o dilema do homem quando lamenta: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto."[517]

É importante entender que a perversidade que descrevemos não se confina ao período pré-diluviano[518]. Em outras palavras, o dilúvio não lavou a tendência humana para o mal, nem foi Noé capaz de deixar um legado melhor que Adão. Imediatamente após o dilúvio ter abaixado e Deus ter ordenado que Noé deixasse a arca, Deus expôs a contínua depravação que permanecia no coração do homem e que seria a marca de seu caráter não regenerado até o fim do mundo: "E o SENHOR aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: Não

tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz."[519]

Antes do dilúvio, Deus declarou que era continuamente mau todo desígnio do coração humano[520]. Após o dilúvio, pouco mudou. Não só se afirma que o desígnio do coração do homem é mau, mas também a origem de tal mal é exposta. Ele reside dentro do coração do homem desde o nascimento. É herança que recebeu de Adão[521]. Embora as Escrituras não expliquem o mistério para nós, ela o confirma como verdadeiro. O homem é concebido em pecado e nasce em iniquidade; ele se descaminha desde o ventre e se desvia desde a sua concepção[522]. Por essa razão, não é necessário ensinar a uma criança como ser egoísta ou falsa. Ao contrário, os pais e outros devem trabalhar diligentemente para ensiná-las a restringir seu egoísmo, falar a verdade e se preocupar com o bem

estar de outros. Qualquer um que espera que as crianças possam um dia governar o mundo nunca testemunhou a hierarquia que é comumente estabelecida entre as mais novas ou quando uma cobiça o brinquedo de outra. Quem quer que discorde tem toda a história e as notícias diárias contra ele!

As Escrituras ensinam que o homem faz o mal porque possui o mal residindo dentro dele. Essa depravação residente permeia e afeta todo pensamento, ação e obra. Este lamento do profeta Isaías ilustra poderosamente essa verdade: "Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam."[523] Há muitas opiniões sobre o que Isaías queria dizer com *trapo da imundícia*. Contudo, a maioria pensa que ele se refere à veste que se tornaria cerimonialmente impura ao entrar em contato com um morto, fluxo

de sangue ou lepra. Iremos nos ocupar com a última desses três.

Ao longo da história, a lepra tem sido considerada uma das doenças mais terríveis de todas; portanto, ela fornece uma ilustração poderosa e visual do pecado. A lepra devasta o corpo até não haver nada mais do que uma massa de podridão e fedor. É insuportável para quem sofre a doença e igualmente insuportável para aqueles que precisam testemunhá-la. À luz dessa informação, imagine que um grupo de otimistas decida tomar esse pobre leproso e torná-lo apresentável. Lavam-no com cuidado e mascaram seu cheiro com o perfume mais caro. Finalmente, vestem-no com um vestido branco e puro, feito da mais fina seda, e o apresentam para todo o mundo ver. Embora seus esforços possam produzir um benefício momentâneo para tal leproso e possa resultar em aplausos, não demorará muito para que o disfarce caia. A podridão do corpo do homem sangrará rapidamente através do tecido e seu

fedor em breve se sobreporá às fragrâncias. Dentro de instantes, o homem, o vestuário e tudo que ele toca se tornarão corrompidos e cheio de lepra.

O mesmo pode ser dito do homem. Não importa a qual reforma religiosa ou moral ele se submeta, ele permanece o mesmo por dentro. Jesus o descreve como um copo limpo no exterior, mas cheio de imundície por dentro, e sepulcros caiados cheios de ossos de mortos[524]. Assim como o leproso, cuja corrupção sangra através do tecido, tornando-o tão torpe quanto a sua pessoa, assim a corrupção do coração ou da natureza do homem sangra através de cada pensamento, ação e obra, tornando-o impuro. Por essa razão, o homem não regenerado é incapaz de conquistar sua aprovação diante de Deus por meio de suas obras ou méritos. Suas melhores ações são como trapos imundos e detestáveis diante de Deus!

Nosso entendimento da natureza do homem é fundamental para nosso entendimento do evangelho

e do evangelismo. Se o homem é fundamentalmente bom, ou se há um remanescente ou uma faísca de bondade residindo no homem, então o pregador possui o poder de convencimento e os homens possuem o poder de resposta. Contudo, se o homem é radicalmente depravado, então somente o poder sobrenatural de Deus pode abrir os corações e as mentes, conceder arrependimento e dar a fé que leva à salvação[525].

Como cristãos e ministros do evangelho, Deus nos chamou não só para proclamar as grandezas de Deus e as riquezas de sua graça, mas também para expor a verdadeira condição do coração humano através da luz da Palavra de Deus e do poder do Espírito Santo. É este último trabalho de expor a corrupção moral do homem que leva as pessoas a não colocarem nenhuma confiança na carne e se gloriarem somente em Cristo Jesus[526]. As trevas morais do homem servem como um pano de fundo

escuro como breu sobre o qual as estrelas gêmeas da graça e da misericórdia de Deus brilham.

---

469. Salmos 51.5; 58.3; Gênesis 8.21

470. O verbo generalizar significa tornar ou tornar-se geral; tornar-se generalizado significa espalhar-se para todas as partes. Assim, a depravação se relaciona com a raiz de quem somos por natureza; a depravação procede diretamente da raiz de nossas almas.

471. Gênesis 9.6; 1 Coríntios 11.7; Tiago 3.9

472. Corpo (Romanos 6.6, 12; 7.24; 8.10, 13), razão (Romanos 1.21; 2 Coríntios 3.14-15; 4.4; Efésios 4.17-19), emoções (Romanos 1.26-27; Gálatas 5.24; 2 Timóteo 3.2-4) e vontade (Romanos 6.17; 7.14-15);

473. Romanos 1.20

474. Romanos 1.21-23; 1.18

475. Romanos 2.15; 1 Timóteo 4.2

476. Romanos 3.10-12; 2.13, 17-23; Tiago 4.17

477. Deuteronômio 6.4-5, Mateus 22.37, 1 Coríntios 10.31, Romanos 1.21

478. 2 Timóteo 3.2-4

479. A. A. Hodge, *Esboços de Teologia*. (São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas), 625.

480. Jeremias 13.23, Romanos 7.23-24

481. Romanos 8.7-8

482. Gênesis 2.17

483. Gênesis 5.5

484. Efésios 2.1-3

485. Efésios 4.18

486. Salmos 10.4 ARA: "O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações." NVI: "Em sua presunção o ímpio não o busca; não há lugar para Deus em nenhum dos seus planos."

487. 1 Timóteo 5.6, Apocalipse 3.1

488. Ezequiel 11.19; Judas v. 12

489. Isaías 64.6, Hebreus 6.1; 9.14

490. Romanos 5.10; 8.7-8

491. Romanos 1.30

492. Romanos 1.21

493. Mateus 12.34

494. N. T.: O resumo dessa obra foi publicado pela Editora Fiel sob o título "Nascido Escravo".

495. Mateus 7.18

496. Romanos 1.21-23; Efésios 4.17.19

497. Romanos 1.19-20, 2 Timóteo 3.16, João 1.18

498. Romanos 1.18; Jó 21.14-15

499. Romanos 1.30, 5.10

500. Salmos 50.21

501. Romanos 3.11

502. João 3.19-20

503. A fútil tentativa de se “esconder” de Adão e Eva, em Gênesis 3:8, ilustra claramente isso.

504. João 3.19-20

505. Romanos 7.14-24, Efésios 2.4-5

506. Isaías 64.6

507. Jó 9.29-31

508. Jeremias 2.22

509. Jeremias 13.23

510. Gênesis 1.27-28

511. Efésios 2.2

512. 1 João 5.19, Atos 26.18, 2 Timóteo 2.26

513. Devido a essa afinidade, Jesus, em João 8.44, chama o diabo de o “pai” dos incrédulos.

514. 1 João 3.8, João 8.44

515. Isaías 5.20-21: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo! Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e prudentes em seu próprio conceito!”

516. Gênesis 7-9

517. Romanos 7.15

518. O período na história anterior ao dilúvio de Noé.

519. Gênesis 8.21

520. Gênesis 6.5-6

521. Gênesis 5.3, Romanos 5.12

522. Salmos 51.5, 58.3

523. Isaías 64.6

524. Mateus 23.25-28

525. Atos 16.14, Lucas 24.45, 2 Timóteo 2.25, Efésios 2.8, Romanos 12.3

526. Filipenses 3.3

C A P Í T U L O 1 5

Justa indignação

Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias.

— Salmos 7.11

Os arrogantes não permanecerão à tua vista;aborreces a todos os que praticam a iniquidade.

— Salmos 5.5

A maior parte da comunidade evangélica esqueceu os versículos acima, a ponto de serem hoje controversos. Com que frequência os pregadores proclamam a justa indignação de Deus contra o pecador? Com que frequência o púlpito aborda temas como a ira divina ou o ódio santo? Será por que não estudamos mais as Escrituras? Ou

concluímos que certas partes não foram inspiradas e são agora obsoletas? Será que nos acovardamos sob a sombra do politicamente correto e sob os caprichos da cultura? Ou estamos convencidos de que pregar a verdade não é a maneira de fazer uma igreja crescer?

Independentemente se é palatável para a nossa presente época, a justa indignação de Deus é uma realidade nas Escrituras e uma parte essencial de toda a proclamação verdadeira do evangelho. Portanto, devemos entender essa doutrina e as verdades que a cercam. Devemos também ter em mente que uma vez entendidas, elas também devem ser proclamadas. O objetivo de nosso estudo não é que obtenhamos meramente uma teologia balanceada para nós mesmos, mas que proclamemos as verdades que descobrimos para o benefício do povo de Deus. Há um pequeno risco em aprender, mas frequentemente há um perigo ainda maior em proclamar o que aprendemos. As verdades que

conhecemos nos causarão pouco dano e trarão pouco benefício para a igreja se as confinarmos às nossas bibliotecas.

Nós queremos um Deus justo?

A primeira pergunta que devemos fazer tanto para o nosso próximo quanto para nós mesmos é: "Realmente queremos um Deus justo?" Essa pode parecer uma pergunta incomum, e até mesmo uma pergunta desnecessária, mas na realidade ela revela muito a respeito de nossa condição humana e nosso problema diante de Deus.

Por um lado, nós queremos um Deus justo. Seria aterrorizante pensar em viver em um universo sob a absoluta soberania de um ser injusto e onipotente. Os Hitlers deste mundo aparecem apenas por um momento no teatro da história e seu próprio mal rapidamente os elimina. Ainda assim, o raio da destruição deles parece alcançar muito além de sua própria geração. Como então seria viver sob o governo injusto de uma deidade imoral e eterna? Só

pensar sobre isso já é de provocar pesadelos. Sua injustiça o tornaria inconsistente e até caprichoso. Seu poder o tornaria aterrorizante. Mesmo se ele fosse bom para nós por muito tempo, ainda assim não haveria certeza de que sua bondade continuaria. Seríamos como navegantes em um mar calmo enlouquecendo pela antecipação de uma possível tempestade fatal. Não haveria certeza e nem base razoável para a fé. Não haveria esperança de uma futura retificação de males para um mundo presente que vacila sob o peso de injustiça impune e de imoralidade inconteste. Por essas razões, se uma votação fosse proposta, os sãos entre os homens votariam por um Deus perfeitamente justo em quem "não há injustiça"[527]. Um Deus que é absolutamente confiável julgará o mundo com justiça e executará o julgamento entre todos os homens com perfeita e imparcial justiça[528].

Um Deus justo é o tipo de Deus que a maioria dos homens quer e até mesmo exige. Quando grandes

injustiças correm soltas em nosso mundo sem qualquer intervenção ou aparente julgamento divino, homens ignorantes se levantam como animais estúpidos e exigem justiça dos céus, enquanto o homem sensato senta-se em silêncio na esquina com sua cabeça entre as mãos. Ele sabe que se encontra em uma posição difícil. Pelo dedo acusador de sua própria consciência, ele percebe que Deus dá aos homens a justiça que eles exigem, de modo que todos os homens, incluindo aqueles com as maiores exigências, serão condenados. Como está escrito: "Não há justo, nem um sequer."[529] Aqueles que exigem que outros sejam trazidos ao tribunal da justiça devem perceber que eles estão fazendo a petição de seu próprio julgamento pelo mesmo tribunal. Embora nem todos tenham cometido as mesmas atrocidades, todos pecaram, e todos estão sob a condenação da morte e da eterna separação de um Deus santo e justo. Qualquer um que tente se distinguir do maior dos pecadores é cego para sua

própria depravação e para a impiedade de suas obras.

Esse é o dilema que dá à luz a questão: "Nós realmente queremos um Deus justo?" Nós realmente iríamos querer que ele sondasse cada aspecto de nossas vidas – pensamentos, palavras e ações – e depois nos concedesse a exata sentença devida a nós? Somente o homem ou a cultura cuja consciência já foi cauterizada se ofereceria a permanecer diante de tal escrutínio e receber o que possa vir do trono de juízo de um Deus perfeitamente justo.

A verdade de que Deus é um Deus justo é uma espada de dois gumes. Ela traz conforto em saber que um ser imoral e onipotente não governa o mundo. Contudo, àqueles que ainda têm uma consciência com a qual contemplar, essa verdade é absolutamente aterrorizante. Se Deus é verdadeiramente justo, amando tudo o que é correto com um perfeito amor e odiando a injustiça com um

perfeito ódio, qual deve ser a resposta dele para com nosso próprio mal pessoal?

DEUS ESTÁ IRADO?

Não é incomum os pregadores e evangelistas contemporâneos garantirem a seus ouvintes que Deus não é um Deus irado, mas tal afirmação é das mais enganosas e heréticas[530]. Ela é incapaz de oferecer qualquer conforto real aos homens. De acordo com as Escrituras, Deus é um Deus irado, e é algo bom para nós que ele seja assim. As Escrituras declaram o seguinte: "O SENHOR é Deus zeloso e vingador, o SENHOR é vingador e cheio de ira; o SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos"; "Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias"; "Tu, sim, tu és terrível; se te iras, quem pode subsistir à tua vista?"[531]

Quando a santidade, a justiça e o amor de Deus se deparam com a depravação, a injustiça e a falta de

amor do homem, o resultado inevitável é o ódio ou a indignação divina, uma ira tão grande que o salmista clama: "Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?"[532] A palavra traduzida por *ira* no Antigo Testamento vem de três palavras hebraicas. A primeira é *qetsep*, que se refere à ira, ódio ou indignação. A segunda é *hema*, que denota ira, ódio, desgosto, fúria, calor e até mesmo veneno. A terceira é *'aph*, que é literalmente traduzida por "narina" ou "nariz". Ela representa a ira de Deus da mesma maneira que a dilatação das narinas representa a ira de um animal enfurecido. A representação não é refinada de maneira alguma, mas é poderosa.

No Novo Testamento, a palavra *ira* é traduzida de duas palavras gregas. A primeira é *orge*, que se refere a ira ou ódio. A segunda é *thumos*, que denota ódio, indignação, paixão e fúria. No espectro amplo das Escrituras, a ira divina se refere ao

desprazer e da justa indignação direcionada ao pecador e seu pecado.

Ao considerar a ira de Deus, é importante entender que ela não é uma emoção incontrolável, irracional ou egoísta, mas o resultado de sua santidade, justiça e amor. Também é um elemento necessário de seu governo. Por Deus ser quem ele é, ele deve reagir com aversão ao pecado. *Deus é santo*. Portanto, o mal lhe dá repulsa, quebrando ele a comunhão com o perverso. *Deus é amor* e ama zelosamente tudo o que é bom. Tal intenso amor pela justiça se manifesta em um igualmente intenso ódio por tudo o que é mau. Assim, o amor de Deus não nega a ira de Deus; pelo contrário, ele a confirma ou garante. *Deus é justo*. Portanto, ele deve julgar a perversidade e condená-la. Se o homem é um objeto da ira de Deus, é porque ele escolheu desafiar a soberania de Deus, violar sua santa vontade e expor-se ao juízo.

Em sua santidade, justiça e amor, Deus odeia o pecado e se aproxima com uma terrível e frequentemente violenta ira contra ele. Diante de sua ira, a terra treme e as rochas se partem. As nações não podem suportar sua ira e ninguém pode permanecer diante de sua indignação[533]. O mais forte entre os homens e os anjos derreterão diante dele como um pequeno boneco de cera diante de uma fornalha quente[534].

Hoje, muitos rejeitam a doutrina da ira divina ou qualquer ensino similar que mesmo sugira que um Deus amoroso e misericordioso possa ser irado, ou possa manifestar tal ira no julgamento e na condenação do pecador. Argumentam que tais ideias não são nada mais que conclusões errôneas de homens primitivos que viam Deus como hostil, vingativo e até mesmo cruel. Como cristãos, devemos rejeitar qualquer doutrina que retrate Deus como cruel ou ignore sua compaixão. Ainda assim, não podemos abandonar o claro ensino da Escritura

sobre a doutrina da ira e punição divinas. Há referências suficientes nas Escrituras a respeito da ira de Deus para torná-la um tema pelo menos tão proeminente quanto seu amor, sua bondade e sua compaixão.

Deus é compassivo e clemente, longânimo e grande em misericórdia e ainda assim punirá o pecador impenitente com o objetivo de administrar justiça sobre suas criaturas e vindicar seu santo nome[535]. Na grandeza de sua excelência, ele derrubará aqueles que se levantarem contra ele e lançará sua ira ardente para consumi-los como palha[536]. Mesmo no Novo Testamento, ele é descrito como um fogo consumidor e como um Deus que "inflige ira" a tal nível que os grandes entre os perversos clamarão aos montes e às rochas que caiam em cima deles para que eles se escondam da ira de seu Cordeiro[537]. Por essa razão, o apóstolo Paulo suplica aos homens que não sejam enganados, mas vivam à luz da verdade de que a ira de Deus

virá sobre os filhos da desobediência[538]. A declaração frequentemente repetida de que Deus não é um Deus irado é mentirosa e não pode oferecer qualquer conforto real ao homem! Que conforto poderia ser encontrado em um Deus que é neutro para com o mal e não demonstra nenhuma indignação contra ele? Como Deus poderia ser bom, amoroso, ou até mesmo moral se ele não se inflamasse com indignação contra o tráfico de escravos, Auschwitz, ou o assassinato de milhões de crianças no útero em nome da conveniência? Quando ouvimos tais atrocidades, sentimos um senso esmagador de ira ou indignação moral. Além disso, nós consideraríamos imoral qualquer homem que permaneça impassível ante a tais horrores, como sendo tão monstruoso quanto aqueles que os cometeram. O que, então, estamos comunicando quando declaramos que Deus não é um Deus irado? Podemos justificar nossa própria indignação para

com a injustiça e ao mesmo tempo negar tal direito a Deus?

Em contraste com as reflexões poéticas dos pregadores que desejam tornar Deus palatável para este mundo carnal, as Escrituras nos ensinam que o infinitamente santo, justo e amoroso Deus é um Deus de ira. Ele nunca é apático para com o mal; ele arde com um fogo inextinguível contra o mal. Ele direciona sua justa indignação para o quase infinito número de pecados cometidos contra ele a cada segundo. "Eis o nome do SENHOR vem de longe, ardendo na sua ira, no meio de espessas nuvens; os seus lábios estão cheios de indignação, e a sua língua é como fogo devorador."[539] "Os pecadores em Sião se assombram, o tremor se apodera dos ímpios; e eles perguntam: Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Quem dentre nós habitará com chamas eternas?"[540] "Eis a tempestade do SENHOR! O furor saiu, e um redemoinho tempestuou sobre a cabeça dos perversos"[541]

Não devemos ser enganados a pensar que o fogo inextinguível e consumidor de Deus só é aceso para os crimes mais hediondos ou que ele vem apenas para os mais desprezíveis de nós. Na mente de Deus, não há duas categorias separadas de pecado: uma categoria que o deixa irado e outra que não evoca tal resposta. As Escrituras nos ensinam que todo pecado é ilegal, toda forma de rebelião é como feitiçaria, todo ato de insubordinação é como a mais perversa imoralidade e idolatria[542]. Por todo e qualquer pecado, a ira de Deus vem sobre o filho da desobediência, e o salário de qualquer pecado é a morte[543].

O pecado de nossos primeiros pais e a ira que ele evocou de Deus claramente demonstram a natureza hedionda de toda forma ou categoria de pecado. O ato de comer um fruto proibido parece até inofensivo quando comparado com as atrocidades da história humana e aqueles que figuram nas manchetes do jornal da noite, e ainda assim esse ato

de rebelião resultou na ira de Deus e na condenação do mundo. Isso nos ensina, se nada mais, que todo pecado é hediondo diante de um Deus santo e justo, e todos aqueles que cometem tal pecado são objetos de sua ira[544].

DEUS ODEIA?

Deus odeia? Esse ódio é, de alguma forma, voltado contra os homens? A maioria das pessoas nunca ouviu um sermão sobre esse assunto ou sequer já ouviu tal ideia. A questão por si só é suficiente para causar uma controvérsia e colocar os levemente religiosos em guarda. Mesmo sugerir a possibilidade de tal coisa contradiz muito do que os pregadores evangélicos ensinam hoje. Contudo, nas Escrituras, o ódio de Deus é tão real quanto seu amor. De acordo com as Escrituras, há coisas que um Deus santo e justo odeia, aborrece, detesta e até mesmo abomina. Além disso, tal ódio é muitas vezes voltado contra os homens caídos.

Muitos objetam o ensino sobre o ódio de Deus com a falsa suposição de que Deus é amor e, portanto, não pode odiar. Ao passo que o amor de Deus é uma realidade que vai além da compreensão, é importante ver que o amor de Deus é a própria razão para seu ódio. Nós não deveríamos dizer que Deus é amor e, por isso, ele *não pode* odiar; mas que Deus é amor e, por isso, ele *deve* odiar. Se uma pessoa realmente ama a vida, reconhece sua santidade e valoriza todas as crianças como um presente de Deus, então ela deve odiar o aborto. É impossível amar pura e apaixonadamente as crianças e ainda assim ser neutro para com aquilo que as destrói no ventre. Da mesma forma, se Deus ama com a maior intensidade o que é reto e bom, então ele deve com igual intensidade odiar tudo o que é perverso e mau.

As Escrituras nos ensinam que Deus não apenas odeia o pecado, mas também que ele volta seu ódio contra aqueles que o praticam. Todos aprenderam o

cliché popular: “Deus ama o pecador e odeia o pecado”, mas tal ensino é uma negação das Escrituras, que claramente declaram o contrário. O salmista, sob inspiração do Espírito Santo, escreveu que Deus não apenas odeia a iniquidade, mas que ele também odeia “todos os que praticam a iniquidade”[545].

Devemos entender que é impossível separar o pecado do pecador. Deus não pune o pecado, mas pune aquele que o comete. O pecado não é condenado ao inferno, mas o homem que o pratica. Por essa razão, o salmista declarou: “Os arrogantes não permanecerão à tua vista; odeias a todos os que praticam a iniquidade”[546]. E também: “O SENHOR está no seu santo templo; nos céus tem o SENHOR seu trono; os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens. O SENHOR põe à prova ao justo e ao ímpio; mas, ao que ama a violência, a sua alma o abomina. Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre,

e vento abrasador será a parte do seu cálice. Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça”[547].

É importante entender que os textos acima não estão sozinhos na Escritura, mas estão acompanhados de outras passagens que fortalecem a realidade de tal resposta por parte de um Deus santo. No livro de Levítico, o Senhor advertiu ao povo de Israel que não seguisse os costumes das nações que ele lançaria de diante dele, e depois adicionou: “Porque fizeram todas estas coisas; por isso, me aborreci deles”[548]. Novamente, no livro de Deuteronômio, ele advertiu seu povo de que os canaanitas seriam lançados de diante deles porque eram “uma abominação ao SENHOR”, e qualquer um que participasse dos mesmos atos injustos seria igualmente uma “abominação” para ele[549]. No livro dos Salmos, Deus descreveu sua disposição para com os israelitas incrédulos que recusavam entrar na Terra Prometida, dizendo: “Durante quarenta anos, estive desgostado com essa geração.”[550] Finalmente,

no livro de Tito, Paulo descreve aqueles que fizeram confissões vazias ou superficiais de fé em Deus como "abomináveis" diante dele, e João, na Ilha de Patmos, descreve o lago de fogo como a morada eterna daqueles que são "abomináveis"[551].

O ÓDIO DIVINO EXPLICADO

O que significa quando as Escrituras declaram que Deus odeia pecadores? Primeiro, o *Dicionário Webster* define ódio como um sentimento de extrema inimizade para com alguém, considerar alguém com ativa hostilidade, ou ter uma forte aversão para com uma pessoa; detestar, repugnar, aborrecer ou abominar. Embora essas palavras sejam fortes, a Escritura usa a maioria, senão todas elas, para descrever o relacionamento de Deus com o pecado e com o pecador. Em segundo lugar, devemos entender que o ódio de Deus existe em perfeita harmonia com seus outros atributos. Diferentemente do homem, o ódio de Deus é santo,

justo, e é um resultado de seu amor. Em terceiro lugar, devemos entender que o ódio de Deus não é uma negação de seu amor. O Salmo 5.5 não é uma negação de João 3.16 ou Mateus 5.44-45. Embora a ira de Deus repouse sobre o pecador, embora ele seja irado contra o perverso todos os dias, e embora ele odeie todo aquele que pratica a iniquidade, seu amor é de tal natureza que ele é capaz de amar aqueles que são o próprio objeto de seu ódio e trabalhar pela salvação deles[552]. Em quarto lugar, embora Deus seja longânimo para com os objetos de seu ódio e lhes ofereça a salvação, chegará um tempo em que ele retirará tal oferta e a reconciliação não será mais possível[553].

---

527. 2 Crônicas 19.7

528. Deuteronômio 7.9; Salmos 9.8

529. Romanos 3.10

530. Muitos pregadores mudam inconscientemente o título do sermão de Jonathan Edwards, “Pecadores nas Mãos de um Deus

Irado", para "Indivíduos Levemente Disfuncionais nas Mãos de uma Divindade Mais ou Menos Descontente".

531. Naum 1.2; Salmos 7.11; 76.7

532. Salmos 90.11

533. Jeremias 10.10; Naum 1.6

534. Devo este pensamento ao pastor Charles Leiter, da Lake Road Chapel em Kirksville, Missouri.

535. Êxodo 34.6-7

536. Êxodo 15.7

537. Hebreus 12.29; Romanos 3.5; Apocalipse 6.16

538. Efésios 5.6

539. Isaías 30.27

540. Isaías 33.14

541. Jeremias 30.23

542. 1 João 3.4; 1 Samuel 15.23

543. Efésios 5.6; Romanos 6.23

544. Efésios 2.3; 5.6; Colossenses 3.6

545. Salmos 5.5: "Aborreces a todos os que praticam a iniquidade" (ARA); "Odeias a todos os que praticam a maldade" (ACF); "Odeias todos os que praticam o mal" (NVI); "Detestas a todos os que praticam a maldade" (AA).

546. Salmos 5.5

547. Salmos 11.4-7

548. Levítico 20.23

549. Deuteronômio 18.12; 25.16

550. Salmos 95.10

551. Tito 1.16; Apocalipse 21.8

552. João 3.36; Salmos 7.11; 5.5

553. Romanos 10.21

CAPÍTULO 16

Guerra Santa

Mas eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo, pelo que se lhes tornou em inimigo e ele mesmo pelejou contra eles.

— Isaías 63.10

O SENHOR é Deus zeloso e vingador, o SENHOR é vingador e cheio de ira; o SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos.

— Naum 1.2

Tendo considerado a justa indignação de Deus manifesta na sua ira e no seu furor, voltaremos nossa atenção para um tema relacionado: a hostilidade que existe entre Deus e o pecador não arrependido. É uma obrigação do pregador do

evangelho avisar aos homens sobre a guerra santa que Deus declarou contra seus inimigos e suplicar aos pecadores que se reconciliem com Deus antes que seja muito tarde. A promessa divina de anistia para o rebelde é genuína, mas não deve ser presumida. Está chegando o dia em que a folha de oliveira será retirada e a oferta de paz, rescindida. Naquela ocasião, tudo o que restará para o pecador será "certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários... Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo."[554]

QUEM ESTÁ EM GUERRA CONTRA COM QUEM?

O ditado popular segundo o qual "Deus ama o pecador, mas odeia o pecado" normalmente acompanha outro clichê similar: "O homem está em guerra contra Deus, mas Deus nunca está em guerra contra o homem." Consequentemente, muito é dito sobre a inimizade do pecador e sua guerra incessante

contra Deus, mas pouco ou nada, sobre a guerra incessante de Deus contra o pecador.

Independentemente dessa tendência atual no pensamento evangélico, é de suma importância entender que a hostilidade entre Deus e o pecador não é unilateral, mas mútua. Quando os homens declaram guerra contra Deus, Deus se volta em inimizade e peleja contra eles[555]. Embora isso seja uma verdade perturbadora, as Escrituras ensinam claramente que Deus considera o pecador impenitente como seu inimigo, tendo emitido uma declaração de guerra contra ele. A única esperança do pecador é abandonar suas armas e levantar uma bandeira branca de rendição antes que seja tarde demais[556].

O livro de Naum nos diz: "O SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos."[557] A primeira verdade que esse texto ensina é que é Deus que considera o ímpio como seu adversário. Ele não está

lamentando o fato de o homem considerá-lo como seu inimigo, mas ele declara sua própria disposição contra o homem. É Deus quem traça a linha da batalha e convoca as tropas. A segunda verdade para ser aprendida é que Deus está na ofensiva. Ele não fica simplesmente em pé, recebendo os ataques dos homens ímpios, mas ele mesmo dá o grito de guerra e corre para o embate com toda a força de sua ira. Como o salmista alerta: "Deus afiou sua espada, armou seu arco, tem-no pronto, e preparou instrumentos mortais contra seus inimigos. Se o ímpio não se arrepender, certamente perecerá sob a ira divina."[558]

É imperativo que entendamos e aceitemos que a verdade da "guerra santa" não é uma relíquia da antiga aliança ou uma visão primitiva de Deus anulada pela revelação progressiva do Novo Testamento. Antes, é uma verdade bíblica e duradoura, encontrada por toda a Escritura. No livro de Romanos, o apóstolo Paulo escreve: "Quando

inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho."[559] Embora esse texto comunique a ideia de hostilidade mútua entre Deus e o homem, a maior ênfase não está na hostilidade do pecador contra Deus, mas na oposição de Deus contra o pecador. Percebendo que esse conceito é estranho para a grande maioria dos evangélicos contemporâneos, os seguintes acadêmicos oferecem maior confirmação: Charles Hodge afirmou que: "Não há só uma rivalidade perversa do pecador contra Deus, mas uma rivalidade santa de Deus contra o pecador."[560]; Louis Berkhof afirmou "não que são hostis a Deus, mas que são objetos do desprazer de Deus"[561]; e Robert L. Reymond explicou que "A palavra 'inimigos' deve ser mais provavelmente lida na voz passiva ('odiado por Deus') do que na ativa ('odiar a Deus'). Em outras palavras, o vocábulo 'inimigos' não enfatiza nosso ódio iníquo contra Deus, mas antes o santo ódio de Deus contra nós."[562]

De acordo com nosso texto, o homem pecou e foi Deus a parte ofendida. Para que haja reconciliação, a ofensa do homem precisava ser removida, a justiça de Deus precisa ser satisfeita e a ira de Deus contra o homem, apaziguada. Sabemos que a morte de Cristo não tornou todos os homens dispostos favoravelmente a Deus, porque a maioria continua em violenta oposição contra sua pessoa e vontade. Porém, a morte de Cristo de fato satisfez as justas demandas de um Deus santo, a fim de que pudesse ser favorável a seus inimigos, estendendo-lhes uma folha de oliveira, como bandeira da paz, por meio do evangelho. Aqueles que se arrependem e creem em Cristo serão salvos, mas aqueles que se recusam estão acumulando ira contra si mesmos para o dia da ira de Deus, quando seu justo juízo será finalmente revelado[563].

Jamais devemos nos esquecer de que o Cristo que deu sua vida para as nações é o mesmo que as ferirá e governará com cetro de ferro[564]. O Servo

Sofredor que trilhou o caminho para o Calvário, um dia, pisará o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso[565]. O Salvador que derramou o seu sangue por seus inimigos aparecerá uma segunda vez com seu vestido tingido com o sangue de seus inimigos[566]. O Cordeiro que carregou a ira de Deus no madeiro é o mesmo que derramará a ira de Deus contra aqueles que se juntaram contra ele, a tal ponto que estes clamarão para que os montes caiam sobre si para escondê-los de sua presença[567]. O Príncipe da Paz que proclamou o ano aceitável do Senhor, um dia anunciará o dia de sua vingança[568]. Ele é o mesmo que julgará, pelejará e liderará os exércitos que há no céu contra os inimigos de Deus[569]. É por essa razão que o salmista admoesta as nações a prestarem homenagem ao Filho, para que ele não se irrite e eles não pereçam no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira[570].

Como pregadores do Evangelho, devemos proclamar o amor de Deus para com os homens e

sua disposição em salvar, mas não devemos abandonar os avisos que são tão óbvios e frequentes nas Escrituras. Os homens devem estar prontos para se encontrarem com seu Deus[571]. Eles devem entrar "em acordo sem demora" com o seu adversário, enquanto ainda estão com ele no caminho[572]. Porque se não se arrependerem, ele irá afiar sua espada e já armou seu arco de ira[573]. Para aqueles que creem, o pregador deve proclamar a promessa de total anistia e a certeza de paz. Contudo, para aqueles que recusam obedecer o evangelho, o mensageiro fiel deve lhes falar que a ira de Deus permanece sobre eles[574].

Que chamado maravilhoso e terrível foi outorgado ao ministro do evangelho. Para alguns, ele é aroma de vida, mas para outros, cheiro de morte. Quem é suficiente para estas coisas[575]?

A VINGANÇA ESTÁ AQUÉM DO SER DE DEUS?

A vingança de Deus se relaciona de perto com sua ira. O salmista o chama de "Deus das vinganças" e o profeta Naum o apresenta como Senhor vingador e cheio de ira que "toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os seus inimigos."[576] Inclusive o cântico de Moisés exalta a vingança de Deus. É uma das descrições mais terríveis de Deus em todas as Escrituras: "Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão. Levanto a mão aos céus e afirmo por minha vida eterna: se eu afiar a minha espada reluzente, e a minha mão exercitar o juízo, tomarei vingança contra os meus adversários e retribuirei aos que me odeiam. Embriagarei as minhas setas de sangue (a minha espada comerá carne), do sangue dos mortos e dos prisioneiros, das cabeças cabeludas do inimigo."[577]

Como podemos ler tal texto e não tremer? Como podemos crer em tal verdade e não proclamá-la? O profeta Amós declarou: "Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o SENHOR Deus, quem não profetizará?"[578] O apóstolo Paulo escreveu: "Também nós cremos; por isso, também falamos."[579] De forma similar, se cremos que as Escrituras são infalíveis e que Deus é imutável, como não declararemos tais coisas? O aviso do profeta Naum não passa de poesia sem sentido e sem aplicação prática? É alegórico, sem nenhuma interpretação concreta? Foi escrito para uma cultura mais robusta que a nossa e é muito intenso para a frágil alma do homem moderno? Se nos tempos de Naum o aviso era uma palavra verdadeira sobre Deus e uma palavra necessária para o homem, então, assim o é hoje. É a verdade – e é um elemento essencial em nossa proclamação do evangelho.

De acordo com as Escrituras, os homens devem ser alertados que Deus é um Deus de vingança. Contudo, como reconciliamos tal verdade com outros textos das Escrituras que descrevem a vingança como um defeito de homens iníquos[580]? Como pode um Deus santo e amoroso também ser um Deus de vingança? Primeiro, precisamos entender que a vingança divina é um tema constante das Escrituras e é, portanto, inegável. Segundo, devemos entender que a vingança de Deus difere da vingança do homem caído; a vingança divina é motivada pelo seu zelo por santidade, retidão e justiça. Deus é compassivo e clemente, longânimo e grande em misericórdia e fidelidade, mas ele também é justo. Ele punirá, visando a vindicar seu nome e administrar justiça entre suas criaturas[581]. À luz da horrível natureza do pecado humano, Deus está correto em vingar-se. Três vezes no livro de Jeremias, Deus pergunta: "Não castigaria eu estas coisas?... não me vingaria eu de nação como

esta?”[582] Em outra parte da Lei e dos Profetas, encontramos a resposta a essa pergunta: Moisés afirma que Deus não demorará em retribuir àqueles que o odeiam, e Isaías declara que ele tomará satisfações aos seus adversários e se vingará dos seus inimigos[583].

Hoje, muitos rejeitam a doutrina da vingança divina ou qualquer outro ensino que ao menos sugira que um Deus amoroso e misericordioso possa ser vingativo. Até mesmos aqueles ministros que aceitam a doutrina como um pleno ensino das Escrituras raramente irão proclamá-los de seus púlpitos. Como resultado, o mundo incrédulo, assim como o cristão sincero, desconhece o verdadeiro caráter de Deus e sua resposta radical aos atos pecaminosos dos homens.

As Escrituras nos alertam que a ira de Deus está vindo sobre os filhos dos homens e nos admoestam a estarmos preparados para nos encontrar com o nosso Deus[584]. Homens pecadores devem

considerar essas verdades com temor e tremor, mas, primeiro, os pregadores devem tornar essas verdades conhecidas. Com um toque de clarim, é nossa responsabilidade advertir os homens da certeza da ira vindoura[585]. Se nos recusarmos a cumprir essa faceta ominosa de nosso ministério, seremos responsabilizados e o sangue dos nossos ouvintes será requerido de nossas mãos. Como Deus alertou o profeta Ezequiel: "Se eu disser ao perverso: Ó perverso, certamente, morrerás; e tu não falares, para avisar o perverso do seu caminho, morrerá esse perverso na sua iniquidade, mas o seu sangue eu o demandarei de ti."[586]

À luz dos poucos textos que consideramos com respeito à vingança de Deus, não há como não lamentar quando pensamos em quão estranha e desequilibrada nossa pregação se tornou. Nossos sermões nos traem e revelam quão parciais nós somos a algumas verdades e quão preconceituosos contra outras. Somos chamados para proclamar todo

o conselho de Deus, e não devemos restringi-lo[587]. Não nos foi dada autoridade para escolher o que deve ou não deve ser pregado, considerando o que pensamos saber sobre as necessidades do homem moderno. Nós, que recebemos o privilégio de instruir a outros, devemos nos perguntar com que frequência proclamamos o que os homens mais precisam entender e, por outro lado, menos querem ouvir: o julgamento de Deus. Devemos entender que a carência de tal pregação expõe as inconsistências de nossos púlpitos e explicam a razão para a ignorância nos bancos das igrejas com relação a algumas das verdades mais fundamentais sobre o caráter de Deus e seu relacionamento com os homens.

Vivemos em um tempo de grande desequilíbrio teológico. Muito é dito sobre o amor de Deus, e corretamente, mas quase nada é dito sobre sua ira. Se um pregador pregar um sermão inteiro sobre o amor de Deus e nunca mencionar sua ira, ninguém

provavelmente chamaria sua atenção. Contudo, se ele pregasse só uma porção do sermão sobre a ira de Deus, provavelmente seria censurado por ser desequilibrado, mesquinho e desamoroso. Tal é a era em que vivemos. "Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina... segundo as suas próprias cobiças... e se recusarão a dar ouvidos à verdade."

---

554. Hebreus 10.27, 31

555. Isaías 63.10

556. O Pastor Charles Leiter foi o primeiro que me chamou a atenção para essa ideia.

557. Naum 1.2

558. Salmos 7.12-13

559. Romanos 5.10

560. Charles Hodge, *A Commentary on the Epistle to the Romans* (London: Banner of Truth, 1989), 138.

561. Louis Berkhof, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), 344.

562. Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville: Thomas Nelson, 1998), 646.

563. Romanos 2.5
564. Apocalipse 19.15
565. Apocalipse 19.15
566. Apocalipse 19.13
567. Apocalipse 6.16-17
568. Isaías 9.6, 61.2, Lucas 4.19
569. Apocalipse 19.11, 14
570. Salmos 2.12
571. Amos 4.12
572. Mateus 5.25
573. Salmos 7.12-13
574. João 3.36
575. 2 Coríntios 2.16
576. Salmos 94.1, Naum 1.2
577. Deuteronômio 32.39-42
578. Amós 3.8
579. 2 Coríntios 4.13
580. Levítico 19.18, 1 Samuel 25.25, 30-33
581. Êxodo 34.6
582. Jeremias 5.9, 29; 9.9
583. Deuteronômio 7.10, Isaías 1.24
584. Amós 4.12
585. Efésios 5.6

586. Ezequiel 33.8

587. Atos 20.27

C A P Í T U L O 1 7

Um Presente dos Mais Caros

Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.

— Romanos 3.24

Nos capítulos anteriores, consideramos a condição moral do homem caído, sua rebelião universal contra Deus e as terríveis consequências do julgamento divino: todos os homens permanecem condenados diante de Deus. Contudo, no texto diante de nós, descobriremos que uma mudança radical aconteceu na posição do cristão diante de

Deus – ele não é mais contado como pecador, mas foi justificado pela fé no Senhor Jesus Cristo.

JUSTIFICAÇÃO

As Escrituras nos ensinam que Deus é um Deus justo[588]. Suas obras são perfeitas e todos os seus caminhos são justos. Ele é um Deus de fidelidade que não perverterá o que é correto[589]. Sendo justo, ele não pode ser moralmente neutro ou apático. Ele ama a justiça e odeia o mal[590]. Seus olhos são puros demais para aprovar o mal, e ele não pode olhar para a perversidade com favor[591]. Ele estabeleceu seu trono para julgamento e julgará o mundo em retidão[592]. Ele é um Deus que sente indignação todos os dias. Se um homem não se arrepende, ele afia sua espada e apronta seu arco para o julgamento[593]. O testemunho da Escritura a respeito da justiça de Deus e do mal do homem nos leva a um grande problema teológico e moral: como o homem pecaminoso pode permanecer diante da

justiça de Deus? Como pode um Deus justo associar-se com homens perversos? O salmista descreveu o problema desta forma: "Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente. Este obterá do SENHOR a bênção e a justiça do Deus da sua salvação."[594]

Ser justo diante de Deus requer absoluta ou completa perfeição moral. Cada pensamento, palavra e ação desde o momento do nascimento até o momento da morte devem ser encontrados em perfeita conformidade com a natureza e a vontade de Deus. A mais leve falha ou o menor desvio desse padrão resulta em uma imediata desqualificação. Nós só precisamos olhar para o pecado e a queda de Adão para aprender que há um grande rigor e severidade na justiça de Deus. Por essa razão, quando o moralista pergunta: "O que eu devo *fazer* para ser salvo?", nós devemos colocar diante dele a

exigência da perfeita obediência. Se, pela graça de Deus, ele se frustrar e for trazido ao desespero, então nós apontamos para Cristo.

O homem que busca ganhar aprovação diante de Deus é a mais patética e incorrigível de todas as criaturas. Desde a queda de Adão, nenhum homem jamais cumpriu as justas exigências de Deus. Nossas mãos são sujas e nossos corações são impuros[595]. Nós corremos em direção à falsidade desde o ventre materno, e do que abunda em nosso coração, falamos de coisas enganosas[596]. Não temos força ou direito de permanecer diante dele. Nós desqualificamos a nós mesmos completamente. Se qualquer coisa deve ser feita para consertar tal brecha, Deus deve fazê-lo. A justificação é um presente dado por sua graça[597].

A palavra *justificado* vem do verbo grego *dikaióo*, que significa provar ou declarar alguém como justo, ou como ele deveria ser. No contexto da Escritura e da doutrina da salvação, a palavra *justificado* é uma

declaração forense ou legal[598]. O homem que crê em Deus é justificado, isto é, a justiça foi creditada em sua conta. Ele é reconhecido ou declarado justo diante de Deus, e Deus o trata como tal. Em sua carta à igreja de Roma, o apóstolo Paulo escreveu: "Pois que diz a Escritura? 'Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça'."[599]

É importante notar que o termo *justificado* não significa que um homem se torna justo no momento em que ele crê em Deus. Se fosse assim, aquele que crê seria transformado em um ser perfeitamente justo que não mais peca e é até mesmo incapaz de fazê-lo. O termo também não significa que o homem que crê é infundido com uma graça especial que o capacita a viver uma vida mais justa, e assim ganhar aprovação diante de Deus com base em suas obras. Se fosse assim, então a salvação não seria mais pela fé, e a graça não seria mais graça[600]. A Escritura e as mais úteis confissões e ministros ao longo da história da igreja testificam que a

justificação é uma posição legal diante do trono de Deus. O homem que crê no testemunho de Deus a respeito de seu Filho é perdoado por todos os seus pecados e é declarado justo diante do trono de julgamento de Deus[601]. A Confissão de Westminster (11.1) afirma que: "Os que Deus chama eficazmente, também livremente os justifica. Esta justificação não consiste em Deus infundir neles a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo... imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo."

BENEFÍCIOS DA JUSTIFICAÇÃO

Assim, a justificação é uma maravilhosa e multifacetada bênção recebida pela fé na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Quanto ao cristão que foi justificado, nós podemos dizer o seguinte: primeiro,

todos os seus pecados passados, presentes e futuros foram perdoados e nunca serão considerados diante do tribunal de Deus. O apóstolo Paulo cita Davi dizendo: "Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos."[602]

Para aqueles que pensam que Deus não é muito diferente deles mesmos, tal verdade pode evocar apenas uma fraca e condescendente apreciação[603]. Para aqueles que se consideram bons demais e não entendem ou não creem na arcaica e medonha doutrina da depravação total, essa verdade é agradável, mas não surpreendente. Contudo, para o homem que viu a depravação de seu coração e a vergonha de suas ações diante de um Deus santo, essa verdade é mais do que incrível. É assombrosa, atordoante, empolgante, espetacular, fenomenal, extraordinária, alucinante, de fazer o queixo cair, quase incompreensível e completamente maravilhosa. Ela pede por um toque de sinos,

lágrimas de alegria e gritos de glória! Isso demonstra mais uma vez a necessidade de ensinar as coisas negras para que, quando a luz apareça, ela seja absolutamente amável.

Em segundo lugar, a justiça de Cristo imputada ao cristão significa que o cristão é declarado justo diante de Deus. A palavra *imputar* é um termo teológico extremamente importante traduzido da palavra grega *logízoma*, que significa considerar ou creditar. Referindo-se ao crente, isso significa que a justiça de Cristo é considerada ou creditada em sua conta. Assim, o crente é justo diante de Deus –não por sua própria virtude ou mérito, mas pela vida perfeita e pela morte expiatória do Senhor Jesus Cristo. O apóstolo Paulo escreve: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção."[604] Durante sua vida e ministério terrenos, o Senhor Jesus Cristo caminhou em perfeita obediência diante de Deus. O apóstolo

Paulo testifica que Cristo "não conheceu pecado"[605]. O autor de Hebreus nos diz que ele foi tentado em todas as coisas como nós somos, porém sem pecado[606]. Essa é uma das verdades mais incríveis nas Escrituras a respeito da pessoa de Jesus. A melhor maneira de compreender algo de sua magnitude é por meio da comparação: não houve nenhum momento em nossas vidas em que tenhamos amado ao nosso Deus da maneira que ele merece. Contudo, nunca houve nenhum momento na vida de Jesus em que ele não tenha amado ao Senhor seu Deus de todo seu coração, sua alma, sua mente e sua força[607]. Novamente, nunca houve um momento em nossa vida em que tenhamos feito o que quer que fosse para a glória de Deus sem alguma motivação depravada. Contudo, não houve um momento na vida de Jesus em que ele tenha falhado em glorificar a Deus perfeita e completamente, com cada fibra de seu ser. Por essa razão, o testemunho do Pai a respeito dele nunca

oscilou: “Este é meu Filho amado em quem me comprazo.”[608]

O mais incrível da justificação é que essa vida perfeita que Jesus viveu é imputada ao crente – depositada em sua conta. Além disso, isso está de acordo com a vontade do Pai e do Filho. Cristo dá sua justiça livremente, superabundantemente, e com alegria sem medida. O patriarca José, que foi um tipo de Cristo, possuía uma esplêndida túnica de muitas cores que ele não compartilhava com seus irmãos. Contudo, Cristo, aquele que é maior que José, se alegra em vestir seus irmãos em sua túnica multicolorida de indescritível justiça. É uma túnica de tal beleza que traz a glória ao mais empobrecido miserável, e uma cota de malha para suportar todos os dardos inflamados do maligno[609]. Tendo sido vestidos de Cristo, Deus agora olha para todo e qualquer crente e declara sem vacilar: “Este é meu Filho amado em quem me comprazo.”

Terceiro, tendo sido declarado justo diante do trono de Deus, o crente agora é tratado como justo. As Escrituras declaram que Cristo se tornou pecado em nosso lugar para que pudéssemos nos tornar justiça de Deus nele[610]. Na cruz, Deus fez com que a iniquidade de todos nós caísse sobre ele[611], e Deus o tratou severamente, como se ele fosse culpado de todos os pecados que carregava. Ele foi esquecido por Deus, ferido e afligido por Deus, esmagado por nossas iniquidades e castigado pelo nosso bem estar[612]. Ele suportou a maldição divina e sofreu a ira de Deus que nós evocamos com nosso pecado, e, ainda assim, por seu sofrimento, a dívida que nós não poderíamos pagar foi integralmente paga[613]. Consequentemente, o crente agora é declarado justo e recebe o infinito e imensurável benefício de tal justiça: Deus nos trata como filhos! Essa é uma incrível verdade que transformará a maneira pela qual o crente vê a si mesmo. Nós somos os beneficiários da grande troca, “o justo pelo

injusto”[614].

Quarto e último, o cristão tem paz com Deus pela fé na obra expiatória de Cristo. O apóstolo Paulo escreve: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.”[615] À luz da hostilidade que existia anteriormente, esta é uma bênção quase inimaginável. Por meio do dom da justificação, o cristão não é mais um filho da ira, mas um filho de Deus[616]. Tendo sido justificados pela morte expiatória de Cristo, seremos salvos da ira de Deus por intermédio dele[617]. É essa gloriosa verdade que levou o apóstolo Paulo a descrever o cristão da seguinte maneira: “Deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura.”[618]

GRAÇA

Possivelmente, o que há de mais maravilhoso na justificação é que ela é pela graça de Deus, ou por um favor imerecido. Com essa verdade, a Escritura inteira concorda unanimemente: o crente foi "justificado gratuitamente por sua graça"[619].

A palavra *gratuitamente* vem do advérbio grego *doreán*, que significa literalmente "gratuitamente, imerecidamente, ou sem uma causa". É a mesma palavra usada pelo Senhor Jesus Cristo para mostrar a seus discípulos que a hostilidade do mundo foi completamente imerecida: "Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: 'Odiaram-me sem motivo'."[620]

Cristo não tinha pecado[621]. Até mesmo seus inimigos não conseguiam fazer uma justa acusação contra ele[622]. Ele nunca deu a ninguém causa para que o odiassem. Da mesma forma, nós nunca demos a Deus causa ou razão para nos declarar justos diante dele. O mais superficial exame de nossas vidas antes de nossa conversão provará a completa

impossibilidade de termos ganhado nossa justificação por nosso próprio mérito ou que nossa salvação tenha sido por qualquer motivo que não a graça. Deus não nos declara justos perante ele *por causa de nós*, mas *apesar de nós*. Nem valor inerente nem mérito pessoal moveram Deus a nos salvar. Foi graça, e apenas graça! Essa doutrina da justificação pela graça por meio da fé distingue o cristianismo de todas as outras religiões do mundo. Imagine uma entrevista entre um repórter secular e representantes das três maiores religiões do mundo: judaísmo, islamismo e cristianismo. Primeiro, o repórter se aproxima do judeu ortodoxo e pergunta: "Se você morresse neste momento, para onde você iria, e qual é a razão da sua esperança?"

O judeu responderia: "Eu irei para o céu. Eu amo e obedeço a Torá, a Lei de Deus. Eu andei no caminho do justo. Minhas obras falam por mim."

Depois, o repórter se volta para o muçulmano com a mesma pergunta: "Se você morresse neste

momento, para onde você iria, e qual é a razão da sua esperança?"

O muçulmano responderia: "Eu irei para o céu. Eu amo o Corão. Eu segui os ensinos do maior profeta de Alá. Eu fiz as santas peregrinações, fui fiel na oração e dei esmolas aos pobres. Eu sou um homem justo."

Por último, o repórter vai ao cristão com a mesma pergunta: "Se você morresse neste momento, para onde você iria, e qual é a razão da sua esperança?"

O cristão responderia: "Eu vou para o céu". E então, com um olhar tanto de alegria quanto de contrição, ele declara: "Em pecado me concebeu minha mãe, e em pecado vim ao mundo. Eu violei as leis de Deus, e mereço a maior condenação."

Ao ouvi-lo dizer isso, o repórter o interrompe e exclama: "Não entendo a razão da esperança que há em você. O judeu ortodoxo e o muçulmano devoto, eu entendo. Eles vão para o céu e permanecerão na presença de Deus por virtude de seu próprio mérito

e suas próprias obras, mas você afirma ser destituído dessas coisas necessárias. Como você pode ser feito justo diante de Deus? Qual é o fundamento de sua esperança?"

O cristão sorri e responde: "Minha esperança para entrar na presença de Deus é fundamentada na virtude e no mérito de outro: Jesus Cristo, meu Senhor."

Esse tem sido o testemunho pessoal de cada cristão que já caminhou sobre a terra desde o primeiro dia dos apóstolos até agora, e esse será o único testemunho do cristianismo até o fim dos tempos. O apóstolo Paulo escreveu: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo."[623]

O famoso clérigo e compositor de hinos Augustus Toplady ecoa os mesmos fortes sentimentos do

apóstolo Paulo em seu renomado hino “Rocha Eterna”:

Minhas obras, eu bem sei,
Nada valem ante a lei;
Se eu chorasse sem cessar,
Trabalhasse sem cansar,
Tudo inútil, tudo em vão!
Só em Ti há salvação.

Nada trago a Ti, Senhor!
‘Spero só em Teu amor!
Todo indigno e imundo sou,
Eis, sem Ti, perdido estou!
No Teu sangue, ó Salvador,
Lava um pobre pecador.

Aqueles que se gloriam de ser justos perante Deus com base em virtude ou mérito pessoal não entendem quem Deus é ou quem eles são. O menor vislumbre da justiça de Deus ou da depravação moral do homem seria o suficiente para esmagar

qualquer esperança de uma salvação conquistada. A entrada na presença de Deus exige perfeição moral absoluta. Sua santidade é tal que ele não pode contemplar o mal ou olhar para a iniquidade[624]. O singular pecado de Adão resultou em seu exílio e cobriu o mundo em condenação e morte. Como então podemos nós, que pecamos além de nossa habilidade de calcular, apresentarmo-nos diante dele com qualquer esperança de sermos aceitos? Cada um de nós pecou o suficiente para atirar mil mundos à destruição. Se somos salvos, é por ele. Se deve ser encontrada uma razão para a salvação, esta deve vir dele. Se algo deve ser feito, deve ser cumprido pela obra graciosa de um Deus Salvador.

Há algumas palavras que devem ser pronunciadas em silêncio, com reverência e lábio trêmulo. A palavra *redenção* é uma dessas. Ela é traduzida da palavra grega *apolútrosis*, que se refere a uma liberação que foi possibilitada pelo pagamento de um preço ou resgate. Essa palavra é frequentemente

usada na literatura antiga com respeito à liberação de escravos ou prisioneiros de guerra. No Novo Testamento, redenção se refere à liberação dos homens da condenação e escravidão do pecado por meio do sacrifício de sangue de Jesus Cristo.

As pessoas perguntam frequentemente: "Para quem o resgate foi pago?", e: "De que fomos redimidos?" Embora muitas opiniões engenhosas e igualmente errôneas tenham sido apresentadas, o Novo Testamento é claro: nosso pecado ofendeu a justiça de Deus e despertou sua ira. Fomos encerrados em julgamento e condenação sem a menor chance de ganhar nossa liberdade[625]. A justiça de Deus exigia satisfação por intermédio da morte do réu, pois "o salário do pecado é a morte" e "aquele que pecar, este morrerá"[626]. "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou", interveio e fez o pagamento por nós enviando seu Filho unigênito para morrer nossa morte e pagar nossa dívida[627].

Essa teria sido uma obra nobre mesmo se fôssemos súditos leais do reino de Deus e tivéssemos sido cativos sem culpa, o que não foi o caso. Ele nos redimiu embora nós não fôssemos vítimas, mas criminosos. Nós carregávamos a culpa. Nós corremos precipitadamente em rebelião contra nosso Deus. Nossa condenação e prisão sob sua justiça e ira era por nossa própria culpa. Nosso pecado formou as cadeias e provocou o machado do carrasco.

A cruel realidade de nossa culpa é o que torna a verdade de nossa redenção muito mais espetacular. Se ele tivesse morrido por nobres servos, seria um incompreensível ato de graça, mas ele morreu por muito menos. O apóstolo Paulo escreve: "Dificilmente alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós sendo nós ainda pecadores."[628]

A justificação do crente é um presente que vem por meio da redenção possibilitada pela pessoa e pela obra de Jesus Cristo. Embora dada gratuitamente ao crente, não podemos compreender o custo exigido e o preço pago por Jesus. De fato, os santos no céu podem encontrar seu primeiro trabalho na investigação do valor de tal sacrifício. Não há conhecimento mais esplêndido ou digno de busca do que o conhecimento da obra de redenção de Cristo em favor de seu povo. O apóstolo Pedro escreve: "Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo."[629]

Até mesmo o mais escasso conhecimento do preço pago por nossa redenção deveria mover tanto o pecador quanto o santo a responder em fé, devoção e adoração. Aqueles que não creem hoje deveriam

se arrepender de sua incredulidade e correr para Cristo, pois como eles escaparão, se negligenciarem tão grande salvação[630]? Nós, os que cremos, não deveríamos mais viver para nós mesmos, mas para aquele que morreu em nosso lugar. Como o apóstolo Paulo argumenta: "Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou."[631]

Qualquer real consideração do pagamento de Cristo para a redenção do crente deveria movê-lo a se curvar em gratidão e clamar: "Como então devo viver?" Como cristãos, nós não fazemos coisas simplesmente porque elas são boas ou sábias ou levam a uma vida próspera. Nós as fazemos por Cristo, porque ele derramou seu próprio sangue por nossas almas. Essa é a grande motivação da vida cristã e a razão pela qual buscamos conduzir-nos

com reverência durante nossa peregrinação terrena[632].

SOMENTE EM CRISTO

Seria difícil para o apóstolo Paulo fazer qualquer menção da justificação ou da redenção sem incluir que elas são somente em Cristo. Nos primeiros versículos de Efésios, ele usa a expressão *em Cristo,* ou seu equivalente, onze vezes, para provar que tudo que o crente tem diante de Deus ele o tem em Cristo. A tal verdade, é impossível que a supervalorizemos ou a mencionemos demais.

Nós frequentemente dizemos que Jesus é tudo o que precisamos, mas seria ainda mais apropriado dizer que ele é tudo o que temos. À parte dele, não temos parte com Deus[633]! É o testemunho da Escritura que todas as coisas foram criadas nele, por ele e para ele, e o mesmo pode ser dito de nossa salvação[634]. Nossa libertação do cativeiro e a justificação diante de Deus são apenas em Cristo,

por ele e para ele. Cada homem neste planeta ou está condenado em Adão, ou justificado em Cristo. Uma criança pode estar em um lar piedoso, e um homem pode estar em uma igreja bíblica, mas, a menos que eles estejam em Cristo, eles não têm esperança e estão sem Deus no mundo[635]. Somente Cristo é o caminho, a verdade e a vida, e ninguém vai ao Pai senão por ele[636]. Não há salvação em ninguém mais, pois não há outro nome debaixo do céu pelo qual devamos ser salvos[637].

É justamente essa verdade que torna Cristo precioso para o crente, ao mesmo tempo em que é "pedra de tropeço e rocha de ofensa" para o mundo[638]. Para nós, os que cremos, Cristo é de maior valor e digno da nossa mais alta devoção. Estamos prontos a renunciar qualquer reivindicação de mérito pessoal e apontar para Cristo com a alegre declaração: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo."[639] Fazer a menor sugestão de que somos justificados

pelas nossas próprias obras, ou que adicionamos qualquer coisa à obra de Cristo por nós, deveria nos causar repulsa. Fazemos coro com o salmista ao declarar: "Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade."[640]

Para aqueles que se recusam a crer, Jesus é a epítome da arrogância e da intolerância. Como ele se atreve a se colocar diante do mundo e reivindicar ser o único Salvador entre nós, especialmente em meio a tantos outros sinceros candidatos competindo pela posição? Como a igreja se atreve a se colocar em oposição ao único absoluto que restou na cultura – a crença de que ninguém está errado, exceto aquele que reivindica estar certo? Como se atreve o cristão a crer que seu caminho é o único caminho, excluindo todos os outros? Para um mundo pós-moderno, tal reivindicação é nada mais que uma atroz demonstração de estupidez e fanatismo.

Por essa razão, o cristianismo sempre foi um escândalo para o mundo. Os cristãos primitivos do Império Romano foram acusados e perseguidos como ateus porque negavam a existência de todos os outros deuses e declaravam obediência somente a Cristo. O cristão moderno segue na mesma tradição escandalosa quando se coloca somente em Cristo e declara que ele é a única esperança para o mundo. Não obstante, se a mensagem cristã perde sua exclusividade, ela não é mais cristã e não tem mais poder para salvar.

---

588. Salmos 7.9

589. Deuteronômio 32.4; Jó 8.3

590. Salmos 11.7; 5.5

591. Habacuque 1.13

592. Salmos 9.7

593. Salmos 7.11-12

594. Salmos 24.3-5

595. Jeremias 17.9

596. Salmos 58.3; Mateus 15.18-19

597. Romanos 3.24

598. *Forense* vem da palavra latina *forensis*, pertencente a um mercado ou fórum. O termo *forense* denota aquilo que pertence a tribunais ou a questões legais, como a medicina forense, que aplica fatos médicos a casos legais.

599. Romanos 4.3; Gálatas 3.6; Tiago 2.23

600. Romanos 11.6

601. 1 João 5.11

602. Romanos 4.7-8

603. Salmos 50.21

604. 1 Coríntios 1.30

605. 2 Coríntios 5.21

606. Hebreus 4.15

607. Marcos 12.30; Lucas 10.27

608. Mateus 3;17; 17.5; Marcos 1.11; 9.7; Lucas 3.22; 2 Pedro 1.17

609. Efésios 6.16

610. 2 Coríntios 5.21

611. Isaías 53.6

612. Salmos 22.1; Mateus 27.46; Marcos 15.34; Isaías 53.5

613. João 19.30

614. 1 Pedro 3.18

615. Romanos 5.1

616. Efésios 2.3; Gálatas 4.5

617. Romanos 5.9

618. 1 Tessalonicenses 1.9-10

619. Romanos 3.24

620. João 15.25

621. Hebreus 4.15; 2 Coríntios 5.21

622. João 8.46

623. Filipenses 3.8-9

624. Habacuque 1.13

625. Romanos 11.32

626. Romanos 6.23; Ezequiel 18.4

627. Efésios 2.4

628. Romanos 5.7-8

629. 1 Pedro 1.18-19

630. Hebreus 2.3

631. 2 Coríntios 5.14-15

632. 1 Pedro 1.17-18

633. 1 João 5.12

634. Colossenses 1.16: "Pois, nele, foram criadas todas as coisas". A expressão *por ele* é tradução da expressão grega *en auto*, que também pode ser traduzida por *nele*. Se o significado é "por ele", isso indica que o Filho foi o agente ou o instrumento da criação. O mais provável é que signifique "nele", e indique que o Filho foi a esfera na qual a criação aconteceu. Tudo no céu e na terra tem a

ver com ele; todas as coisas diretamente se relacionam a ele e permanecem em relação a ele.

635. Efésios 2.12

636. João 14.6

637. Atos 4.12

638. 1 Pedro 2.7-8

639. Gálatas 6.14

640. Salmos 115.1

CAPÍTULO 18

O Dilema Divino

A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé.

— Romanos 3.25

Se Romanos 3.23-27 é a acrópole da fé cristã, então o verso 25 é a própria cidadela da cidade. Esse único texto explica a cruz de Jesus Cristo como nenhum outro. Aqui, olhamos para além do véu a fim de descobrirmos a razão de existir uma cruz. Aqui, podemos conhecer a natureza do sofrimento de Cristo. Aqui, entendemos o que tinha que ser realizado, e o foi, pela sua morte. É o elo perdido em grande parte da pregação moderna do evangelho

e a razão por que tão poucos, mesmo entre o povo de Deus, entendem a cruz.

Muitos teólogos e pregadores ao longo das eras concordariam que Romanos 3.25 é um dos textos mais importantes de todas as Escrituras. Esse parecer elevado decorre de o texto conter o próprio coração do evangelho: Cristo morreu como uma propiciação. A fé cristã inteira repousa sobre essa verdade, mas, mesmo assim, ela é tudo, menos conhecida no evangelicalismo contemporâneo. Quantos evangélicos sequer ouviram a palavra *propiciação*? Daqueles que ouviram, quantos entenderam seu significado ou compreenderam algo sobre sua grande importância? A falta de conhecimento é uma acusação contra a nossa era e prova o quão pouco realmente entendemos do evangelho. Incontáveis sermões evangelísticos são pregados e milhares de folhetos e livros evangelísticos são escritos, todos os anos, sem que esse texto essencial seja sequer mencionado. Não é

de se estranhar que há tão pouco poder na apresentação contemporânea do evangelho.

UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA

Romanos 3.25 nos diz que Deus "propôs" ou "apresentou publicamente" seu filho como uma propiciação. A palavra "propôs" vem do grego *protíthemai*, que significa apresentar para ser exposto ao público. Na cruz do Calvário, Deus pendurou seu Filho em um outdoor. Naquele preciso momento da história, ele o ergueu no madeiro na encruzilhada do centro religioso do mundo para que todos pudessem ver[641].

Embora não esteja explícito nas Escrituras, não seria errado supor que Deus poderia ter lidado com o pecado em um quarto isolado ou que Cristo poderia ter morrido de uma forma mais privada. O fato de ter exposto publicamente diante do mundo é uma prova de que Deus intentava que seu sofrimento e morte fossem instrumentos, ou meios,

de revelação. Por meio da cruz, Deus determinou revelar aos homens e aos anjos algumas verdades sobre si mesmo que não poderiam ser reveladas de outra forma[642]. É o testemunho perene da igreja de que a cruz de Cristo é a maior revelação da Deus e da própria realidade. A cruz é aquela grande e última palavra de Deus ao homem que explica tudo o que precisa ser explicado e responde às nossas persistentes perguntas sobre o propósito e a obra de Deus entre os homens.

É além do escopo deste capítulo tentar dar um panorama de tudo o que a cruz de Cristo revela. Emprestando a linguagem do apóstolo João, podemos dizer que se tudo o que foi revelado na cruz fosse registrado em detalhes, nem o próprio mundo seria suficiente para conter os livros que seriam escritos[643]. Portanto, devemos nos limitar ao texto e seguir de perto para onde Paulo nos conduz. Sob o direcionamento direto e infalível do Espírito Santo, ele passa por todas as outras incontáveis

pedras preciosas reveladas pela cruz e nos aponta para uma das maiores verdades do evangelho: Deus propôs publicamente seu filho a fim de demonstrar que ele é um Deus justo[644].

A princípio, essa verdade pode não parecer notável ou surpreendente para aqueles que estudaram as Escrituras. Do princípio ao fim, as Escrituras testificam que Deus é um Deus justo, que todas as suas obras são perfeitas e todos os seus caminhos são justos[645]. Por que, então, Deus deve demonstrar publicamente tanto a homens como a anjos que ele é justo? O que ele fez para que sua justiça fosse posta em jogo a ponto de ter que explicar seus caminhos ou vindicar a si mesmo? O apóstolo Paulo explica que era necessário que Deus, de uma vez por todas, vindicasse sua justiça e demonstrasse a sua integridade por ter, "na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos"[646]. Em outras palavras, Deus considerou necessário provar sua integridade

aos homens e aos anjos porque ao longo da história humana ele conteve seu julgamento de pecadores e concedeu perdão para homens ímpios. Embora seja uma boa notícia para um homem pecador, isso traz à tona o maior problema moral e teológico das Escrituras: como pode um Deus ser justo e ao mesmo tempo restringir o seu julgamento e oferecer perdão àqueles que devem ser condenados? Como Deus pode ser justo e ainda justificar pessoas ímpias?

O DILEMA DIVINO

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* define *dilema* como "alternativa em que não há opção satisfatória"[647]. Nas Escrituras, o maior de todos os dilemas nos é apresentado praticamente em cada página: como um Deus justo pode perdoar o ímpio?

No capítulo anterior, trabalhamos extensivamente para provar que Deus justifica livremente até mesmo

os homens mais perversos que se voltam para Ele com fé. Essa verdade é a grande alegria da igreja e o tema dos hinos mais gloriosos e amados. Regozijamo-nos com Davi: "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto."[648] Mesmo assim, o problema permanece: como Deus pode ser justo e, ainda assim, conceder perdão a homens perversos? Não fará justiça o Juiz de toda a terra[649]? Pode um Deus justo ser indiferente ao pecado ou varrê-lo para debaixo do tapete como se nunca tivesse acontecido? Pode um Deus santo trazer homens iníquos à sua comunhão e ainda ser santo?

No livro de Provérbios, as Escrituras apresentam a máxima que parece negar qualquer possibilidade do perdão divino ou da justificação de homens pecaminosos. Ele declara: "O que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR, tanto um como o outro."[650] De acordo com esse texto, qualquer um que justifique o

perverso é uma abominação para o Senhor. A palavra *abominação* vem da palavra hebraica *tow`ebah*, que denota algo que é desprezível e repugnante. É uma das palavras mais fortes do Antigo Testamento! A verdade comunicada é que Deus abomina e detesta qualquer pessoa, especialmente qualquer autoridade ou juiz, que justifique ou absolva uma pessoa culpada. Contudo, esse é o próprio tema da mensagem do evangelho! Ao longo da história, Deus fez exatamente isso. Ele justificou o perverso, perdoou suas obras iníquas e cobriu seus pecados.

Como ele pode ainda ser justo? A seguinte ilustração pode ajudá-lo a explicar o problema de forma mais clara. Imagine que um homem retorne para o seu lar em uma tarde, e encontre toda a sua família assassinada no chão da sala, com o assassino ao lado deles, com sangue em suas mãos. Suponha que tal homem capture o assaltante e o entregue para as autoridades com todas as evidências

depondo contra ele. Suponha que no dia do julgamento do assassino, o juiz fizesse a seguinte declaração: “Eu sou um juiz muito amoroso, cheio de compaixão e misericórdia. Portanto, eu o declaro ‘inocente’ perante o tribunal de justiça e livre de todas as penas da lei.”

Qual seria a resposta da vítima a tal veredito? Ele concordaria que a justiça foi satisfeita? De maneira nenhuma! Ele teria apelado contra a decisão do juiz de justificar aquele homem perverso e pediria sua remoção imediata. Ele escreveria aos seus representantes, colocaria notas nos jornais e diria a todos que pudessem ouvir que há um juiz que é muito mais corrupto e abominável que o criminoso que ele libertou! Provavelmente, concordaríamos todos com a sua avaliação; contudo, aí reside o problema. Se demandamos tal justiça dos juízes terrenos, devemos esperar menos do Juiz de toda a terra? Emprestando as palavras do discurso de Eliú:

“Na verdade, Deus não procede maliciosamente; nem o Todo-Poderoso perverte o juízo.”[651]

PERDOAR E ESQUECER?

Alguém ainda pode perguntar: “Por que Deus não pode simplesmente perdoar o pecado de um homem e encerrar o assunto? As Escrituras nos ordenam perdoar livremente, então por que seria errado para Deus fazer o mesmo?” Há uma resposta tripla para essa pergunta.

Primeira, Deus não é como nós, mas é infinitamente mais digno que todas as suas criaturas juntas. Portanto, não é só justo, mas também lhe é necessário buscar sua própria glória e defendê-la. Considerando quem ele é, até mesmo a menor forma de rebelião é uma ofensa grotesca contra a sua pessoa, um crime de alta traição, digno da reprovação mais rigorosa. Se ele permitisse ficar impune qualquer ofensa contra sua pessoa, isso seria uma injustiça dupla. Ele faria injustiça contra sua

própria divindade, negando a si mesmo a glória que apropriadamente lhe pertence. Ele também cometeria injustiça contra a sua criação, permitindo que lhe fosse negada a sua própria razão de existência (i.e., a glória de Deus) e que corresse impetuosamente rumo à futilidade. Se isso é muito difícil para o homem moderno aceitar, é-o somente porque ele possui uma visão trivial de Deus.

Segundo, Deus não pode simplesmente perdoar o pecado humano porque não há nenhuma contradição em seu caráter. Ele não pode simplesmente negar sua justiça a fim de manifestar o seu amor ao conceder perdão para o ímpio. Ele precisa ser tanto justo como amoroso, e ele não pode ser um à custa do outro. Muitos evangelistas bem intencionados declararam erroneamente a multidões perdidas que, em vez de ser justo com o pecado humano, Deus determinou que seria amoroso. A conclusão lógica é que o amor de Deus é injusto ou que ele é capaz de desconsiderar sua

própria justiça em nome do amor. Tal afirmação demonstra ignorância do evangelho e dos atributos de Deus. A maravilha do evangelho não é que Deus escolheu o amor em vez da justiça, mas que ele permanece justo enquanto, em amor, concede perdão.

Terceiro, Deus é o Juiz de toda a terra. É sua função garantir a justiça, punir o mau e vindicar o que é certo. Seria tão inapropriado para o Juiz celeste perdoar o ímpio quanto seria para um juiz terreno perdoar um criminoso. Reclamamos frequentemente sobre a corrupção do sistema judiciário e nos incomodamos quando criminosos convictos são perdoados. Devemos esperar de Deus uma justiça menor do que aquela que esperamos dos nossos juízes? É uma verdade bem estabelecida que sem a aplicação da justiça todas as nações, povos e culturas cairiam rapidamente em anarquia e autodestruição. Se Deus ignorasse sua própria integridade, concedesse perdão sem satisfazer a sua

justiça e não proferisse nenhum juízo final, a criação simplesmente não conseguiria suportar tal situação.

A PROPICIAÇÃO

Tendo demonstrado a absoluta necessidade da justiça de Deus e seu juízo contra o ímpio, a pergunta permanece: como Deus pode ser justo e justificar o ímpio? A resposta se encontra em uma das maiores palavras das Escrituras – *propiciação*. A palavra deriva do latim, *propicio*, e significa "misericórdia". No Novo Testamento, ela é traduzida da palavra grega *hilastérion,* que se refere àquilo que propicia, apazigua ou aplaca.

A palavra *hilastérion* só aparece novamente no Novo Testamento uma única vez, no livro de Hebreus, onde se refere ao propiciatório que cobria a arca da aliança[652]. Dois querubins adornavam o propiciatório, que era feito de ouro[653]. Na dispensação do Antigo Testamento, a presença de Deus aparecia em uma nuvem sobre o propiciatório

no Santo dos Santos, e era lá que Deus prometeu encontrar-se com seu povo e lhes dar seus mandamentos[654]. Mais importante, era sobre e diante do propiciatório que, uma vez por ano, no Dia da Expiação, o sumo sacerdote aspergiria sete vezes o sangue do novilho[655]. Era deste mesmo propiciatório que Deus pronunciava o perdão sobre seu povo e declarava-se reconciliado com eles por meio da morte sangrenta do sacrifício. É por essa razão que a tampa da arca era chamada de propiciatório, pois era ali que o pecado era expiado e a misericórdia era possibilitada.

Em nosso texto, a palavra *propiciação* se refere especificamente ao sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário[656]. Ela explica que a morte de Jesus tirou os nossos pecados, satisfez a justiça de Deus e aplacou a sua ira. Porque Jesus Cristo pagou de uma vez por todas pelos pecados do seu povo, Deus pode justamente estender misericórdia ao culpado e

ser, ao mesmo tempo, “justo e justificador” de qualquer um que deposita a fé em seu Filho[657].

De acordo com as Escrituras, o homem pecou, e o salário do pecado é a morte[658]. Deus é justo, e o culpado não pode ser perdoado até que as demandas da lei sejam satisfeitas[659]. Na plenitude dos tempos, o Filho de Deus encarnou e andou nesta terra em perfeita obediência à lei de Deus[660]. Ao fim de sua vida, de acordo com a vontade do Pai, ele foi crucificado pelas mãos de iníquos[661]. Na cruz, ele se colocou no lugar do seu povo culpado e os pecados deles lhe foi imputado[662]. Como aquele que carregou o pecado, ele se tornou maldito de Deus, foi abandonado por Deus e foi esmagado sob o peso da ira de Deus[663]. Sua morte pagou a dívida do pecado, satisfez as demandas da justiça de Deus e apaziguou sua ira. Dessa forma, Deus resolveu o grande dilema. Ele puniu de forma justa os pecados de seu povo na morte de seu Filho e, por isso, pode justificar livremente todos que colocam nele a sua

esperança. Nos próximos capítulos passaremos a investigar essa grande verdade.

---

641. Gálatas 4.4

642. Efésios 3.10, 1 Pedro 1.12

643. João 21.25

644. A palavra *demonstrar* deriva do grego *eís éndeixin*, literalmente: "para demonstração" ou "para comprovação".

645. Deuteronômio 32.4

646. Romanos 3.25

647. Extraído de www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=dilema, acessado em 17/06/13.

648. Salmos 32.1, Romanos 4.7

649. Gênesis 18.25

650. Provérbios 17.15

651. Jó 34.12

652. Hebreus 9.5: "E sobre ela, os querubins de glória, que, com a sua sombra, cobriam o propiciatório [*hilastérion*]. Dessas coisas, todavia, não falaremos, agora, pormenorizadamente." É importante notar que a mesma palavra em grego também é usada, na Septuaginta (a tradução grega das Escrituras Hebraicas), em referência ao propiciatório.

653. Êxodo 25.17-18

654. Levítico 16.2, Êxodo 25.22

655. Levítico 16.14-15

656. 1 João 2.2: “E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.”

657. Romanos 3.26

658. Romanos 3.23, 6.23

659. Provérbios 17.15

660. Gálatas 4.4

661. Atos 2.23

662. 2 Coríntios 5.21

663. Gálatas 3.13, Mateus 27.46, Isaías 53.10

C A P Í T U L O 1 9

Um Redentor Qualificado

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.

— João 1.14

A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé.

— Romanos 3.25

Antes de voltarmos nossa atenção para um estudo mais detalhado de Cristo como nossa propiciação, ajudará se considerarmos os requisitos exigidos para tal função. Para ser claro, a morte do sacrifício é completamente insignificante a não ser que aquele que oferece sua vida como propiciação seja

verdadeiramente qualificado para fazê-lo. Em outras palavras, o valor do ato depende do caráter daquele que o está executando. A maioria dos evangélicos considera a cruz de Cristo com grande ênfase no que ele fez, e com razão, mas nós frequentemente damos pouca ênfase em quem ele é. Jesus era tanto Deus quanto homem, tanto impecável (sem pecado) quanto de valor infinito. Se ele não se adequasse a todas essas qualificações, então sua oferta por nós não conquistaria nada. Ainda assim, nós veremos que ele era tudo isso e ainda mais. Portanto, Jesus era singularmente qualificado para oferecer sua vida como um sacrifício expiatório e para ser o Salvador do mundo[664].

UMA PALAVRA DE ALERTA

Nós precisamos sempre ter grande cuidado toda vez que falarmos ou escrevermos sobre a pessoa de Jesus Cristo. Nós não podemos compreender completamente o mistério do Deus encarnado e a

exata função de suas naturezas divina e humana em nossa redenção. Assim como o apóstolo Paulo escreveu: "Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória."[665]

Ao longo da história da igreja, houve muitas heresias a respeito da exata relação entre as naturezas divina e humana da pessoa de Jesus Cristo. Alguns desses falsos ensinos vieram de hereges que procuraram negar tanto a divindade de Cristo quanto sua humanidade. No entanto, outros ensinos errôneos vieram também de cristãos sinceros que simplesmente tomaram para si a responsabilidade de explicar a questão sem deixar espaço para o mistério. Portanto, nós precisamos nos esforçar para falarmos e escrevermos com precaução. Nessa questão, é melhor falar pouco do que falar demais; é melhor incluir muitas coisas na

categoria do mistério do que tentar remover todo o mistério acrescentando raciocínios às Escrituras. Como Moisés nos alertou: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.”[666]

DUAS NATUREZAS E A OBRA DA SALVAÇÃO

As Escrituras testemunham constantemente que somente Deus é o Salvador e ele não compartilha sua divina prerrogativa gloriosa com ninguém. Falando por meio do profeta Isaías, Deus declara: “Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador.”[667] Mesmo nesta era secular, não existe falta de deuses ou salvadores. No entanto, contra a maré dessa variedade de divindades e salvadores, as Escrituras são a única fonte que declara a salvação como a obra exclusiva de um único Deus verdadeiro

que criou o céu e a terra. Assim como o profeta Jonas declarou da barriga do grande peixe: “Ao SENHOR pertence a salvação!”[668] Portanto, atribuir a obra da salvação ou garantir o título de “Salvador” a quem quer que não seja Deus é uma grande blasfêmia.

Essa verdade bíblica apresenta um problema para qualquer um que considere as reivindicações do Novo Testamento a respeito da pessoa e da obra de Jesus Cristo. À luz do que sabemos sobre a salvação como obra exclusiva de Deus, e à luz das incontáveis referências a Jesus como Salvador, as seguintes conclusões permanecem: se Jesus é o Salvador, então ele é Deus no mais estrito sentido do termo; se Jesus não é Deus no mais estrito sentido do termo, então ele não é Salvador algum.

Aqueles que negam a divindade de Cristo e ainda assim declaram beneficiarem-se de sua morte estão em grande contradição. Ele não pode salvar se não for Deus. No entanto, se Jesus é divindade

verdadeira, então não existe contradição quando o profeta Isaías declara que não existe nenhum salvador além do SENHOR, e o apóstolo Pedro proclama que não existe salvação em ninguém além de Jesus[669]. Além disso, Isaías pode certamente advertir os confins da terra a se voltar somente a Deus para salvação, e o apóstolo Paulo pode clamar que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"[670].

Para ser o Salvador do mundo era necessário que Cristo fosse Deus, e também é verdade que a justiça de Deus exigia que o pecado fosse punido na mesma natureza na qual ele foi cometido[671]. Portanto, aquele que morreu tinha que ser um homem. Foi o homem que transgrediu a lei de Deus e era um homem que deveria morrer. Assim como Deus falou por meio do profeta Ezequiel: "A alma que pecar, essa morrerá."[672] Para que tal alma fosse livre da justa sentença de Deus, era necessário que outra alma da mesma natureza morresse no lugar dela. O

autor de Hebreus apoia essa verdade com a opinião de que é impossível que o sangue de bois e cabras remova os pecados da humanidade, que é superior a eles[673]. Somente um homem que foi verdadeiramente um com a raça de Adão poderia tomar o lugar do culpado e fazer expiação pelos pecados deles.

A Escritura ensina que Jesus de Nazaré foi esse homem. O autor de Hebreus nos diz que, visto que ele veio para "dar ajuda" aos descendentes de Abraão, foi necessário que ele se tornasse como seus irmãos em todas as coisas, e, visto que as crianças partilham de carne e sangue, ele próprio, igualmente, partilhou do mesmo[674]. Foi por essa razão que, quando o apóstolo Paulo escreveu de Cristo como o único mediador entre Deus e o homem, ele se referia a ele como "o homem" Cristo Jesus[675]. Para ser o Salvador do povo de Deus, era necessário que o Verbo se tornasse carne e vivesse entre nós, e que, "subsistindo em forma de Deus",

ele se fizesse em semelhança de homens[676]. A famosa declaração de Pilatos: "*Ecce Homo*" ("Eis o Homem"), é somente mais um lembrete de que Jesus Cristo foi aquele homem[677]!

AS DUAS NATUREZAS E A IRA DE DEUS

De acordo com as Escrituras, o poder da ira e da fúria de Deus está além de toda compreensão[678]. A própria terra treme diante de seu julgamento, e mesmo a força conjunta das nações não pode resistir a sua indignação[679]. Não é sem razão que os mais poderosos homens irão, um dia, clamar para que as montanhas caiam sobre eles para os esconderem da ira de Deus[680]. Mesmo os salmistas e os profetas que habitavam na presença de Deus se apavoravam com o poder devastador de sua fúria. Ao contemplá-la, eles perguntavam: "Se te iras, quem pode subsistir à tua vista?"[681] "Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da sua

ira?”[682] Sem encontrar nenhuma resposta para suas temerosas reflexões, eles podiam apenas concluir: “Tu, sim, tu és terrível.”[683]

À luz do que nós sabemos sobre a ira de Deus, é certo concluir que, se Jesus de Nazaré tivesse sido um mero homem ou criatura, ele nunca poderia ter resistido à ira de Deus contra os pecados de seu povo. No entanto, ele foi capaz de suportá-la até o fim e sair vitorioso, porque ele era Deus encarnado e foi sustentado por sua própria onipotência divina. O Catecismo Maior de Westminster concorda: “Pergunta 38: Por que foi exigido que o Mediador fosse Deus? Resposta: Foi exigido que o Mediador fosse Deus para que ele sustentasse e impedisse que a natureza humana afundasse sob a infinita ira de Deus e o poder da morte.”

À luz do poder da ira de Deus, nós precisamos reconhecer a verdadeira divindade de Cristo, e ainda precisamos ser extremamente cuidadosos para não negar ou diminuir uma verdade igualmente

essencial: Cristo sofreu a ira do Deus Todo-Poderoso como um homem. Nós devemos ter o cuidado de manter que, na cruz do Calvário, uma ira real caiu sobre um homem real e causou nele um real sofrimento de magnitude indizível. Ainda que a divindade de Cristo o tenha sustentado, esta de nenhuma maneira proveu um alívio contra a ira derramada sobre ele. Ele sofreu "em seu próprio corpo"[684] a medida exata da divina ira de Deus que foi necessária para satisfazer a justiça divina e trazer paz entre Deus e seu povo. Por esta razão, ele foi verdadeiramente um "*homem* de dores e que sabe o que é padecer"[685].

AS DUAS NATUREZAS E O VALOR DO SACRIFÍCIO

Os céticos com frequência perguntam: "Como pode um homem que sofre numa cruz por poucas horas pagar pelos pecados de uma multidão de homens e salvá-los de uma eternidade de

sofrimento? Como pode a vida de um homem satisfazer a justiça de muitos?" Uma das mais bonitas doutrinas da Escritura envolve a resposta a essa pergunta: o infinito valor e a perfeita obediência do Filho de Deus.

Aquele que foi pregado à cruz do Calvário era Deus, e a vida que ele deu por seu povo foi de valor infinito. Aquele que foi pendurado no madeiro foi um homem cuja obediência perfeita à lei de Deus deu mérito ao seu sacrifício e proveu uma justificação perfeita a ser imputada em seu povo. Portanto, nós respondemos à pergunta do cético, de como um pode pagar por muitos, apontando para Jesus Cristo, aquele que foi capaz de redimir uma multidão quase incontável de homens por causa do infinito valor dele como Deus e de sua perfeita obediência como homem.

Quanto à divindade de Jesus Cristo, nós devemos mais uma vez afirmar que ele era Deus no mais literal e completo uso do termo. E foi essa

“plenitude de divindade” que deu dignidade infinita à sua pessoa e valor infinito ao seu sacrifício[686]. O grande reformador de Genebra Francis Turretin ilustrou lindamente essa verdade: “Embora o dinheiro não tenha maior valor nas mãos de um rei do que nas mãos de um prisioneiro, ainda assim a cabeça e a vida de um rei são mais valiosas do que a vida de um escravo vil (assim como a vida de Davi foi contada como mais valiosa do que metade do exército israelita – 2 Samuel 18.3). Desse modo, somente Cristo deveria ser estimado com maior valor do que todos os homens juntos. A dignidade de uma pessoa infinita engole e absorve todos os castigos infinitos devidos a nós.”[687] E John Newton ecoa:

> Se o Messias tivesse sido um homem perfeito e sem pecado, e nada mais, ele podia ter rendido uma completa obediência à vontade de Deus, mas isso poderia ter sido somente para si mesmo. A criatura mais excelente e exaltada não pode

> exceder a lei de sua criação. Como criatura ele foi obrigado a servir a Deus com tudo o que nele havia, e suas obrigações serão sempre iguais às suas habilidades. Mas uma obediência aceitável e disponível a outros, a milhares e a milhões, a todos os que estão dispostos a implorar por ela, deve estar ligada com uma natureza [divina] que não é necessariamente obrigada[688].

Mais uma vez perguntamos: como a vida de um Homem pode satisfazer a divina justiça devida a muitos? É porque ele era uma verdadeira divindade e sua única vida era mais valiosa do que a vida de todos os outros juntos! Imagine por um momento que toda a criação foi colocada em uma balança – montanhas e colinas, poeira e estrelas, ratos e homens, tudo o que foi ou que será. Então imagine que Cristo pisa no outro lado da balança. A balança imediatamente inclina-se em seu favor, pois o seu valor é infinitamente maior do que todo o resto.

Se existisse um homem sem pecado ou um anjo sem culpa que se dispusesse a morrer, sua morte não

teria validade contra nosso pecado. Se as incontáveis miríades de anjos tivessem oferecido suas vidas imaculadas sobre aquele madeiro, o sacrifício deles não seria suficiente para o pagamento exigido. Nossa salvação requer um sacrifício de valor infinito, e "nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" tem esse valor[689]. Nós não fomos redimidos com coisas perecíveis como prata e ouro, mas com sangue precioso, o sangue de um cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, o sangue do próprio Deus[690]!

Tendo demonstrado a necessidade da divindade de Cristo ao dar valor infinito à sua pessoa e mérito infinito ao seu sacrifício, nós precisamos, mais uma vez, ser extremamente cautelosos para não negligenciarmos uma verdade igualmente essencial: Cristo era um homem cuja obediência perfeita à lei de Deus o capacitou a morrer pelos pecados de seu povo e imputar uma justiça perfeita a eles[691]. Primeiro, nós precisamos entender que o homem

que morreu pelos pecados dos outros deve ser ele mesmo um homem perfeito e sem pecado. De outra forma, sua própria vida seria perdida, e ele estaria sob a condenação de morte e castigo eterno por seus próprios crimes. Portanto, foi a ativa obediência de Cristo (sua perfeita obediência à lei de Deus) que tornou sua obediência passiva (a oferta de si mesmo como sacrifício pelos pecados) aceitável diante de Deus. Resumidamente, um pecador não pode oferecer sua vida pelos pecados de outro, mas é obrigado a morrer por sua própria culpa. Visto que Jesus Cristo era um homem sem pecado, ele foi capaz de oferecer-se livremente pelos pecados de seu povo[692].

Em segundo lugar, nós devemos entender que a salvação de um homem requer mais do que meramente uma remoção de culpa; ela também exige a imputação de justiça. Para um homem estar em paz com Deus, ele deve ser mais do que perdoado ou absolvido — ele deve ser reto diante de

Deus. Davi ilustrou claramente essa verdade quando respondeu à antiga pergunta com relação a quem poderia subir ao monte do Senhor e quem poderia permanecer em seu santo lugar: "O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente."[693]

O único grande requisito para entrar na presença de Deus é a retidão — absoluta conformidade com a lei de Deus, perfeita obediência sem nenhum desvio no coração ou em ação. Essa verdade apresenta um obstáculo intransponível para o homem caído. A Escritura testifica claramente que ninguém é justo, todos pecaram, e que nossa constante falha moral tornou a justiça por meio da lei uma impossibilidade[694]. Em resumo, nós somos criaturas profundamente injustas que estão falidas moralmente e absolutamente desqualificadas para permanecer na presença de Deus. Não temos força ou esperança em nós mesmos[695].

As boas novas do evangelho são que Jesus de Nazaré viveu uma vida de perfeita retidão diante de Deus. Qualquer pensamento, palavra e ação dele estavam conforme a vontade de Deus, sem o menor desvio. Em cada momento de sua vida, ele amou o Senhor seu Deus com todo seu coração, alma, mente e força[696]. Tudo o que ele fez, mesmo a tarefa mais insignificante de comer e beber, fez para a glória de Deus[697]. Dessa forma, o Pai pôde sempre testificar dele: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo."[698]

O que precisamos entender é que Cristo não apenas morreu por seu povo, ele também viveu uma vida perfeita por eles. E essa vida perfeita é imputada, ou depositada na conta de todo aquele que crê[699]. É por essa razão que o apóstolo Paulo nos disse que nós somos "feitos justiça de Deus".[700] Paulo explica isso dessa forma: "Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé

em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção."[701]

Essa amada doutrina da imputação claramente demonstra a relação entre o primeiro e o último Adão[702]. O primeiro Adão ergueu-se como o cabeça de sua raça. No jardim, ele viveu e caiu por ele mesmo e sua descendência. Assim, o apóstolo Paulo conclui que "pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores" e "pela ofensa de um só, morreram muitos"[703]. De maneira semelhante, mas mais grandiosa, o segundo Adão, Jesus Cristo, ergueu-se como o cabeça de seu povo, e ele não apenas morreu por eles, mas também viveu por eles para que sua vida perfeita de obediência pudesse ser imputada a eles como um presente pela fé. Por essa razão, o apóstolo Paulo conclui que pela obediência de Um, muitos são feitos justos[704].

Era necessário que Cristo fosse Deus para que sua divindade pudesse dar valor infinito ao seu sacrifício em nome do seu povo. Do mesmo modo, também

foi necessário que Cristo fosse homem para que ele pudesse viver uma vida perfeita de obediência, morresse no lugar de pecadores, e depois imputasse sua vida de retidão a todos os que creem.

AS DUAS NATUREZAS E UM MEDIADOR ADEQUADO

O *Dicionário Webster* define *mediador* como aquele que é qualificado e capacitado a interpor-se entre duas partes para que ele os reconcilie ou para elucidar um ao outro. Para ser um mediador adequado entre Deus e homem, era necessário que Jesus de Nazaré fosse tanto Deus quanto homem em uma pessoa. Verdadeira humanidade era necessária para que ele pudesse repousar sua mão sobre o homem para sua salvação e conforto. Verdadeira divindade era exigida para que ele pudesse repousar sua mão sobre Deus e relacionar-se com ele — que mera criatura poderia tentar tal coisa e sobreviver a isso? Por meio das Escrituras, nós entendemos que o

mais poderoso serafim não ousaria estender a mão e tocar Aquele que é fogo consumidor e que habita em luz inacessível[705]. É necessária a força de todos os serafins para simplesmente permanecer na presença de Deus com a cabeça curvada e a face coberta[706]. Essa é uma prova adicional de que embora nosso mediador deva ser um homem, ele deve ser também mais do que os poderosos anjos ou o maior dos seres criados. Ele deve ser Deus para poder relacionar-se com Deus em nosso nome.

Jesus de Nazaré atende a ambas as qualificações. Ele é um homem como nós no sentido de que ele partilha de nossa carne e sangue e não se envergonha de nos chamar de irmãos[707]. "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado."[708] Ao mesmo tempo, ele é o Filho de Deus, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e exaltado sobre os céus[709]. Tendo feito

purificação pelos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade nas alturas[710]. Em nosso nome, ele atravessou os céus e repousou sua mão sobre o Todo-Poderoso[711].

O que essas poucas páginas descreveram a respeito da pessoa de Cristo representa nem sequer o sopé de uma montanha muito maior. No entanto, o propósito de dizer o que foi dito é encorajar ministros e leigos a explorar as glórias da pessoa de Cristo e fazê-las conhecidas pelo evangelho. Nós precisamos sempre nos lembrar e entesourar em nossos corações o fato de que nós não fomos salvos meramente pelo que Cristo fez por nós, mas pelo que ele foi, é e será para sempre!

---

664. João 4.42; João 4.14

665. 1 Timóteo 3.16

666. Deuteronômio 29.29

667. Isaías 43.11; veja também Oseias 13.4

668. Jonas 2.9

669. Atos 4.12

670. Isaías 45.22; Romanos 10.13

671. Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology* (Phillipsburg, N.J.: P&R, 1994), 2:303.

672. Ezequiel 18.4

673. Hebreus 10.4

674. Hebreus 2.14-17

675. 1 Timóteo 2.5

676. João 1.1, 14; Filipenses 2.6

677. João 19.5

678. Salmos 90.11

679. Jeremias 10.10

680. Apocalipse 6.16

681. Salmos 76.7

682. Naum 1.6

683. Salmos 76.7

684. 1 Pedro 2.24

685. Isaías 53.3, ênfase acrescentada.

686. Dabney escreve: “Se não houvesse uma natureza divina para refletir uma infinita dignidade sobre sua pessoa, seu sofrimento da maldição do pecado por alguns anos não teria sido satisfação suficiente para propiciar a Deus pelos pecados do mundo.” Robert Lewis Dabney, *Systematic Theology* (Edinburgh: Banner of Truth, 1985), 201.

687. Turretin, *Elenctic Theology*, 2.437.

688. John Newton, *The Works of John Newton* (Edinburgh: Banner of Truth, 1985), 4.60.

689. Tito 2.13

690. 1 Pedro 1.18-19; Atos 20.28

691. A palavra *imputar* significa contar ou creditar. Com respeito aos crentes, isto significa que a justificação de Cristo (sua perfeita obediência) está contada ou creditada a ele.

692. Hebreus 4.15

693. Salmos 24.4

694. Romanos 3.10, 20-23; Gálatas 2.16

695. Romanos 5.6; Efésios 2.12

696. Marcos 12.30

697. 1 Coríntios 10.31

698. Mateus 3.17; 17.5

699. Romanos 4.22-24; 5.1

700. 2 Coríntios 5.21

701. Romanos 3.21-22

702. A escritura retrata Cristo como o último Adão. Veja Romanos 5.14 e 1 Coríntios 15.45.

703. Romanos 5.15-19

704. Romanos 5.19

705. Hebreus 12.29; 1 Timóteo 6.16

706. Isaías 6.2-3

707. Hebreus 2.11, 14

708. Hebreus 4.15

709. Hebreus 7.26

710. Hebreus 1.3

711. Hebreus 4.14

C A P Í T U L O 2 0

A Cruz de Jesus Cristo

À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

— Marcos 15.34

Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua. Então, lhe apareceu um anjo do céu que o confortava. E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.

— Lucas 22.41-44

Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.

— João 19.30

Diante de nós está o capítulo mais importante deste livro, ou, como a maioria dos cristãos concordaria, o capítulo mais importante da história da humanidade. Este tema não pode ser quebrado em porções menores, mesmo que seja para a conveniência do leitor. Este é o coração do evangelho, e se devemos labutar através dele, esse é de fato um labor digno!

Um dos grandes males da pregação evangelística contemporânea é que ela raramente explica a cruz de Cristo. Não é suficiente dizer que ele morreu – todos morrem. Não é suficiente dizer que ele morreu uma morte nobre – mártires fazem o mesmo. Devemos entender que não teremos proclamado completamente a morte de Cristo com poder salvador até que tenhamos limpado as confusões que a cercam e exposto seu verdadeiro significado para os nossos leitores: ele morreu carregando as transgressões de seu povo e sofreu a pena divina por seus pecados. Ele foi abandonado

por Deus e esmagado sob a ira de Deus em nosso lugar.

DESAMPARADO POR DEUS

Uma das passagens mais perturbadoras, até mesmo assombrosas, das Escrituras é o relato de Marcos do grande questionamento do Messias enquanto estava pendurado na cruz romana. Em alta voz, ele clamou: "Eloí, Eloí, lamá sabactâni?", que traduzido significa: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"[712]

À luz do que sabemos sobre a natureza impecável do Filho de Deus e do seu relacionamento perfeito com o Pai, as palavras do Messias são difíceis de serem compreendidas. Elas, porém, carregam o sentido da cruz e a razão pela qual ele teve de morrer. O fato de suas palavras terem sido registradas no original em hebraico nos diz algo sobre a sua grande importância. O autor não queria que compreendêssemos mal sequer um detalhe!

Nessas palavras, Cristo não apenas está clamando a Deus, mas, como um consagrado professor, ele está também direcionando aqueles que o viam e todos os futuros leitores para uma das mais importantes profecias messiânicas do Antigo Testamento: o Salmo 22. Todo o salmo está repleto de profecias detalhadas da cruz, mas iremos nos ocupar somente com os primeiros seis versos:

> Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido? Deus meu, clamo de dia, e não me respondes; também de noite, porém não tenho sossego. Contudo, tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel. Nossos pais confiaram em ti; confiaram, e os livraste. A ti clamaram e se livraram; confiaram em ti e não foram confundidos. Mas eu sou verme e não homem; opróbrio dos homens e desprezado do povo.

Nos tempos de Cristo, a Escritura Hebraica não era numerada por capítulos e versículos como hoje. Portanto, quando um rabi buscava direcionar seus leitores para certo salmo ou certa porção da Escritura, ele o faria recitando as primeiras linhas daquele texto. Nesse clamor da cruz, Jesus nos direciona para o Salmo 22 e nos revela algo sobre o caráter e o propósito do seu sofrimento.

No primeiro e no segundo versículo, ouvimos o Messias lamentando: ele se considera desamparado por Deus. Marcos usa a palavra grega *egkataleípo*, que significa desamparado, abandonado ou desertado[713]. O salmista usa a palavra hebraica *azab*, que significa deixar ou desamparar[714]. Em ambos os casos, a intenção é clara. O próprio Messias está consciente de que Deus o desamparou e se fez de surdo ao seu clamor. Esse desamparo não é simbólico ou poético. Ele é real! Se houve uma pessoa que já sentiu o desamparo de Deus, esse foi o Filho de Deus na cruz do Calvário!

No quarto e quinto versículos desse salmo, a angústia sofrida pelo Messias se torna mais aguda enquanto ele se lembra da fidelidade pactual de Deus para com seu povo. Ele declara: “Nossos pais confiaram em ti; confiaram, e os livraste. A ti clamaram e se livraram; confiaram em ti e não foram confundidos.” A contradição aparente é clara. Nunca houve um episódio na história do povo da aliança em que um justo clamou a Deus e não foi livrado. Contudo, agora, o Messias imaculado está pendurado sobre o madeiro totalmente desamparado. Qual poderia ser a razão do abandono de Deus? Por que ele voltou as suas costas para seu Filho unigênito?

Jesus tece a resposta para essas questões perturbadoras em seu lamento. No verso 3, ele faz uma firme declaração dizendo que Deus é santo e, no verso 6, ele admite o indizível: ele se tornou um verme, não mais um homem. Por que Cristo falaria de si mesmo com uma linguagem tão degradante e

depreciativa? Ele se via como um verme porque ele se tornara "opróbrio dos homens e desprezado do povo", ou havia uma razão maior e mais terrível para a sua autodepreciação[715]? Afinal, ele não clamou: "Meu Deus, meu Deus, por que as pessoas me desampararam?", mas buscou saber por que Deus o havia feito. A resposta pode ser encontrada nesta amarga verdade: Deus fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos, e, como um verme, ele foi desamparado e moído em nosso lugar[716].

UMA SERPENTE E UM BODE EXPIATÓRIO

Essa sombria metáfora do Messias morrendo como um verme não está sozinha nas Escrituras. Há outras que nos levam mais fundo ao coração da cruz e nos descortinam por que ele deveria sofrer a fim de realizar a redenção do seu povo[717]. Se estremecemos com as palavras do salmista, seremos surpreendidos ao lermos que o Filho de Deus

também é assemelhado a uma serpente levantada no deserto e a dois bodes expiatórios – um sacrificado e o outro enviado para o deserto.

A primeira metáfora acontece no livro de Números. Por causa da praticamente constante rebelião de Israel contra o Senhor e sua rejeição das provisões que ele graciosamente fornecia, Deus enviou "serpentes abrasadoras" entre o povo, e muitos morriam[718]. Contudo, por causa do arrependimento do povo e da intercessão de Moisés, Deus mais uma vez providenciou a salvação deles. Ele ordenou a Moisés: "Faze uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste." Ele então prometeu: "Será que todo mordido que a mirar viverá."

Em um primeiro momento, pode parecer contrário à razão que "aquilo que curava foi moldado à semelhança daquilo que feria". Contudo, fornece uma poderosa ilustração da cruz. Os israelitas estavam morrendo com o veneno de serpentes

abrasadoras. Os homens morrem do veneno de seus próprios pecados. Deus comandou que Moisés colocasse a causa da morte em uma haste. Deus colocou a causa da nossa morte sobre o seu Filho enquanto este foi levantado e pendurado na cruz. Ele veio "em semelhança de carne pecaminosa" e foi feito pecado por nós[719]. Os israelitas que criam em Deus e olhavam para aquela serpente de bronze viveriam. O homem que crê no testemunho de Deus sobre seu Filho e olha para este com fé será salvo[720]. Como está escrito: "Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro."

O livro sacerdotal de Levítico contém uma segunda metáfora. Já que era impossível para uma única oferta ilustrar ou tipificar plenamente a morte expiatória do Messias, Deus requereu de seu povo uma oferta envolvendo dois bodes[721]. O primeiro bode era sacrificado como uma oferta pelos pecados diante do Senhor, e seu sangue era aspergido no

propiciatório, que está atrás do véu do Santo dos Santos, e diante dele[722]. Isso tipificava Cristo, que derramou seu sangue na cruz para expiar o pecado do seu povo. É uma maravilhosa ilustração da morte de Cristo como propiciação – ele derramou seu sangue satisfazendo a justiça de Deus, aplacando a sua ira e trazendo a paz. O sumo sacerdote apresentaria um segundo bode diante do Senhor como um bode emissário[723]. O sumo sacerdote colocará "ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados."[724] O sacerdote então enviaria o bode emissário para o deserto, carregando em si todas as iniquidades do povo para uma terra solitária. Ali, o bode vagaria sozinho, desemparado por Deus e cortado do povo de Deus. O bode emissário tipificava Cristo, que carregou "em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" e sofreu e morreu sozinho "fora do arraial".[725] É uma

maravilhosa ilustração da morte de Cristo como expiação – ele carregou para longe os nossos pecados. O salmista escreveu: "Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões."

O MESSIAS É FEITO PECADO

Como não achar espantoso que um verme, uma serpente venenosa e um bode sejam símbolos de Cristo? Identificar o Filho de Deus com coisas tão repugnantes seria blasfêmia se não viessem da própria Escritura do Antigo Testamento e fossem confirmadas pelos autores do Novo, os quais vão mais além em seu retrato sombrio da morte sacrificial de Cristo. Guiados pelo Espírito Santo, eles nos relatam que o Messias que não conhecia pecado foi "feito pecado" e aquele que era o amado do Pai se tornou "maldição" diante dele[726].

Todos nós ouvimos sobre essas verdades antes, mas será que já consideramos o bastante para

entendê-las e sermos quebrantados por elas? Na cruz, aquele que é declarado "santo, santo, santo" pelos serafins, foi "feito" pecado[727]. A estrada rumo ao sentido dessa frase é quase muito perigosa para ser tomada. Damos com relutância o primeiro passo. O que significa aquele em que "habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" ter sido feito pecado[728]? Não devemos dissimular a verdade na tentativa de proteger a reputação do Filho de Deus, mas devemos ser cuidadosos para não falar coisas terríveis contra o seu caráter impecável e imutável. Como ele foi feito pecado? Das Escrituras concluímos que Cristo se tornou pecado no mesmo sentido em que os crentes foram nele "feitos justiça de Deus"[729]. Em sua segunda carta para a igreja de Corinto, o apóstolo Paulo escreve: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus."

Na presente vida, o crente é a "justiça de Deus" – não por causa de uma obra purificadora em seu caráter pela qual ele se torna um ser perfeitamente justo e impecável, mas como consequência da imputação, pela qual somos considerados justos diante de Deus mediante a obra de Cristo em nosso favor. Da mesma forma, Cristo se tornou pecado não por causa de alguma degeneração moral em seu caráter pela qual ele se tornara de fato corrupto e injusto, mas como consequência da imputação que o tornou culpado em nosso lugar diante do tribunal de Deus. Na cruz, Cristo não se tornou pecaminoso; antes, nossos pecados foram imputados sobre ele e Deus o considerou culpado pelos nossos crimes e o tratou com o juízo que nós merecíamos. Ele não se tornou pecado compartilhando de nossa corrupção, mas carregando a nossa culpa. Não devemos nos esquecer que enquanto carregava nossos pecados, ele permanecia o perfeito e imaculado Cordeiro de Deus e que seu sacrifício foi um aroma agradável ao

Pai[730].

Devemos ter o cuidado de entender que essa verdade não diminui o horror de Cristo se tornar pecado em nosso lugar. Embora fosse uma culpa imputada, era uma culpa real que trouxe angústia indizível à sua alma. Ele realmente tomou o nosso lugar, levou os nossos pecados, carregou a nossa culpa e experimentou a medida completa da ira de Deus que nossos pecados mereciam.

O grande contraste entre o que ele realmente era e o que ele foi "feito" revela ainda mais a agonia que Cristo experimentou. É algo aterrorizante o pecador se encontrar face a face com seu próprio pecado e sentir o peso de sua própria culpa. É algo totalmente diferente para "aquele que não conheceu pecado" carregar a imundície que lhe era totalmente estranha e sentir a culpa de uma incontável multidão de pecadores. É um terror indizível para o pecador ser tratado como culpado perante o tribunal de Deus, mas é algo totalmente diferente para aquele que é

“inculpável, sem mácula, separado dos pecadores” ser tratado assim[731]. Uma coisa é o pecador ser condenado por um Deus com quem ele não tem nenhuma relação e para quem não possui nenhum afeto. É algo totalmente diferente o Filho de Deus ser julgado e condenado por seu próprio Pai, com quem compartilhou a mais íntima comunhão por toda eternidade e por quem possui amor além de definição ou medida.

O CRISTO SE TORNA UMA MALDIÇÃO

Que Cristo se tornou pecado é uma verdade tão terrível quanto incompreensível, e quando pensamos que não há nenhuma outra palavra mais sombria que possa lhe ser dirigida, o apóstolo Paulo acende uma lanterna e nos leva ainda mais fundo no abismo da humilhação e do abandono de Cristo. Adentramos a caverna mais profunda e encontramos o Filho de Deus pendurado em uma cruz, carregando seu título mais infame: “Maldito de Deus”!

As Escrituras declaram que toda a humanidade encontra-se debaixo da maldição de Deus por ter violado os preceitos da lei divina. O apóstolo Paulo escreve à igreja na Galácia: “Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.” A palavra *maldição* vem da palavra grega *katára*, que denota uma execração, imprecação ou danação. A maldição divina é o antônimo da bênção divina; portanto, usando as bem-aventuranças como nosso padrão, podemos aprender algo sobre o que significa estar sob a maldição de Deus.

Aos abençoados é concedida entrada no reino dos céus. Os amaldiçoados são impedidos de entrar.

Os abençoados são alvos do conforto divino. Os amaldiçoados são alvos da ira divina.

Os abençoados herdam a terra. Os amaldiçoados são cortados dela.

Os abençoados são satisfeitos. Os amaldiçoados são miseráveis e desgraçados.

> Os abençoados recebem misericórdia. Os amaldiçoados são condenados sem piedade.
> Os abençoados verão a Deus. Os amaldiçoados são cortados de sua presença.
> Os abençoados são filhos e filhas de Deus. Os amaldiçoados repudiados em desgraça[732].

Da perspectiva celeste, aqueles que quebram a lei de Deus são vis e merecedores de todo desprezo. São um lote desgraçado, justamente expostos à vingança divina e corretamente destinados à destruição eterna. Não é exagero dizer que a última coisa que o pecador maldito deve e irá ouvir quando tomar seus primeiros passos rumo ao inferno será toda a criação se levantando e aplaudindo a Deus por ter livrado a terra de tal pessoa. Tal é a vileza daqueles que quebram a lei de Deus e tal é o desdém do santo para com o iníquo.

Essa linguagem é uma ofensa grotesca ao mundo e a muitos da comunidade evangélica contemporânea.

Não obstante, é uma linguagem bíblica e deve ser falada. Se em prol da etiqueta nos recusamos a explicar e ilustrar os dizeres sombrios da Escritura, então Deus não será considerado como santo e os homens não entenderão sua terrível situação e o preço pago por Cristo jamais será calculado e apreciado. A menos que compreendamos o que significa um homem estar debaixo da maldição divina, jamais compreenderemos o que significa Cristo ter-se feito "maldição em nosso lugar". Jamais entenderemos completamente o horror e a beleza daquilo que Cristo fez por nós naquele madeiro! "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.)."[733]

A verdade transmitida em Gálatas 3.10 é o que fez Jesus Cristo e seu evangelho um escândalo para os judeus do primeiro século. Todos eles estavam familiarizados com a aterrorizante verdade da

Escritura que “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”[734]. Como então poderia o Messias ser o libertador e rei de Israel e ainda morrer de forma tão degradante? Nutrir tal ideia era mais do que escandaloso, era uma blasfêmia deliberada! Porém os judeus falharam em ver que era uma “maldição trocada” e que era necessário que Cristo se tornasse o que eles eram para que pudesse redimi-los do que eles mereciam[735]. Ele se tornou um verme e não um homem, uma serpente levantada no deserto, um bode emissário enviado para fora do arraial, aquele que carregaria os pecados e sob quem cairia a maldição de Deus. E ele fez tudo isso no lugar do seu povo!

Em Deuteronômio 27-28, Deus divide a nação de Israel em dois campos separados, colocando um sobre o monte Gerizim e o outro sobre o monte Ebal. Aqueles que estivessem no monte Gerizim deveriam pronunciar as bênçãos que viriam a todos que cuidadosamente obedecessem o Senhor, seu

Deus[736]. Aqueles no monte Ebal deveriam pronunciar as maldições que cairiam sobre aqueles que recusassem tal obediência[737]. Apesar de Cristo ter direito a todas as bênçãos de Gerizim, foi do monte Ebal que seu Pai trovejou contra ele e o pendurou no madeiro do Calvário. Atrás das portas fechadas do céu, o Pai esmagou seu Filho com todos os terrores que deveriam cair sobre aqueles pelos quais ele morreu. Quando ele levantou os olhos ao céu para encontrar o rosto de Deus, seu Pai lhe virou as costas. Quando ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", foi como se seu Pai, e seu Juiz, tivesse dito: "O Senhor, o Senhor, seu Deus, o amaldiçoa." Cristo carregou as maldições de Deuteronômio 28 por seu povo.

> O SENHOR mandará sobre ti a maldição, a confusão e a ameaça... até que sejas destruído e repentinamente pereças.
> O SENHOR te ferirá com loucura, com cegueira e com perturbação do espírito. Apalparás ao meio-dia, como o cego

apalpa nas trevas... e ninguém haverá que te salve.
O SENHOR se alegrará em vos fazer perecer e vos destruir.
Maldito serás tu na cidade e maldito serás no campo.
Maldito serás ao entrares e maldito, ao saíres.
Os teus céus sobre a tua cabeça serão de bronze; e a terra debaixo de ti será de ferro.
Virás a ser pasmo, provérbio e motejo entre todos os povos a que o SENHOR te levará.
Todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão, e te alcançarão, até que sejas destruído, porquanto não ouviste a voz do SENHOR, teu Deus, para guardares os mandamentos e os estatutos que te ordenou[738].

Enquanto Cristo carregou nosso pecado no Calvário, ele foi amaldiçoado como um homem que faz um ídolo e o põe em lugar oculto[739]. Ele foi amaldiçoado como alguém que desonra seu pai ou mãe, que muda os marcos do seu próximo e que faz o cego errar o caminho[740]. Ele foi amaldiçoado como alguém que perverte o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva[741]. Ele foi amaldiçoado como

alguém que era culpado de todo tipo de imoralidade e perversão e fere o seu próximo em oculto ou aceita suborno para matar pessoa inocente[742]. Ele foi amaldiçoado como alguém que não confirma as palavras da lei, não as cumprindo[743]. O sábio de Provérbios escreveu: "Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu voo, assim, a maldição sem causa não se cumpre."[744] Contudo, a maldição de fato pousou sobre o Tronco, não por causa de alguma falha em seu caráter ou erro em suas obras, mas porque ele tomou o pecado do seu povo e carregou suas iniquidades diante do tribunal de Deus[745]. Ali ele permaneceu descoberto, desprotegido e vulnerável a toda repercussão do julgamento divino. Davi clamou: "Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo."[746] Mas, na cruz, o pecado imputado a Cristo foi exposto diante de Deus e das hostes

celestes. Ele foi afixado diante dos homens e tornou-se um espetáculo para anjos e demônios[747]. As transgressões que ele carregou não lhe foram perdoadas e os pecados que ele carregou não foram cobertos. Se um homem é considerado como bendito porque sua iniquidade não lhe é imputada, então Cristo foi amaldiçoado além da medida pois toda a nossa iniquidade caiu sobre ele[748]. Por essa razão, ele foi tratado como um violador da aliança, do qual é falado na renovação da aliança mosaica em Moabe:

> O SENHOR não lhe quererá perdoar; antes, fumegará a ira do SENHOR e o seu zelo sobre tal homem, e toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele; e o SENHOR lhe apagará o nome de debaixo do céu. O SENHOR o separará de todas as tribos de Israel para calamidade, segundo todas as maldições da aliança escrita neste Livro da Lei[749].

No Calvário, o Messias foi designado para a adversidade e toda a maldição escrita no Livro da Lei caiu sobre ele. Nessa Semente de Abraão, todas as famílias da terra são abençoadas, mas somente porque ele foi amaldiçoado mais do que qualquer homem que já andou sobre a terra[750]. O livro de Números contém uma das mais belas promessas de bênção que já foi dada por Deus ao homem. Ela é referida como a bênção sacerdotal ou araônica: "O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz."[751] Apesar de bela e graciosa, essa promessa nos apresenta um grande problema moral e teológico. Como um Deus justo pode conceder tal bênção a um povo pecador sem comprometer a sua justiça? Novamente, encontramos a resposta na cruz. O pecador só pode ser abençoado porque o Santo e o Justo foi amaldiçoado[752]. Toda e qualquer bênção de Deus que já foi concedida a seu povo, ou

que um dia o será, decorre de Cristo ter recebido, naquele madeiro, o extremo oposto da bênção sacerdotal[753]. Para nós, é dito "o SENHOR te abençoe", somente porque lhe foi dito: "O Senhor o amaldiçoe e o entregue para a destruição; o Senhor tire a luz de sua presença de você e o condene; o Senhor vire sua face de você e o encha de miséria."

O salmista descreve os abençoados como aqueles que são alegrados com gozo na presença de Deus, aqueles que conhecem os vivas de júbilo, que andam na luz da sua presença[754]. Por nossa causa, Cristo foi entristecido pela ausência da presença de seu Pai, conheceu o som aterrorizante da trombeta do juízo e permaneceu pendurado ante a escuridão do insuportável semblante irado de Deus. Por causa da escolha fatídica de Adão, a corrupção e a vaidade escravizaram toda a criação, que geme sob maldição[755]. Para libertar a criação, o último Adão tomou sobre si os pecados de seu povo e gemeu sob um terrível fardo: "Cristo nos resgatou da maldição

da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar."[756]

É a maior adulteração que o verdadeiro significado do "clamor da cruz" de Cristo tenha sido muitas vezes perdido em um clichê romântico. Não é incomum ouvir um pregador declarar que o Pai virou as costas a seu Filho pois já não mais podia testemunhar o sofrimento que lhe fora infligido pelas mãos de homens iníquos. Como aprendemos, tais interpretações são completas distorções do texto e do que realmente aconteceu na cruz. O Pai não virou as costas para seu Filho porque lhe faltava coragem para testemunhar seus sofrimentos, mas porque: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus."[757] Ele fez cair sobre seu Filho a nossa iniquidade e virou suas costas, pois seus olhos são tão puros que não podem aprovar o mal nem contemplar de forma favorável a opressão[758].

Não é sem uma boa causa que muitos folhetos evangelísticos colocam uma figura com um abismo infinito ou uma separação entre um Deus santo e o homem pecador. Com essa ilustração as Escrituras concordam totalmente. Como clamou o profeta Isaías: "Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça."[759] De acordo com esse texto, e incontáveis outros, todos os homens devem viver e morrer separados da presença favorável de Deus e debaixo da ira divina. Por essa razão, o Filho de Deus tomou o nosso lugar, carregou os nossos pecados e foi "desamparado por Deus". Para que a brecha fosse fechada e a comunhão restaurada, "porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?"

CRISTO SOFREU A IRA DE DEUS

Para obter a salvação de seu povo, Cristo sofreu o aterrorizante abandono de Deus, bebeu o amargo copo da ira de Deus e morreu uma morte sangrenta em lugar do seu povo. Somente assim a justiça divina poderia ser satisfeita, a ira de Deus, apaziguada e a reconciliação, possibilitada.

No jardim, Cristo orou três vezes para que Deus passasse o cálice dele, mas sempre submetendo sua vontade à do seu Pai[760]. Devemos nos perguntar, o que estava no cálice para que o levasse a orar com tanto fervor? Que coisa terrível continha o cálice, para lhe causar angústia capaz de fazê-lo suar sangue[761]?

Costuma-se dizer que o cálice representava a cruel cruz romana e as torturas físicas que lhe esperavam – que Cristo previu as chibatadas em suas costas, a coroa de espinhos perfurando sua fronte e os cravos que perfurariam suas mãos e seus pés. Contudo, aqueles que creem que essas coisas eram a fonte da

angústia dele não entendem a cruz e o que lá aconteceu. Embora a tortura que lhe sucedeu por meio de mãos humanas fosse parte do plano redentor de Deus, havia algo mais sinistro que evocou seu clamor por libertação.

Nos primeiros séculos da igreja primitiva, milhares de cristãos morreram em cruzes. É dito que Nero os crucificava de cabeça para baixo, cobria-os com piche e os incendiava para fornecer luz para a cidade de Roma. Desde então, ao longo das eras, um incontável fluxo de cristãos experimentou as mais indizíveis torturas, e, ainda assim, tanto amigos como inimigos, testemunhavam que eles morriam corajosamente. Devemos crer que seguidores do Messias enfrentaram tais mortes cruéis com alegria indizível, enquanto o capitão de sua salvação acovardou-se em um jardim, temendo as mesmas torturas[762]? Temia o Cristo de Deus chicotes e espinhos, cruzes e lanças, ou o cálice teria

representado um terror infinitamente superior à maior crueldade dos homens?

Para entender o sinistro conteúdo do cálice, devemos fazer referência às Escrituras. Há duas passagens em particular que devemos considerar – uma dos Salmos e a outra dos Profetas: "Porque na mão do SENHOR há um cálice cujo vinho espuma, cheio de mistura; dele dá a beber; sorvem-no, até às escórias, todos os ímpios da terra." E: "Porque assim me disse o SENHOR, o Deus de Israel: Toma da minha mão este cálice do vinho do meu furor e darás a beber dele a todas as nações às quais eu te enviar. Para que bebam, e tremam, e enlouqueçam, por causa da espada que eu enviarei para o meio delas."[763]

Por causa da incessante rebelião dos ímpios, a justiça de Deus decretou juízo contra eles. Ele justamente derramaria sua indignação sobre as nações. Ele colocaria o cálice do vinho da sua ira na boca deles e os forçaria a beber até a borra[764]. Só

em pensar que tal destino está reservado para o mundo é absolutamente aterrorizador, e estaria – não fosse a misericórdia de Deus ter buscado a salvação de um povo e a sabedoria de Deus ter elaborado um plano de redenção antes da própria fundação do mundo[765]. O Filho de Deus se tornaria um homem e andaria sobre esta terra em perfeita obediência à lei de Deus. Ele seria como nós em todas as coisas, tentado em todas as coisas – mas sem pecado[766]. Ele viveria uma vida perfeitamente íntegra para a glória de Deus e o bem de seu povo. Então, no tempo designado, ele seria crucificado pelas mãos de iníquos e naquela cruz ele carregaria a culpa do seu povo e sofreria a ira de Deus que eles mereciam. O verdadeiro Filho de Deus, que é também o verdadeiro filho de Deus, tomaria o cálice da ira das próprias mãos de Deus e o beberia até o fim. Ele o beberia até que *estivesse consumado* e a justiça de Deus estivesse plenamente satisfeita[767]. A

ira divina, que deveria ter sido nossa, seria esgotada sobre o Filho e, por Ele, seria extinta.

Imagine uma imensa represa cheia até a borda, lutando contra o peso atrás dela. De uma vez, as paredes protetoras quebram e o enorme poder destrutivo da inundação é liberado. Enquanto a plena destruição corre rumo a uma pequena vila em um vale próximo, o chão de repente se abre e engole aquilo que a devastaria. De forma similar, o julgamento de Deus estava de forma correta correndo ao encontro de todo homem. É impossível encontrar abrigo na colina mais alta ou no abismo mais profundo. Os pés mais ligeiros não conseguem deixá-la para trás, nem consegue o nadador mais forte aguentar suas torrentes. A barragem foi quebrada e nada poderia reparar sua ruína. Mas quando toda esperança humana havia se esgotado, no tempo determinado, o Filho de Deus se coloca entre a justiça divina e seu povo. Ele bebeu a ira que nós acendemos e o castigo que nós merecíamos.

Quando ele morreu, não sobrou sequer uma gota da antiga inundação. Ele bebeu tudo em nosso favor!

Imagine duas moedas gigantes, uma em cima da outra. Imagine que no meio das duas esteja um único grão de trigo sob aquele enorme peso. Primeiramente, as pedras esmagam sua casca além do reconhecimento e, em seguida, suas partes internas saem e são moídas até o pó. Não há esperança para recuperação ou reconstrução. Tudo está perdido, além do reparo. Assim, de forma similar, aprouve ao Senhor esmagar o seu Filho unigênito e fazê-lo sofrer um sofrimento indizível[768]. Assim, aprouve ao Filho submeter-se a tal sofrimento para que Deus fosse glorificado e seu povo, redimido.

Não devemos pensar que Deus encontrou qualquer alegre prazer no sofrimento do seu amado Filho; porém, por meio de sua morte, a vontade de Deus foi realizada. Nenhum outro meio teria o poder de tirar o pecado, satisfazer a justiça divina e

apaziguar a ira de Deus contra nós. A não ser que aquele grão divino de trigo caia na terra e morra, ele permaneceria só sem um povo e uma noiva[769]. O prazer não estava no sofrimento, mas naquilo que aquele sofrimento conseguiria: Deus seria revelado em uma glória ainda desconhecida por homens e anjos e um povo seria levado à comunhão desimpedida com o seu Deus.

O amado escritor puritano John Flavel certa vez escreveu um diálogo entre o Pai e o Filho com respeito à humanidade caída e ao grande preço que seria requerido para obter a nossa salvação. Ele ilustra de forma bela a verdadeira agonia da cruz, o amor do Pai e do Filho que os moveu a aceitá-la. Flavel escreveu:

> Aqui você pode imaginar que o Pai disse a Cristo, enquanto negociava por você:
> Pai: Meu filho, aqui está uma companhia de pobres almas miseráveis que se desfizeram completamente e agora estão

vulneráveis à minha justiça! A justiça exige ser satisfeita em favor deles ou se satisfará em sua ruína eterna: o que deverá ser feito em favor dessas almas?

E assim Cristo responde.

Filho: Ó meu Pai, tal é meu amor e piedade por eles, que, em vez de perecerem eternamente, eu me responsabilizarei por eles como fiador; traze todas as tuas contas para que eu veja quanto devem a ti; Senhor, traga-as todas, para que não haja nenhuma pendência; de minha mão tu as requererá. Prefiro escolher sofrer a ira que lhes pertence do que deixá-los sofrer: sobre mim, meu Pai, sobre mim esteja todas as dívidas deles.

Pai: Mas, meu Filho, se te colocares no lugar deles, deverás considerar pagar até o último centavo, sem esperar abatimentos; se eu os poupar, não pouparei a ti.

Filho: Compreendo, Pai, que assim o seja; cobra tudo de minha conta; sou capaz de esvaziá-la: e muito embora isso se revele uma espécie de aniquilação, embora possa empobrecer todas as minhas riquezas e esvazie todos os meus tesouros, ainda estou contente em realizá-lo[770].

As pessoas algumas vezes pensam e até pregam que o Pai olhou do céu, testemunhou o sofrimento

que foi imposto sobre seu Filho pelas mãos dos homens e considerou tais aflições como o pagamento por nossos pecados. Isso é uma heresia do pior tipo. Cristo satisfez a justiça divina não meramente suportando as aflições dos homens, mas suportando a ira de Deus. É preciso mais do que cruzes, cravos, coroas de espinhos e lanças para pagar pelo pecado. O crente é salvo não simplesmente por aquilo que os homens fizeram a Cristo na cruz, mas pelo o que Deus lhe fez: ele o esmagou sob a força total de sua ira contra nós[771]. Raramente nossa pregação do evangelho torna essa verdade clara o suficiente.

DEUS PROVERÁ

Em uma das narrativas mais épicas no Antigo Testamento, Deus mandou o patriarca Abraão levar o seu filho Isaque ao Monte Moriá e oferecê-lo como sacrifício. “Acrescentou Deus: Toma *teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas*, e vai-te à

terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei."[772]

Que fardo Abraão carregou! Não conseguimos nem sequer começar a imaginar a tristeza que preencheu o coração daquele homem idoso e o torturou a cada passo em sua jornada. As Escrituras são cuidadosas em nos dizer que lhe foi ordenado oferecer "teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas". A especificidade da linguagem parece ser projetada para capturar a nossa atenção e nos fazer pensar que há mais significado escondido nessas palavras do que um primeiro olhar pode capturar. Esse homem e esse menino são apenas tipos, ou sombras, de um grande Pai, um grande Filho e um grande sacrifício.

Ao terceiro dia, os dois alcançaram o lugar apontado e o pai amarrou seu amado filho com suas próprias mãos. Finalmente, em submissão ao que deveria ser feito, ele colocou sua mão sobre a testa do menino e "tomou o cutelo para imolar o

filho”[773]. Naquele exato momento, a misericórdia de Deus interveio e a mão do velho homem parou. Deus o chamou dos céus e disse: “Abraão! Abraão!... Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho.”

Ao som da voz do Senhor, Abraão ergueu seus olhos e encontrou um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos. Ele pegou o carneiro e o ofereceu em lugar do seu filho[774]. Ele então nomeou aquele lugar de *YHWH-jireh* ou “O SENHOR Proverá”. E é uma palavra fiel, que permanece até o dia de hoje: “No monte do SENHOR se proverá.”[775]

Enquanto as cortinas se fechavam sobre esse momento épico da história, não só Abraão, mas todo aquele que lê esse relato respira aliviado pelo menino ter sido poupado. Pensamos: “Que belo fim para a história!” Mas não era um fim, era um mero intervalo!

Dois mil anos depois, as cortinas se abrem novamente. O cenário é escuro e sinistro. O Filho de Deus está no centro do palco no monte do Calvário. Sua amorosa obediência o amarra à vontade de seu Pai. Ele está pendurado lá, carregando o pecado do seu povo. Ele é amaldiçoado – traído por sua criação e desamparado por Deus[776]. Então o aterrorizante trovão da ira de Deus quebra o silêncio. O Pai toma o cutelo, levanta seu braço e assassina "seu filho, seu único Filho, a quem ele ama", cumprindo as palavras do profeta Isaías: "Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados... Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar."[777]

A cortina se fecha sobre o Filho assassinado, o Messias crucificado, para que pudesse ser aberta para pecadores merecedores do inferno. Ao contrário do relato de Isaque, não havia carneiro para morrer em seu lugar. Ele é o Cordeiro que morreu pelos pecados do mundo[778]. Ele é a provisão de Deus para redenção do seu povo. Ele é o cumprimento daquilo que Isaque e o carneiro somente prenunciaram. Nele, o terrível monte chamado Gólgota agora se chama *YHWH-jireh* ou "O SENHOR Proverá". E é uma palavra fiel, que permanece até o dia de hoje: "No monte do SENHOR se proverá."[779]

O Calvário é o monte e a salvação, a provisão. Deus uma vez chamou Abraão: "Abraão! Abraão!... agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho." Aqueles que creem agora clamam a Deus com uma prosa similar: "Deus, meu Deus, agora sei que me amas,

porquanto não me negaste o teu Filho, teu único Filho, a quem amas."[780]

O Messias está morto, mas ainda não é o fim. Resta mais uma cena... a ressurreição e a grande coroação!

---

712. Marcos 15.34

713. Marcos 15.34

714. Salmos 22.1

715. Salmos 22.6

716. Isaías 53.5-6

717. Lucas 24.26

718. Números 21.5-9

719. Romanos 8.3, 2 Coríntios 5.21

720. 1 João 5.10-11

721. Levítico 16.5-10

722. Levítico 16.9, 15, 20

723. Levítico 16.10

724. Levítico 16.21

725. 1 Pedro 2.24, Hebreus 13.11-12

726. 2 Coríntios 5.21, Gálatas 3.13

727. Isaías 6.2-3

728. Colossenses 2.9

729. Devo este pensamento a João Calvino e seu comentário sobre 2 Coríntios 5.21.

730. 1 Pedro 1.19, Efésios 5.2

731. Hebreus 7.26

732. Paráfrase de Mateus 5.3-12

733. Gálatas 3.13

734. Deuteronômio 21.23

735. Richard N. Longenecker, *Galatians*, vol. 41 of Word Biblical Commentary (Waco, Tex.: Word Books, 1990), 122–23.

736. Deuteronômio 28.1

737. Deuteronômio 28.15

738. Deuteronômio 28.20, 28-29, 63, 16, 19, 23, 37, 28.45

739. Deuteronômio 27.15

740. Deuteronômio 27.16-18

741. Deuteronômio 27.19

742. Deuteronômio 27.20-25

743. Deuteronômio 27.26

744. Provérbios 26.2

745. Isaías 11.1

746. Salmos 32.1-2

747. Romanos 3.25: “propôs” ou “expôs publicamente”

748. Isaías 53.6

749. Deuteronômio 29.20-21

750. Gênesis 12.3

751. Números 6.24-26

752. Atos 3.14

753. Números 6.22-27. Devo este pensamento a R. C. Sproul e seu sermão sobre Gálatas 3.13, pregado na conferência Together for the Gospel de 2008.

754. Salmos 21.6, 89.15

755. Romanos 8.20-22

756. Gálatas 3.13

757. 2 Coríntios 5.21

758. Isaías 53.6; Habacuque 1.13

759. Isaías 59.1

760. Lucas 22.41-44

761. Lucas 22.44

762. Hebreus 2.10

763. Jeremias 25.15-16

764. Borra é o resíduo ou sedimento deixado na parte inferior do recipiente cheio vinho.

765. Mateus 25.34, Efésios 1.4, 1 Pedro 1.20, Apocalipse 13.8; 17.8

766. Hebreus 2.17, 4.15

767. João 19.30

768. Isaías 53.10

769. João 12.24

770. John Flavel, *The Fountain of Life: A Display of Christ in His Essential and Mediatorial Glory*, in *The Works of John Flavel* (London: Banner of Truth, 1968), 1:61.

771. Isaías 53.10

772. Gênesis 22.2, ênfase adicionada

773. Gênesis 22.10

774. Gênesis 22.13

775. Gênesis 22.14

776. João 1.11, Atos 3.14, Mateus 27.46

777. Isaías 53.4-5, 10

778. João 1.29

779. Gênesis 22.14

780. Gênesis 22.12; Romanos 8.32

C A P Í T U L O 2 1

A Vindicação de Deus

A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

— Romanos 3.25-26

O início de Romanos 3.25-26 nos diz que foi a vontade de Deus expor publicamente, ou pendurar em um outdoor, seu Filho na cruz do Calvário. Como já afirmamos, no momento mais propício da história, Deus o ergueu em um madeiro, justamente no cruzamento do centro religioso do universo, para que todos vissem[781]. De acordo com nosso texto,

Deus escolheu o mais público dos lugares para o sacrifício de seu Filho para que viesse a vindicar a si mesmo ao demonstrar, de uma vez por todas, que ele é um Deus justo. Ainda assim devemos perguntar: por que tal vindicação foi necessária[782]? O texto acima coloca a razão diante de nós: "Por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos."[783]

De acordo com o apóstolo Paulo, foi necessário que Deus vindicasse a si mesmo, ou provasse sua justiça, porque em sua tolerância ele havia deixado impunes os pecados de seu povo, não aplicando a justiça ou a punição que era devida a ele. Ao longo da história humana, ele havia demonstrado graça e concedido perdão para uma multidão incontável de homens que ele chamou do mundo e declarou que eram seu povo. Contudo, ao fazê-lo, ele se expôs a múltiplas acusações de injustiça: como um Deus justo pode conceder perdão ao perverso, e como pode um Deus verdadeiramente santo chamá-los à

comunhão consigo mesmo? Se Deus é justo, por que ele não aplica justiça? Em qual base ele concede perdão para aquela grande multidão de santos no Antigo Testamento? As Escrituras testemunham claramente que os antigos sacrifícios de sangue de bois e cabras não tinham poder para remover o pecado[784]. Então como Deus poderia perdoá-los? Sua tolerância aos pecados prova que ele não é justo? Isso demonstra que ele é tão apático para com o mal que ele pode olhar para o pecado com indiferença ou conceder perdão por uma questão de capricho? O Deus do céu comprometeu sua justiça ao conceder perdão àqueles que deveriam ser justamente condenados[785]? Não fará justiça o juiz de toda a terra[786]? A cruz do Calvário fornece a resposta para todas essas perguntas. Lá, Deus depositou os pecados de seu povo sobre a cabeça de seu Filho. Lá, a justiça de Deus que era devida ao povo de Deus em todas as eras – passadas, presentes e futuras — foi derramada sobre Jesus de Nazaré.

Desde o primeiro homem perdoado na dispensação do Antigo Testamento até o último homem perdoado no fim do mundo, todos eles devem seu perdão ao fato de que Cristo morreu por seus pecados. Por meio da cruz, é como se Deus declarasse a seus acusadores:

> *Vocês questionam como eu poderia chamar um povo mesmo do perverso período antediluviano e declará-los meus? Vocês exigem explicação sobre por que poupei Noé, quando na verdade ele também deveria ter morrido no dilúvio? Vocês me chamam para explicar o motivo pelo qual chamei o pagão Abrão daquela vil cidade de Ur, creditei justiça a ele e fiz dele meu amigo? Vocês se perguntam o porquê de eu ter salvado um remanescente da nação de Israel e os ter abraçado como meu tesouro especial ainda que seus pecados exigissem sua rejeição? Vocês tentam entender como eu pude perdoar a multidão de pecados de Davi e chamá-lo de filho meu?*
>
> *Suas acusações já foram longe demais. Agora respondi a vocês na cruz de meu Filho amado, que foi destinado a morrer pelos pecados de meu povo mesmo antes da fundação do mundo. Ao longo das extensas eras de minha tolerância, meu olho esteve fixo naquele madeiro onde ele sofreria por eles. Tudo o que eu fiz por eles no passado foi*

baseado no que meu Filho fez por eles agora. Sim, eu perdoei livremente uma grande multidão de homens perversos, perdoei suas obras ilegais, cobri seus pecados e não levei em conta suas transgressões, mas foi porque eu determinei satisfazer cada demanda de justiça contra eles mediante a obra expiatória de meu Filho amado!

A cruz do Calvário cala todas as vozes e demonstra que cada acusação contra Deus é falsa. Naquele madeiro, ele condenou os pecados de seu povo com perfeita justiça e expiou por seus crimes com um amor que não pode ser medido. Naquele altar de madeira, "encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram"[787]. Deus vindicou a si mesmo. Ele provou ser tanto justo quanto o justificador daquele que tem fé em Jesus Cristo[788]. A cruz abole quaisquer incertezas a respeito de sua justiça ou intolerância para com o pecado. A cruz prova que quaisquer dúvidas a

respeito de seu amor são infundadas e não devem ser acolhidas nos corações de seu povo.

DEUS PROVOU SEU ÓDIO CONTRA O PECADO

Há incontáveis passagens no Antigo e no Novo Testamento que demonstram o ódio de Deus para com o pecado e a realidade de sua ira para com o perverso. Contudo, a maior demonstração do ódio de Deus e de sua santa violência contra qualquer forma de injustiça é encontrada na cruz de seu amado Filho. Quanto Deus odeia o pecado, e qual será sua reação contra ele? Seu ódio contra o pecado é tal que, quando seu próprio Filho carregou nosso pecado, ele o esmagou e não o poupou, mas graciosamente o entregou.

Em meio a todo o romantismo evangélico que cerca a cruz de Cristo, esquecemos (se é que algum dia já soubemos) que o Calvário foi aterrorizante! Foi um terror indizível além de qualquer descrição.

Os pregos que prenderam os pés e as mãos ao poste e à trave; a coroa de espinhos torcidos encravada na testa; a longa e rude lança enterrada no lado; o tratamento brutal do corpo por homens perversos e nojentos – tais coisas não foram sequer o início dos horrores que ocorreram naquela colina em forma de caveira chamada Gólgota[789]. Em vez disso, foram apenas o pano de fundo de um terror muito maior. Não foi a vontade do homem que bloqueou o sol e tornou o dia tão escuro quanto o breu[790]. Não foi o poder do exército romano que tremeu a terra e dividiu as rochas em pedaços como peças de barro[791]. Foi a ira do Deus Todo-Poderoso concentrada em sua total força sobre seu Filho Unigênito! Comparado com a medida da ira divina que foi derramada sobre Cristo, o grande dilúvio nos dias de Noé foi como uma gota de orvalho numa folha de grama, e o fogo que caiu do céu sobre Sodoma e Gomorra foi como uma faísca inofensiva que não poderia ter incendiado nem mesmo a lenha

mais seca. O dia do Calvário foi um dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume[792]. Naquele dia, o fogo consumidor e a combustão contínua do Todo-Poderoso caíram do céu sobre Cristo[793]. Naquele madeiro, Deus soprou sobre ele o fogo de sua ira que derrete montanhas como cera diante de uma fogueira e como água descendo uma encosta íngreme[794]. Por essa razão, Cristo clamou: "Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim."[795] O Senhor Jesus Cristo foi destacado para a adversidade a partir da vasta multidão da humanidade, e cada maldição escrita na lei foi repousada sobre ele. Enquanto ele estava pendurado na cruz, a plena medida da ira divina contra o povo de Deus foi concentrada sobre ele somente e contra ele queimou a plena medida do ódio de Deus[796].

Quanto Deus odeia o pecado? Quando seu próprio Filho carregou nosso pecado, Deus o esmagou. À luz dessa terrível verdade, deveríamos ser cuidadosos e prestar atenção aos avisos do autor de Hebreus: "Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?"[797] Se continuarmos rejeitando o evangelho após haver recebido um correto entendimento dele, não resta mais para nós sacrifício pelo pecado. Podemos buscar pelo céu e pela terra até que ambos passem, mas não encontraremos outro remédio para o nosso pecado, nenhum outro meio para a limpeza e nenhum outro nome pelo qual possamos ser salvos[798]. O que encontraremos é uma terrível expectativa de julgamento e a fúria de um fogo que nos consumirá como adversários. As Escrituras avisam que qualquer um que ignorar a lei de Moisés morrerá sem misericórdia. Quão mais severa será a punição por negligenciar a Cristo e seu sacrifício? Embora não vejamos nossa apatia e descrença como

um grande crime, é assim que Deus as vê. Em sua estimativa, nós passamos por cima de seu Filho, consideramos o sangue que ele derramou como impuro e insultamos o Espírito da graça que fez tais coisas a nós. Por essa razão, ele avisa: “A mim pertence a Vingança”, e: “Eu é que retribuirei.” Por essa razão, devemos nos apegar ao evangelho e declarar a todo homem que se arrependa e se converta a Cristo antes que seja tarde demais. Pois “terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”[799].

DEUS PROVOU SEU AMOR POR SEU POVO

Se o pecador alguma vez duvidar da justiça de Deus, ele precisa apenas olhar para a cruz. Contudo, é igualmente verdadeiro que se o cristão alguma vez duvidar do amor de Deus, ele só precisa olhar para o mesmo madeiro. Lá, nossa salvação foi conquistada[800]. Lá, a inimizade foi removida e a paz foi feita com Deus[801]. Lá, Deus provou seu amor

por seu povo de uma maneira que coloca um fim na dúvida para sempre! Por essa razão, o apóstolo João escreve: "Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados."[802]

Do punho de João, entendemos que a maior manifestação do amor de Deus para com seu povo é o fato de ele ter enviado seu Filho para ser uma propiciação pelos pecados deles[803]. Tal ato singular revela tanto o caráter quanto a magnitude do amor de Deus de maneira sem precedentes. Na cruz, o Pai provou seu amor para conosco ao ter feito com que a iniquidade de todos nós recaísse sobre seu amado Filho e o moesse sob a ira divina que deveria ser nossa[804]. Na cruz, o Espírito provou seu amor para conosco pelo fato de ter orquestrado e direcionado tudo o que era necessário para a execução do

Filho[805]. Na cruz, o Filho provou seu amor para conosco pelo fato de ter entregado sua vida por seus amigos[806]. Pois embora ele fosse rico, por nossa causa se tornou pobre – para que nós, pela sua pobreza, pudéssemos nos tornar ricos[807]. Pois embora ele tenha existido em forma de Deus, esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, e humilhou-se ao tornar-se obediente até à morte, e morte de cruz[808]. Pois embora ele não conhecesse pecado, carregou nosso pecado e se tornou maldição por nós – pois está escrito: "Maldito é todo aquele que for pendurado num madeiro."[809] O terrível custo que um Deus infinitamente bom pagou por nossos pecados deveria nos mover a lamentar e render nossos corações. Como o profeta Zacarias profetizou, olhamos para aquele que foi transpassado, e o pranteamos como quem pranteia por um unigênito, e choramos por ele como se chora amargamente pelo primogênito[810]. Ainda assim, ao mesmo tempo, Deus é capaz de fazer com as negras

pinceladas da cruz o seu mais belo quadro. No Calvário, ele revela seu amor aos homens e anjos de uma maneira que transcende a beleza e o poder de todas as outras revelações combinadas. Nosso pecado e os incompreensíveis sofrimentos de Cristo em nosso lugar atuam como uma noite escura contra as quais as estrelas da misericórdia e da graça de Deus brilham da maneira mais gloriosa possível.

Se o valor de um presente demonstra amor, então o Calvário prova que o amor de Deus por seu povo não pode ser calculado. Quem pode medir o valor de Cristo? Seria mais fácil contar as estrelas nos céus e cada grão de areia no mar. Seu valor é infinitamente maior do que o de toda a criação junta. Quem pode medir o amor do Pai pelo Filho? Embora o mundo desdenhe do Filho, e até mesmo seu próprio povo não o estime apropriadamente, ele é escolhido por Deus e precioso à sua vista[811]. Homens e anjos não podem compreender o valor que o Pai dá a ele e a estima que tem por ele. O

Filho sempre foi o Amado do Pai em quem ele se comprazia[812]. Ele sempre foi seu supremo deleite[813]. Portanto, quando o Pai deu seu Filho, ele nos deu tudo e não reteve nada.

O amor de Deus, manifestado na entrega de seu Filho como uma propiciação por nossos pecados, é ainda mais engrandecido quando percebemos que tal amor é inteiramente imerecido. Ele surge do caráter e propósito de Deus e é inteiramente independente da virtude e mérito de seu povo. Ele não nos ama *por causa de nós*, mas *apesar de nós*. O apóstolo João escreve: "Nisto consiste o amor: *não em que nós tenhamos amado a Deus*, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados."[814] O amor de Deus não é uma resposta a nós; mas é contrário a tudo o que merecemos. Ele nos ama embora não tenhamos qualquer virtude ou mérito para ganhar ou mesmo obrigar tal amor[815]. Ele nos ama embora tenhamos sido hostis a ele em pensamento e em ação[816]. Ele

nos ama embora nós o tenhamos odiado sem motivo[817]!

É esse aspecto do amor de Deus que mais cativou o coração do apóstolo Paulo e deveria cativar o nosso. Paulo considerava a si mesmo como o principal dos pecadores, um blasfemo e um violento agressor da igreja[818]. Portanto, a única explicação que poderíamos encontrar para a morte de Cristo em nosso lugar é o amor imerecido de Deus. Foi um amor do qual ele não poderia livrar-se. Este amor o constrangia, obrigava-o, compelia-o, e prevalecia sobre ele de todas as maneiras[819]. A natureza imerecida do amor de Deus era o grande tema de seu coração, e ele trabalhou com o propósito de torná-lo conhecido a todos os homens. Ele sabia que seu amor só poderia ser compreendido e apreciado à medida que entendêssemos o quanto não somos merecedores dele. Por essa razão, ele escreveu à igreja em Roma: “Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se

anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores."[820] Conforme aprendemos a calcular com mais precisão o amor do Pai pelo Filho e a magnitude de nossos pecados contra Deus, podemos começar a decifrar o amor de Deus por nós. Tal amor deve ser imenso, além de qualquer medida, se ele deu seu único Filho a nós enquanto não merecíamos nada além de sua ira. Se o Pai houvesse dado a nós mil mundos perfeitos para cada dia da eternidade, o valor combinado de tais presentes não se compararia à singular oferta de seu Filho. Eles não refletiriam nem uma fração do amor que foi manifestado quando ele deu seu Filho como propiciação por nossos pecados! Se pensamos que isso é uma hipérbole ou um pequeno exagero, estamos cegos às glórias de Cristo e não entendemos seu valor. Nas palavras de John Flavel:

> Mas deixe-me dizer-lhes: o mundo inteiro não é um teatro grande o suficiente para demonstrar a glória de Cristo ou para desdobrar a metade das inescrutáveis riquezas que estão

escondidas nele. Tais coisas serão muito mais bem compreendidas e mencionadas no céu, pela divindade do meio-dia, na qual a assembleia recém-iluminada proclama seus louvores, do que por uma língua balbuciante como a minha ou punho trêmulo como o meu, os quais não fazem nada senão estragá-las. Ai de mim! Eu escrevo seus louvores como que à luz da lua; não consigo louvá-lo senão pela metade. De fato, nenhuma língua senão a dele mesmo (como Nazianzo falou de Basílio) é suficiente para empreender a tarefa. O que direi de Cristo? A excelente glória de tal objeto cega toda a compreensão, engole toda a expressão. Quando tivermos tomado emprestado metáforas de cada criatura que possui qualquer excelência de amável propriedade em si mesma, até que tenhamos despido toda a criação de todos os seus ornamentos e vestido a Cristo com toda essa glória; quando tivermos gasto todas as nossas línguas de tanto atribuir louvores a ele, ai de nós!, mesmo quando fizermos tudo isso, ainda não teremos feito nada[821].

---

781. Gálatas 4.4

782. O *Dicionário Webster* define *vindicação* como a defesa de qualquer coisa; uma justificação contra a negação ou a censura, ou contra objeções ou acusações.

783. Romanos 3.25

784. Hebreus 10.4

785. Provérbios 17.15

786. Gênesis 18.25

787. Salmos 85.10

788. Romanos 3.26

789. O nome *Gólgota* é de origem aramaica e é traduzido por *caveira*. É o nome do local fora de Jerusalém onde Jesus foi crucificado. Recebeu tal nome por ter a forma de uma caveira.

790. Lucas 23.44-45

791. Mateus 27.51

792. Sofonias 1.15

793. Isaías 33.14

794. Ezequiel 22.18-22; Miqueias 1.4; Naum 1.4

795. Salmos 22.14

796. Deuteronômio 29.20-21

797. Hebreus 2.3

798. Atos 4.12

799. Este parágrafo é uma adaptação de Hebreus 10.26-31.

800. João 19.30

801. Romanos 5.1

802. 1 João 4.9-10

803. Traduzido do substantivo grego *hilasmos*, que denota apaziguar, propiciar; o meio de um apaziguamento ou propiciação.

804. Isaías 53.4-10

805. O Espírito Santo orquestrou tudo o que era necessário para a nossa redenção, desde a concepção de Cristo (Lucas 1.35; Mateus 1.20) até sua crucificação nas mãos de homens ímpios (Atos 2.23).

806. João 15.13

807. 2 Coríntios 8.9

808. Filipenses 2.6-8

809. Gálatas 3.13; 2 Coríntios 5.21; Deuteronômio 21.23

810. Zacarias 12.10

811. 1 Pedro 2.4

812. Mateus 3.17; 17.5; Marcos 1.11; 9.7; Lucas 3.22

813. Provérbios 8.30

814. 1 João 4.10, ênfase adicionada

815. Isaías 64.6

816. Romanos 8.7; Colossenses 1.21

817. Romanos 1.30; João 15.25

818. 1 Coríntios 15.9; 1 Timóteo 1.13-15

819. 2 Coríntios 5.14-15

820. Romanos 5.7-8

821. Flavel, *The Fountain of Life Opened Up,* 1:xviii.

CAPÍTULO 22

A Ressurreição de Jesus Cristo

Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou.

— Lucas 24.5-6

E foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade.

— Romanos 1.4

O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação.

— Romanos 4.25

No Capítulo 21, fecharam-se as cortinas sobre o Filho de Deus com sua execução na cruz romana. Ele carregou os pecados do seu povo, sofreu a ira de

Deus e entregou seu espírito[822]. Mas esse não foi o fim. Juntamo-nos aos primeiros cristãos dos séculos passados em alegria e confiadamente proclamamos: "Ele ressuscitou! Ele realmente ressuscitou!"

A ressurreição histórica de Jesus Cristo é um dos principais pilares da fé cristã. Se uma pessoa não crê nesse fato, ela não é cristã. Sem proclamar esse fato, o evangelho não foi pregado. Portanto, qualquer pregador, teólogo, escriba ou (suposto) profeta que não afirma resolutamente a ressurreição física e histórica de Jesus não tem nada para falar a igreja. Não precisamos aprender deles, entendê-los ou trazê-los à comunhão. Eles não são cristãos.

Talvez tenha havido uma era dourada do cristianismo onde as severas advertências sobre a ressurreição de Cristo não foram necessárias, mas, infelizmente, não é mais o caso. A ressurreição está posicionada na linha de frente da guerra pelo evangelho e recebe as maiores investidas do inimigo. O diabo sabe bem que todo o cristianismo

permanece de pé ou cai dependendo dessa doutrina[823]. Portanto, seu alvo primário é a sua negação. Se não a consegue, o inimigo se contenta quando aqueles que buscam ser mais ecumênicos tratam a ressurreição como algo não essencial, agradando-se também quando aqueles que verdadeiramente creem negligenciam a ressurreição em sua proclamação do evangelho.

As maiores doutrinas do Cristianismo sempre estiveram sob ataque por todos os lados; a ressurreição não é uma exceção. Contudo, a singularidade da nossa era reside em que os ataques mais perigosos agora vêm daqueles que clamam ser completamente cristãos e até mesmo evangélicos. Eles não negam a ressurreição explicitamente, e talvez até a afirmem convictamente para si mesmos. Mas eles não requerem tal convicção de outros, nem sustentam que ela seja uma doutrina essencial para se ingressar no cristianismo. Escolheram uma falsa forma de tolerância que se sobrepõe à verdade e

uma compaixão distorcida pela humanidade que se sobrepõe ao termo do Senhor e à fidelidade às Escrituras. Como Judas, eles beijaram o Salvador fingindo lhe prestar homenagem, mas o traíram[824].

Negar a ressurreição de Cristo – ou até tratá-la como não essencial – devasta o cristianismo genuíno. Entretanto, aqueles de nós que creem na doutrina e buscam proclamar fielmente o evangelho também podem praticar um mal menor: negligenciar dar à ressurreição seu lugar de direito em nossa pregação. Essa grande doutrina não é só um adendo que colocamos em nosso extenso sermão sobre a cruz, mas deve-se considerá-la de igual importância. Uma pesquisa completa das pregações dos apóstolos no livro de Atos mostrará que a ressurreição de Jesus Cristo era o tema primário do evangelho deles. Não era uma mensagem tirada do armário uma vez por ano, no domingo de Páscoa. Era o incansável canto da vitória da igreja primitiva!

É importante ter em mente que o debate que se trava contra o cristianismo e o evangelho não é sobre a historicidade da morte de Cristo. Somente pseudointelectuais embevecidos em um delírio pós-moderno, ignorantes do método histórico, negariam que houve um homem chamado Jesus de Nazaré que viveu na Palestina e morreu sob o reinado de Pôncio Pilatos. A disputa é sobre a ressurreição. Assim, a ressurreição é tão escandalosa como a cruz e deve ser proclamada com igual profundidade e intensidade. Se dermos maior ênfase na proclamação da ressurreição, teremos um evangelho mais bíblico e testemunharemos uma demonstração maior do poder do evangelho.

O RELATO BÍBLICO

Antes de considerarmos o sentido e a importância exatos da ressurreição de Cristo, será útil ter pelo menos um entendimento geral do relato histórico que a Escritura nos revela.

É cedo de manhã no terceiro dia. As mulheres fazem timidamente seu caminho ao jardim onde o corpo de Cristo fora sepultado. O delas não é um caminhar de esperança, mas de lamento. O desejo é honrar o corpo de seu amado Jesus com um sepultamento digno. A conversa se limita a pequenas questões técnicas: "Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?... pois era muito grande."[825] A ressurreição passa longe de suas mentes.

Contudo, o lamento se torna em medo; o medo, em esperança inextinguível; e a esperança, em gozo indizível e cheio de glória. Elas encontram a pedra removida, um caminho aperto, uma tumba vazia e uma proclamação angelical de boas novas: "Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, eles lhes falaram: Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galileia, quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de

pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia.”[826]

As mulheres rapidamente partem da tumba “com temor e grande alegria”. Elas correm para contar aos discípulos, mas o testemunho delas parecia como conversa fiada e sem sentido para justamente aqueles que deveriam ter crido[827]. Então, esperando contra a esperança, Pedro e João correm para o sepulcro vazio. Após uma breve e desconcertante investigação, eles correm para os outros com palavras incertas: “Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos.”[828]

Em sua rápida partida, deixam para trás Maria Madalena, que chora, mas também se torna a primeira a ver o Senhor ressurreto. Ele a comissiona a voltar mais uma vez aos incrédulos discípulos com mais uma confirmação de sua ressurreição[829]. Isso é seguido por uma segunda aparição às mulheres que retornam do túmulo e por uma terceira, a Cleopas e

a outro discípulo, no caminho de Emaús[830]. Finalmente, Jesus aparece a Pedro e então aos onze[831]. Ele inclusive aparece a seu incrédulo meio-irmão Tiago, em um encontro que o altera de tal forma, que ele se torna parte do grupo apostólico e um pilar na igreja de Jerusalém[832]. Por fim, ele apareceu a Saulo de Tarso, "como por um nascido fora de tempo", na estrada para Damasco[833]. É desnecessário escrever sobre este encontro e seu efeito. O próprio homem que se comprometeu em destruir o cristianismo se torna seu propagador e defensor mais fervoroso[834]. Resumindo, temos a segura palavra das Escrituras que antes de sua ascensão, nosso Senhor apareceu para um grande número de testemunhas, para determinadas pessoas e foi visto "por mais de quinhentos irmãos de uma só vez"[835].

A SINGULARIDADE DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Com demasiada frequência, os homens usam palavras que são incapazes de definir ou compreender plenamente. Isso é muito perigoso, especialmente para cristãos que são chamados a viver pela vontade de Deus, que lhes foi revelada em palavras. Isso é particularmente verdadeiro com respeito à obra de Cristo e sua ressurreição. O que ela realmente significa?

A palavra ressurreição deriva do verbo latim *resurgere* (*re*: novamente; *surgere*: surgir). A palavra do Novo Testamento é traduzida do substantivo grego *anástasis* (*ana*: para cima, novamente; *stasis*: colocar em pé). Assim, a palavra literalmente significa levantar-se ou surgir novamente. Tanto na literatura antiga como na moderna, a palavra descreve um ser morto voltando à vida. Porém, quando aplicado a Cristo, o termo toma um significado particular.

É absolutamente essencial que reconheçamos que a ressurreição de Cristo não foi meramente uma

revivificação. No Antigo Testamento, o filho da viúva de Sarepta e o da sunamita foram trazidos novamente à vida pelo poder de Deus atuando pelos profetas Elias e Eliseu[836]. O Novo Testamento ensina que Lázaro foi trazido dos mortos, bem como a filha de Jairo, Tabita, e outro jovem, Êutico[837]. Entretanto, embora eles tenham realmente sido revividos dos mortos, eles ainda estavam sujeitos à morte. Como Paulo explicou à igreja em Corinto, o corpo deles ainda era mortal e corruptível[838]. Eles morreriam mais uma vez e estariam sujeitos à desonra da sepultura.

A ressurreição de Cristo foi singular porque ele ressuscitou dos mortos para nunca mais morrer. Como ele declarou a João na ilha de Patmos: "[Eu sou] aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos."[839] Em sua carta à igreja de Roma, Paulo apresenta essa verdade com a maior clareza: "Sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não

morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus."

Uma verdade igualmente poderosa que demonstra a singularidade da ressurreição de Cristo é que ele ressuscitou pela sua própria autoridade e poder. Embora as Escrituras ensinem que a ressurreição foi igualmente uma obra do Pai e do Santo Espírito, ela também é atribuída ao próprio Cristo[840]. Quando lhe pediram um sinal de sua autoridade para limpar o templo, Jesus respondeu: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei."[841] Ele declarou aos fariseus: "Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai."[842]

A ressurreição de Jesus Cristo foi singular. Não foi uma mera revivificação, que apenas prolongaria a vida até o próximo embate com a morte. Ele

triunfou sobre a morte, o inferno e a sepultura. Ele vive para nunca mais morrer!

A RESSURREIÇÃO COMO VINDICAÇÃO DE CRISTO

Pesquisamos o relato histórico da ressurreição de Cristo e consideramos a sua singularidade. Agora, voltaremos nossa atenção para sua importância. Embora o assunto seja abrangente e digno de vários volumes, consideraremos apenas duas das suas implicações mais importantes: a ressurreição vindicou a Cristo e confirmou a nossa fé.

Nos capítulos anteriores, aprendemos que a morte de Cristo vindicou a Deus de qualquer acusação de injustiça tanto por sua tolerância no passado quanto pela justificação do ímpio[843]. A seguir, descobriremos que Deus também vindicou a Jesus ressuscitando-o dos mortos. Por meio da ressurreição, Deus declarou pública e poderosamente que Jesus é o Filho de Deus e o

Messias prometido de Israel. A tumba vazia era, e continua sendo até hoje, um sinal para o mundo da filiação divina de Jesus. O apóstolo Paulo escreveu à igreja em Roma que Jesus "foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos."[844] A palavra designado vem da palavra grego *horízo*, que significa determinar, estabelecer, nomear, declarar ou demarcar. A palavra não sugere que Cristo se tornou ou foi nomeado Filho de Deus na ressurreição, mas antes que ele foi pública e irrefutavelmente revelado como sendo o Filho de Deus por esse evento miraculoso.

O Pai afirmou a filiação divina de Jesus por todo o seu ministério mediante os milagres que este fazia em nome do seu Pai, por uma voz audível dos céus no seu batismo e até mesmo pela sua transfiguração na presença de Pedro, Tiago e João[845]. Contudo, nenhum desses eventos se compara com a grande e última declaração da filiação que ocorreu quando o

Pai ressuscitou seu precioso Filho dos mortos. Com o sepulcro vazio, ele foi declarado Filho de Deus "de uma forma poderosa, marcante e triunfante"[846]. Com respeito ao uso e significado da palavra *horízo*, John MacArthur escreve: "A palavra grega, da qual deriva a palavra 'horizonte', significa 'distinguir'. Assim como horizonte serve como uma nítida linha de marcação, dividindo a terra e o céu, a ressureição de Jesus Cristo nitidamente o distingue do restante da humanidade, fornecendo evidências irrefutáveis de que ele é o Filho de Deus."[847]

Ver a ressurreição de Cristo como uma grande prova ou sinal de que ele é tanto Filho de Deus como o Messias não é um tema estranho aos evangelhos. Quando os judeus incrédulos pediram a Jesus um sinal ou prova de sua autoridade para limpar o templo, ele apontou para sua futura ressurreição: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei."[848] Quando os escribas e fariseus lhe pediram mais provas de que ele era o Messias, ele

novamente apontou para seu poder sobre a morte: “Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.”[849]

A ressurreição de Jesus é uma grande e invencível prova de quem ele é e daquilo que ele realizou em favor do seu povo. É a grande vindicação de Cristo até mesmo diante dos seus inimigos. Os escribas desprezaram a Jesus como um homem sem estudos, os governantes o rejeitaram como um profeta desajustado da Galileia e os fariseus ridicularizavam-no ao associá-lo a Belzebu e dizer que era amigo de pecadores[850]. Entretanto, todas as suas investidas foram anuladas e seus argumentos caíram por terra quando aquele que eles crucificaram “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos”.[851] Os soldados zombaram de Jesus no caminho ao Calvário dizendo: “Salve, rei dos judeus!”[852] Mas

tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos quando o anjo removeu a pedra[853]. Os principais sacerdotes, escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se.”[854] Mas ficaram admirados quando ele salvou três mil no dia de Pentecoste[855]. Eles o cortavam com suas línguas, em sua hora mais tenebrosa, dizendo: “É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele.”[856] Mas tremeram quando o pescador, fortalecido pela ressurreição do seu Senhor, lhes declarou: “Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.”[857]

A RESSURREIÇÃO COMO UMA CONFIRMAÇÃO DA NOSSA FÉ

O sepulcro vazio não foi somente uma vindicação de Jesus Cristo para o mundo, mas também foi uma confirmação da fé cristã. O fato de Deus o ter

ressuscitado da morte é a prova de que Deus recebeu seu sacrifício expiatório pelos pecados do seu povo. O apóstolo Paulo descreveu isso à igreja em Roma: "[Ele] foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação."[858] A chave para entender esse texto se encontra na repetição da preposição *día*, que é corretamente traduzida por "por causa" ou "porque". Cristo foi entregue à morte *porque* ele carregou as nossas transgressões e Deus o ressuscitou dos mortos *porque* aceitou a morte dele como um sacrifício expiatório por nossos pecados. Portanto, a ressurreição de Cristo é a confirmação de que os pecados do seu povo foram expiados e a justificação deles foi garantida. Thomas Schreiner escreve: "Dizer que Jesus ressuscitou por causa da nossa justificação é dizer que sua ressurreição autentica e confirma que a nossa justificação foi assegurada. A ressurreição de Cristo se constitui

como uma evidência de que sua obra em nosso favor foi concluída."[859]

É importante notar que Cristo não ressuscitou para que *pudéssemos* ser justificados ou porque a expiação não fora concluída na cruz. De acordo com as próprias palavras de Cristo, sua obra redentora em prol do seu povo "foi consumada" no momento de sua morte[860]. Nem fomos justificados no momento em que Cristo ressuscitou. As Escrituras claramente ensinam que a justificação é concedida a uma pessoa no momento que ele ou ela crê – somos justificados por uma fé pessoal na pessoa e na obra de Cristo[861]. Esse texto ensina que Cristo ressuscitou porque ele era realmente o Messias e porque sua morte foi aceita por Deus como um pagamento pelos pecados do seu povo. Na ressurreição, temos a promessa divina de que, pela fé no sacrifício de Cristo, somos justificados diante de Deus.

Deus ressuscitou Jesus de Nazaré dos mortos porque ele é exatamente quem afirmou ser e sua morte realizou exatamente aquilo que ele disse. Cristo vindica seu Pai quando morre no Calvário e prova que o Deus que justifica o ímpio está acima de qualquer crítica. O Pai vindica seu Filho quando o ressuscita dos mortos e demonstra que ele era, sem sombra de dúvida, o Filho de Deus e o Salvador do mundo.

Antes da crucificação de Cristo, os discípulos esperavam que fosse ele quem houvesse de redimir a Israel[862]. Contudo, todas as suas esperanças foram esmigalhadas quando a morte pareceu ter a palavra final. Como poderia Jesus de Nazaré ser o cumprimento das promessas de Deus estando deitado em um sepulcro emprestado? Como, então, poderia Isaque ser a semente prometida, por meio da qual os descendentes de Abraão seriam chamados, se ele morresse em um altar pela própria mão do seu pai[863]? Abraão ousaria crer que Deus o ressuscitaria

dentre os mortos[864]? E como todos os sonhos de José poderiam se tornar verdade se ele estava praticamente morto em uma prisão egípcia[865]? Poderia Deus apresentá-lo em um dia e colocá-lo sobre toda a terra do Egito[866]? As Escrituras respondem às nossas perguntas com uma outra: "Acaso, haveria coisa demasiadamente maravilhosa para mim?"[867]

Isaque foi solto e devolvido para seu pai. José foi liberto da prisão e exaltado à destra de Faraó. Cristo foi ressuscitado dentre os mortos e exaltado à destra de Deus. Ele foi ressuscitado porque ele é o Filho de Deus e seu Pai aceitou sua morte como um sacrifício expiatório por nossos pecados.

---

822. Lucas 23.46

823. 1 Coríntios 15.14

824. Mateus 26.49-50

825. Marcos 16.2-4

826. Lucas 24.5-8

827. Lucas 24.11

828. João 20.9

829. João 20.11-18

830. Mateus 28.9-10, Lucas 24.13-32

831. Lucas 24.34-43

832. 1 Coríntios 15.7; Atos 1.14, 15.13

833. 1 Coríntios 15.8; Atos 9.3-19

834. Atos 9.1-2; 1 Coríntios 15.10

835. 1 Coríntios 15.6

836. 1 Reis 17.17-24; 2 Reis 4.18-37

837. João 11.23-25, 43; Marcos 5.41-42; Lucas 7.14-15; Atos 9.36-43; 20.7-12

838. 1 Coríntios 15.53

839. Apocalipse 1.18

840. Romanos 6.4, Gálatas 1.1, Romanos 1.4; 8.11

841. João 2.19

842. João 10.18

843. Romanos 3.25-26

844. Romanos 1.4

845. João 10.37-38, Mateus 3.17; 17.05

846. Marvin Richardson Vincent, *Word Studies in the New Testament* (Peabody, Mass.: Hendrickson), 3:4.

847. *Bíblia de Estudo MacArthur: Almeida revista e atualizada* (Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010), 2048.

848. João 2.19

849. Mateus 12.40

850. João 7.15, 52; Marcos 3.22; Mateus 11.19; Lucas 7.34

851. Romanos 1.4

852. Mateus 27.29

853. Mateus 28.4

854. Mateus 27.42

855. Atos 2.41

856. Mateus 27.42

857. Atos 2.36

858. Romanos 4.25

859. Thomas R. Schreiner, *Romans: Baker Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Books, 1998), 244.

860. João 19.30

861. Romanos 5.1

862. Lucas 24.21

863. Gênesis 21.12, Romanos 9.7

864. Hebreus 11.19

865. Gênesis 37.5-10

866. Gênesis 41.41

867. Jeremias 32.27

CAPÍTULO 23

O Fundamento da Fé na Ressurreição

Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?

— Atos 26:8

Os inimigos do cristianismo estão certos quando concentram seu ataque na ressurreição histórica de Cristo, pois toda a nossa fé depende dela. Se Cristo não tivesse sido ressuscitado, então nossa fé seria completamente sem valor[868]. Ainda estaríamos em nossos pecados e aqueles que morreram pereceriam para sempre[869]. Além disso, nós que pregamos a ressurreição seríamos falsas testemunhas de Deus,

porque testificamos que ele ressuscitou a Cristo quando ele não o fez[870]. Por último, se Cristo não ressuscitou, nossas vidas são um patético desperdício. Nós sofremos dificuldades sem qualquer razão, e as pessoas nos odeiam por causa de um falso profeta que não tem poder para salvar. Como o apóstolo Paulo escreve: "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens."[871]

Nós mesmos admitimos que a ressurreição é tudo para a fé cristã. Se Cristo não foi ressuscitado, nossa religião é falsa. Portanto, faríamos bem em nos perguntar algo muito importante: "Como sabemos que ele foi ressuscitado?" Por que nós cremos? Nas páginas a seguir, nós consideraremos dois meios muito importantes, porém diferentes, que confirmam e tornam conhecida a realidade da ressurreição. Primeiro, o Espírito Santo revela essa realidade em sua obra iluminadora e regeneradora; segundo, as evidências histórico-legais que cercam o

próprio evento confirmam a ressurreição. O primeiro é absolutamente essencial. O segundo fornece forte confirmação da fé cristã e é uma ferramenta efetiva para o diálogo com o mundo incrédulo.

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

A igreja evangélica frequentemente tenta validar sua fé na ressurreição apontando para o túmulo vazio, a incapacidade dos inimigos de Cristo de apresentar um corpo, a transformação dos discípulos, e muitas outras peças de evidência histórica e legal. Contudo, embora tais peças de evidência demonstrem de fato que a fé cristã não é ilógica ou contra-histórica, elas não são a base ou o fundamento da fé cristã. Os fatos a seguir demonstram por quê.

Primeiro, os apóstolos não usaram essa forma de apologética em sua pregação. Eles não lutaram para provar a ressurreição, mas para proclamá-la[872]. A

confiança deles não repousava em seus poderosos argumentos, mas no poder do evangelho para salvar! Isso é evidente na carta de Paulo aos coríntios:

> Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus[873].

Em segundo lugar, a maioria esmagadora daqueles que se converteram ao cristianismo ao longo da história da igreja, incluindo seus maiores intelectuais, não foram trazidos à fé por estudar as evidências históricas e legais da ressurreição, mas por sentar sob a proclamação do evangelho. Em terceiro lugar,

se nossa fé na ressurreição é fundamentada nas evidências históricas e legais do evento, como podemos explicar que incontáveis crentes viveram e morreram por sua fé sem o menor conhecimento delas? Como explicamos os cristãos tribais, que mal podem ler e são incapazes de oferecer um argumento histórico sequer para a ressurreição? Ele suportará as mais desprezíveis perseguições, até mesmo o martírio, em vez de negar a fé que ele é incapaz de defender logicamente. À luz dessas verdades, devemos concluir que, embora as evidências históricas e legais da ressurreição sejam úteis de muitas maneiras, elas não são o fundamento de nossa fé na ressurreição.

Qual, então, é o fundamento da fé do cristão na ressurreição? Como ele sabe que Cristo foi ressuscitado? A resposta das Escrituras é clara. Nós devemos nosso conhecimento e nossa fé inabalável na ressurreição à obra iluminadora e regeneradora do Espírito Santo. No momento do *novo*

nascimento, Deus sobrenaturalmente transmite nossa convicção a respeito da realidade da ressurreição de Jesus Cristo e a validade da fé cristã[874]. Nós sabemos que Cristo ressuscitou porque o Espírito Santo iluminou nossas mentes à verdade das Escrituras enquanto elas testificam de Cristo[875]. Consequentemente, nós também cremos porque o Espírito regenera nossos corações, transmitindo fé e novas afeições pelo Cristo que tem sido revelado a nós. O apóstolo Paulo descreve essa obra miraculosa do Espírito da seguinte maneira: "Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo."[876]

Aqueles que nasceram de novo não podem mais negar a ressurreição de Jesus Cristo mais do que podem negar a própria existência. Pelo decreto soberano de Deus e o testemunho do Espírito Santo, isso se torna uma realidade incontestável para

eles[877]. Como os perseguidores da fé rapidamente aprendem: “Para aqueles que foram infectados com a religião de Jesus, não há cura.”[878]

As verdades que aprendemos servem tanto como aviso quanto diretiva. Embora a apologética tenha seu lugar, o reino dos céus avança por meio da proclamação do evangelho. Homens chegarão à fé – não por causa da eloquência ou de argumentos lógicos, mas por intermédio de nossa fiel pregação da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Nunca devemos esquecer que nossa missão é uma tarefa impossível, e nosso trabalho é um desperdício de tempo e esforços, a menos que o Espírito de Deus esteja trabalhando para iluminar as mentes e regenerar os corações de nossos ouvintes. Por essa razão, devemos nos recusar a nos apoiarmos no bordão quebrado da sabedoria humana, devendo nos apegar à verdade de que somente o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê[879].

EVIDÊNCIA HISTÓRICA OU LEGAL

A fé de um indivíduo em Cristo não é dependente de sua capacidade de expor as evidências da ressurreição de Cristo, nem é sustentada de acordo com a habilidade de defendê-la com o uso da apologética ou da lógica clássica[880]. Ainda assim, é importante reconhecer e proclamar que a fé cristã não é contrária à história ou ao mais sublime e antigo uso da razão. O verdadeiro cristianismo não acha virtude em buscar transformar um mito em uma narrativa útil para a promoção de algum bem moral no mundo; mas a fé cristã e a ressurreição de Jesus Cristo são fundamentadas em eventos reais da história que podem ser abundantemente comprovados pelo mesmo tipo e espécie de evidências usadas pelo historiador secular.

Aqueles que rejeitam as declarações do cristianismo por as considerarem não históricas ou mitológicas o fazem por conta de pressuposições preconceituosas que não permitem que a evidência

fale por si só[881]. A lógica deles é perigosa: eles já decidiram que a ressurreição é uma impossibilidade; portanto, qualquer evidência a favor será falaciosa, e qualquer afirmação de que ela aconteceu deve ser a dedução de um tolo ou a invenção de um charlatão.

A aversão de homens pecaminosos para com o evangelho é mais uma razão para afirmar que, à parte da graça de Deus e da obra regeneradora do Espírito Santo, nenhum homem aceitará as declarações de Cristo. O homem ignorará as declarações que ele puder ignorar, distorcerá as declarações que ele não puder ignorar, e resistirá às declarações que ele não puder distorcer. Em outras palavras, ele gastará mais energia negando a verdade do que ele gastaria simplesmente se submetendo a ela. Embora esteja além de nosso alcance explorar todas as peças de evidência que comprovam a ressurreição de Cristo, nas páginas seguintes consideraremos algumas que beneficiam tanto a fé do crente quanto as perguntas do investigador.

UM EVENTO PREDITO

A morte e a ressurreição de Jesus Cristo não foram eventos repentinos que o pegaram desprevenido; tanto uma como outra foram claramente preditas como cumprimento necessário da vontade de Deus. Isso é evidente na instrução de Jesus, após sua ressurreição, a seus discípulos ainda confusos: "Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?"[882]

Centenas de anos antes de sua vinda, importantes profecias do Antigo Testamento claramente revelavam a ressurreição do Messias. Davi predisse que Deus não abandonaria o Messias à sepultura, nem permitiria que seu corpo passasse por decomposição[883]. O profeta Isaías olhou além e viu que Deus recompensaria grandemente o Messias após ele ter sofrido os pecados de seu povo até a morte[884]. O próprio Cristo predisse sua morte e

ressurreição muito antes de sua crucificação. Quando os judeus incrédulos pediram a ele um sinal de sua autoridade para limpar o templo, ele declarou: “Destruam este santuário, e em três dias o reconstruirei.”[885] Quando os escribas e fariseus pediram a ele uma prova adicional de sua natureza messiânica, a promessa de sua futura ressurreição acompanhou sua repreensão: “Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.”[886]

Tais profecias provam que os discípulos de Cristo não inventaram a ressurreição como uma tentativa desesperada de manter o sonho messiânico vivo. Cristo a declarou tão clara e tão frequentemente que até mesmo seus inimigos sabiam de suas predições de que ele ressuscitaria[887]. “No dia seguinte, que é o

dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei."[888]

O SEPULCRO VAZIO

Com toda a atenção dada ao corpo de Jesus após sua morte – não apenas por seus discípulos, mas também por seus inimigos – um sepulcro vazio e um corpo desaparecido apresentam forte evidência de uma ressurreição. Desde o primeiro dia, tudo o que seria necessário para destruir o cristianismo era apresentar o cadáver do homem Jesus. Os líderes judeus que pediram por sua morte e as autoridades romanas que o crucificaram sabiam o exato local do sepulcro e tiveram ampla oportunidade de exumar o corpo. Com um movimento audaz eles poderiam ter provado ao mundo que a mensagem da Páscoa era um embuste e que os apóstolos eram perpetradores

desonestos de um mito. O cristianismo teria morrido logo em sua infância. Por que o corpo nunca foi apresentado?

Céticos inventaram três teorias como resposta a essa pergunta. Todas são igualmente absurdas. A primeira é que Jesus não morreu sobre a cruz romana; ele apenas perdeu a consciência e as autoridades erroneamente o declararam como morto[889]. Mais tarde, quando depositado no sepulcro de temperatura mais fresca, ele recuperou a consciência e escapou. Nós encontramos argumentos contra tal teoria na própria natureza da crucificação – ele teve o coração perfurado por uma lança romana e foi declarado morto após um minucioso exame de especialistas[890]. Mesmo que ele tivesse sobrevivido à experiência, ele dificilmente teria qualquer condição de mover a pesada pedra que bloqueava a entrada do sepulcro. Além disso, parece altamente improvável que uma personalidade como ele tenha sido capaz de escapar para alguma

região desconhecida da Palestina e viver o resto de sua vida no anonimato.

A segunda teoria é a de que os discípulos roubaram o corpo e o reenterraram em algum local desconhecido. Os argumentos contra essa teoria vêm de duas fontes. A primeira é a forte reputação da guarda romana, cujo caráter e eficiência são lendários. A segunda é o relato do Novo Testamento do temor dos discípulos após a morte de Cristo. As Escrituras nos dizem que, imediatamente após a morte de Cristo, o sumo sacerdote e os fariseus pediram a Pilatos para fazer a segurança do sepulcro com guardas romanos treinados a fim de prevenir que os discípulos roubassem seu corpo e perpetrassem o mito de que Cristo havia ressuscitado[891]. É altamente improvável que um punhado de discípulos assustados tenha sobrepujado em força uma guarda romana inteira e roubado o corpo de Jesus. Os discípulos já haviam demonstrado sua falta de coragem ao desertar de

Cristo durante a crucificação, e o líder entre eles, Simão Pedro, nem sequer pôde encarar uma jovem serva quando ela o identificou como um dos seguidores de Cristo[892]. Também é igualmente improvável que uma guarda romana inteira caísse no sono durante o serviço, como o sumo sacerdote sugeriu[893]. De fato, é necessário mais fé para crer nessa teoria do que para aceitar a ressurreição!

A terceira teoria é a de que os discípulos simplesmente foram ao sepulcro errado. Isso também é altamente improvável à luz do fato de que o sepulcro pertencia a José de Arimateia, um membro do conselho do Sinédrio[894]. Tanto ele quanto Nicodemos, "um dos fariseus... [e] chefe entre os judeus", foram homens que prepararam o corpo de Jesus e o depositaram no sepulcro[895]. Além disso, as Escrituras nos dizem que as mulheres que haviam seguido Jesus desde a Galileia também sabiam a exata localização do sepulcro[896]. Se os discípulos tivessem ido ao sepulcro errado, é certo

que tanto um amigo quanto um inimigo teria corrigido seu erro levando-os ao sepulcro correto, desenrolado o corpo e apontado para os restos mortais de Jesus[897]. Novamente, essa teoria se une às outras em sua natureza absurda.

TESTEMUNHAS DIGNAS DE CRÉDITO

Para um evento ser confirmado como histórico ou real, três coisas são necessárias: deve haver testemunhas, elas devem existir em número suficiente e elas devem demonstrar integridade e ser dignas de confiança[898]. É significativo que o testemunho das Escrituras a respeito da ressurreição de Jesus atenda a todas essas exigências.

Primeiro, os relatos de testemunhas do ministério, da ressurreição e da ascensão de Cristo fornecem a base para o testemunho da Escritura. Cada autor do Novo Testamento faz coro com o apóstolo Pedro em sua declaração: “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus

Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade."[899] Os autores do Novo Testamento claramente reconhecem a importância de um testemunho ocular de primeira mão. Para unir-se aos onze, Matias teve de ser uma testemunha da vida e do ministério de Jesus, começando com o batismo de João, passando pela ressurreição, até o dia em que Cristo ascendeu ao céu[900]. Ao escrever seu evangelho, Lucas se esforçou muito para enfatizar que ele estava escrevendo um relato em ordem das coisas que foram passadas por aqueles que "desde o princípio foram testemunhas"[901]. O apóstolo João começa sua primeira epístola afirmando poderosa e eloquentemente o relacionamento pessoal com o Filho, com o qual os apóstolos foram privilegiados, um relacionamento que também formou a base tanto para a doutrina deles quanto para a proclamação a outros:

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa[902].

Deveria ficar claro para qualquer examinador imparcial que os apóstolos não apenas possuíam um conhecimento pessoal e de primeira mão da vida, da morte e da ressurreição de Cristo, como também reconheciam a importância de afirmar a natureza de tal conhecimento. Eles queriam que o mundo soubesse que eles não foram enganados por rumores, mas haviam tocado as mãos, os pés e o lado do Cristo ressurreto[903]. Eles haviam

comungado com ele e sido instruídos por ele[904]. Por último, eles o haviam adorado enquanto ele sumia de suas vistas em direção ao céu[905].

Segundo, para um evento ser confirmado como real e histórico, deve haver um número suficiente de testemunhas. Colocando de maneira mais clara, quanto maior o número de testemunhas, maior a credibilidade do evento. Esse mesmo princípio é encontrado até mesmo na lei do Antigo Testamento e nas ordenanças do Novo Testamento à igreja, em que um evento apenas pode ser confirmado pelo testemunho de duas ou três testemunhas[906].

A ressurreição de Cristo também satisfaz tal exigência. As escrituras relatam que houve centenas de testemunhas dignas de crédito que encontraram o Cristo ressurreto em uma variedade de situações e circunstâncias. No Domingo da Ressurreição, ele apareceu a Maria Madalena no jardim, e depois ao pequeno grupo de mulheres que estavam voltando do sepulcro[907]. No mesmo dia, ele se uniu a Cleopas

e a outro discípulo enquanto eles andavam juntos no caminho para Emaús[908]. Antes que o dia houvesse passado, ele apareceu também a Pedro e depois aos dez discípulos no cenáculo[909]. No domingo seguinte, ele apareceu aos onze e fez seu famoso discurso a Tomé, que duvidava[910]. Depois, ele apareceu a mais de quinhentas testemunhas de uma só vez e a seu meio-irmão Tiago[911]. Em algum momento não divulgado, ele apareceu novamente a Pedro, a João e a cinco outros discípulos quando eles estavam pescando no Mar da Galileia[912]. Por último, ele ascendeu ao céu na presença de seus discípulos no Monte das Oliveiras[913].

À luz do testemunho da Escritura, é impossível desacreditar o relato da ressurreição de Cristo baseado em alguma falsa noção de que lhe faltou um número suficiente de testemunhas oculares. A essa verdade, o grande pregador inglês Charles Spurgeon testifica eloquentemente:

> Não lhe impressiona que muitíssimos eventos da maior importância registrados na história, e comumente cridos, não podem em sua maioria ter sido testemunhados por um décimo do número de pessoas que testemunharam a ressurreição de Cristo? A assinatura de famosos tratados afetando nações, os nascimentos de príncipes, as declarações de ministros, os projetos de conspiradores e as ações de assassinos. Todos esses eventos se tornaram pontos cruciais da história, e nunca são questionados como fatos, e ainda assim poucos estiveram presentes para testemunhá-los. Se a ressurreição deve ser negada, pomos um fim em todo testemunho, e dizemos de maneira deliberada o que Davi disse impetuosamente: "Todos os homens são mentirosos"; e, partir deste dia, todo homem deve ser cético quanto a seu próximo, e nunca deve acreditar em nada que ele mesmo não tenha visto; o próximo passo será duvidar da evidência de seus próprios sentidos. Em quais tolices mais os homens poderão, então, entrar, eu não me aventurarei a predizer[914].

Em terceiro e último lugar, para um evento ser confirmado como histórico ou real, as testemunhas devem demonstrar sua integridade. Em outras palavras, elas devem provar que são dignas de

confiança. Não é segredo que, ao longo da história do cristianismo, incontáveis céticos fizeram seu melhor para desacreditar as testemunhas do Novo Testamento; contudo, eles nunca foram capazes de contestar sua sinceridade ou desqualificá-las em bases éticas ou morais. Isso força os céticos a concentrar seus ataques na possibilidade de autoilusão e histeria coletiva.

Tem sido argumentado que os discípulos e muitos judeus do primeiro século eram predispostos a acreditar na ressurreição e, por isso, eles simplesmente viram o que quiseram ver. Primeiro, a nação judaica lutava sob a insuportável opressão do Império Romano. Por causa disso, os judeus do tempo de Jesus ansiavam pela vinda do Messias e teriam sido convencidos facilmente. Muitos entre os judeus já haviam seguido vários falsos messias que se haviam levantado dentre o povo, provando que eles estavam dispostos a acreditar em qualquer coisa[915]. Segundo, Jesus fez muitas predições a

respeito de sua futura ressurreição. Quando combinadas com o grande amor dos discípulos por seu amado mestre, tais profecias teriam sido o solo perfeito para o cultivo da autoilusão e da histeria coletiva.

Muitos fatos contradizem essas teorias populares. Primeiro, a vasta maioria da nação judaica rejeitou Jesus de Nazaré como Messias. Seu ministério terreno e sua morte eram uma pedra de tropeço para eles[916]. Acrescentar a ressurreição à mensagem já escandalosa da cruz não teria tornado as declarações de Jesus sobre sua natureza messiânica nem um pouco mais convincentes aos judeus. Além do mais, essa teoria não leva em conta o fato de que dentro de poucas décadas a vasta maioria dos crentes seria de gentios, que não tinham nenhuma predisposição a crer em qualquer coisa a respeito do evangelho. Como Lewis e Demarest escreveram: "O evento ocorreu em exata antítese ao que eles [os judeus] haviam esperado teologicamente, e estava em

genuíno conflito com o quadro da cosmovisão secular da época. Para o judeu foi uma pedra de tropeço, e não fazia sentido para o grego, porque a evidência exigia uma Revolução Copernicana em suas teologia e cosmologia."[917]

Segundo, os judeus e os gentios não estavam predispostos a crer na ressurreição, o mesmo podendo ser dito sobre os discípulos. Maria Madalena foi a primeira a ver o Cristo após a ressurreição, e mesmo assim acreditou, ao encontrar o sepulcro vazio, que alguém havia roubado o corpo do Senhor e o transferido para um lugar desconhecido[918]. Mesmo depois que relatos da ressurreição começaram a aparecer, os discípulos não creram. Lucas registra que as notícias da ressurreição de Cristo "lhes pareciam como um delírio", e Marcos escreve que eles "não acreditaram"[919]. Em seus primeiros encontros com o Cristo ressurreto, acreditaram que ele era um jardineiro, um fantasma e um mero viajante no

caminho para Emaús[920]. Tais grosseiras e até mesmo cômicas interpretações errôneas só foram resolvidas com as aparições adicionais de Cristo e sua cuidadosa exposição da Lei e dos Profetas[921]. Antes que a dúvida de Tomé pudesse ser removida, ele tinha que ver nas mãos de Cristo as marcas dos pregos, colocar seu dedo na ferida e colocar a mão em seu lado[922]! Por essa razão, Cristo os censurou por sua descrença e dureza de coração, e os repreendeu como tolos que têm o coração tardio em crer em tudo o que os profetas haviam falado[923]. Tais fatos de maneira alguma dão a entender que os discípulos estavam predispostos a crer na ressurreição!

Terceiro e último, uma ilusão ou alucinação específica é confinada a um único indivíduo. Que centenas de pessoas que se declaravam testemunhas compartilhassem, todas, da mesma alucinação, é algo extremamente improvável. Além do mais, histeria coletiva normalmente requer a ajuda de

poderosas instituições políticas ou religiosas com domínio sobre as massas. Contudo, no caso da ressurreição de Cristo e do evangelho, as poderosas instituições da época estavam unidas em sua oposição à mensagem e fizeram tudo em seu poder para desacreditá-la. Os propagadores eram em sua maioria iletrados, homens destreinados, sem poder político, religioso ou econômico para promover sua causa[924].

UMA MENTIRA SEM MOTIVO

Um argumento frequentemente negligenciado, mas extremamente convincente para a realidade histórica da ressurreição, é a dedicação vitalícia dos apóstolos ao evangelho, independentemente do sofrimento e da perda que isso impunha a eles. Se Cristo não tivesse ressuscitado e os discípulos tivessem simplesmente inventado a história, então deveríamos ser capazes de descobrir um motivo para a fraude. O que eles esperavam alcançar

perpetrando a mentira? É um fato histórico que os apóstolos e a grande maioria dos discípulos primitivos morreram pobres, difamados, perseguidos e odiados. Como o apóstolo Paulo declarou: “Até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos”, e: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens.”[925]

Se esses homens tivessem inventado a história da ressurreição pelas típicas razões que os homens normalmente criam tais mentiras e as propagam – riqueza, fama e poder – então eles teriam desdito a mensagem quando viram que não estavam alcançando seus objetivos. Não obstante, a história prova que a maioria deles foi martirizada sob terrível perseguição, em vez de renunciar à sua crença no evangelho ou na ressurreição de Cristo, na qual o evangelho se baseia. A única explicação para tamanha tenacidade e persistência em face de tanto sofrimento e da morte é que a ressurreição foi

verdadeira – uma realidade histórica – e os apóstolos e outros cristãos estavam simplesmente comunicando o que eles haviam verdadeiramente testemunhado. Como o apóstolo João escreveu: "O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros."[926] James Montgomery Boice escreveu: "O que conta para a crença na ressurreição por parte dos discípulos? Nada senão a própria ressurreição. Se não podemos considerar a crença dos discípulos dessa maneira, estamos enfrentando um dos maiores enigmas da história. Se consideramos que foram reais a ressurreição e as aparições do Senhor ressurreto, então o cristianismo é compreensível e oferece uma esperança para todos."[927]

Outro fator importante na equação é o uso das mulheres como testemunhas. Homens fraudulentos propagando uma mentira a espera de seu próprio lucro nunca teriam feito isso. Na época e na cultura do Novo Testamento, mulheres não eram consideradas testemunhas legítimas em processos

legais. Contudo, em todos os quatro evangelhos, as mulheres têm um papel proeminente como as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo[928]. Maria Madalena foi a primeira pessoa a ver o Senhor após a ressurreição, sendo a primeira a testificar da ressurreição aos outros. De fato, ela é retratada como uma espécie de heroína, pois ela creu e obedeceu diante da incredulidade dos apóstolos[929]. As mulheres que acompanharam Maria Madalena ao sepulcro na manhã de domingo eram as próximas a ver o Senhor e foram as primeiras que ele de fato comissionou a levar a notícia aos outros[930]. Se os autores do Novo Testamento estivessem tentando perpetrar uma fraude, eles não teriam usado as mulheres como testemunhas primárias; ao invés disso, teriam selecionado homens, testemunhas mais dignas de credibilidade aos olhos dos outros.

A TRANSFORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS

Uma das maiores barreiras que os céticos devem vencer em sua negação da ressurreição de Cristo é a óbvia transformação dos discípulos. Se a ressurreição não é uma realidade histórica, ou pior, é um embuste, então a aparente transformação miraculosa que ocorreu no caráter e nas ações dos apóstolos e de outras testemunhas é inexplicável.

Antes da ressurreição, os discípulos eram tímidos, temerosos e motivados pela autopreservação. Eles abandonaram o Senhor durante sua prisão, negaram-no durante seu julgamento e se esconderam incrédulos, sendo engolidos pelo desespero por três dias após sua morte[931]. As mulheres entre eles demonstraram muito maior força moral e esperança do que os próprios homens que haviam sido pessoalmente comissionados por Cristo para serem seus apóstolos. Foram as mulheres que se dirigiram ao sepulcro na manhã de domingo, enquanto os homens se recolhiam no cenáculo. E foram as mulheres que creram pela primeira vez e

proclamaram a ressurreição, enquanto os homens foram emudecidos pela dúvida.

Contudo, após a ressurreição, estes mesmos homens e mulheres se tornaram valentes e indomáveis defensores da fé. Aprendemos a partir do livro de Atos que eles enfrentaram o mundo e o "viraram de cabeça para baixo" com a mensagem do evangelho e da ressurreição de Jesus Cristo[932]. Quando as mais poderosas instituições religiosas e políticas entre os judeus e gentios ordenaram que eles "não falassem ou ensinassem no nome de Jesus", eles desafiaram sua autoridade com inabalável e implacável comprometimento com a pessoa e com a mensagem de Cristo[933]. Os apóstolos Pedro e João demonstram isso na declaração ao Sinédrio: "Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos."[934]

Embora eles tenham sido ameaçados, espancados, aprisionados e martirizados, os discípulos de Cristo se recusaram a negar ou a parar de proclamar o que eles tinham "visto e ouvido"[935]. Em uma geração, tais homens e mulheres, encorajados pela verdade da ressurreição de Jesus, espalharam o evangelho por todo o mundo conhecido[936]. Eles não tinham poder político, religioso ou econômico. Eles não tinham credenciais acadêmicas, e ainda assim eles mudaram o mundo em um grau que nenhuma máquina política ou militar conseguiu igualar. Se Cristo não ressuscitou, como podem ser explicados a transformação em suas vidas e o sucesso de sua missão? R. A. Torrey escreve: "Algo tremendo deve ter acontecido para que uma transformação moral impressionante e radical como essa fosse possível. Nada além da ressurreição, do fato de eles terem visto o Senhor ressurreto, pode explicá-la."[937]

A CONVERSÃO DOS INIMIGOS

A transformação radical dos seguidores de Jesus Cristo após sua ressurreição não é o único problema dos céticos. Eles devem também explicar a subsequente conversão daqueles que se opunham a Jesus e perseguiram os que o seguiam. À parte da ressurreição, como o cristianismo afetou alguns de seus primeiros e maiores oponentes – especialmente os meios-irmãos de Jesus e o infame Saulo de Tarso?

As Escrituras claramente afirmam que, durante a vida e o ministério de Jesus, nem Tiago nem Judas criam nele, sendo ambos abertamente inimigos de sua pessoa e ministério[938]. De fato, a família de Jesus uma vez viajou de Nazaré a Cafarnaum para prendê-lo, pois pensavam que ele estava "fora de si"[939]. Entretanto, após a ressurreição, ambos os irmãos foram radicalmente convertidos e se tornaram líderes da igreja primitiva[940]. Podemos ver sua devoção a Cristo e submissão a seu senhorio nas introduções de suas epístolas, onde eles se referem a

si mesmos como servos do Senhor Jesus Cristo[941]. Eles haviam sido transformados de antagonistas incrédulos em servos fiéis que voluntariamente submeteram suas vidas a seu senhorio. Como tal transformação foi possível, à parte o testemunho da Escritura? Eles viram o Cristo ressurreto[942]!

Outro inimigo da igreja primitiva cuja conversão acrescenta peso à proclamação apostólica da ressurreição é Saulo de Tarso. No livro de Atos e em seus próprios registros, Saulo se destaca como o maior e mais feroz inimigo do cristianismo primitivo. Em sua ignorância e incredulidade, ele viu Jesus de Nazaré como nada mais do que um impostor e um blasfemo, julgando todos aqueles que o seguiam dignos de aprisionamento e morte[943]. O livro de Atos primeiro o apresenta a nós enquanto ele dá sua sincera aprovação ao martírio de Estêvão[944]. Depois, nós o vemos indo ao sumo sacerdote, "respirando ameaças e morte contra os discípulos do Senhor", e pedindo por cartas para que "caso

achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém"[945]. Todavia, no caminho para Damasco, Saulo passa por uma radical transformação. Ele fica convencido de que Jesus é o Messias de Israel, recebe o batismo em nome desse Messias, e imediatamente começa a proclamar a Jesus nas sinagogas, dizendo: "Ele é o Filho de Deus."[946] Seus compatriotas reagiam com espanto, dizendo: "Não é este o que exterminava em Jerusalém os que invocavam o nome de Jesus e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes?"[947] As notícias se espalharam rapidamente por todas as igrejas da Judeia: aquele que antes perseguia a fé estava agora pregando a mesma fé que um dia tentou destruir[948]. Entretanto, Saulo tinha sido um adversário tão violento da igreja que nenhum crente ousava se associar a ele. Todos tinham medo dele, até que Barnabé o trouxe aos apóstolos e eles confirmaram seu testemunho[949].

Dessa maneira, Saulo de Tarso, o maior inimigo da fé cristã, se tornou seu maior defensor e propagador. William Neil escreve: "O que está além de questionamento histórico é que o opressor fanático dos Nazarenos, que deixou Jerusalém 'respirando ameaças e morte', entrou em Damasco despedaçado mentalmente e cego fisicamente, tornando-se depois de sua recuperação o principal protagonista das crenças que ele intentava extirpar."[950]

Visto que o cético não pode negar as realidades históricas da conversão de Saulo e de sua vida radicalmente transformada, ele é, assim, obrigado a oferecer uma explicação razoável para isso. Após dois mil anos, a igreja ainda está esperando!

AS MULTIDÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

No primeiro ano do cristianismo, o respeitado mestre e fariseu Gamaliel falou ao Sinédrio com

grande sabedoria a respeito dos seguidores de Jesus. Tal discurso é digno de ser citado por completo:

> *Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. Porque, antes destes dias, se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos. Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus*[951].

Antes da vinda de Jesus Cristo, dois falsos messias haviam aparecido à nação de Israel. Ambos conseguiram seguidores, mas após as mortes de ambos, seus seguidores rapidamente se dispersaram

e nunca mais se ouviu falar de seus movimentos. Portanto, Gamaliel argumentou que se Jesus de Nazaré fosse apenas um homem e sua ressurreição um embuste, que o mesmo destino recairia sobre seus seguidores. Contudo, Gamaliel também argumentou sabiamente que, se a história da ressurreição fosse verdadeira, então Jesus era o Messias, o movimento continuaria, e aqueles que se opunham estariam lutando contra Deus. Os últimos dois mil anos de história parecem confirmar o argumento de Gamaliel.

Uma das maiores provas da ressurreição de Jesus Cristo é a continuidade da fé cristã ao longo da história e em todas as nações, tribos e povos do mundo. Até o presente, houve incalculáveis milhões ou até bilhões de pessoas que testificam ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo e que afirmam que ele mudou dramaticamente o curso de suas vidas. É importante notar que esse grupo de pessoas não está confinado a algum subgrupo

étnico, político, econômico ou acadêmico, mas inclui indivíduos de toda etnia, classe social e nível acadêmico. A igreja primitiva consistia de indivíduos que nunca haviam se encontrado sob qualquer outra circunstância. Havia gregos e judeus, circuncisos e incircuncisos, bárbaros, citas, escravos e livres, mas Cristo era tudo em todos[952]. O mesmo pode ser dito do cristianismo hoje.

Também é importante notar que uma incontável multidão de homens, mulheres e crianças que também seguiram a Cristo o fizeram à custa de grande sacrifício pessoal. Alguns estatísticos estimam que o número de mártires já chegou a mais de cinquenta milhões de crentes. Outros ainda afirmam que o número é muito maior. Tudo isso nos leva de volta à implacável pergunta: qual é a base lógica por trás de tanta devoção e sacrifício, e o que poderia explicar a continuidade da igreja em meio a inimigos que fizeram votos de exterminá-la? Isso dá a certeza de que algo verdadeiramente aconteceu

naquela manhã de domingo, quando as mulheres encontraram a pedra removida!

---

868. 1 Coríntios 15.14, 17

869. 1 Coríntios 15.17-18

870. 1 Coríntios 15.15

871. 1 Coríntios 15.19

872. Atos 4.2, 33; 17.18; 24.21

873. 1 Coríntios 2.1-5

874. João 3.3

875. João 5.39; 1 João 5.6-10

876. 2 Coríntios 4.6

877. Mateus 11.25: "Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos."

878. Diz-se que foi este o testemunho dos soldados soviéticos que buscavam fazer os cristãos se desviarem de sua fé no Cristo vivo.

879. Isaías 36.6; Romanos 1.16

880. Devo esse pensamento ao pastor Charles Leiter.

881. Robert Reymond escreveu que aqueles que rejeitam as declarações do cristianismo por as considerarem não históricas ou mitológicas o fazem com "bases críticas e filosóficas altamente questionáveis, com as quais eles estão simplesmente mais

confortáveis psicológica e religiosamente" (*A New Systematic Theology of the Christian Faith*, 581).

882. Lucas 24.25-26

883. Salmos 16.8-11

884. Isaías 53.12

885. João 2.19

886. Mateus 12.39-40

887. Mateus 16.21

888. Mateus 27.62-63

889. Tal teoria é frequentemente chamada, por razões óbvias, de a "Teoria do Desmaio".

890. João 19.31-34

891. Mateus 27.64

892. Marcos 14.27; Mateus 26.56; Lucas 22.55-62

893. Mateus 28.11-25

894. Mateus 27.57-61, Marcos 15.42-47, Lucas 23.50-56, João 19.38-42

895. João 3.1, Lucas 23.50-53, João 19.38-42

896. Mateus 27.61, Marcos 15.47, Lucas 23.55

897. Reymond, *A New Systematic Theology,* 566.

898. Henry Thiessen, *Introductory Lectures in Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1961), 246.

899. 2 Pedro 1.16

900. Atos 1.21-26

901. Lucas 1.1-4

902. 1 João 1.1-4

903. Lucas 24.39; João 20.27

904. Lucas 24.13-32, 41-49, João 21.12-14

905. Atos 1.9-11

906. Deuteronômio 17.6; 19.15; Mateus 18.16

907. Marcos 16.9-11, João 20.11-19, Mateus 28.9-10

908. Marcos 16.12-13, Lucas 24.13-32

909. Lucas 24.34-43, João 20.19-25

910. Marcos 16.14, João 20.26-31, 1 Coríntios 15.05

911. 1 Coríntios 15.6-7

912. João 21.1-23

913. Lucas 24.44-49, Atos 1.3-8

914. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 8:218-19.

915. Atos 5.36-37

916. 1 Coríntios 1.23

917. Bruce Demarest e Gordon Lewis, *Integrative Theology* (Grand Rapids: Baker Academic, 1990), 2:466. Nicolau Copérnico (1473-1543) foi o primeiro a sugerir uma cosmologia heliocêntrica – um modelo de sistema solar no qual o sol substituía a terra como o centro dos planetas. Sua teoria foi uma ruptura radical com o *status quo* e se tornou um marco divisório na história da ciência moderna, hoje conhecido como a Revolução Copernicana.

918. João 20.2, 13, 15

919. Lucas 24.9-11, Marcos 16.11

920. João 20.15, Lucas 24.13-31, 37

921. Lucas 24.25, 44-46

922. João 20.24-29

923. Lucas 16.14; 24.25-26

924. Atos 4.13

925. 1 Coríntios 4.13; 15.19

926. 1 João 1.3

927. James Montgomery Boice, *Foundations of the Christian Faith: A Comprehensible and Readable Theology* (Downers Grove, III.: InterVarsity Press, 1986), 358.

928. Mateus 28.1-10, Marcos 16.1-8, Lucas 24.1-12, João 20.1-18

929. Marcos 16.9-11; João 20.11-18

930. Mateus 28.8-9

931. Mateus 26.56, 69-75; Marcos 16.14; João 20.19; Lucas 24.17

932. Atos 17.6

933. Atos 4.18

934. Atos 4.19-20

935. 1 João 1.1, 3

936. Colossenses 1.5-6

937. R. A. Torrey, *The Bible and Its Christ* (Old Tappan, N.J.: Fleming H. Revell, n.d.), 92.

938. João 7.3-4

939. Marcos 3.21

940. Tiago: Atos 1.14; 12.17; 15.13; 1 Coríntios 9.5; 15.7; Gálatas 1.19; 2.9, Tiago 1:1; e Judas: Judas v. 1; Atos 1.14; 1 Coríntios 9.05

941. Tiago 1.1; Judas 1:1

942. 1 Coríntios 15:7

943. 1 Timóteo 1.13, 2 Coríntios 5.16

944. Atos 7.58; 8.1

945. Atos 9.1-2

946. Atos 9.18-20

947. Atos 9.21

948. Gálatas 1.22-23

949. Atos 9.26-27

950. William Neil, *The Acts of the Apostles* (London: Oliphants, 1973), 128.

951. Atos 5.35-39

952. Colossenses 3.11

CAPÍTULO 24

A Ascensão de Cristo como Sumo Sacerdote de Seu Povo

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é o Rei da Glória? O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória.

— Salmos 24.7-10

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas

fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

— Hebreus 4.14-15

As Escrituras afirmam que, quarenta dias após a ressurreição, Cristo ascendeu aos céus na presença de um grande grupo de discípulos. No livro de Atos, lemos: "Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos."[953] O evangelho de Lucas testifica: "Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu."[954] Marcos declara: "De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus."[955] O apóstolo Paulo descreve desta forma: "Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória."[956]

A ressurreição e ascensão de Cristo foram as precursoras e as provas da sua coroação e entronização à destra de Deus. De acordo com as Escrituras, o Pai glorificou o Filho consigo mesmo com a glória que este tinha junto dele, antes que houvesse mundo[957]. Contudo, a glória que foi readquirida é maior do que a glória da qual ele se esvaziou quando veio a este mundo[958]. Pois agora ele se assenta à destra do Pai não somente como a plenitude da Divindade, mas também como o Homem glorificado; não somente como Regente, mas também como Redentor e sumo sacerdote. Ele é Deus, o Filho, e o segundo Adão; Ele é o Leão e o Rei e também o Cordeiro que foi morto; Ele é o Juiz de toda a terra e o grande sumo sacerdote que se ofereceu como propiciação pelos pecados do seu povo.

A ASCENSÃO DE CRISTO

Para começarmos a considerar o majestoso tema da ascensão, prestaremos atenção primeiro ao Antigo Testamento. O Salmo 24 de Davi é uma liturgia de procissão que celebra a entrada do Senhor em Sião. A igreja há muito tempo interpretou este salmo como a celebração da ascensão de Cristo à Jerusalém celestial e ao "maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos"[959]. Embora, nos últimos anos, seja debatido até que ponto este salmo pode ser aplicado a Cristo, os reformadores, os puritanos e alguns dos maiores teólogos e expositores ao longo da história da igreja interpretaram-no cristologicamente. Aqui, seguiremos a direção deles e acharemos neste salmo a glória de Cristo enquanto ascendia à destra de Deus.

Os primeiros seis versículos do Salmo 24 discursam sobre uma questão extremamente importante: quem entrará na presença do Senhor? Como veremos, as exigências são rígidas e

inflexíveis: “Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente.” Ao lermos este texto, devemos imediatamente reconhecer que não nos qualificamos para subir ao monte do Senhor ou permanecer no seu santo lugar. Nossas mãos estão sujas, nossos corações, impuros, nossas almas, cheias de idolatria e nossos lábios, contaminados pelo engano. Nossos pecados fizeram separação entre nós e nosso Deus e fecharam a entrada para os céus tão rigorosamente quanto Jericó, de onde ninguém saía nem entrava[960]. O veredito contra nós é justo: não há justo, nem um sequer[961]. Entregues a nós mesmos, não temos nenhum recurso, a não ser nos calarmos e aguardarmos a nossa condenação[962]. Ainda que nos lavemos com neve e purifiquemos as mãos com cáustico, a mácula da nossa iniquidade estará

perante o Senhor[963]. Não podemos entrar nem nos aproximar.

Em todos os sentidos, a humanidade está completamente desqualificada; contudo, há um dentre a nossa raça que penetrou os céus e se coloca diante de Deus como um advogado em prol do seu povo – Jesus Cristo, o justo[964]. Ele é um descendente de Adão e, por isso, verdadeiramente um dos nossos. Durante a sua peregrinação terrena, ele era em tudo semelhante a nós, mas sem pecado[965]. Ele glorificou a Deus em cada pensamento, palavra e ação e amou o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, alma, mente e força[966]. Uma obediência ininterrupta marcou todo o curso de sua vida[967]. Ele era inculpável diante da lei e mostrou não possuir sombra ou mancha diante da resplandecente e pura luz da santidade de Deus, que expõe quaisquer trevas. As Escrituras declaram que Deus atribui imperfeições aos seus anjos, mas em Jesus ele encontrou somente santidade perfeita e

um estoque infinito de integridade[968]. Ele era santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores – o único membro da raça adâmica que foi aprovado por Deus em virtude do seu próprio mérito[969]. Ele foi o único a quem Deus testificou: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo."[970]

No Salmo 24.7, vemos o Homem impecável, Jesus de Nazaré, ascender até as próprias portas dos céus. Lá, ele levanta a sua voz e brada: "Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória."[971] Como nossa estima por Jesus Cristo aumentaria se pudéssemos ter somente um vislumbre do que está acontecendo aqui! Por virtude do seu próprio mérito, ele se coloca diante das portas do céu e ordena que lhe sejam abertas. Ao som da sua voz, os anjos correm para o parapeito e espreitam por cima do muro para o vislumbrarem[972]. Eles perguntam: "Quem é este Rei da Glória ao qual as próprias portas do céu devem se submeter? Quem é

este Homem que vem em seu próprio nome e demanda entrada por virtude dos seus próprios méritos?" Até os próprios serafins curvam suas cabeças e se cobrem diante da presença do Senhor, reconhecendo que não possuem integridade em si mesmos e demonstrando que sua virtude e glória derivam de Deus e resultam da sua graça[973]. Eles não ostentam mérito nem reivindicam nada em seu próprio nome. Contudo, este Homem faz sua reivindicação não só diante dos céus, mas diante do próprio trono de Deus. Quem é então este Rei da Glória? Em resposta ao inquérito, Cristo levanta a sua voz uma segunda vez e brada: "O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória."[974]

Este segundo comando silencia qualquer outro inquérito. A força de sua voz revela sua identidade. É o Verbo que se fez carne, o Filho do Homem que

ascendeu para o lugar onde primeiro estava[975]. Sem demora, os ferrolhos ancestrais se quebram, as vigas tremem e o portão cede diante de Jesus de Nazaré:

O Filho de Deus,
o Filho de Adão;
Concebido pelo Espírito Santo,
nascido da linhagem de Davi;
A plenitude da Divindade,
em forma humana;
O Leão da tribo de Judá,
o Cordeiro que tira o pecado do mundo!
Intrepidamente diante do trono de Deus,
não se envergonha de nos chamar irmãos.
O Juiz dos vivos e dos mortos,
o advogado do seu povo[976].

Anjos recontarão a glória daquele momento por todas as intermináveis eras da eternidade. O Filho vitorioso retorna carregando as cicatrizes que comprovam seu triunfo. Ele cancelou o escrito de dívida que constava contra o seu povo encravando-o

na cruz[977]. Ele desarmou e expôs o diabo publicamente ao desprezo, o qual havia escravizado o seu povo sob pena de morte[978]. Ele vindicou a justiça de Deus, a qual justifica o ímpio[979]. Por essa razão, todos os céus olham para aquele que foi transpassado e proclamam em grande voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor."[980]

Enquanto o Cristo vitorioso passa através dos portais eternos, o Pai o chama para subir ao trono e tomar o seu lugar de direito ao seu lado. Lá ele se sentou acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai[981]. Dessa forma, as profecias de Davi foram por fim plenamente cumpridas: "Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita."[982]

Jesus de Nazaré, nosso irmão, é o Rei da Glória. Ele não é um deus recém-chegado ou uma boa criatura recentemente promovida. Ele é o eterno Filho de Deus, o qual não considerou que o ser igual a Deus fosse algo a que devia apegar-se, mas deixou a sua glória, revestiu-se em carne e morreu como uma propiciação pelos pecados do seu povo[983]. No terceiro dia, ele ressurgiu dos mortos e, após mostrar que estava vivo por várias provas convincentes, ascendeu aos céus e se assentou, nas alturas, à direita da Majestade[984]. Lá ele está entronizado como o sumo sacerdote e precursor do seu povo, como o Senhor e Juiz de todos.

CRISTO COMO MEDIADOR

Quando o Homem Cristo Jesus ascendeu à destra de Deus, ele tomou sobre si a mediação de todas as coisas entre Deus e a criação. O propósito do Pai ao lhe conceder tal ofício é multifacetado e cada aspecto demonstra a supremacia do Filho e o

ilimitado amor que o Pai tem por ele. O papel de Cristo como mediador é uma manifestação no tempo e na criação do relacionamento que existiu por toda eternidade entre o Pai e o Filho. Para começar, devemos entender que sempre foi o propósito e o beneplácito do Pai que o Filho tivesse preeminência em todas as coisas e que nada fosse feito sem que dependesse dele[985]. Por essa razão, sempre foi do agrado de Deus lidar com sua criação pela mediação do seu Filho. Ele criou e sustenta o mundo por meio do seu Filho, ele se revela ao mundo e o redime por meio do seu Filho. Um dia, ele julgará o mundo por seu intermédio[986].

Segundo, precisamos entender também que a obra mediadora do Filho no Calvário sempre será o epicentro da revelação de Deus para sua criação. Sua centralidade e preeminência não diminuirão ao longo das incontáveis eras da eternidade; pelo contrário, crescerão enquanto a criação redimida

continua seu infindável empenho na busca das infinitas glórias do evangelho.

Terceiro, devemos sempre nos lembrar e nos gloriar no fato de que cada boa e perfeita dádiva com que Deus já agraciou a criação foi por meio e por causa do Filho[987]. Tanto aqueles que adoram a Deus como aqueles que o amaldiçoam devem cada bem que já conheceram à mediação do Filho[988]. A aceitação da igreja por parte de Deus e as dádivas derramadas sobre ela são por causa e por amor ao Filho[989]. A chuva que cai sobre os ímpios e o sol que aquece suas faces são dados por ele!

Quarto, devemos entender que a encarnação trouxe um aspecto novo e maravilhoso da obra mediadora do Filho. O Homem Cristo Jesus, o eterno Filho de Deus e verdadeiro Filho de Adão, agora sustenta e governa o universo, tudo por causa da sua encarnação e glorificação final na carne. As implicações para essa verdade são estonteantes. O

ápice do propósito de Deus para a criação foi atingido por e através de Jesus de Nazaré.

CRISTO, NOSSO PRECURSOR

O relato da criação de Gênesis nos explica que Deus criou o homem à sua própria imagem e tencionava que ele governasse sobre toda a criação como o seu vice-rei[990]. O fato de Deus ter conferido tal privilégio a uma mera criatura de barro levou o salmista a exclamar maravilhado:

> Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres e o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste[991].

Deus colocou todas as coisas debaixo dos pés do nosso pai Adão. Deus o fez para ser a coroa da criação, a cabeça de sua raça e o regente sobre as

obras de Deus. Entretanto, ele rapidamente caiu sob o engano da serpente e se juntou a ela em sua rebelião[992]. Como resultado, o homem perdeu seu lugar exaltado, lançando toda a criação no caos, na futilidade e na escravidão à corrupção[993]. Além disso, o homem teve que deixar a presença de Deus e se tornou sujeito à justiça divina, o que resultou em morte[994].

Do ponto de vista do homem, o Paraíso foi perdido e a recuperação era uma impossibilidade absoluta. Mas no mistério da providência de Deus, uma grande obra elaborada muito antes da fundação do mundo se desdobraria[995]! Na plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho para se juntar à raça caída de Adão, redimir um povo para Deus e restaurá-los à glória que em muito excederia a que fora perdida[996]! Esse é o grande argumento do segundo capítulo do livro de Hebreus:

> Pois não foi a anjos que [Deus] sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando; antes, alguém, em certo lugar, deu pleno testemunho, dizendo: Que é o homem, que

> dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste e o constituíste sobre as obras das tuas mãos. Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas; vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem[997].

De acordo com a sabedoria dada ao autor de Hebreus, Deus tem um plano para uma nova criação, um mundo que há de vir[998]. Esse novo mundo não estará sujeito aos anjos, mas àqueles que foram redimidos da raça caída de Adão. Por essa razão, o eterno Filho de Deus, por pouco tempo, foi feito menor do que os anjos para que ele provasse a morte por cada um do seu povo, os redimisse da

penalidade de morte e os restaurasse à gloriosa posição que Deus lhes designou.

No presente, é óbvio que todo esse desígnio ainda está para se cumprir plenamente, porque ainda não vemos todas as coisas sujeitas ao povo redimido de Deus[999]. Contudo, nós vemos que Jesus ressuscitou dos mortos e ascendeu à destra da Majestade nas alturas, tendo sido coroado de glória e de honra[1000]. Ele foi adiante do seu povo, como o capitão da salvação deles[1001]. Ele é o penhor de uma presente esperança e o precursor que conduzirá muitos filhos à glória. As Escrituras declaram que a criação anseia ansiosamente pela revelação dos filhos de Deus e geme pela libertação do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Por causa deste único Homem, Jesus, a criação não será desapontada, e nem nós o seremos!

CRISTO, NOSSO SUMO SACERDOTE

Ao longo da história, o grande problema do homem caído foi a necessidade de um mediador que tanto fosse capaz de lidar com Deus em pé de igualdade como também com o homem caído e sua miserável condição. Para se qualificar como mediador entre Deus e o homem, era necessário que ambas as naturezas desse mediador, divina e humana, fossem "inseparavelmente unidas, em uma única pessoa, sem conversão, composição ou confusão"[1002]. Sendo a plenitude da Divindade e possuindo igualdade com Deus, tal pessoa seria capaz de tratar com Deus[1003]. Sendo verdadeiramente um homem e tentado em todas as coisas, mas sem pecado, ele seria capaz de simpatizar com a fraqueza do homem e interceder por ele[1004]. Essas são as qualidades requeridas em um mediador, e, para a glória de Deus e consolação de nossas almas, todas elas e muitas outras foram atendidas na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele é Deus no sentido pleno do termo, compartilhando

igualmente de todos os atributos, glórias e honras de Deus[1005].

De igual modo, ele é completamente homem[1006]. Na encarnação, ele se tornou semelhante a seus irmãos em todas as coisas e foi tentado em todas as coisas, embora nele não tenha havido pecado[1007]. Por essa razão, ele é um sumo sacerdote fiel e misericordioso, que pode lidar com os ignorantes e desorientados e simpatizar com as fraquezas deles[1008]. Por seu próprio mérito e virtude, ele penetrou os céus para defender a nossa causa na sala do trono de Deus[1009]. Ele, sem ter do que se envergonhar, está diante de Deus e ainda assim não se envergonha de nos chamar de irmãos[1010]. Revestido de carne glorificada, ele se tornou o Homem "que nos precedeu" rumo à glória e o Homem "por nós" diante do trono de Deus. Lá ele se assenta entronizado como o representante do seu povo e vive sempre para interceder por eles[1011].

O patriarca Jó ansiava por um mediador que fosse singularmente qualificado para colocar a sua mão sobre Deus e homem[1012]. Aquele ao qual Jó ansiava está agora firmemente estabelecido à destra de Deus. No fim dos tempos, ele finalmente aniquilará o pecado pelo sacrifício realizado de si mesmo, tendo entrado nos céus para comparecer diante de Deus por seu povo[1013]. Por meio dele, temos uma âncora para a alma, uma esperança segura e firme que penetra além do véu[1014]. Ele é capaz de nos salvar "totalmente" porque vive sempre para interceder por nós[1015].

Embora Cristo tenha consumado nossa expiação no Calvário e satisfeito todas as exigências para a nossa justificação, as Escrituras ensinam que Cristo continua a interceder em favor do seu povo[1016]. É uma das doutrinas mais belas de todas as Escrituras, apesar de ser comumente mal compreendida. O eminente erudito bíblico Charles Hodge escreveu: "Quanto à natureza da intercessão de Cristo, pouco

se pode dizer. Erra-se em forçar demais as descrições da Escritura; e erra-se também na tentativa de explicá-las."[1017] E John Murray escreveu o seguinte:

> O caráter da intercessão de nosso Senhor foi, por vezes, grotescamente deturpado no pensamento cristão popular. Ele não deve ser pensado "como orante, estando sempre diante do Pai com os braços estendidos, como as figuras dos mosaicos nas catacumbas, e com forte choro e muitas lágrimas, clamando por nossa causa diante da presença de um Deus relutante, mas como um Sacerdote-Rei entronizado, pedindo o que quer a um Pai que sempre ouve e concede seus pedidos. A vida de nosso Senhor no céu é sua oração." A oferta que ele fez de si mesmo é totalmente aceitável e eficaz; seu contato com o Pai é imediato e ininterrupto; seu ministério sacerdotal em favor do seu povo é interminável, razão pela qual a salvação que ele lhes assegura é absoluta[1018].

À luz desses avisos de tão renomados eruditos, devemos nos perguntar: "O que realmente significa Cristo ser o nosso sumo sacerdote que vive sempre

para interceder por nós?”[1019] A seguir, consideraremos quatro verdades relacionadas a isso.

JESUS FEZ EXPIAÇÃO PELO SEU POVO

Primeiro, a intercessão de Cristo inclui sua aparição, de uma vez por todas, diante de Deus em nosso favor, como o sacrifício por nossos pecados. Não devemos pensar que a contínua intercessão de Cristo é necessária para completar algo que faltou em sua expiação ou para obter o perdão dos pecados do seu povo. As Escrituras deixam claro que, ao se cumprirem os tempos, Cristo, pelo sacrifício de si mesmo, se manifestou para aniquilar o pecado de uma vez por todas e obter a nossa eterna redenção[1020]. O escritor de Hebreus coloca desta forma: “Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos

pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados."[1021]

A morte de Cristo, de uma vez por todas, resolve o assunto dos pecados passados, presentes e futuros do crente. Por essa razão, não devemos pensar que Cristo esteja em pé ou prostrado diante do Pai, implorando o perdão pelos contínuos pecados do seu povo. Sua *sessão* à destra de Deus é o grande e eterno memorial que a expiação realizou[1022]. É um memorial duradouro, que jamais será esquecido.

JESUS ORA POR SEU POVO

Segundo, o papel de Jesus Cristo como intercessor não é meramente representativo, mas também envolve uma intercessão real, a entrega de orações e petições a Deus em prol do seu povo. Para provar isso, consideraremos rapidamente três textos:

> Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós[1023].
>
> Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles[1024].
>
> Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu[1025].

Quando o apóstolo Paulo e o escritor de Hebreus se referem ao ministério de intercessão de Cristo, eles usam a mesma palavra grega: *entugcháno*, o que claramente denota o ato de orar, rogar ou interceder[1026]. Em sua profecia sobre o futuro ministério de intercessão do Messias, Isaías emprega o verbo hebraico *paga*, que significa "fazer súplica ou interpor-se"[1027]. Portanto, para sermos fiéis ao significado e ao contexto original desses termos, precisamos concluir que a intercessão de Cristo

também inclui suas petições a Deus em prol do seu povo.

É nesse ministério de intercessão que o poder e a majestade da dupla natureza de Cristo resplandece. Como o Deus onisciente, ele sabe de todas as provas, tentações e necessidades do seu povo – imediata, fácil, simultânea e exaustivamente[1028]. Como um homem que foi tentado em todas as coisas, ele é capaz de se compadecer do seu povo e lhe socorrer[1029]. Como o Deus-homem, ele é capaz de entrar na própria sala do trono de Deus e interceder em prol do seu povo com um perfeito conhecimento das necessidades deles, uma perfeita compaixão por eles e uma perfeita compreensão da vontade de Deus.

Embora possamos desejar uma descrição mais detalhada da exata natureza da intercessão celestial de Cristo em prol do seu povo, devemos nos aproximar do assunto com grande cautela. A Escritura praticamente silencia sobre o assunto.

Contudo, podemos ter alguma ideia da natureza da intercessão de Cristo considerando seu ministério terreno. John Murray escreve:

> O ensino e as ações de Jesus na terra devem ter encorajado os seus discípulos a reconhecerem-no como o intercessor que a tudo prevalece. "Eu, porém, roguei por ti", ele disse a Simão Pedro na Última Ceia, "que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lucas 22.32). Se perguntarem que forma assumiu sua intercessão celestial, que resposta pode ser melhor do que afirmar que ele ainda faz pelo seu povo à destra de Deus aquilo que fez por Pedro na terra? E a oração registrada em João 17, que também pertence à mesma noite em que ele foi traído, é adequadamente chamada de sua oração sacerdotal, e um estudo cuidadoso dela nos ajudará consideravelmente a entender o que se pretende dizer quando o nosso Senhor é descrito como intercedendo por aqueles que vêm a Deus por meio dele.[1030]

JESUS DEFENDE SEU POVO DO DIABO

Terceiro, a intercessão de Cristo inclui sua defesa do crente contra as acusações do diabo e de qualquer um que se junte a ele. As Escrituras se

referem ao diabo como o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite diante do nosso Deus[1031]. Na verdade, o nome diabo é uma tradução do termo grego *diábolos,* que denota um acusador ou alguém propenso à acusação e à calúnia. Nesta vida, o diabo constantemente difama e acusa os cristãos, mas Cristo leva a defesa do crente diante do trono de Deus. É importante notar que essa defesa não se baseia na inocência ou no mérito do crente nem na credibilidade da acusação do diabo. Se assim fosse, essa defesa poderia falhar, pois somos frequentemente culpados e o diabo está frequentemente certo em sua acusação contra nós. Em vez disso, nossa defesa se baseia na obra perfeita e imutável de Cristo em favor do crente. Ele pagou completamente por cada crime que já cometemos e, portanto, anulou toda acusação que o diabo pode legitimamente levantar contra nós. Foi nessa confiança que Paulo a escreveu: “Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes,

quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós."[1032] A questão do apóstolo é, obviamente, retórica. Ele sabe que o único que teria o direito de condenar é o mesmo que morreu para libertar o crente de toda condenação. As acusações do diabo não são páreas para o sangue de Cristo. Até mesmo o mais fraco do povo de Deus vencerá o mais forte dos diabos por causa do sangue do Cordeiro[1033]. Além disso, é importante pontuar que Cristo não somente intercede por seu povo contra as acusações do diabo, mas também intercede por eles em meio aos ataques do diabo contra eles. Na noite anterior à crucificação, Jesus disse a Pedro que Satanás demandou permissão para peneirá-los como trigo, mas Jesus prometeu que havia orado para que a fé de Pedro não desfalecesse[1034]. Ele fez o mesmo por incontáveis crentes ao longo dos dois milênios de história da igreja e o fará até o fim dos tempos.

JESUS CONFORTA O SEU POVO

Quarto e último, a intercessão de Cristo é o maior conforto para o seu povo. O crente é imutavelmente justo diante de Deus por meio da expiação. Além disso, a obra regeneradora e a habitação do Espírito Santo lhe dá um novo poder sobre o pecado. Não obstante, o crente está dolorosamente consciente de suas muitas fraquezas e frequentes falhas. Tais fraquezas e falhas o deixariam abatido e sem esperança se ele não possuísse um misericordioso sumo sacerdote nos céus, que é capaz de lidar gentilmente com um ignorante e desorientado[1035].

O quarto e quinto capítulos do livro de Hebreus claramente demonstram essa verdade. Lá, aprendemos que há duas poderosas verdades que trabalham na vida de todo crente. A primeira tem a ver com o poder da Palavra de Deus de expor até mesmo os pensamentos e as ações mais escondidas da vida do crente. A Palavra de Deus é “viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de

dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração."[1036] A segunda verdade tem a ver com a onisciência de Deus. Ele conhece todo pensamento, palavra e ação do crente – "não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas."[1037]

Essas duas verdades, o poder da Palavra de Deus de expor nosso pecado e a onisciência de Deus da qual nenhum homem pode se esconder, seria o suficiente para paralisar o crente e jogá-lo em um mar de incerteza e dúvida. Contudo, esse não é o caso, porque o crente encontra em Jesus um sumo sacerdote misericordioso e fiel que se compadece de suas fraquezas, porque ele foi tentado em todas as coisas, mas sem pecado[1038]. Por essa razão, a dúvida e o medo não afastam o crente, porque temos a confiança de nos aproximar do trono de

graça para recebermos misericórdia e acharmos socorro em ocasião oportuna[1039]. O seguinte hino, escrito por Charitie L. Bancroft, retrata poderosamente essa gloriosa verdade:

Diante do trono do alto Deus,
tenho perfeito e bom clamor
meu sumo sacerdote é amor;
sempre intercede a meu favor.
Meu nome está em seu coracão;
está escrito em suas mãos!
Enquanto interceder por mim
jamais dali me afastarão;
jamais dali me afastarão!

Quando satã me vem tentar,
do meu pecado me lembrar,
Eu olho ao alto e lá está
quem pôs um fim no meu pecar.
Meu puro Salvador morreu,
minh´alma impura libertou!
O justo Deus se satisfez,
Ao ver Jesus, me perdoou!
Ao ver Jesus me perdoou!

Eis o Cordeiro, vivo está.
Perfeito Justificador!
O imutável Grande Eu Sou.
Da graça e glória é o Senhor!
Com Ele não posso morrer,
pois com seu sangue me comprou;
Oculta minha vida está
Com Cristo, Deus, meu Sal vador!
Com Cristo, Deus, meu Salvador![1040]

---

953. Atos 1.9

954. Lucas 24.51

955. Marcos 16.19

956. 1 Timóteo 3.16

957. João 17.5

958. Filipenses 2.6-8

959. Hebreus 9.11, 24

960. Isaías 59.2, Josué 6.1

961. Romanos 3.10

962. Romanos 3.19

963. Jó 9.30-31; Jeremias 02.22

964. Hebreus 4.14, 1 João 2.1

965. Hebreus 4.15

966. 1 Coríntios 10.31; Mateus 22.37; Marcos 12.30; Lucas 10.27

967. João 8.29

968. Jó 4.18

969. Hebreus 7.26

970. Mateus 3.17; 17.5; Marcos 1.11; 9.7; Lucas 3.22

971. Salmos 24.7

972. Este pensamento veio dos comentários de Charles Spurgeon sobre o Salmo 24 em *The Treasury of David* (Grand Rapids: Zondervan, 1950), 1:377.

973. Isaías 6.1-2

974. Salmos 24.8-9

975. João 1.1, 14; 6.62

976. João 1.34 ; Lucas 3.23-38; 1 Coríntios 15.45; Mateus 1.20; Romanos 1.3; Colossenses 2.9; Apocalipse 5.5; João 1.29; Hebreus 9.24; Hebreus 2.11; Atos 10.42; 2 Timóteo 4.1; 1 João 2.1; poema composto pelo autor.

977. Colossenses 2.14

978. Colossenses 2.15; Hebreus 2.14-15

979. Romanos 3.25-26

980. Apocalipse 5.12

981. Efésios 1.21; João 5.23

982. Salmos 110.1

983. Filipenses 2.6-9; Romanos 3.25; 1 João 2.1-2

984. Atos 1.3; Hebreus 1.3

985. Colossenses 1.18, João 1.3

986. João 5.22; Atos 10.42; 17.31; Romanos 2.16

987. Tiago 1.17

988. João 1.3-4

989. Efésios 1.7-8

990. Gênesis 1.26

991. Salmos 8.3-6

992. Gênesis 3.1-7

993. Gênesis 3.14-19; Romanos 8.20-22

994. Gênesis 3.24; 2.16-17; Romanos 6.23

995. 1 Pedro 1.20; Isaías 46.9-10

996. Gálatas 4.4

997. Hebreus 2.5-9

998. Hebreus 2.5

999. Hebreus 2.8

1000. Hebreus 2.9; 1.3

1001. Hebreus 2.10. "O príncipe da salvação deles." (ACF); "O autor da salvação deles." (ARA, NVI); *"Captain of their salvation."* [Capitão da salvação deles.] (NKJV).

1002. A Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, capítulo 8.2.

1003. Colossenses 2.9, Filipenses 2.6

1004. Hebreus 4.15

1005. João 1.1, 14; Filipenses 2.6

1006. 1 Timóteo 2.5

1007. João 1.1, 14; Hebreus 2.14-18; 4.15; 2 Coríntios 5.21

1008. Hebreus 2.17; 4.15; 5.1-4

1009. Hebreus 4.14-15; 9.11-12

1010. Hebreus 2.11

1011. Hebreus 7.25

1012. Jó 9.28-35

1013. Hebreus 9.24-26

1014. Hebreus 6.19

1015. Hebreus 7.25

1016. João 19.30, Romanos 4.25

1017. Charles Hodge, Teologia Sistemática (São Paulo, Hagnos, 2001), 927.

1018. John Murray, *The Epistle to the Romans*, The International Commentary on the New Testament, 155. O texto entre aspas foi retirado de H. B. Swete, *The Ascended Christ* (London, 1912), 95.

1019. Hebreus 7.25

1020. Hebreus 9.12, 26-28 (Veja também Hebreus 7.27; 10.10; 1 Pedro 3.18)

1021. Hebreus 10.11-14

1022. A palavra “sessão” é muitas vezes empregada pelos teólogos para indicar Cristo estando “assentado” à destra de Deus.

1023. Romanos 8.34

1024. Hebreus 7.25

1025. Isaías 53.12

1026. Romanos 8.34; Hebreus 7.25. Veja Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2011), 525-527.

1027. Isaías 53.12

1028. Paul David Washer, *The One True God* (Hannibal, Miss.: Granted Ministries Press, 2009), 40.

1029. Hebreus 4.15; 2.16-18

1030. Murray, *The Epistle to the Romans*, 154-55.

1031. Apocalipse 12.10

1032. Romanos 8.34

1033. Apocalipse 12.11

1034. Lucas 22.31-32

1035. Hebreus 5.1-2

1036. Hebreus 4.12

1037. Hebreus 4.13

1038. Hebreus 2.16, 18; 4.14-15

1039. Hebreus 4.16

1040. Charitie L. Bancroft, *"Before the Throne of God Above"* [Diante do Trono de Deus nos Céus], 1863. Tradução para o português: Maurício Andrade

CAPÍTULO 25

A Ascensão de Cristo como o Senhor de Tudo

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

— Filipenses 2.9-11

Fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja.

— Efésios 1.20-22

A ascensão de Jesus Cristo não apenas garante que a igreja tem um mediador, mas também que o universo tem um Senhor e Juiz. O Salmo 24 se refere a um Cristo assunto como Rei da Glória a quem até mesmo os portões do céu se sujeitam[1041]. Visto que ele é soberano sobre a mais alta esfera da criação, podemos inferir que ele também reina sobre cada esfera menor, e que até mesmo os próprios portões do inferno se sujeitam a ele[1042].

O tema do senhorio de Cristo é prevalente tanto nas profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias quanto na proclamação dos apóstolos no Novo Testamento. Jesus não é apenas o Salvador do mundo, mas também é absolutamente Soberano. Portanto, não podemos ser fiéis à apresentação de Cristo no Antigo Testamento ou nos evangelhos se enfatizamos o ofício de Salvador em detrimento do ofício de Soberano. A realidade do senhorio de Cristo é tão essencial à proclamação verdadeira do evangelho como a exclusividade do ofício de Cristo

como Salvador. Não é coincidência que Pedro tenha concluído sua primeira proclamação pública do evangelho no dia de Pentecostes com uma declaração do senhorio de Jesus: "Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: 'Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés'. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo."[1043]

A ascensão e exaltação de Cristo como Senhor não deve ser tratada como uma doutrina menor a ser mencionada no final de um longo sermão sobre a cruz, nem deveria ser minimizada a fim de evitar ofender uma cultura que tem dificuldade de encaixar um rei soberano em sua cosmovisão. Ao invés disso, ela deveria receber seu lugar entre as mais essenciais e proeminentes doutrinas do evangelho. Junto com a ressurreição, a exaltação de Cristo à destra do Pai foi um tema proeminente na proclamação dos apóstolos

e na igreja primitiva. Portanto, também deveria ser um tema proeminente no evangelho que pregamos hoje. Devemos pregar a Cristo como o Salvador que chama os cansados e oprimidos para virem a ele sem reservas[1044]. Devemos pregar a Cristo como Senhor, aquele que exige submissão das nações e governa sobre elas com um cetro de ferro[1045]! Embora pudéssemos encher volumes inteiros com o tema do senhorio de Cristo, tentaremos abordar algumas verdades relacionadas a essa doutrina que possui a capacidade de nos ajudar grandemente em nosso entendimento e em nossa proclamação do evangelho.

O FUNDAMENTO DO SENHORIO DE CRISTO

A primeira questão a se examinar é: "Qual é a base, ou fundamento, do senhorio de Cristo? De quem ou por meio de quem sua nomeação veio?" De acordo com as Escrituras, é por seu divino

decreto. No dia de Pentecostes, Pedro declarou que foi Deus quem fez desse Jesus que foi crucificado tanto Senhor quanto Cristo[1046]. Em outras palavras, o mesmo Deus que disse a ele: "Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque", também o nomeou Senhor e Soberano de tudo[1047].

Em suas últimas palavras aos discípulos, Cristo declarou: "Todo poder me *foi dado* no céu e na terra."[1048] A partir disso, nós entendemos que seu título como Soberano absoluto não era algo que ele tomou para si mesmo, mas que o Deus Pai havia conferido a ele.

Davi, escrevendo sob inspiração do Espírito, profetizou esta verdade: "Disse o SENHOR ao meu Senhor: 'Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés'."[1049] Em seu confronto com os fariseus e os saduceus, Jesus citou esse texto para demonstrar que o Messias seria mais do que um homem e que sua soberania se estenderia muito além da esfera

terrestre[1050]. De acordo com as Escrituras, Deus havia concedido que Davi fosse o mais proeminente e poderoso dos reis de Israel, o qual, mesmo assim, no Espírito, se referiu a seu futuro filho messiânico como seu Senhor, que se sentaria à própria destra de Deus. O apóstolo Paulo confirmou o cumprimento dessa profecia em muitas de suas epístolas. Ele escreveu à igreja em Filipos que Deus havia exaltado grandemente a Jesus e lhe dado "o nome que é sobre todo nome"[1051]. Para a igreja em Éfeso, ele explicou que Deus havia assentado Jesus à sua destra, muito acima de todo governo, autoridade, poder e domínio[1052].

É importante notar que cada texto que temos citado apresenta a concessão de autoridade vinda do Pai para o Filho como um evento cumprido. Embora a vindicação universal de Cristo e a confissão de seu senhorio seja um evento futuro, ainda assim é uma realidade presente, uma absoluta certeza da qual todos os homens devem ser feitos

cientes e na qual seu povo deve confiar. Por virtude de quem ele é e como uma recompensa pelo que ele cumpriu, Jesus Cristo recebeu do Pai toda autoridade em cada esfera da criação. Os judeus queriam levar Jesus à força e torná-lo rei sobre Israel[1053]. Satanás ofereceu a ele todos os reinos deste mundo se ele apenas se prostrasse e o adorasse[1054]. Contudo, Cristo venceu todas essas tentações e se devotou em serviço do único que realmente possuía o poder para conceder tal autoridade. Por esta razão, ele foi grandemente exaltado pelo Pai. O apóstolo Paulo explica isso da seguinte maneira:

> *E sendo reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai*[1055].

A INCONTESTABILIDADE DO SENHORIO DE CRISTO

A verdade de que o senhorio universal de Jesus é fundamentada em decreto divino tem muitas implicações, mas uma das mais importantes é que isso garante que seu senhorio seja imutável e incontestável. O Salmo 2 demonstra poderosamente essa verdade, e tanto judeus quanto Cristãos têm-no interpretado como um salmo régio, retratando o reino do Messias:

> *Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: "Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas". Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles. Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá: "Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião."*[1056]

Nesse salmo, nós lemos de um rei davídico, cujo reino teria tanto absoluta autoridade quando jurisdição ilimitada. Além disso, aprendemos que quem colocaria o rei sobre o trono do universo seria o próprio Deus. A decisão seria sua divina prerrogativa e seria tomada independentemente da criação. Não exigiria a aprovação de homens ou de anjos, e sua continuidade não dependeria do auxílio deles. De fato, se toda criatura no céu, na terra e no inferno unissem forças para lutar contra o Rei de Deus, isso não teria mais efeito do que se o mais fraco entre eles estivesse lutando sozinho. Sua rebelião seria tão frívola e cômica quanto um ácaro batendo sua cabeça contra um mundo de granito! Isso se torna evidente apenas com uma leve consideração desse salmo régio!

Nos três primeiros versos do texto, nós testemunhamos a hostilidade para com Cristo e o avanço de seu reino. Somos cúmplices da antiga

batalha entre a semente maligna da serpente e a semente da mulher[1057]. Um violento e hostil mar de humanidade se colocou contra a vontade de Deus e seu Rei. Os homens consideram o reino justo de Cristo e sua justa vontade como grilhões para sua perversidade. Eles desejam destruir os grilhões e jogá-los longe, sendo miseráveis a menos que estejam livres para fazer o mal. Por essa razão, as nações estão em rebuliço. São como um irado cavalo de guerra investindo furiosamente na batalha contra o Soberano designado por Deus. Mesmo seus maiores líderes estão envolvidos no motim. Os reis da terra tomam suas posições, e os governantes se aconselham juntos contra o Senhor e seu Ungido. Ainda assim, após toda sua conspiração e seus planejamentos, seus melhores planos são vãos, e seus maiores esforços não efetuam nada. Eles são como pequenas aranhas tecendo uma teia na esperança de capturar um leão em disparada. Toda hostilidade, conselho e antagonismo deles são

inconsequentes. Eles esqueceram que não há sabedoria, nem entendimento, e nem conselho contra o Senhor[1058]. Eles falham em reconhecer que são como uma gota num balde, considerados como partículas de pó. Em seu poder e glória coletivos, eles não são nada diante dele, e ele os vê como menos que nada, insignificantes[1059]. Em sua arrogância, eles recusaram o sábio conselho de Davi, que deu o seguinte aviso a todas as nações e todos os povos, em todos os lugares: "Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir. O SENHOR frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos. O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações."[1060]

Deus nomeou Jesus de Nazaré como seu Rei, e a hostilidade conjunta de todos aqueles que se opõem a ele é insignificante, e até cômica, e digna de

escárnio divino. Escrevendo sob a inspiração do Espírito Santo, Davi nos informa que aquele que se assenta nos céus ridiculariza e zomba de seus oponentes. Suas constantes conspirações e esquemas extravagantes o divertem; ele escarnece de suas ostentações e ameaças; ele ri de seus grandes ataques e ameaças; ele ri de seus maiores ataques e os faz retroceder com nada mais do que uma palavra. Charles Spurgeon observa: "Marque a dignidade silenciosa do Onipotente, e o desprezo que ele derrama sobre os príncipes e seus povos furiosos. Ele não se deu ao trabalho de levantar e lutar contra eles – ele os despreza, ele sabe o quão absurdas, irracionais e fúteis são suas tentativas contra ele – portanto, ele se ri deles."[1061] João Calvino também comenta: "Portanto, estejamos certos de que se Deus não estende imediatamente sua mão contra os ímpios, é porque agora é seu momento de rir."[1062]

A distância entre Deus e as nações rebeldes é tão grande que ele não tem necessidade de se levantar ou até mesmo de mudar de posição em seu trono. Quando ele estiver satisfeito da diversão do antagonismo delas, ele falará a elas com uma manifestação mínima de sua ira, e elas serão traspassadas por terror. Ele declara a elas seu decreto inalterável a respeito de seu Filho. É como se dissesse a elas: "Que as nações se enfureçam e que os governantes da terra tomem suas posições. Quanto a mim, eu entronizei meu Rei sobre meu santo monte. O destino é traçado por minha mão, e toda oposição é fútil. Seu reino virá e sua vontade será cumprida!"

Jesus Cristo é a pedra vista pelo profeta Daniel[1063]. Tal pedra foi cortada da montanha por divino decreto sem o auxílio do conselho ou do poder humano; tal pedra esmaga os reinos rivais da terra e os traz a um fim; tal pedra se tornou uma grande montanha e preencheu toda a terra; o reino

de tal pedra durará para sempre e não será deixado para outro povo. Por essa razão, as nações estão pálidas. Elas estão fora de si mesmas de fúria. Como Deus ousa impor seu rei e suas leis sobre elas! Ainda assim suas atitudes e ações não têm força contra o decreto de Deus. Nunca haverá uma abdicação do trono, nunca haverá necessidade de reeleição, não haverá mudança da guarda, não há possibilidade de revolta. O Deus da Escritura é um Deus absolutamente soberano, tendo concedido a seu Filho um trono imutável e incontestável.

Nós vivemos em um tempo e em uma cultura que exalta a autonomia humana contra a soberania de Deus e coloca a expressão da liberdade individual acima das leis de Deus. De fato, a autonomia e a liberdade de expressão são as duas vacas sagradas do homem moderno[1064]. Mas considere as Escrituras: "Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará."[1065] "Todos os moradores da terra são por ele reputados

em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: 'Que fazes?'"[1066] Essas verdades bíblicas enfurecem a maior parte da humanidade. Porém, elas são parte essencial do evangelho e não devem ser escondidas ou minimizadas por conveniência ou por um desejo de tornar o evangelho inofensivo.

Esse Jesus que nós crucificamos, Deus o fez Senhor e Cristo[1067]. A pedra que os construtores rejeitaram se tornou a Principal Pedra de Esquina[1068]. Por divina nomeação, Cristo agora é dono do trono do universo. Sua posse não está aberta para críticas ou debates. Ele sempre será o Senhor e Juiz com quem todo homem deve lidar. Esta grande verdade não deve ser escondida do público pelo pregador; deve ser proclamada a todos sem reservas. Contudo, devemos lembrar que não estamos pedindo aos homens que façam de Jesus o

Senhor de suas vidas, mas que reconheçam e se submetam ao Senhor que Deus fez[1069]!

O ALCANCE DO SENHORIO DE CRISTO

Tendo considerado o fundamento e a incontestabilidade da autoridade de Cristo, agora voltaremos nossa atenção ao alcance, ou à jurisdição, de sua autoridade. De acordo com as Escrituras, ele é tanto universal quanto absoluto. Em suas palavras finais a seus discípulos, Jesus declarou: "*Todo poder* me foi dado *no céu e na terra*."[1070] Não deveríamos permitir que a brevidade de tal afirmação nos faça duvidar de sua importância. Ela é uma das mais assombrosas afirmações que Jesus já fez. A palavra *poder* é traduzida do substantivo grego *exousia*, que denota autoridade e direito. No contexto da ascensão, isso significa que Cristo recebeu toda a autoridade em toda jurisdição ou esfera da criação, sem limitação ou exceção. A referência ao céu e à terra prova também a

impossibilidade de qualquer coisa estar além de sua autoridade ou poder. Tanto as profecias do Antigo Testamento quanto os ensinamentos das epístolas do Novo Testamento confirmam isso. Do Antigo Testamento:

> *Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído*[1071].

E no Novo Testamento: "Ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as coisas debaixo

dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja."[1072]

"Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai."[1073]

Moisés registra como o Faraó mandou que José fosse trazido de um calabouço e apresentado diante dele[1074]. Assim foi Cristo trazido do sepulcro e apresentado ao Ancião de Dias[1075]. Novamente, Moisés registra que o Faraó disse a José: "Sem a tua ordem ninguém levantará mão ou pé em toda a terra do Egito."[1076] Assim o Deus Pai disse ao Cristo exaltado: "Sem tua permissão ninguém levantará mão ou pé no céu e na terra." A partir de sua posição na história, Daniel olhou muito além no futuro e viu a promessa do Cristo exaltado enquanto ele era apresentado diante do Ancião de Dias e

recebia domínio, glória e um reino para que todos os povos de todas as línguas o servissem.

A partir da sua posição na história, Paulo olhou para trás, para a exaltação de Cristo, como um fato cumprido e uma realidade presente. Ele nos garante que Cristo está agora assentado à destra de Deus, muito além de todo governo, autoridade, poder e domínio. O salmista viu apenas as margens da glória de Cristo quando escreveu que as nações seriam dadas a ele como herança e os confins da terra como possessão para ele fazer o que lhe aprouvesse[1077]. O apóstolo Paulo expande nossa visão para incluir não apenas a terra e seus habitantes, mas também o universo inteiro. Tudo o que existe, visível e invisível, quer sejam tronos, potestades, principados, autoridades, tudo foi criado por ele e para ele, e lhe está sujeito[1078]. Desde o eixo do universo até ao mais longínquo alcance de sua vastidão, Jesus de Nazaré é Senhor! Desde a única célula da vida mais primitiva até o serafim de inimaginável

complexidade e poder, Jesus de Nazaré é Senhor. Desde o coração de seu mais devoto seguidor ao punho de seu mais hostil inimigo, Jesus de Nazaré é Senhor! Desde a altura do céu às profundezas do inferno, Jesus de Nazaré é Senhor! Sua soberania ilimitada e desimpedida não pode ser exagerada!

O SENHORIO DE CRISTO E A SUBMISSÃO DO HOMEM

Todas as criaturas morais, humanas e angelicais, amigas e inimigas de Cristo, têm um destino final: dobrarão seus joelhos e confessarão com suas línguas que Jesus Cristo é Senhor[1079]. À luz dessa verdade, e à luz da natureza e da extensão do senhorio de Cristo, deveria ser claro para todas as criaturas racionais que sua resposta pessoal a ele é absolutamente crítica. Uma vez que Deus fez desse Cristo tanto Senhor quanto Juiz do universo, então qualquer outra preocupação do homem é secundária, até mesmo trivial, em comparação. Estar

em aprovação diante do Soberano do universo deveria ser a maior de todas as preocupações de todo homem.

É uma clara determinação e proclamação das Escrituras que todos os homens, sem exceção, devem a Cristo sua total submissão, e haverá terríveis consequências para todo aquele que se recusar[1080]. Para o homem contemporâneo, tal afirmação é mais do que escandalosa; é ultrajante, ofensiva, intolerável, até criminosa. Portanto, sem a menor consideração da possível validade das exigências de Cristo sobre ele, o homem toma posição ofensiva e vomita uma barreira de perguntas para demonstrar seu desdém por qualquer Deus que exija sua submissão, ou até mesmo sugira que ele não é uma criatura totalmente autônoma. Contudo, tal retórica não é nova; ela foi registrada na Escritura como a resposta comum de homens rebeldes às exigências de um Deus soberano:

“Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós?”[1081]

“Quem é o SENHOR para que lhe ouça eu a voz?”[1082]

“Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos?”[1083]

À luz da majestade de Cristo, o apóstolo Paulo há muito tempo escreveu a única resposta que tais objeções merecem: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!”[1084] As Escrituras ensinam que Deus fez de Jesus de Nazaré tanto Senhor quanto Cristo[1085]. Quem, então, é o homem para apresentar objeção ou até mesmo exigir uma explicação? Nós aprendemos de Jó que aqueles que questionam a Deus escurecem seus desígnios com palavras sem conhecimento; eles colocam um manto de tolo e cruzam as fronteiras mais perigosas; eles se apressam em atravessar onde anjos temem pisar[1086]. Mesmo assim, apesar da insolência do homem,

Deus demonstrou ser um Deus compassivo e gracioso, longânimo e grande em misericórdia[1087]. Portanto, ele frequentemente condescende em responder tais perguntas e instrui até ao mais rebelde entre os homens sobre o porquê estes devem seguir sua diretiva e se submeter a seu decreto. Nós consideraremos, nas páginas seguintes, algumas razões para que se honre a Cristo.

CRISTO, NOSSO CRIADOR E SUSTENTADOR

Primeiro, todos os homens deveriam honrar o Filho porque ele é seu Criador e Sustentador. A partir do prólogo de João nós aprendemos: "Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele, nada do que foi feito se fez."[1088] O autor de Hebreus e o apóstolo Paulo confirmam que, o que o Filho criou, ele também continua sustentando "todas as coisas pela palavra de seu poder", e que "nele tudo subsiste"[1089]. A partir dessas verdades, podemos

concluir que toda criatura no céu e na terra deve o início e a continuidade de sua existência ao Filho de Deus. Um homem recusar submissão àquele que lhe deu vida e sustenta até mesmo cada fôlego seu é uma grande arrogância; uma insanidade, lutar contra aquele de quem toda a sua existência depende; o cúmulo da ingratidão, zombar daquele que o abençoa apesar de seu pecado.

Em uma tentativa de justificar o fato de ter abandonado a Deus, o homem caído frequentemente perguntará: "Se Deus é bom, por que ele permite que coisas ruins aconteçam a pessoas boas?" Contudo, a pergunta mais apropriada seria: "Por que ele permite que coisas boas aconteçam a pessoas ruins?" Ou até: "Por que qualquer coisa boa acontece em geral?" Nós somos uma raça caída e moralmente corrupta que suprime a verdade de Deus pela injustiça e categoricamente rejeita seu governo. Por esta razão, deveríamos receber nada além de ira e morte. Todo o mundo

deveria ser estéril e sem vida. O fato de que há qualquer bondade, beleza, alegria, amor ou propósito na esfera da existência humana só pode ser explicado à luz da graça e da benevolência do Filho de Deus para com homens maus. Nele nós vivemos, nos movemos e existimos[1090]. Ele dá vida e fôlego, e tudo o mais[1091]. Ele faz com que o sol nasça sobre os maus, e envia chuvas sobre os ímpios[1092]. Ele satisfaz os corações daqueles que o odeiam com comida e alegria[1093]. Tudo isso prova que devemos a ele nossa maior submissão.

CRISTO, NOSSO REDENTOR

Segundo, todos os homens deveriam honrar o Filho em razão de sua obra redentora no Calvário. Embora esteja além de nós aqui sondar as profundezas da providência de Deus na redenção, podemos declarar sem reservas que a obra expiatória de Cristo beneficiou todo o universo, e que até aqueles que recusam sua oferta de salvação já se

beneficiaram dela mais do que imaginam. Deus deu seu Filho, e seu Filho voluntariamente deu sua vida para fazer expiação pelo pecado para que aqueles que depositam sua confiança sobre ele não pereçam, mas tenham vida eterna[1094].

Embora as bênçãos do Calvário tenham sido infinitas, dois benefícios são mais aplicáveis à nossa presente discussão. O primeiro é a oferta universal de perdão de pecados, reconciliação com Deus, e a esperança da vida eterna. O evangelho publica um chamado universal para os homens de todos os lugares crerem em seus corações e confessarem com suas bocas que Jesus Cristo é Senhor[1095]. Isso também estabelece a promessa universal de que nenhum daqueles que vierem será lançado fora[1096]. Isso deveria ser o suficiente para garantir a submissão de todos os homens. Nossos corações foram enganosamente perversos, nossos pecados estavam sobre nossas cabeças e nossa condenação era justa. E ainda assim o Senhor, o único que tinha

o direito de nos condenar, voluntariamente entregou a si mesmo à morte para nossa salvação. Isso é muito mais do que espantoso! As Escrituras nos lembram que dificilmente alguém morre por um homem justo; ainda assim, quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós[1097]. É o amor de Cristo para conosco que deveria ganhar nossos corações e nos mover a dar a ele nossa completa submissão. Isso deveria nos levar a concluir que uma vez que ele morreu por todos, então todos deveriam deixar de viver para si mesmos e viver para aquele que morreu e ressuscitou em nome deles[1098]! No dia do julgamento, uma grande vergonha cobrirá os rostos daqueles que recusaram submissão a um Senhor tão gracioso! Eles terão uma eternidade para ponderar: "Como pudemos tratar com desprezo tamanho amor? Como pudemos negligenciar tão grande salvação?"

O segundo benefício universal do Calvário consiste nas multiformes bênçãos que fluíram dele a

todos os cantos da terra; bênçãos físicas, materiais, econômicas, políticas e culturais, para citar algumas. Todos os homens, mesmo aqueles que continuam em sua rebelião contra Cristo, se beneficiaram dos efeitos do evangelho sobre eles mesmos e sua cultura. Embora Cristo seja muito difamado por causa das obras abomináveis daqueles que erroneamente chamaram-se a si mesmos de cristãos, o verdadeiro evangelho tem sido o farol que impediu o mundo de cair em total escuridão, e o sal que impediu que ele caísse em apodrecimento moral[1099]. Embora a mente secular possa zombar dessa afirmação, ela será plenamente vindicada no dia do julgamento. Naquele dia, a história real se desenrolará, e todos verão que cada boa coisa da qual se beneficiaram em toda esfera da existência humana estava intrinsecamente relacionada à obra de Cristo no Calvário, à proclamação de seu evangelho e ao avanço de eu reino. Tal vindicação será uma grande alegria para o povo de Deus,

quando eles virem seu Senhor receber a honra que lhe era há muito devida. Contudo, será um dia de grande vergonha para todos aqueles que, sem verem nenhum benefício em Cristo, colheram os benefícios de sua revelação, sua morte e sua contínua providência.

CRISTO, O REI ESCOLHIDO DE DEUS

Terceiro, todos os homens deveriam honrar e dar ao Filho sua submissão porque foi assim que Deus quis. Deus determinou que todos devem honrar o Filho assim como honram o Pai. Aquele que não honra o Filho, não honra o Pai, e estará sujeito ao julgamento devido[1100]. Em suma, haverá um benefício infinito para aqueles que obedecem ao Senhor Jesus Cristo e creem em seu nome. Contudo, haverá terríveis consequências para aqueles que o recusarem. É por essa razão que Davi dá o seguinte aviso solene às nações: “Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da

terra. Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor. Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam."[1101] Nesse texto, encontramos três frases que se unem em voz singular para declarar a todo homem o que Deus exige do mundo com relação a seu Filho. Primeiro, há a ordem para toda a humanidade servir ao Senhor com reverência. A frase também pode ser traduzida como: "adorem ao Senhor com temor". Adoração e serviço são dois lados da mesma moeda: um não pode existir sem o outro. Deus não está pedindo a tolerância do homem ou implorando que simpatize com seu Filho. Ele está exigindo que todo homem renda a ele sua mais reverente adoração e seu mais reverente serviço.

Segundo, há a ordem para toda a humanidade se alegrar, com tremor, diante do Filho. A mistura dessas duas emoções opostas – alegria e temor –

parece estranha ao homem contemporâneo, mas é frequentemente encontrada nas Escrituras[1102]. Alegrar-se é o resultado da graça e das misericórdias de Cristo para com aqueles que se submetem a seu senhorio. Temor é o resultado de sua majestade e poder. Seu povo se alegra porque ele não se envergonha de chamar-lhes irmãos, enquanto estes demonstram por ele sua maior reverência por causa de sua supremacia e preeminência[1103]. Somente ele recebeu um nome que é sobre todo nome[1104].

Terceiro, há a ordem para toda a humanidade render homenagem ao Filho. A frase é traduzida literalmente: "Beijai o Filho para que ele não se irrite e tu sejas destruído." Tais palavras soam duras para os ouvidos contemporâneos; ainda assim, elas são verdadeiras. Há dois destinos extremos dispostos diante de todo homem: um é infinita felicidade e o outro é infinito terror. O fator determinante entre os dois é nossa resposta a Jesus de Nazaré. Deus o estabeleceu como o Senhor do universo e exigiu a

toda criatura moral, angélica e humana, que se submeta a seu reino com alegria, ação de graças e reverência. Deus não colocou o nome de Cristo diante dos homens como uma opção para eles avaliarem e debaterem. Ele não pediu que eles pesassem seu valor e dessem uma opinião. Deus pesou o valor de Cristo e deu sua própria opinião a respeito dele. Na terra, ele publicamente vindicou Cristo ressuscitando-o dentre mortos. No céu, ele fez conhecida sua consideração por Cristo assentando-o à sua destra. Agora, tudo o que resta à criação é obedecer a Deus e render a seu Filho todo louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos[1105].

AVISOS APROPRIADOS

Deus fez desse Jesus que as nações crucificaram tanto Senhor quanto Cristo de tudo[1106]. Ele tomou a pedra que o mundo rejeitou e fez dela a principal pedra de esquina para todas as suas obras[1107]. É um

decreto irrevogável. Por esta razão, Jesus de Nazaré sempre será o Soberano com o qual todo homem deve lidar.

As Escrituras ensinam que Jesus é um sumo sacerdote misericordioso e fiel que se tornou uma fonte de eterna salvação para todos aqueles que o obedecem[1108]. Ainda assim, para aqueles que o rejeitam, ele é uma pedra de tropeço e rocha de ofensa[1109]. Quem quer que tropece em Cristo em incredulidade será quebrado em pedaços, e sobre quem quer que Cristo caia em julgamento será espalhado como o pó[1110]. Jesus Cristo é *o Salvador*, mas ele também é *o Senhor*. Nenhuma dessas duas verdades deve ser exaltada pela diminuição da outra, mas devem ser mantidas em equilíbrio bíblico. O autor de Hebreus poderosamente ilustra isso: "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés."[1111]

A Escritura estabelece Cristo como o Salvador que se sacrifica para descartar o pecado de seus inimigos, e ainda assim ele é o Senhor que subjugará os inimigos que continuam em rebelião, fazendo deles estrado para seus pés. Ambas as afirmações são igualmente extremas, mas também são igualmente verdadeiras. Os homens não deveriam enganar a si mesmos apegando-se a certas metáforas a respeito do Filho enquanto rejeitam outras. Enquanto é verdade que Cristo é o Cordeiro que tira o pecado do mundo, ele também é o Cordeiro de quem os maiores e mais poderosos homens na terra buscarão se esconder no dia de sua aparição[1112]. Sem encontrar qualquer compaixão na face de Cristo, eles implorarão pela misericórdia de rochas e montanhas, clamando: "Caiam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro!" O apóstolo João relata o seguinte:

Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES[1113].

O senhorio de Jesus Cristo é uma bendita esperança para alguns e um pesadelo aterrorizante para outros. Contudo, independentemente de nossa resposta, esta é uma realidade inalterável. A respeito de Deus, o patriarca Jó declarou: "Ele é sábio de coração e grande em poder; quem porfiou com ele e teve paz?"[1114] Sem exagero, o mesmo pode ser dito

de Cristo. Ele é e sempre será o Senhor e Juiz a quem todo homem prestará contas. Nós podemos ser conduzidos pelo cajado de um pastor ou por um cetro de ferro[1115]. Das duas maneiras, Cristo conduzirá e nós seremos conduzidos. Por esta razão, seríamos sábios em seguir o conselho de Davi e prestar homenagem ao Filho para que ele não se enfureça e nós sejamos destruídos. Sua ira pode se acender em breve, e ainda assim bem-aventurados são aqueles que se refugiam nele[1116].

1041. Salmos 24.7

1042. Mateus 16.18; Apocalipse 1.18

1043. Atos 2.34-36

1044. Mateus 11.28

1045. Salmos 2.9-12

1046. Atos 2.36

1047. Salmos 110.4; Hebreus 5.6; 7.17, 21

1048. Mateus 28.18, ênfase adicionada

1049. Mateus 22.44; Atos 2.34-35; Salmos 110.1

1050. Mateus 22.43-45

1051. Filipenses 2.9

1052. Efésios 1.20-22

1053. João 6.15

1054. Mateus 4.8-9

1055. Filipenses 2.8-11

1056. Salmos 2.1-6

1057. Gênesis 3.15

1058. Provérbios 21.30

1059. Isaías 40.15-17

1060. Salmos 33.8-11

1061. Spurgeon, *Treasury of David*, 1.11.

1062. João Calvino, *Commentary on the Book of Psalms,* vol. 4 of Calvin's Commentaries (Grand Rapids: Baker, 1996), 4.14.

1063. Daniel 2.34-35, 44-45

1064. O termo *vaca sagrada* é uma referência à religião hindu, que considera o gado como santo ou até mesmo divino. Dizer que uma ideia, tradição ou costume é uma vaca sagrada significa que tais coisas são consideradas acima de qualquer dúvida ou crítica – muitas vezes, irracionalmente.

1065. Jó 23.13

1066. Daniel 4.35

1067. Atos 2.36

1068. Salmos 118.22; Mateus 21.42; Marcos 12.10; Lucas 20.17; Atos 4.11; 1 Pedro 2.7

1069. Atos 2.36

1070. Mateus 28.18, ênfase adicionada

1071. Daniel 7.13-14

1072. Efésios 1.20-22

1073. Filipenses 2.9-11

1074. Gênesis 41.14

1075. Daniel 7.13

1076. Gênesis 41.44

1077. Jó 26.14: "Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?" Também, Salmos 2.8-9

1078. Colossenses 1.16

1079. Filipenses 2.9-11

1080. Salmos 2.10-12

1081. Êxodo 2.14; Atos 7.27, 35

1082. Êxodo 5.2

1083. Jó 21.15

1084. Romanos 9.20

1085. Atos 2.36

1086. Jó 38.2

1087. Êxodo 34.6; Neemias 9.17; Salmos 86.15, 103.8, 145.8; Joel 2.13; Jonas 4.2

1088. João 1.3

1089. Hebreus 1.3; Colossenses 1.17

1090. Atos 17.28

1091. Atos 17.25

1092. Mateus 5.45

1093. Atos 14.17

1094. João 3.16

1095. Atos 17.30; Romanos 10.9-10

1096. João 6.37

1097. Romanos 5.7-8

1098. 2 Coríntios 5.14-15

1099. Romanos 2.24. Esse tem sido um mal comum ao longo da história da redenção. Por causa daqueles que falsamente se identificam com Cristo e seu povo, o caminho da verdade é difamado (veja Isaías 52.5; Ezequiel 36.20; 2 Pedro 2.2). Referências da luz: João 1.4-5, 9; Mateus 4.16; 5.14. O sal é usado desde os tempos mais antigos para a preservação da comida (veja Mateus 5.13).

1100. João 5.23

1101. Salmos 2.10-12

1102. Salmos 22.23; Salmos 40.3; Jeremias 33.9; Filipenses 2.12-13; Apocalipse 19.5

1103. Hebreus 2.11; Colossenses 1.18

1104. Efésios 1.20-23; Filipenses 2.9

1105. Apocalipse 5.13

1106. Salmos 2.1; Atos 4.25-27, 2.36

1107. Mateus 21.42; Lucas 20.17

1108. Hebreus 2.17; 5.9

1109. Romanos 9.32-33; 1 Pedro 2.8

1110. Mateus 21.44; Lucas 20.18: “Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.” Este versículo significa que quem quer que encare Cristo como ofensa e se recuse a reconhecer sua supremacia será destruído pelo próprio julgamento de Deus.

1111. Hebreus 10.12-13

1112. João 1.29

1113. Apocalipse 19.11-16

1114. Jó 9.4

1115. Salmos 23.1-4; João 10.9-11; Salmos 2.9

1116. Salmos 2.12

CAPÍTULO 26

A Ascensão de Cristo como Juiz de Todos

Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

— Atos 17.30-31

E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes. Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória.

— Mateus 25.31-32

Uma das maiores implicações do senhorio de Jesus Cristo é que ele julgará o mundo. No meio de um sério confronto com os líderes judeus que buscavam matá-lo, Jesus declarou que o Pai lhe deu autoridade absoluta para executar todo julgamento sobre a terra[1117]. A pregação e o escrito dos apóstolos repete essa reivindicação radical várias vezes. No primeiro sermão de Pedro aos gentios em Cesareia, ele declarou: "A este ressuscitou Deus no terceiro dia e concedeu que fosse manifesto não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos; e nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos."[1118]

O sermão de Pedro revela três grandes verdades, as quais formarão o esboço da nossa discussão sobre a exaltação de Cristo ao ofício de juiz. A primeira verdade com que todos os homens devem concordar

é que haverá uma consumação do mundo e um dia do juízo final. A segunda verdade é que, naquele dia, Jesus Cristo presidirá como Senhor e Juiz de todos. A terceira e última verdade que exige a nossa atenção é que Deus comissionou a igreja não somente para proclamar os benefícios do evangelho, mas também para alertar os homens sobre o grande e irrevogável julgamento que virá sobre o mundo!

A CERTEZA E A EQUIDADE DO JULGAMENTO

A predominante visão materialista do universo obriga a interpretar a existência do homem como nada mais do que uma casualidade, sua história, como nada mais do que uma série de eventos aleatórios e seu futuro, uma absoluta incerteza, sem uma consumação propositai. Em contraste, as Escrituras veem a existência do homem como uma obra intencional e criativa de um Deus soberano e moral que se revelou ao homem através da criação,

das suas obras providenciais, de sua Palavra escrita e, final e plenamente, através do seu Filho encarnado. Além disso, as Escrituras ensinam que Deus convocará todos os homens para prestarem contas no julgamento final, na consumação de todas as coisas. Naquele dia, Deus julgará todos os homens de acordo com sua resposta à revelação que receberam.

À luz dessas verdades, o cristão reconhece que a história humana não é aleatória ou mesmo cíclica, mas linear. Teve um começo e terá um fim de acordo com o irrevogável decreto de um Deus soberano que a trouxe à existência. Falando claramente, a história humana está se movendo, até mesmo correndo, rumo à consumação final, na qual todos os homens serão julgados e recompensados de acordo com o que fizeram ou deixaram de fazer! O apóstolo Paulo escreve: "[Deus] retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória,

honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça.”

Ao indivíduo ou à cultura que julga a si mesmo segundo seus próprios padrões, a declaração de julgamento universal de Paulo pode parecer esperançosa. É um erro comum dos homens julgarem a si mesmos como justos aos próprios olhos. Contudo, àqueles que ainda podem ouvir a voz de sua consciência e especialmente aos que conhecem as Escrituras, essas palavras são muito mais do que somente desconcertantes. É testemunho tanto da Escritura como da consciência de que todos os homens pecaram e carecem da glória de Deus[1119]. Não há ninguém que perseverou em fazer o bem e ninguém que procurou a glória, a honra e a incorruptibilidade que vêm de Deus[1120]. Em vez disso, ambições egoístas têm conduzido todos os homens e todos os homens suprimiram a verdade pela injustiça[1121]. Consequentemente, todos estão

sujeitos à ira e à indignação de um Deus santo e justo[1122]. É por essa razão que Deus interveio e enviou o seu Filho para fazer expiação pelos pecados do homem. A sua morte satisfez a justiça e aplacou a ira de Deus. Agora, todos os que ouvem e creem no Filho serão salvos. Contudo, aqueles que recusam o Filho serão por ele julgado[1123].

Essa declaração de julgamento universal frequentemente leva a questionamentos sobre a justiça de Deus: como pode Deus julgar aqueles que nunca ouviram a pregação do evangelho ou tiveram acesso às Escrituras? Para responder essa pergunta, devemos primeiro afirmar o testemunho das Escrituras sobre a justiça de Deus. Embora possamos não ser capazes de desfazer todos os mistérios desse acontecimento, conhecemos, sim, o caráter de Deus e podemos confiar em quem ele é. Como Moisés testificou, tudo o que ele faz é justo: “Suas obras são perfeitas, porque todos os seus

caminhos são justos; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto."[1124]

Outra verdade a considerarmos sobre a equidade de Deus em julgar o mundo é que as Escrituras declaram que mesmo o indivíduo mais isolado nas regiões mais remotas do mundo recebeu, em algum grau, a revelação de Deus e será indesculpável no dia do juízo[1125]. Feito à imagem de Deus, todo homem possui um conhecimento inerente sobre ele[1126]. Três realidades inegáveis confirmam ainda mais esse conhecimento. Primeiro, a criação de Deus testifica da sua existência, atributos invisível, poder eterno e natureza divina[1127]. Segundo, a providência de Deus determinou os tempos previamente estabelecidos e os limites das nações e indivíduos para que pudessem buscá-lo e encontrá-lo, pois ele não está longe de ninguém[1128]. E terceiro, a lei de Deus foi inscrita sobre o coração de todo homem e serve como um guia moral e como

um testemunho de que Deus é um Deus justo que julgará os homens de acordo com suas obras[1129].

Outra verdade a considerarmos sobre a equidade de Deus no julgamento do mundo é o testemunho da Escritura de que os homens não responderam apropriadamente à revelação que receberam. Em outras palavras, eles não são vítimas dignas de pena; antes, são rebeldes que devem ser repreendidos. Eles suprimiram a verdade pela impiedade[1130]. Tendo conhecimento de Deus, não o honraram como Deus, nem lhe deram graças[1131]. Eles trocaram a glória e a verdade de Deus pela idolatria própria e pela adoração de criaturas inferiores a si mesmos[1132]. Não acharam necessário reconhecer a Deus ou obedecer às suas ordenanças, mas entregaram-se a toda forma de injustiça e depravação moral[1133]. Deus pode corretamente julgar todos os homens em todos os lugares, pois são realmente culpados. Embora tenham recebido

diferentes graus de revelação, todos se rebelaram contra a revelação que receberam.

A última verdade a considerarmos com respeito à equidade de Deus em julgar o mundo é o testemunho da Escritura que todos os homens serão julgados de acordo com a revelação que receberam. É um princípio sólido da Escritura que, a quem muito foi dado, muito será cobrado[1134]. Todos que pecaram contra a revelação que receberam através da criação e da consciência serão julgados pela sua desobediência. Todos que pecaram contra a revelação de Deus pelas Escrituras e pelo evangelho serão julgados por seus pecados[1135]. Contudo, estes serão julgados de forma mais severa que aqueles por causa da abundante verdade que receberam. Em qualquer caso, podemos ter a certeza de que, no último dia, a justiça de Deus será vindicada em juízo. Como o salmista testifica: "Mas o SENHOR permanece no seu trono eternamente, trono que

erigiu para julgar. Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão.”

O SENHOR DE TODOS É O JUIZ DE TODOS

Uma segunda grande verdade que extraímos do sermão de Pedro é que Deus constituiu Jesus Cristo como o Juiz de vivos e de mortos[1136]. Essa não é uma reivindicação isolada das Escrituras, mas é um tema frequente nos Evangelhos, no livro de Atos, nas Epístolas e em Apocalipse. Em seu sermão no Areópago, aos atenienses, o apóstolo Paulo declarou: “Porquanto [Deus] estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.”[1137]

As Escrituras e a igreja cristã testificam que todo ser humano, sem exceção, comparecerá diante de Deus em julgamento, que determinará o destino de todo ser humano. É uma verdade absolutamente

surpreendente a de que há um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, e só há um juiz entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem[1138].

Essa é mais uma prova da universalidade do reinado de Cristo. Ele não é um tipo de deidade local com autoridade limitada a uma área restrita. Ele não é um membro de um conselho coletivo que governa o universo ou membro de um colegiado que executará o juízo no último dia. Somente ele é Rei, Senhor e Juiz de todos. Toda autoridade lhe foi dada no céu e na terra[1139]. Somente ele sentou-se à destra de Deus, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro[1140]. O homem Jesus de Nazaré, que foi crucificado durante o reinado de Pôncio Pilatos, não só determinará o destino de todo ser humano que já andou sobre a terra, mas julgará anjos e demônios, tronos e soberanias, principados e potestades, tanto

no céu, como na terra, visíveis e invisíveis[1141]. Além disso, ele julgará os fundadores de todas as religiões do mundo que ou buscaram suplantá-lo ou diminuir a sua glória. Eles se apresentarão diante dele com a maior vergonha e medo.

O mundo tem um Legislador e Juiz que é capaz tanto de salvar como de destruir[1142]. Em sua segunda vinda, ele trará à plena luz as coisas ocultas nas trevas e manifestará os desígnios dos corações humanos[1143]. Então retribuirá a cada um segundo o que fez e recompensará a cada um segundo as suas obras[1144]. Àqueles que justificam a si mesmos, isso não parece muito alarmante. Contudo, ao homem sensato que seguiu o conselho do antigo filósofo, "conhece-te a ti mesmo", a possibilidade de que cada pensamento, palavra e ação seja colocada sob o escrutínio de um Juiz perfeitamente justo e onisciente é o pensamento mais aterrorizador que pode ser concebido[1145]. Por essa razão, o apóstolo Paulo escreveu: "Porque importa que todos nós

compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo. E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens."[1146]

Tendo provado repetidas vezes que o homem se desfez completamente e não possui força para ser justificado diante de Deus, é a maior das consolações o fato de que quem julgará todos os homens é o mesmo que morreu pelos pecados do seu povo[1147]. Se o Senhor marcasse as nossas iniquidades, ninguém poderia estar diante dele em juízo, mas o perdão ainda pode ser encontrado na pessoa e na obra de Cristo[1148]. Devemos nos voltar a ele antes que seja muito tarde. Devemos permitir que a realidade dos nossos pecados, o temor do julgamento e a disposição de Cristo em salvar nos conduza até ele sem demora e nos leve a nos apegarmos a ele firmemente. Atualmente, Cristo estende suas mãos, todo o dia, a um povo desobediente e obstinado[1149]. Contudo, não

devemos presumir sua paciência. As Escrituras nos previnem que a ira do Filho logo se acenderá e que é horrível coisa cair nas mãos do Deus vivo[1150]. Portanto, refugiemo-nos nele antes que seja tarde demais[1151]. Entremos em acordo com o nosso oponente, enquanto ainda estamos com ele no caminho, para que não sejamos julgados e jogados na prisão eterna. Pois não sairemos de lá até pagarmos o último centavo[1152]!

A COMISSÃO DA IGREJA

A terceira e última verdade que demanda a nossa atenção é que a igreja foi comissionada não somente para proclamar os benefícios do evangelho, mas também para alertar os homens do grande e irrevogável juízo que virá sobre o mundo. Aos gentios reunidos na casa de Cornélio, Pedro declarou: "[Cristo] nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos."[1153] A Palavra *mandou*

vem da palavra grega *paraggéllo*, que pode ser traduzida como ordenar ou encarregar. Nisso, descobrimos uma verdade extremamente importante: a proclamação de Cristo como Juiz era um elemento essencial no evangelho apostólico. As boas novas pregadas pela igreja primitiva não se limitavam ao pronunciamento de Cristo como Salvador, ou até mesmo como Senhor, mas também incluía seu ofício como Juiz de todos os homens, vivos e mortos. Com uma coragem incomum, eles proclamaram Cristo para pecadores e sumo sacerdotes, escravos e Césares como aquele que os julgaria e determinaria seu eterno destino. Tal reinvindicação, feita por um pequeno grupo de pregadores a respeito de um judeu crucificado na Palestina, pareceu audaciosa, para dizer o mínimo. Não é de se espantar que alguns escarneciam, outros se maravilhavam e outros ainda se afastavam com medo[1154].

Em sua carta à igreja de Roma, o apóstolo Paulo descreve o "dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, [há de] julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho."[1155] Semelhantemente à já mencionada declaração de Pedro, essa é uma declaração extraordinária. Paulo nos diz que o julgamento universal da humanidade pelo homem Cristo Jesus era uma verdade basilar essencial para o evangelho que ele proclamava. Esse é um conceito importante para o pregador contemporâneo do evangelho, o qual pode ser tentado a evitar essa verdade menos palatável a fim de contornar o conflito que ela pode gerar. Ela também é endereçada aos ministros que acreditam que Deus os chamou para pregar apenas os elementos mais positivos do evangelho ao ponto de excluir suas "palavras duras"[1156]. Conforme Pedro e Paulo, não seremos pregadores fiéis ao evangelho se a proclamação do julgamento de Deus por Cristo estiver ausente ou infrequente em nossa pregação.

Se desejamos nos juntar à grande linhagem de pregadores do evangelho ao longo da história da igreja, devemos não somente pregar a Cristo como Salvador, mas também devemos proclamá-lo como Juiz, alertando a todos os homens a se prepararem para se encontrar com o seu Deus[1157]!

É uma grande verdade que Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo pudesse ser salvo por ele[1158]. Contudo, ele estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um homem que ele designou, tendo dado provas a todos os homens ao ressuscitá-lo dentre os mortos[1159]. Quando o Filho voltar pela segunda vez, tomará sua toga de juiz e decidirá o destino de todos os homens. Pedro nos alerta que Cristo está *pronto* para julgar vivos e mortos[1160]. Tiago declara que o Juiz está às portas, pronto para irromper mais uma vez na história humana[1161]. Jesus encerrou sua revelação a João com o alerta: "E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão

que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras."[1162] Por causa desses alertas, devemos sempre considerar e proclamar a iminência da segunda vinda de Cristo e do juízo final[1163].

A ideia de uma consumação determinada da história e um julgamento final de toda criatura moral por um Deus soberano parece ao homem moderno parte de um mito. Não obstante, não devemos nos intimidar em sua proclamação. O ceticismo de nosso tempo não é novidade. O apóstolo Pedro se deparou com um cinismo similar quando escreveu: "Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação."

Sem uma obra do Espírito Santo, o homem caído sempre reagirá de forma negativa à pregação do evangelho, especialmente quando inclui uma

discussão “acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro”[1164]. Independentemente do quanto procurem se livrar do Deus da Escritura, eles sempre serão assombrados pelo fato de que *ele é o que é*, de que lhes revelou sua vontade e de que irá responsabilizá-los por seus atos. Eles se cansarão tentando suprimir a verdade e farão qualquer coisa para calar as acusações de suas consciências[1165]. Também lutarão contra qualquer pregador que lhes lembre aquilo que escolheram esquecer ou desperte o temor que buscaram enterrar. Zombarão dos seus alertas como sendo delírios de fanáticos ou esquemas de charlatães[1166]. Não obstante, isso não muda o fato de que, na consumação dos tempos, todos os homens serão reunidos no vale da Decisão[1167]. Lá serão julgados, e seu destino eterno lhes será pronunciado. Na ilha de Patmos, o apóstolo João viu esse dia e profetizou o seguinte:

> *Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos,*

postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros... E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo[1168].

Nossa proclamação do evangelho deve apresentar não somente a oferta universal de salvação, mas também o senhorio universal de Jesus Cristo. Além do mais, devemos proclamar não somente os benefícios da fé e da obediência a Cristo, mas também devemos fazer soar o clarim sobre as consequências terríveis de rejeitá-lo, seja pela hostilidade, seja pela mera negligência. Consequentemente, devemos descartar a ideia de que há uma forma de pregar o evangelho sem causar escândalo ou ofensa. Devemos considerar seriamente que não estamos buscando uma trégua com o mundo, mas exigindo que o mundo se

submeta a Cristo. Não estamos implorando pela aprovação do mundo, mas estamos dando um ultimato: “Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra. Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor. Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.”[1169]

Se pregarmos o evangelho dessa forma, seremos um sinal de divisão entre os povos. Como o apóstolo Paulo, seremos o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem; para com aqueles, aroma de vida para vida; para com estes, cheiro de morte para morte[1170]. Alguns nos honrarão como arautos de boas novas e mensageiros da vida, mas outros nos desprezarão como tagarelas ociosos, lixo do mundo, escória de todos, perturbadores que têm transtornado o mundo, homens que não devem ser mantidos vivos[1171].

Por essa razão, o pregador do evangelho deve preparar-se para enfrentar grande oposição. Contudo, conhecendo a força do nosso Rei, não devemos temer a força de todas as nações juntas. Devemos ter pena deles e clamar para que sejam reconciliados. Charles Spurgeon escreve:

> Assim como Jesus é Rei dos reis e Juiz dos juízes, assim o evangelho é o professor dos mais ilustres e sábios. Se qualquer um se considera tão ilustre a ponto de rejeitar suas advertências, Deus os rebaixará; e se eles são tão sábios a ponto de desprezar seus ensinos, a sua suposta sabedoria lhes fará de tolos. O evangelho emite seu mais alto tom diante dos governantes da terra, e aqueles que o pregam devem, como Knox e Melville, exaltar seu ofício fazendo repreensões ousadas e declarações firmes mesmo na presença de realezas. Um bajulador clerical só está apto a ser um ajudante na cozinha do diabo[1172].

Deus ordenou que todos os homens, em toda parte, se arrependam e creiam no Filho, "porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo

com justiça" por meio dele[1173]. Há "um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem"[1174]. Nem há salvação em nenhum outro, "porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos."[1175] O destino eterno da raça humana inteira depende do seu conhecimento apropriado do evangelho, incluindo o grande julgamento que virá sobre o mundo através de seu único Soberano, o Senhor Jesus Cristo. Tais questões são de extrema importância e são tão urgentes quanto solenes. O evangelho não lida com trivialidades; antes, lida com aquilo que realmente importa dentro do escopo da existência humana: a vida e a morte eternas. Por essa razão, devemos guiar nossa vida, ministério e pregação seguindo o apóstolo Paulo, que escreveu: "É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para lhe sermos agradáveis. Porque importa que todos nós compareçamos perante o

tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo. E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça."

No que diz respeito a nós mesmos, devemos ter uma ambição singular que se eleva acima de qualquer outra paixão: agradarmos a Deus em todos os aspectos de nossas vidas. Embora nossa maior motivação deva sempre ser o amor de Deus, ela não deve ser a nossa única motivação[1176]. O apóstolo Paulo não era apenas constrangido pela bondade de Deus em Cristo, mas também era movido pela solene verdade de que, um dia, compareceria perante o tribunal de Cristo e seria retribuído por todos os seus feitos, quer bons ou maus[1177]. No que diz respeito aos outros, devemos não somente proclamar o evangelho aos homens, mas também empregar todos os recursos bíblicos à nossa

disposição para persuadi-los a se reconciliarem com Deus por meio de Cristo e a viverem suas vidas em temor e tremor[1178]. De fato, como embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio, devemos rogar, em nome de Cristo, a todos os homens que se reconciliem com Deus[1179].

1117. João 5.22, 26

1118. Atos 10.40-42

1119. Romanos 3.23

1120. Romanos 3.12

1121. Romanos 1.18

1122. Romanos 2.8

1123. João 3.18, 36

1124. Deuteronômio 32.4

1125. Romanos 1.20. A revelação que foi dada a cada um, através da criação, da providência divina e da consciência, é comumente chamada de revelação geral, em contraste com a revelação específica, que vem através das Escrituras e da pregação do evangelho.

1126. Romanos 1.19

1127. Romanos 1.20

1128. Atos 17.26-27

1129. Romanos 2.14-15

1130. Romanos 1.18

1131. Romanos 1.21

1132. Romanos 1.23, 25

1133. Romanos 1.28-29, 32

1134. Lucas 12.47-48: “Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.”

1135. Romanos 2.12: “Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados.”

1136. Atos 10.40-42

1137. Atos 17.31

1138. 1 Timóteo 2.5

1139. Mateus 28.18

1140. Efésios 1.21

1141. Colossenses 1.16

1142. Tiago 4.12

1143. 1 Coríntios 4.5

1144. Apocalipse 22.12; Mateus 16.27

1145. A frase *conhece-te a ti mesmo* (*gnothi seauton*) é um popular aforismo grego, ou máxima, supostamente inscrito no pátio do templo de Apolo em Delfos. Em latim, escreve-se *nosce te ipsum*.

1146. 2 Coríntios 5.10-11

1147. Romanos 5.6

1148. Salmos 130.3-4

1149. Romanos 10.21

1150. Hebreus 10.31

1151. Salmos 2.12

1152. Mateus 5.25-26

1153. Atos 10.42

1154. 2 Pedro 3.3-4; Atos 4.13; Atos 24.25: "Dissertando ele [Paulo] acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora, podes retirar-te, e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei."

1155. Romanos 2.16

1156. João 6.60

1157. Amos 4.12

1158. João 3.17

1159. Atos 17.30-31, Hebreus 9.27

1160. 1 Pedro 4.5 NVI

1161. Tiago 5.9

1162. Apocalipse 22.12

1163. A iminência da vinda de Cristo é um artigo essencial da fé cristã. Ela sustenta que a vinda de Cristo é iminente ou possível a qualquer momento. Por essa razão, o convite do evangelho é sempre urgente.

1164. Atos 24.25

1165. Romanos 1.18; 2.14-15

1166. Atos 26.24

1167. Joel 3.11-14: "Apressai-vos, e vinde, todos os povos em redor, e congregai-vos; para ali, ó SENHOR, faze descer os teus valentes. Levantem-se as nações e sigam para o vale de Josafá; porque ali me assentarei para julgar todas as nações em redor. Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam, porquanto a sua malícia é grande. Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do SENHOR está perto, no vale da Decisão."

1168. Apocalipse 20.11-12, 15

1169. Salmos 2.10-12

1170. 2 Coríntios 2.15-16

1171. Atos 17.18, 1 Coríntios 4.13, Atos 17.6, 22.22

1172. Spurgeon, *Treasury of David*, 1:18. Um bajulador clerical é o pior dos homens, porque não só lisonjeia homens e rasteja diante deles, mas também nega a Cristo para ganhar a aprovação deles.

1173. Atos 17.30-31

1174. 1 Timóteo 2.5

1175. Atos 4.12

1176. 2 Coríntios 5.14

1177. 2 Coríntios 5.10

1178. Filipenses 2.12-13

1179. 2 Coríntios 5.20

A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel